

LeYa

JOHN HARDING

A menina que não sabia ler



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © John Harding, 2010
Título original: *Florence and Giles*

Preparação de texto: Márcia Duarte
Revisão: Tulio Kawata
Capa: Christiano Menezes/Retina 78
Imagem da capa: Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Harding, John

A menina que não sabia ler / John Harding ;
tradução Elvira Serapicos. – São Paulo : Leya,
2010.

Título original: Florence and Giles.

ISBN 9788580442731

1. Ficção inglesa I. Título.

10-00637 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 – conj. 175/178

01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP

www.leya.com

Para Norah

O cisne

Foi em abril, eu me lembro, embora em meu espírito fosse dezembro,
Que um pássaro ferido foi retirado da escuridão do lago,
As penas brancas brilharam ao sol, e de sua boca escorreu a água negra,
Enquanto por dentro minha voz gritava até pensar que meu coração iria se
partir;
Fui eu quem assistiu à sua morte, seguindo à deriva, à deriva, esperando em
sua vigília
Que Deus levasse sua alma.

Primeira Parte

É uma história curiosa a que tenho de contar, uma história de difícil absorção e entendimento, por isso é uma sorte que eu tenha as palavras para cumprir a tarefa. Se eu mesma digo isso, quando talvez não devesse, é que, para uma menina da minha idade, tenho um ótimo vocabulário. Extremamente bom, para falar com franqueza. Porém, devido às opiniões rígidas de meu tio em relação à educação das mulheres, tenho escondido minha eloquência, soterrado meu talento e mantido apenas as formas mais simples de expressão aprisionadas no cérebro. Tal dissimulação transformou-se em hábito e foi motivada pelo medo, pelo grande medo de que, se falasse como penso, ficaria evidente meu contato com os livros e eu seria banida da biblioteca. E, como expliquei para a pobre sra. Whitaker (pouco antes de sua trágica morte no lago), isso é algo que não acredito que possa suportar.

Blithe House é um grande celeiro, uma mansão de pedra rústica com muitos cômodos, tão imensa que meu irmão caçula, Giles, tão rápido nas pernas quanto lento na cabeça, leva três minutos ou mais para percorrê-la; uma casa desconfortável e deteriorada pela prudência, negligenciada, com os gastos controlados rigidamente (meu tio ausente tendo perdido todo o interesse por ela), com vazamentos e buracos, traças e ferrugem, fria, mal iluminada, repleta de cantos escuros, de modo que, apesar de ter vivido aqui toda a vida até onde consigo me lembrar, às vezes, especialmente às vésperas do inverno, quando vem caindo o crepúsculo, sinto tremores.

Blithe tem dois corações, um quente, um frio; um iluminado, outro sombrio mesmo no dia mais ensolarado. A cozinha, onde o forno está constantemente ardendo, é alegrada pela gorda Meg, sempre sorridente e com os braços enfiados na farinha, normalmente flertando com John, o empregado, que tenta conseguir um beijo, mas contenta-se com uma bitoca enfarinhada. Na porta ao lado, com o fogo estalando durante nove meses do ano, fica a sala da governanta, onde se pode encontrar a sra. Grouse sentada

na poltrona costurando ou diante da escrivaninha às voltas com inúmeros papéis, tentando, como ela diz, dar sentido às coisas “sem pé nem cabeça” – o que me parece contraditório –, para que se encaixem. Esses dois aposentos formam um dos corações, o quente.

O coração frio (mas não para mim! Ah, não para mim!) bate no outro lado da casa. Mal-amada e esquecida, exceto por mim, a biblioteca não poderia ser mais diferente da cozinha: sem lareira, fria até no auge do verão, gelada no inverno, as janelas escurecidas por cortinas pesadas jamais abertas, de maneira que preciso roubar velas para ler e depois limpar os pingos incriminadores do chão. De uma ponta à outra mede 104 passos meus com sapatos, e 37 na largura. Três homens poderiam ficar em pé, um em cima do outro, e mal conseguiriam tocar o teto. Cada centímetro das paredes, tirando a porta, as janelas e os assentos abaixo delas, está coberto por prateleiras de madeira, do chão até o teto, todas ocupadas inteiramente por livros.

Nenhuma criada jamais entra aqui; o piso não é varrido, pois, se intocado por passos, por que deveria sê-lo? As prateleiras não têm marcas de impressões digitais, as escadas móveis para se chegar às prateleiras mais altas são mantidas sempre no mesmo lugar, os livros suplicando para serem abertos, todo o lugar relegado à poeira e ao abandono.

Sempre foi assim (exceto quando havia governanta, mais adiante), ao menos até onde me lembro, pois aqui cheguei pela primeira vez há um terço da minha vida, quando tinha 8 anos. Ainda não tínhamos governanta, porque Giles, que é três anos mais novo que eu, e a quem se destinava a educação, era considerado jovem demais para a escola ou para qualquer tipo de aprendizado, e um dia estávamos brincando de esconde-esconde quando abri uma porta estranha, uma que até então sempre estivera trancada – ou assim pensava eu, provavelmente devido à sua rigidez, que meu eu mais jovem não conseguiu vencer –, para me esconder dele ali, e descobri esse imenso tesouro de palavras. A brincadeira foi logo esquecida; fui de prateleira em prateleira, pegando um livro atrás do outro, espirrando com a poeira ao abrir cada um deles. É claro que eu não sabia ler, mas por algum motivo isso me deixava ainda mais maravilhada, todos os milhares – acho que milhões – de linhas codificadas com impressão indecifrável. Muitos livros eram ilustrados, com xilogravuras e gravuras coloridas, citações frustrantes logo abaixo, cada uma delas mostrando a miserável impotência do tracejar dos dedos.

Depois, após receber uma reprimenda por ter desaparecido por tanto tempo que a sra. Grouse colocara todo mundo à minha procura, não apenas as criadas mas também a enfarinhada Meg e John, pedi à sra. Grouse que me ensinasse a ler. Instintivamente, nada falei da biblioteca e senti muito medo quando ela me olhou de forma estranha e disse:

– Muito bem, senhorita, o que foi que a levou a ter essa ideia?

Era uma daquelas perguntas que é melhor não responder, pois, se você fica em silêncio, os adultos sempre partem para alguma outra coisa; falta-lhes a persistência das crianças. Ela respirou profundamente e soltou um longo suspiro.

– A verdade, srta. Florence, é que não estou certa de que seu tio queira isso. Ele deixou muito clara sua visão a respeito da educação das jovens. Acho que ele diria que este não é o momento.

– Mas, por favor, sra. Grouse, ele não precisa saber. Eu não contaria a ninguém, e se ele surgisse de repente eu poderia esconder meu livro atrás das costas e colocá-lo sob as almofadas da poltrona. A senhora poderia me ensinar em sua sala; nem mesmo os criados precisam saber.

Ela riu e depois voltou a ficar séria. Alisou a testa.

– Sinto muito, srta. Florence, gostaria de poder fazer isso, realmente gostaria, mas poderia perder meu emprego. – Esboçou um sorriso, algo que fazia sempre com facilidade. – Mas vou lhe dizer uma coisa: sobrou um pouco dos recursos para as despesas deste mês, talvez o suficiente para uma nova boneca. E então, mocinha, o que diria de uma nova boneca?

Eu disse sim para a boneca; era melhor parecer comprada, mas sua recusa em me ajudar, longe de me desencorajar, foi o oposto e apenas estimulou minha determinação. Lentamente, e com alguma dificuldade, aprendi a ler sozinha. Ficava na cozinha e roubava letras de John enquanto ele estava lendo o jornal. Apontava para um “s” ou um “b” e perguntava a ele qual era o som. Um dia, na biblioteca, tive a sorte de encontrar uma cartilha de criança e, a partir daí e daqui e dali, acabei decifrando o código.

Assim começou a dissimulação em minha vida. Naqueles primeiros tempos, Giles e eu ficávamos soltos; podíamos brincar do que quiséssemos na maior parte do dia. Tínhamos apenas duas restrições: uma delas, evitar o velho poço, embora estivesse coberto com tábuas e lajes muito pesadas para podermos levantá-las, e por isso mesmo era apenas uma daquelas coisas com que os adultos gostam de se preocupar e não oferecia perigo nenhum

para nós; a outra, ficar longe do lago, que era fundo demais em alguns lugares, talvez oferecesse. Como os adultos gostam de ver perigo onde não existe, procurá-lo em um lago ou em um poço que em si mesmos não podem causar qualquer mal sem a intervenção da negligência ou malevolência humanas. No entanto, esses mesmos adultos cautelosos não perceberiam o surgimento da ameaça real para nós, crianças, pois, ao contrário de nós, apesar de toda a sua conversa sobre fantasmas e monstros na casa, fazia muito tempo que haviam deixado de ouvir os passos inexplicáveis no escuro.

Mantendo-se à parte, meu irmão Giles não possui muitos talentos, mas é muito bom para guardar segredos. Quando o levei até a biblioteca, pouca importância deu aos livros, embora pudesse manter-se entretido pelos desenhos coloridos de pássaros ou borboletas por uma ou duas horas. Ele se satisfazia em ficar correndo para cima e para baixo pelas escadas e subindo nas prateleiras ou escondendo-se atrás das cortinas, ou então brincava lá fora; você podia confiar nele, mesmo naquela tenra idade, para evitar o lago ou os olhos indiscretos da sra. Grouse.

Eu, entretanto, passava horas e horas lendo, e como minhas ausências, embora despercebidas durante o dia, seriam notadas à noite, meu quarto tornou-se um depósito de livros. Depois que Giles chegou aos 8 anos e foi enviado para a escola, minha existência, é claro, passou despercebida por todos. Podia ir e vir como bem entendesse; essa parte da casa era tão pouco frequentada que fiquei atrevida e pouco me preocupava com o fato de alguém me ver entrar na biblioteca ou em perturbar o pó que ali vivia. Dessa maneira, absorvi o *Declínio e queda*, de Gibbon, os romances de Sir Walter Scott, Jane Austen, Dickens, Trollope, George Eliot, a poesia de Longfellow, Whitman, Keats, Wordsworth e Coleridge, as histórias de Edgar Allan Poe, estavam todos lá. Mas um autor destacou-se entre todos. Shakespeare, é claro. Comecei com *Romeu e Julieta*, passei para as histórias e logo consumi rapidamente o resto. Chorei pelo rei Lear, fiquei com medo de Otelo e aterrorizada com Macbeth; Hamlet, simplesmente adorei. Os sonetos emocionaram-me. Acima de tudo, apaixonei-me pelo pentâmetro iâmbico, estranha paixão para uma garota de 11 anos.

O que eu mais gostava em Shakespeare era a facilidade com que lidava com as palavras. Parecia que, se não houvesse palavra para o que queria dizer, ele simplesmente a inventava. Ele poetava o idioma. Por inventar

palavras, ele bate qualquer outro autor. Quando crescer e tornar-me escritora, e sei que me tornarei, pretendo shakespearar algumas palavras. E já estou praticando.

Meu maior desejo sempre foi ver Shakespeare no palco, mas não existe nenhum teatro daqui até Nova York, desesperando minha grande ambição. No último verão, não muito antes de Giles ser enviado para a escola, as pessoas da propriedade vizinha, os Van Hoosiers, apareceram; eles tinham um filho, Theodore, alguns anos mais velho que eu, filho único que queriam desentediado. Viviam em Nova York durante a maior parte do ano, viajando centenas de quilômetros até aqui apenas no verão para fugir do calor da cidade, e o jovem não tinha quem o distraísse, por isso entusiasmou-se por encontrar-me. Sentou-se e examinou-me durante todo o chá.

Depois, a sra. Grouse sugeriu que eu mostrasse o lago a Theodore. Quis a infelicidade que Giles estivesse de cama naquele dia, recolhido em razão de uma forte dor de cabeça. Meu irmão é tão doente quanto eu sou saudável; tem doenças suficientes para nós dois, enquanto eu não tenho tempo para indisposições, tendo que cuidar dele e me preocupar. A ausência de Giles, tão logo o jovem Van Hoosier e eu atravessamos as portas, deu ao meu visitante a chance de soltar as rédeas comigo. Ele me incomodou, obcecado que estava para que eu permitisse que ele me beijasse. Eu não tinha uma objeção determinada, sendo como era, não muito mais jovem do que Julieta quando se apaixonou, mas o jovem Van Hoosier não era um Romeu. Tinha uma cabeça grande e olhos como bolas que saltavam das cavidades. Parecia um inseto gigante. Agora, sou alta para a minha idade, mas Theodore era ainda mais alto, sem metade da carne; ele parecia um varapau, o que não me agradava, pois jamais fui dessas pessoas que gostam de ser olhadas de cima.

Estávamos sentados lado a lado em um banco de pedra junto ao lago, mas afastei-me dele, sentando-me na outra ponta, por considerar suas atenções aborrecidas, e estava prestes a levantar-me para ir embora quando então ele deixou escapar, sem dúvida porque devo ter mencionado Shakespeare, que havia visto *Hamlet*. Pus-me alerta, endireitei-me e olhei para ele novamente. Talvez, afinal, esse rapaz não fosse tão iletrado quanto conseguia fazer parecer; havia possibilidades aí, eu senti. Propus-lhe um

acordo. Eu lhe daria permissão para o beijo que tanto desejava se ele escrevesse um poema para mim.

Bem, ele puxou caderno e lápis e atirou-se à tarefa ali mesmo. Em pouco tempo estava arrancando a página em que havia escrito e entregando-a a mim, o que me impressionou bastante, mas ousou dizer que se pode imaginar o que aconteceu. Garota idiota, eu queria que ele me desse um dia de verão, e realmente pensei que pudesse. Em vez disso, é claro, enrolou-me com um versinho e, depois de ter forçado o beijo a que alegava ter direito, deixou-me chorando junto ao lago, não só beijada grosseiramente, mas também com uma poesia ruim. Eis como acabava a ode de Van Hoosier, assim você entenderá por si mesmo:

Quem é que sendo um pouco inteligente
Não gostaria de beijar Florence?

Giles foi mandado para a escola no último outono quando tinha 8 anos e, apesar de novo, conseguiu acompanhar os outros garotos de sua classe que viviam em lugares tão remotos quanto Blithe, onde não havia escola adequada. Nós o levamos na carroça até a estação, John, a sra. Grouse e eu, e o colocamos no trem para Nova York, onde ele seria recebido pelos professores da escola. Choramos; pelo menos a sra. Grouse e eu, enquanto John perdia a batalha para o lábio trêmulo. Giles estava feliz e rindo. Ele não se lembrava de ter algum dia colocado os pés em um trem e, com seu jeito simples, infantil, não conseguia imaginar mais além. Uma vez a bordo, ocupou seu lugar, acenando e sorrindo para nós da janela, enquanto eu mordi o lábio e fiz o que pude para sorrir de volta, mas foi muito difícil. Fiquei feliz quando o trem finalmente começou a se movimentar e ele desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Voltei para casa desolada. Durante toda a nossa vida, Giles e eu nunca tínhamos nos separado; era como se eu tivesse ficado sem uma parte de mim. Eu compreendia suas falhas e o amava por elas. Como ele se sairia sem a minha proteção? Apesar de não ter experiência com garotos, além de Giles e do tolo Van Hoosier, eu sabia pelas minhas leituras como eram cruéis uns com os outros, principalmente em internatos. A ideia do meu pequeno Giles sendo brutalizado tomou conta de mim de novo justamente quando estava começando a me controlar. Quando nos aproximávamos de Blithe House e a carroça saiu da estrada pegando o longo caminho ladeado por imponentes carvalhos tomados por ninhos, meu coração pesou; eu não sabia o que aconteceria com essa minha vida nova, amputada.

A maioria das garotas da minha idade com as mesmas condições de vida há muito tempo teria uma governanta, mas eu sabia que isso não era para mim. Com cuidadoso questionamento da sra. Grouse, uma dica ou duas que John deixou escapar e ouvidos atentos aos cochichos dos empregados, destrinchei as razões. Meu tio, que era muito belo quando jovem, como se

podia ver nos quadros a óleo pendurados junto à escada principal, tinha sido casado, ou, se não casado de verdade, tinha ficado noivo, ou pelo menos profundamente apaixonado por uma jovem, situação que durou vários anos. A jovem era extremamente bonita, mas não estava à sua altura em termos de educação e refinamento, embora a princípio isso não parecesse ter importância. O futuro parecia promissor até que ela meteu na cabeça (ou isso foi colocado ali por meu tio) que era inferior a ele tanto nas coisas culturais quanto intelectuais; sua vida juntos seria enriquecida, assim ficou decidido, se pudessem compartilhar não apenas o amor, mas também as coisas da mente. A jovem matriculou-se em uma série de cursos em uma faculdade de Nova York.

Bem, podemos imaginar o que aconteceu. Não demorou muito para que se tornasse letrada, versada em música e poesia, teatro e filosofia, e ficasse toda cheia de ideias. Em pouco tempo ela descarrilou, provavelmente começou a beber, a fumar e a perpetrar todo tipo de ações obscuras, e o resultado foi que acabou considerando que havia superestimado meu tio, terminando por esnobá-lo intelectualmente, e, é claro, que era inevitável que encontrasse outro. Pelo menos acho que foi isso o que aconteceu, apesar de não lembrar muito bem quanto disso escutei e quanto minha mente criou.

E logo meu tio voltou-se contra a educação das mulheres. Ele também se aculturou bastante, até onde posso dizer. Fechou Blithe House, deixou a biblioteca mofando e mudou-se para Nova York, onde não imagino que pudesse ter tantos livros. Não tenho ideia de como passava seu tempo sem livros, porque nunca o tinha visto, mas conseguia imaginá-lo em uma poltrona grande, com bebida e cigarro, os olhos vazios no rosto antes belo e agora tragicamente arruinado, olhando para o espaço e pensando no que a educação havia feito com sua garota e como arruinara sua vida.

Assim, eu percorria solitariamente a casa imensa, abrindo as portas e perturbando a poeira dos quartos vazios. Às vezes, deitava-me em uma cama e imaginava que era a pessoa que havia perambulado por ali. Enchia a casa com seus fantasmas, imaginando famílias inteiras e, quando ouvia sons não identificados no sótão, não admitia a ideia de ratos, mas via uma menina, como eu devia ter sido um dia, que imaginava de vestido branco, com o rosto pálido para combinar, rodopiando levemente pelas tábuas nuas.

A imagem dessa menina, que comecei a acreditar que fosse real, pois Blithe era uma casa abandonada pelas pessoas, madura para fantasmas, sempre acabava por me lembrar das brincadeiras com Giles. Para me desemocionar, punha-me a procurar novos lugares para esconder quando ele voltasse no final do semestre, e quando isso se tornava desinteressante, o que acontecia com frequência cada vez maior, eu me enfiava na biblioteca, enterrando-me naquele coração frio que mais e mais se transformava em meu verdadeiro lar.

Certa manhã me sentei com – lembro disso tão bem – *Os mistérios do Udolpho*, e depois de duas ou três horas, imagino, estava quase acabando de ler quando percebi um som do lado de fora da janela, a voz de um homem chamando. Bem, isso era um evento incomum em Blithe, voz humana do lado de fora, pois só John trabalhava do lado de fora, e ele não tinha, como eu, o hábito de falar sozinho, e todos os lugares eram particularmente silenciosos agora que Giles não estava e nossas brincadeiras às vezes barulhentas tinham sido interrompidas, por isso sei que deveria ter ficado surpresa e saído para investigar imediatamente, mas estava tão absorvida em minha história gótica que o barulho não atiçou minha curiosidade; em vez disso, irritou-me. Finalmente, a voz começou a se distanciar, até morrer completamente ou ser levada pelo vento do outono que estava ganhando força lá fora. Saboreei mais algumas páginas quando ouvi passos, de mais de uma pessoa, cada vez mais alto, vindo em minha direção, e mais gritos, mas dessa vez dentro, seguidos por uma enxurrada de pés no corredor do lado de fora, e a voz de Mary, a empregada, chamando “srta. Florence! Srta. Florence!”. E então a porta da biblioteca abriu e Mary surgiu chamando meu nome novamente.

Congelei. Por sorte, estava sentada em uma cadeira com braços grandes, de costas para a porta, invisibilizando-me a quem quer que estivesse ali, desde que, é claro, não adentrasse a sala. Meu coração disparou. Se fosse descoberta seria o fim da minha vida. Livros nunca mais.

Então, a voz de Meg:

– Ela não está aqui, sua tonta. O que estaria fazendo aqui? A menina não sabe ler. Nunca lhe permitiram.

Murmurei uma prece para que não reparassem nos muitos livros em cujas lombadas eu deixara a marca dos dedos, nas minhas pegadas no chão.

– Bem, pode ser – respondeu Mary –, mas ela tem que estar em algum lugar.

O som da porta fechando.

O som de Florence expirando. Fechei o livro cuidadosamente e o coloquei de volta em seu lugar na estante. Arrastei-me até a porta, encostei o ouvido. Nenhum som. Rápida e silenciosa como um rato, abri a porta, saí, fechei-a atrás de mim e corri pelo corredor para colocar o máximo de distância possível entre mim e meu santuário antes de ser encontrada. Enquanto me dirigia para a cozinha, fiquei imaginando o que teria provocado aquele rebuliço. Obviamente havia acontecido algo que exigia minha presença imediata.

Ouvi vozes na sala de estar ao passar na ponta dos pés e entrar na cozinha, onde interrompi Meg e a jovem Mary, que conversavam animadamente. Ao ouvirem a porta, elas pararam de falar e ergueram os olhos na minha direção com um misto de surpresa e alívio.

– Oh, graças a Deus você está aqui, srta. Florence – disse Meg, limpando a farinha do braço com uma batida do pano de prato. – Você tem ideia de que horas são, senhorita? – Ela apontou a cabeça na direção do grande relógio pendurado na parede oposta ao fogão e meus olhos seguiram os dela para ver o mostrador. Indicava três horas e cinco minutos.

– M-mas isso é impossível – murmurei. – O relógio deve estar errado. Não pode ser tão tarde.

– Não há nada de errado com o relógio, mocinha – rebateu Meg. – Peço desculpas, senhorita, mas é você quem está errada. Certamente vai ouvir umas boas da sra. Grouse. Deixou a casa inteira preocupada. Onde é que você se meteu?

Antes que eu pudesse responder, ouvi o som de passos atrás de mim e ao me virar fiquei cara a cara com a sra. Grouse.

– S-sra. Grouse, s-sinto muito... – balbuciei, e então parei. Seu rosto, rosado com as veias partidas como se fossem o delta do Mississipi e seus tributários, exibia um grande sorriso.

– Não se preocupe, minha querida – ela disse amavelmente. – Você tem uma visita.

Ela se virou e saiu para o corredor. Fiquei grudada onde estava. Uma visita! Quem poderia ser? Eu não conhecia ninguém. Exceto, é claro, meu tio! Eu nunca o havia encontrado e sabia pouco a seu respeito, afora que, de

acordo com seu retrato, era muito bonito, o que seria endossado pela srta. Whitaker quando ela chegou.

A sra. Grouse parou no corredor e voltou-se para mim.

– Bem, venha comigo, senhorita, não deve deixá-lo esperando.

Ele! Então era meu tio! Agora talvez eu pudesse fazer a ele todas as perguntas que queria fazer. A respeito dos meus pais, sobre quem a sra. Grouse dizia que nada sabia, porque ela e todos os criados tinham vindo para Blithe somente depois que eles morreram. A respeito da minha educação. Talvez quando me visse em carne e osso, uma jovem de verdade e não um nome em uma carta, talvez me permitisse ter uma governanta, ou pelo menos livros. Talvez eu conseguisse cativá-lo e mostrar-lhe que não era como ela, a mulher que a cultura havia afastado dele.

A sra. Grouse parou na entrada da sala de estar e acenou para que eu passasse à sua frente. Ouvi alguém tossir. Isso me deu vontade de tossir também. Nervosa, entrei e parei.

– Theo Van Hoosier! O que está fazendo aqui? Não deveria estar na escola?

– Asma – ele disse, desculpando-se. Depois, em tom triunfante: – Eu tenho asma!

– Eu... eu não entendo.

Ele caminhou na minha direção e sorriu.

– Eu tenho asma. A escola me mandou de volta para casa. Minha mãe me trouxe para cá para que eu me recuperasse. Ela acha que estarei melhor aqui, no campo, com o ar limpo.

A sra. Grouse entrou na sala.

– Isso não é ótimo, srta. Florence? Eu sabia que gostaria. – Ela fez um aceno na direção de Theo. – Não que tenha asma, é claro, sr. Van Hoosier, mas que tenha vindo nos visitar. A srta. Florence ficou num estado deplorável desde que o sr. Giles foi para a escola, andando pela casa sozinha. Poderão fazer companhia um ao outro.

– Poderei vê-la todos os dias – disse Theo. – Se permitir, é claro.

– E-eu não sei muito bem – murmurei. – Talvez esteja... ocupada.

– Ocupada, srta. Florence? – perguntou a sra. Grouse. – Por que, por que estaria ocupada? Não sabe sequer costurar.

– Isso significa que posso, então? – disse Theo, exibindo um sorriso. – Posso visitá-la, por favor?

Ele ficou parado, segurando o chapéu, passando os dedos pela borda. Senti vontade de cuspir em seu olho, mas isso estava fora de cogitação.

Assenti com a cabeça.

– Acho que sim, mas só depois do almoço.

– Esplêndido! – ele disse, e foi imediatamente atacado por um acesso de tosse que durou algum tempo até ele conseguir tirar do bolso do casaco uma pequena garrafa de metal com uma bola de borracha, como se fosse um vidro de perfume. Ele apontou a boca da garrafa para o rosto e apertou a bola, jorrando uma névoa fina em sua boca, o que pareceu acalmar a tosse.

Lancei um olhar curioso para ele e depois para a garrafa.

– *Tulsi e ma huang* – ele disse. – Invenção do seu dr. Bradley.

Não entendi.

– O primeiro é extraído das folhas do manjeriço, o outro é uma erva chinesa usada há muito tempo no tratamento da asma. O dr. Bradley teve a grande ideia de colocá-los na forma líquida e com o *spray* jogá-los na garganta para absorção rápida. Ele está fazendo experiências e sou sua primeira cobaia. Parece que funciona.

Seguiu-se um silêncio estranho enquanto Theo absorvia lentamente que o assunto não era tão interessante para mim quanto era para ele. Então, recolocando a garrafa no bolso, ele conseguiu deixar cair o chapéu; abaixando-se ao mesmo tempo que a sra. Grouse para pegá-lo, eles bateram a cabeça um no outro, o que provocou a tosse e o chiado novamente. Finalmente, quando ele parou de tossir e estava de novo passando os dedos pelo chapéu, mostrou um sorriso fraco e disse:

– Posso visitá-la agora, então? Afinal, já passou a hora do almoço.

– Talvez tenha passado a hora – eu disse –, mas não para mim. Ainda não almocei hoje.

E então me virei e deixei a sala com o máximo de elegância que consegui, esperando que, ao me livrar de Theo, não tivesse despertado a mente da sra. Grouse para minha anterior ausência.

Subitamente, minha existência ficou desaconchegante. Senti-me seriamente prejudicada. Em primeiro lugar, teria que me certificar de que não deixaria de aparecer para outra refeição novamente, por medo de que me encontrassem da próxima vez que saíssem à minha procura, com todas as repercussões aí envolvidas. Mas a questão era mais fácil de apresentar que de resolver. Eu não tinha relógio. Então, durante um almoço tardio, em que a sra. Grouse já estava tão farta de Theo Van Hoosier que não pensou em me interrogar a respeito do meu paradeiro mais cedo, lembrei-me de algo a respeito da biblioteca que poderia desdificultar meu problema e, assim que terminei de comer, deslizei e abri caminho até lá.

Como não podia deixar de ser, escondido em um canto escuro, mudo e despercebido, estava um relógio cuco. Era grande, maior que eu, embora não tão alto quanto Theo Van Hoosier, cuja perspectiva de visitas diárias quase me desemocionou por ter encontrado o relógio. Cautelosamente, abri a caixa, como tinha visto John fazer com outros relógios da casa, e tentei encontrar a chave. A princípio, pensei que teria azar, mas, quando ia sair de mãos vazias da caixa, senti um tilintar, pois meu dedinho havia tocado em algo pendurado em um gancho pequeno, e lá estava a chave. Eu a inseri no orifício da frente e comecei a girar, tomando cuidado para parar quando encontrasse resistência, pois John já me avisara que o excesso de corda matava muitos relógios.

Eu havia reparado nas horas ao deixar a cozinha e por garantia acrescentei quinze minutos para compensar o tempo de chegar à biblioteca e encontrar a chave. O tique-taque do relógio tinha um volume satisfatório e pensei que finalmente não me sentiria mais sozinha ali. Estaríamos eu, meus livros e algo próximo de outro coração batendo, mesmo que apenas na regularidade. Algo, além disso, que não era Theo Van Hoosier.

É claro que, tendo o relógio resolvido um problema, logo criou outro. Pois se por acaso alguém se aventurasse pela biblioteca, o tique-taque era

tão alto que não poderia deixar de ser percebido, e logo esse alguém se poria a imaginar quem estaria lhe dando corda até descobrir quem havia estado ali. Estremeci e afastei esse pensamento. Que seja. Eu precisava saber as horas durante minha permanência ali ou seria descoberta de qualquer maneira. Além disso, ninguém jamais estivera ali em todos os meus anos de bibliotecagem, por isso era pouco provável que isso fosse acontecer agora. Seria uma pena se acontecesse; era um risco que eu teria que correr.

Naquela tarde esfriou e nossa primeira neve do outono caiu. Fiquei assistindo alegremente, torcendo para que isso significasse que Theo Van Hoosier não teria como fazer sua visita. Se a sua asma era suficiente para impedir que fosse à escola, certamente não poderia caminhar pela neve com ela. Fiquei com os dedos cruzados e o imaginei asmatizado em casa, consolando-se com alguns versos ruins.

Com sua promessa de salvação, entretanto, a neve dificultava-me em outros aspectos. Ou melhor, a queda da temperatura. Eu nunca ficava muito tempo na biblioteca no inverno porque não havia lareira e era muito gelado, e porque antes eu sempre tive Giles para me manter distraída em outros lugares. Apesar de tentar bravamente, leitora determinada que sou, meus dedos ficaram tão frios que eu mal conseguia segurar o livro e virar as páginas, quanto mais manter a mente entorpecida concentrada. Saí da sala e através da escadaria dos fundos subi até o andar de cima. Ali encontrei um quarto cuja cama despida estava coberta apenas pelo pó, mas nos pés tinha um baú de carvalho com três cobertores grossos. É claro que seria arriscado transportá-los até a biblioteca, porque, se encontrasse com alguém no caminho, seria completamente inexplicável. E, ao contrário de um livro, eu não poderia simplesmente esconder um cobertor dentro do vestido.

No entanto, sem os cobertores, eu não conseguiria ler de qualquer maneira, então precisava ser feito. Decidi levar os três de uma vez, pois um seria tão difícil de esconder quanto três, e quanto menos viagens fizesse, menor o risco. Era um fardo pesado e estranho, os três formando uma pilha tão alta que eu mal conseguia enxergar por cima deles, mas saí do quarto e fechei a porta atrás de mim com a habilidade de pés flutuantes. Estava na metade das escadas de trás e prestes a fazer a volta quando ouvi o inconfundível ranger de um dos degraus abaixo. Quase derrubei minha carga. De nada adiantaria virar e correr, de uma forma ou de outra seria

pega. Não havia nada a fazer senão parar e aguardar meu destino. Segurei a respiração, esperando para ouvir outro passo. Mas ele não veio. Em vez disso, ouvi a voz de Mary, falando consigo mesma (Ah, eu pensei, então não sou a única a fazer isso!).

– Muito bem, onde foi que coloquei aquela coisa? Eu tinha certeza de que estava em meu bolso. Maldita, vou ter que voltar para pegar.

Ouvi um leve gemido de agradecimento enquanto a escada se livrava de seus pés e depois passos nervosos e apressados ao longo do corredor. Esperei alguns instantes até o som desaparecer, corri para baixo, atravessei a passagem correndo e escondi-me atrás da porta da biblioteca.

Aí juntei duas das grandes poltronas de couro, assento com assento, e aninhei-me nelas com dois cobertores fazendo uma cama e o terceiro estendido por cima do encosto das poltronas fazendo um dossel. Imaginei os quatro pilares, mas é claro que mal tinha um. Ao deixar a sala, separei as poltronas novamente, dobrei os cobertores e os escondi atrás de uma *chaise longue*. Havia a possibilidade remota de que alguém ao entrar na sala não reparasse no relógio ou não depreendesse o significado correto caso isso acontecesse, estando os relógios sempre presentes em muito cômodos e algo frequentemente despercebido. Mas a ninguém escaparia meu ninho, e por isso ele precisava ser construído todos os dias.

Assim, meus dias começaram a ter um novo padrão. Pela manhã, ia na ponta dos pés até meu ninho, contentando-me com meus livros, até o relógio bater um quarto para a uma, quando eu desaninhava, escorregava para fora da sala e corria para o almoço. Mas, assim que Theo Van Hoosier começou a aparecer, minhas tardes se complicaram. Eu não tinha como saber a que horas ele poderia chegar e, apesar dos meus esforços para programá-lo, ele se mostrou tão pouco confiável quanto era alto. Às vezes aparecia logo após o almoço; outras vezes, só chegava depois das quatro. Desculpava-se alegando que tinha um tutor e ficava à sua mercê.

Agora, imagine se eu fosse para a biblioteca e o jovem Van Hoosier chegasse enquanto eu estava lá. Seria tão ruim quanto aquela vez em que perdi o almoço. Procurariam por mim e ou o meu segredo seria descoberto ou mais tarde o arrancariam de mim. Por outro lado, se ficasse no escritório ou na cozinha esperando por Theo e ele chegasse tarde, eu perderia horas de precioso tempo de leitura.

Foi isso o que fui obrigada a fazer nos primeiros dias de Van Hoosier. Ficava sentada girando os polegares, a olhar pela janela para a neve ou brincando sozinha. O pior foi que meu fazer nada chamou a atenção da sra. Grouse, que se pôs a perguntar como nunca havia reparado nisso; ela não imaginava como eu sempre havia conseguido me fazer sumir, e começou a falar que eu deveria fazer algo útil, como aprender a costurar. Ela até me fez sentar um dia e começou a confundir-me com alguns pontos. Pensei que fosse perder a cabeça.

Li em algum lugar que o tédio gera grandes ideias e assim foi comigo. Onde eu estava errando era na minha associação da leitura com a biblioteca, quando na verdade tudo de que eu precisava era um lugar onde pudesse ficar só e de onde pudesse ficar de olho na entrada da frente para ver quando Theo Van Hoosier chegasse. Tão logo pensei nisso encontrei a solução. Blithe House tinha duas torres, uma na ponta de cada ala. Imitavam o gótico, cheias de ameias, como nas antigas fortalezas, e não eram mais usadas. Suspeito que nunca tenham sido, pois cada uma tinha sua própria escada, e os andares de cima só eram alcançados a partir do chão; assim, para ir do quarto no primeiro andar para o outro no mesmo andar na parte vizinha da casa, primeiro era preciso descer as escadas da torre até o térreo, ir até uma das escadas que levavam para o resto da casa e depois subir de novo. Mas o que as torres prometiam era uma visão dominante da entrada. Do quarto mais alto de ambas, pensei, eu poderia ver toda a sua extensão curvilínea. A função das torres sempre fora mais decorativa que prática, e a da ala oeste estava além dos limites permitidos para Giles e eu porque precisava desesperadamente de reparos, o que, naturalmente, com as limitações impostas por meu tio, nunca foram realizados. Por isso eu podia ter certeza de que ninguém nunca iria até lá. Se eu pudesse chegar lá sem ser notada, poderia ler e espiar de vez em quando a entrada. Além disso, a torre oeste tinha outra grande conveniência: ficava a apenas um pequeno corredor e uma escada de distância da biblioteca, proximidade necessária porque eu teria que levar livros para lá.

Consequentemente, na tarde seguinte, armada com alguns livros e pronta para uma tarde de leitura e vigília por Van Hoosier, parti para a torre oeste apenas para dar de encontro com o mais terrível destruidor de esperanças aos pés da escada. Em toda a minha conspiração havia algo de que eu esquecera. Atravessadas no fundo da escada, pregadas à coluna central,

várias placas grossas, outras tantas tábuas tão grossas quanto, bloqueando completamente a subida, colocadas ali, como as placas e pedras sobre o poço, para evitar que Giles e eu sofrêssemos acidentes fatais. Coloquei os livros no chão e tentei tirar as placas, mas elas estavam presas firmemente, então só consegui cortar um dedo para meu azar. Estava lacrimosa de frustração. Tentei colocar os pés em uma placa para pular, mas não havia ponto de apoio, o acesso foi-me completamente negado. Além disso, percebi, mesmo que tivesse conseguido pular, qualquer entrada tão árdua e difícil seria tão lenta que eu estaria entregue à descoberta na cena do crime se alguém decidisse aparecer por ali.

Peguei meus livros e tinha começado a me afastar, profundamente desconsolada com a perda das minhas tardes justamente quando acreditava que as havia recuperado; mas, então, cerebrei uma ideia. Voltei correndo, dei a volta em torno da escada, empurrei os livros através de um dos vãos do corrimão, levantei-me e descobri que poderia subir as escadas pelo lado de fora, colocando os pés nos vãos. Dessa maneira, poderia passar pela barricada e então, graças às pernas compridas, pular o corrimão e subir a escada. Parei e olhei para baixo com satisfação para a barricada, sentindo quanto ficaria segura em meu novo domínio. Tinha certeza de que ninguém seria capaz de me seguir. Não conseguia imaginar Mary ou a gorda Meg ou a gorducha sra. Grouse esticando a perna sobre o corrimão, mesmo que fossem espertas o bastante para pensar nisso.

Subi até o primeiro andar, depois até o segundo e finalmente passei por um alçapão até o terceiro, o mais alto, de onde podia ver não apenas a entrada, mas também o telhado do prédio principal. O topo da torre tinha apenas um quarto, com janelas em todos os lados. Fiquei ali, senhora de tudo o que achara, em minha torre de contos de fadas, a própria Rapunzel acima do mundo que eu conhecia. Olhei ao redor para meu novo reino. Era mobiliado com parcimônia e parecia ter sido um estúdio algum dia. Havia uma *chaise* e uma escrivaninha com tampo pesado de couro, o couro por sua vez coberto por uma fina camada de mofo, e diante da escrivaninha uma cadeira de girar de capitão. Podia-se tirar na cara ou coroa se havia mais pó na biblioteca ou nesta sala, e eu não teria gostado de apostar nisso. Alguns dos pequenos painéis dos vitrais estavam faltando, por isso uma fina corrente de ar soprava pela sala, e havia fezes de pássaros no assoalho

empoeirado, mostrando que o vento não era a única coisa que entrava por esse caminho.

Ainda assim, eu estava maravilhada. As janelas tinham cortinas nos quatro cantos, mas estavam todas presas, e percebi que precisaria ser cuidadosa e manter a cabeça abaixada para não ser vista de baixo. Não importava; se eu me sentasse à escrivaninha poderia espiar a entrada e desde que não me mexesse excessivamente ninguém me veria.

A ventilação dos painéis faltantes significava que o quarto seria sempre frio, e minha primeira tarefa era conseguir mais cobertores. Coloquei os livros no chão e fui fazer a varrição. Entediava-me ter que descer até o térreo e depois voltar a subir ao primeiro andar para minha gatunice, mas não havia outra maneira. Eu tinha esvaziado meu velho baú de cobertores para a biblioteca e não tive a fortuna de encontrar outro. Mas encontrei alguns quartos de hóspedes mantidos de prontidão para o caso de aparecer alguma visita e, baixando a guarda, arranquei as colchas, roubei dois dos três cobertores que havia por baixo e depois recoloquei as colchas. Examinei o que havia feito. Havia deixado as camas mais magras, mas não conseguia imaginar por que alguém notaria, e se uma criada refizesse a cama provavelmente não suspeitaria. Afinal, quem em Blithe – além de um fantasma trêmulo – roubaria um cobertor?

Certifiquei-me de que o caminho estava livre e corri pela escada até o térreo, pelo corredor principal, e atirei os cobertores pela barreira ao pé das escadas da torre. Tinha acabado de transportar-me para o lado de fora da escada quando a porta do corredor principal foi aberta. Sem tempo para esperar! Atirei-me de cabeça sobre o corrimão nas escadas, onde caí atrás da barricada, esperando não ser vista pelos vãos.

– Ai, meu Deus, que foi isso? – era a voz de Mary.

– Fantasmas, provavelmente – disse uma voz que reconheci como pertencente a Meg. – Dizem que Blithe é cheia de fantasmas.

– Ora! Você não acredita nessas bobagens, acredita? – A voz de Mary traía certa falta de confiança nas palavras que havia murmurado.

Espionei-as por um buraco na barricada. Meg ergueu uma das sobrancelhas.

– Reconheço que trabalho aqui há cinco anos e vi muitas coisas. Quando estiver aqui há tanto tempo quanto eu, você verá, você verá.

E então ela abriu a porta do corredor principal de novo, pegando uma pá de lixo para a qual evidentemente tinha varrido algo. Ela desapareceu lá dentro; antes de segui-la, Mary fez uma careta nas costas da outra.

Então ali estava eu, princesada em minha torre, cobertada em minha escrivaninha, tremendo um pouco quando soprava o vento, mas só e podendo ler, pelo menos até começar a escurecer, porque não poderia ter velas deladoras ali. De repente senti uma pontada, pensando – não sabia por que – em Giles, longe na escola, talvez pensando em mim, e perguntei-me se estaria feliz. Lembrei que uma vez havia cortado em duas uma carta – a rainha de espadas –, bem no meio, pensando em fazer duas rainhas de uma, uma imagem em cima e a outra embaixo, mas descobri que havia ficado sem nenhuma, com duas partes inúteis por si só, e pensei que assim era eu sem Giles, que era uma parte da minha pessoa. Como queria que começassem as férias logo para poder mostrar a ele nosso novo reino. Era tudo o que faltava para a felicidade, que Giles estivesse ali para dividir comigo.

Mas não estava. Por isso comecei minha nova vida. As manhãs na biblioteca e as tardes na minha torre. Raciocinei que seria tolice ter que ficar devolvendo livros para a biblioteca depois de ter terminado meu dia na torre; carregando-os aumentariam as probabilidades de ser pega. Isso significava que, se fosse ler alguma coisa pela manhã, não poderia continuar com o mesmo livro de tarde. Resolvi por isso fazer um contrabando de livros para a torre (onde havia poucas chances de ser descoberta), onde eles ficariam até serem terminados, e que meu dia de leitura teria duas partes separadas. Bibliotecaria as manhãs com livros sólidos, filosofia, história e afins; também comecei a ensinar-me línguas e a elaborar um conhecimento passável de francês, italiano, latim e grego, apesar de não garantir minha pronúncia nas duas primeiras, pois jamais tinha ouvido alguém falando-as; as tardes eram meu momento de fantasia, apropriada para minha torre. Entreguei-me à sra. Radcliffe, antigos mitos e Edgar Allan Poe. A única mosca na minha sopa, porém, era que não podia ter um lapso de concentração, não podia entregar-me demais às palavras que flutuavam diante dos meus olhos e na minha cabeça e desconcentrar-me do meu destino.

No dia em que ocupei minha torre, decidi medir quanto tempo Theo Van Hoosier levaria para atravessar a entrada, desde o momento de visibilidade

da torre até o momento em que desaparecesse de vista sob a varanda da frente da casa. Como eu mediria o tempo, se não tinha relógio? contei, segundo por segundo, e para ter certeza de que meus segundos tinham o tempo certo imaginei-os assim: um Shakespeare, dois Shakespeares, três Shakespeares. Dessa maneira, calculei que o jovem Van Hoosier ficaria à vista por quatro minutos e meio. Assim, quando ia para o quarto da torre depois do almoço, primeiro espiava o escritório, que tinha uma visão direta da entrada, para ter certeza de que Van Hoosier não estava à vista. Se não estivesse, então eu tinha quatro minutos e meio para chegar à torre, caso contrário, se eu demorasse mais e ele aparecesse sem ser visto no exato momento em que eu virasse as costas, ele poderia chegar até a porta da frente e ficar fora de vista de novo antes de eu chegar ao meu posto e assim ocasionar toda a perigosa chamada e procura por mim. Deixe-me dizer que era preciso esticar as pernas para chegar à torre naquele tempo. Se acontecesse de eu encontrar John ou Mary ou Meg ou a sra. Grouse e me atrasasse mesmo que por alguns segundos, isso impossibilitaria minha jornada no tempo alocado e significaria que eu teria de voltar e checar a entrada e começar tudo de novo. Não só isso, durante todo o tempo eu tinha que ficar contando um-Shakespeare, dois-Shakespeares e, se alguém falasse comigo e eu perdesse o número, voltava para o escritório novamente.

Quando eu chegava ao fundo da escada da torre, normalmente estava em duzentos-Shakespeares e tinha que subir pelo lado de fora da escada, atirar-me pelo corrimão, tirar os sapatos (por medo de que meus passos correndo fizessem barulho no piso não acarpetado) e entrar no quarto da torre a tempo. Houve uma ocasião em que tinha acabado de entrar e, ao olhar pela janela, vi o chapéu de Van Hoosier desaparecendo sob a varanda da frente; tive que voltar pela escada, pular o corrimão, atirar-me para a parte de fora e entrar no corredor principal de novo antes que eles comessem a gritar por mim. Mas também jamais alguém me disse que ter uma vida secreta seria fácil.

Naquele primeiro dia em que nevou, imaginei-me impermeabilizada contra o garoto Van Hoosier, mas cometi o mesmo erro que muitas pessoas cometiam comigo (quem imaginaria que eu tinha dois ninhos de livros? Quem imaginaria que eu francesava e shakespearizava?), ou seja, julguei-o pelas aparências. Eu o via como uma espécie de erva alta forrageira, que se dividiria em duas sem a camisa engomada para mantê-lo na vertical. Ressenti uma admiração por ele naquele dia ao olhar da saleta para a entrada (ainda não tinha encontrado meu refúgio na torre, é claro) e vê-lo majestando seu caminho pela neve. Devoção obstinada e canina por mim, percebi, tão mais valiosa do que sua poesia jamais seria.

A sra. Grouse disse-me para esperar na saleta. Ouvi-a abrir a porta da frente e convidá-lo a sacudir a neve das botas, seguindo-se um intervalo de pisadas prodigiosas. Pouco depois, a porta da saleta abriu-se e a sra. Grouse disse:

– O jovem sr. Van Hoosier está aqui para vê-la, senhorita.

Como se nós duas não soubéssemos que eu estava ali sentada esperando por ele e, também, como se eu estivesse muito acostumada a visitas. Nisso, e no fato de adjetivar nosso convidado como jovem, a sra. Grouse revelava que ela mesma não sabia como se comportar, que ela era a governanta e ama-seca, e não a anfitriã. Quando fechou a porta atrás de si, percebi que havia até negligenciado o chapéu de Van Hoosier.

Eu o convidei a sentar-se. Posicionei-me em uma poltrona com braços para impedir qualquer possibilidade de aproximação e ele se acomodou no sofá, dobrando-se como se tivesse dobradiças nos joelhos e no quadril. Sentamo-nos e sorrimos educadamente um para o outro. Eu não sabia o que fazer com ele, e ele não sabia o que fazer com seu chapéu. Sentou-se e ficou girando-o para cá e para lá, rodando-o com os dedos de uma mão para a outra, de um lado para outro. Finalmente, quando o deixou cair pela terceira

vez, levantei-me e aproximei-me dele. E, estendendo a mão irritada, eu disse:

– Por favor, posso?

Ele o entregou agradecidamente. Saí para o corredor e pendurei-o com seu casaco. Mas, quando voltamos a nos sentar, percebi que podia ter removido o chapéu, mas não tinha removido o problema. Na verdade, eu o exacerbara, pois agora ele não tinha nada com que mexer. Foi obrigado a voltar a estalar os dedos, ou cruzar e descruzar as pernas, desta forma e daquela. Olhei duro para suas canelas e ele captou meu olhar e, descruzando as pernas, pôs os dois pés firmemente no chão. Parecia insultado, e seu olhar trágico provocou-me uma pontada de culpa.

– Bem – ele disse, finalmente –, aqui estamos.

– Parece que sim – atirei de volta.

– Está muito frio lá fora. Muita neve.

– Fria e branca – eu disse.

– O quê?

Ele sabia que estava sendo gozado, mas não conseguia entender como.

Sentamo-nos em silêncio por mais alguns instantes. Então ele disse:

– Ah, sim, quase ia esquecendo – e começou a procurar nos diferentes bolsos de seu casaco e da calça numa movimentação desconvincente de desconhecimento da localização de algo.

Finalmente pegou um papel dobrado e começou a desdobrá-lo.

– Escrevi outro poema para você.

O olhar que lancei em sua direção era vários graus mais frio que a neve e quase suficiente para fazê-lo fugir de volta para lá.

– Ah, não, está tudo bem; você não precisa conceder um beijo desta vez. Não há nenhuma questão envolvendo beijos desta vez.

Descongelei o rosto e recostei-me na poltrona.

– Bem, nesse caso, sr. Van Hoosier, pode atirar.

Bem, quanto menos se falar a respeito do segundo verso Van Hoosier, melhor. O máximo que se poderia dizer era que estava longe de ser tão ruim quanto o primeiro, especialmente por não carregar a ameaça de um beijo, embora, mais uma vez, eu não tenha ficado muito impressionada com a

rima final de “Florence” e “crescente”; felizmente, era uma referência ao meu suposto número de admiradores, não ao meu tamanho.

Quando acabou de ler, Theo ergueu os olhos do papel e viu minha expressão.

– Ainda não está bom, hein?

– Não muito – eu disse.

Ele amassou o papel e guardou a bola no bolso.

– Maldição – ele disse amavelmente –, mas continuarei tentando até conseguir, você vai ver. Não sou de desistir.

Nesta última ele se revelou tão bom quanto sua palavra, não só na versificação, mas no enfrentamento da neve também. Não importava se caía uma nevasca, trovoava ou ventava como se fosse o fim do mundo lá fora, ele se apresentou todas as tardes nas semanas seguintes. Depois de visitar-me algumas vezes, comecei a ver que, como seu verso, seu corpo esguio rimava desajeitadamente e esquadrinhava mal. Seus membros compridos não se encaixavam facilmente em uma saleta, onde parecia que um ou outro deles estava sempre se agitando involuntariamente, derrubando uma mesinha lateral aqui ou tropeçando em um tapete ali; ele era como uma grande garça epiléptica. Ficava impossibilitado de sentir-se à vontade em ambientes fechados, por isso, na quarta ou quinta visita, quando sugeri que saíssemos, fiquei aliviada, pois se ficássemos dentro era só uma questão de tempo até que alguma porcelana fosse quebrada; não que eu me importasse, pois não havia nada de valor em Blithe e ninguém para se preocupar de qualquer maneira, mas eu podia imaginar como ele ficaria perturbado. Só depois de colocarmos nossos casacos é que comecei a ter dúvidas. Seria seguro estar com ele na neve e no gelo com todo aquele desajeitamento? Seus pais não me culpariam se um de seus braços ou pernas se quebrasse em vez da porcelana? Deus sabe que havia porcelana suficiente.

– Isto é inteligente? – eu disse, enquanto ele se encachecolizava.

– O que você quer dizer?

– Bom, com sua asma e tudo, sair no frio.

– Que nada. Isso é a melhor coisa, um dia frio como hoje, quando o ar está seco e limpo. São os dias tristes e úmidos que penetram no meu peito e

me fazem tossir.

Então saímos e, para minha surpresa, minha grande surpresa, nos divertimos por algumas horas. Não que Theo tivesse perdido sua inaptidão neste novo elemento, mas sim que este elemento estava tão nu e vazio de obstáculos que ele nada mais tinha a fazer senão cair no gelo, o que fez várias vezes. Quando isso acontecia, era preciso ficar longe, porque tal qual moinhos de vento seus grandes braços derrubavam a cabeça de qualquer um que estivesse no caminho e suas pernas balançavam no ar como as de marionetes, e então tudo desmoronava como uma cadeira dobrável, deixando no chão aquela figura disforme. Era tão cômico que na primeira vez desatei a rir antes de conseguir controlar-me, e então, como a pilha de ossos não se mexesse, corri até ele, temendo pelo que iria encontrar. Mas ele sempre se recompunha com um sorriso e depois de um tempo começamos a fazer bolas de neve e atirá-las um no outro, e ele ficou terrivelmente encoberto, porque seus arremessos eram muito ruins e acertavam mais a si mesmo do que a mim. Então ele sugeriu que fizéssemos um boneco de neve; começamos, mas estávamos apenas na metade da cabeça de tamanho considerável quando me lembrei do inverno anterior, como tinha feito aquilo com Giles, e senti-me culpada. Pensei nele encarcerado em algum lugar enquanto eu estava ali me divertindo sem ter pensado nele uma única vez durante duas horas inteiras, e de repente congelei até o fundo da alma, sem conseguir parar de bater os dentes, de forma que Theo, vendo isso, insistiu para entrarmos.

Como se meus pensamentos tivessem sido mexidos pelos do próprio Giles ou os meus tivessem mexido os dele, no dia seguinte chegou uma carta. Ele não era um grande correspondente, faltando-lhe a minha facilidade com a palavra escrita, embora eu tivesse feito tudo o que podia para ensiná-lo a ler e a escrever. A sra. Grouse, totalmente ignorante desse fato, é claro, maravilhava-se com a rapidez com que a escola o ensinara a escrever, apesar de suas cartas serem tão mal formuladas que levava algum tempo para entender até uma breve epístola como aquela. Antes de colocar as mãos na carta, entretanto, tive que ouvir os palpites da sra. Grouse sobre o que poderiam significar os retorcidos hieróglifos, pois, é claro, eu não

deveria saber ler por mim mesma. A pobre mulher, que era, eu suspeitava, tão letrada, ou iletrada, quanto meu próprio irmão, só conseguiu desbravar uns três quartos e mais ou menos inventou o resto. Mas quando eu a tive para mim, consegui com longo estudo, e conhecimento de Giles, descobrir praticamente tudo.

Querida Flo,

Vou escrever para casa aos domingos. Temos um tempo para isso e todos os garotos devem escrever. Espero que esteja bem. Espero que a sra. Grouse esteja bem. Espero que Meg e Mary e John estejam bem. Estou muito bem, obrigado. Não estou com saudade de casa. Sou muito lento nas aulas, mas não me importo. Os outros garotos riem de mim por causa disso, mas com as risadas eu não me importo tanto. Vou terminar agora.

Seu irmão que a ama,

Giles

O que significava “com as risadas eu não me importo tanto”? Tanto quanto o quê? Havia outras coisas com as quais ele se importava mais, intimidação física talvez, beliscões, ou tapas, ou puxões de cabelo ou queimaduras? Ou seria apenas uma figura de linguagem, uma forma de dizer que ele não se incomodava muito? E por que dizer que não sentia saudade de casa? Por que nem sequer mencionar o fato, a menos que tivesse sido instruído a não preocupar as pessoas de sua casa falando a respeito disso? A carta arrancou-me lágrimas e naquela noite tentei decifrá-la novamente, depois a coloquei debaixo do travesseiro, para ver se assim eu me sentia mais próxima do pobre Giles.

Você não deve deduzir a partir da tarde na neve com Theo Van Hoosier que eu era toda alegria desligada durante suas visitas. Havia muita coisa a desligar minha alegria, mas nada mais do que a perturbação da minha leitura. Não eram apenas as longas e frequentemente inesperadas interrupções que as visitas causavam. Havia também todos os momentos em que ele não aparecia. Você deve se lembrar de que sempre que estava na torre eu precisava olhar a entrada a cada quatro minutos e meio. Com alguma margem para erro, isso significava a cada quatro minutos. Mas, é claro, eu não tinha relógio e não me imaginava passando um relógio cuco por sobre o corrimão e arrastando-o escada acima. Assim, a única maneira de julgar o tempo era pelo virar das páginas, pelo meu ritmo de leitura. Por isso, antes de tirar um livro da biblioteca, eu calculava o tempo de leitura de algumas páginas pelo relógio cuco, para determinar exatamente até onde iria durante quatro minutos. Se fossem três páginas e meia, então, quando estivesse lendo na torre, eu teria que olhar pela janela nesse intervalo. Nem sei dizer quanto isso era aborrecido. Era como tentar não pegar no sono; todas as vezes que me deixava levar pelo livro, quando o autor me cercava com um mundo inteiramente novo, uma parte de mim combatia a deliciosa entrega a tal absorção dizendo *três e meio, três e meio, três e meio*. Às vezes, subitamente esquecia que sete ou oito páginas, ou até dez ou catorze, tinham passado sem que eu olhasse. Quando isso ocorria, eu não tinha como saber se Van Hoosier tinha passado pela entrada sem ser visto durante essa negligência, por isso não havia outra coisa a fazer senão fechar o livro e descer as escadas, então, se não estivesse ali o visitante, dar uma espiada na entrada, e se ali estivesse igualmente sem Theo à vista, voltar correndo para a torre. Com um bom livro como *Jane Eyre*, eu podia ficar subindo e descendo as escadas até quatro ou cinco vezes em uma única tarde.

Um dia, estava na torre e ergui os olhos do livro, contrariada com esse método de leitura maluco de quatro minutos e, pela janela, vi uma gralha

bicando alguma coisa na neve. A cena era um retrato perfeito do meu novo estado de espírito. A neve perfeitamente branca, a gralha preta como uma mancha no lençol recém-lavado; pela primeira vez compreendi que não havia nada inteiramente bom e nada inteiramente ruim, que cada página tem uma mancha, e, por essa mesma razão, eu esperava todas as noites sombrias por uma pequena luz brilhante. Isso me deu esperança. A gralha na minha paisagem era Giles, e todo o sofrimento que ele podia estar passando, e todo o sofrimento que eu suportava com o grande buraco dentro de mim onde ele deveria estar. Mas a gralha era uma mancha pequena e o resto era todo branco. Isso não oferecia a perspectiva de que a maior parte da vida escolar do meu irmão pudesse ser feliz e despreocupada, com talvez uma ou duas pequenas coisas de que ele não gostasse? Mesmo assim, por que ele havia dito que não estava com saudade de casa, a não ser para me tranquilizar? O que poderia significar senão que estava?

De qualquer maneira, havia os feriados do Natal, quando Giles estaria em casa e eu poderia arrancar a verdade dele, apesar de não ter certeza do que isso me poderia trazer de bom. Enquanto isso eu lia todas as manhãs e em algumas das tardes, vigiando Van Hoosier o resto do tempo. Como era preciso manter os membros inquietos e desobedientes distantes da porcelana fina, Theo estava sempre pronto para sair na neve. Um dia olhei pela janela da minha torre e vi uma figura curvada caminhando pela entrada e quase voltei para o meu livro, pois pensei que devia ser algum entregador, e não ele. O homem parecia um corcunda com uma grande protuberância na coluna, mas felizmente o observei um pouco mais e então a corcova se mexeu, caiu de suas costas e ficou pendurada em uma das mãos, e o resto organizou-se, adquirindo a inconfundível forma desengonçada de Theo. Então corri, pulando o corrimão e disparando pelo corredor.

No salão, Theo abriu a sacola de couro que estava carregando com o floreio de um mágico tirando um coelho da cartola.

– Que...? – gritei.

– Patins. Bom, você tem um lago lá fora, não tem?

A sra. Grouse era toda preocupação. Imagine se a crosta de gelo fosse muito fina e se quebrasse e afundássemos e nos afogássemos? O que ela diria à mãe de Theo? Para mim, a tentativa de nos deixar preocupados com suas dificuldades sociais em vez de com nossa própria morte não era a maneira mais correta de argumentar, mas fiquei calada. É claro que

ninguém estava preocupado com o que diriam à *minha* mãe. E, significativamente, a sra. Grouse não mencionou nenhum possível embaraço com meu tio, pois nós duas sabíamos que ele lamentaria tal evento como um desembaraço.

Por sorte, calhou de John estar passando por ali nesse momento e ouvir e interferir. Ele garantiu à sra. Grouse que havia patinado em lagos quando garoto e que nessa época do ano o gelo tinha pelo menos um pé de espessura. Por insistência da sra. Grouse, ele se comprometeu a nos acompanhar até lá fora e examinar cuidadosamente a superfície do lago para verificar se havia “alguma rachadura”, o que fez John revirar os olhos e sorrir quando ela lhe deu as costas.

Para minha grande surpresa, principalmente após os tombos e escorregões na neve em torno da casa, Theo revelou-se um patinador habilidoso. Depois que colocou os patins, ele se transformou. Desde muito pequeno, ele praticava muito todos os anos no Central Park e conseguia dar voltas em torno do lago em alta velocidade, girando e fazendo volteios, sempre com graça e suavidade. Ele me fez pensar em um cisne, que é igualmente desajeitado como caminhante, gingando de um lado para outro, e desengonçado como um inseto lutando para sair do chão e soltar-se no ar, e depois se mantendo aí com grande dificuldade, mas que na água desliza serenamente. Acho que foi um grande alívio para Theo estar no lago congelado sem nada com que colidir, nenhuma mesinha delicada ou porcelana fina, ou tapetes para tropeçar e intranquilizar seu progresso.

Em contrapartida, eu desesperava da tarefa. Minhas pernas estavam determinadas a ir a direções opostas, minha cabeça tinha uma afinidade com o gelo e parecia querer estabelecer uma estranha amizade com ele, e minhas costas tinham intenções sedentárias. Mas Theo foi gentil e ajudou-me; era uma pessoa diferente, assumindo o controle, ensinando-me, comandando-me como eu o comandava na terra desvernizada. E gradualmente, durante um período de algumas semanas, comecei a melhorar, de forma que logo estava ficando dez minutos inteiros sem cair ou escorregar no gelo.

Foi assim que me peguei erguendo os olhos de cada página, em vez de a cada quatro minutos, pois esperava ver Theo subindo pela entrada. E então, um dia, ele simplesmente não apareceu. Eu estava lendo *O monge*, ficando com os cabelinhos da nuca em pé, tremendo no silêncio mortal da torre,

quando olhei ansiosamente por Theo e percebi que mal conseguia enxergar a entrada, pois a claridade estava desaparecendo rapidamente; eu ainda conseguia ler, pois a torre, sendo o ponto mais alto e ocidental de Blithe, era onde o sol permanecia por mais tempo. Fechei o livro e desci. O que poderia ter acontecido com Theo? Por que não tinha vindo? Verdade, havia nevado pesadamente naquela manhã, mas isso nunca o impedira antes. Teria sido proibido por seu tutor? Talvez algum novo trabalho o tivesse mantido ocupado?

Encontrei a sra. Grouse na cozinha.

– Onde você estava? – ela perguntou irritada, acrescentando, antes que eu pudesse responder: – Chegou um bilhete para você – ela disse, exibindo um envelope que abriu tirando e desdobrando uma única folha de dentro. Colocou seus óculos e examinou-o.

– É do jovem sr. Van Hoosier – ela disse, e começou a ler.

Cara Florence,

Sinto por não poder ir hoje. A asma é minha companheira esta tarde. O médico foi chamado, exercícios extenuantes proibidos. Por favor, continue a patinar e dê uma ou duas voltas por mim.

O bilhete terminava com um poema:

Por Florence eu sairia
Mas a asma
com a Hasma
não permitiria.

Gostei deste. Não era exatamente Walt Whitman. Mas era melhor, muito melhor.

Ao dobrar o bilhete e entregá-lo a mim (apesar de não saber o que ela, que me acreditava incapaz de ler, esperava que eu fizesse com ele), a sra. Grouse disse:

– Você deve visitar os Van Hoosiers, perguntar a respeito dele. É o que esperam. É o que uma jovem dama deveria fazer.

– Mas... – eu ia dizer que nunca havia visitado ninguém, pois jamais precisara. Giles e eu nunca havíamos brincado com outra criança, pois não

conhecíamos nenhuma. Esse era um dos motivos por que me preocupava tanto com ele na escola. Mas Giles saindo de casa e Theo visitando tinham mudado isso. Agora eu percebia.

– Muito bem, irei pela manhã.

E a sra. Grouse sorriu e pude sentir seus olhos em minhas costas enquanto eu caminhava até a cozinha para perguntar a Meg que docinhos ela poderia ter que eu pudesse levar para Theo.

Não sei dizer quando começaram as caminhadas noturnas, pois eu as tinha até onde ia minha memória, e, é claro, das caminhadas em si eu não lembrava nada, exceto de acordar em lugares estranhos, como a estufa, por exemplo, e uma vez no quarto de Mary, no sótão, e várias vezes na cozinha. No entanto eu sabia como as caminhadas sempre começavam; era com um sonho, e o sonho era sempre o mesmo.

Nele eu estava em minha cama, como realmente estava, só que era sempre no antigo quarto das crianças, que agora era apenas de Giles, mas que eu compartilhava com ele até a sra. Grouse dizer que eu estava me tornando uma jovem dama e não deveria mais ficar em um quarto com meu irmão. Eu acordava e o luar brilhava através da janela – muitas vezes, embora longe de ser sempre, as caminhadas aconteciam perto da lua cheia – e eu olhava e via uma forma inclinada sobre a cama de Giles. No começo isso era tudo, uma forma, mas gradualmente fui percebendo que era uma pessoa, uma mulher, toda vestida de preto, um vestido preto de viagem com manto e capuz. Enquanto eu olhava, ela colocava os braços em torno de Giles e – ele era sempre muito pequeno no sonho – tirava-o da cama. Então o capuz do manto sempre caía para trás e eu captava um vislumbre do seu rosto. Ela olhava para o rosto adormecido do meu irmão – pois ele jamais acordava – e dizia sempre as mesmas palavras: “Ah, meu querido, eu poderia comê-lo!”. E seus olhos realmente tinham um brilho faminto. Nesse momento do sonho eu queria gritar, mas nunca consegui. Alguma coisa bloqueava minha garganta; era como se uma mão gelada a agarrasse e eu mal pudesse respirar. Então a mulher colocava o manto em torno de Giles e, ao fazer isso, virava-se abruptamente e parecia ver-me pela primeira vez. Ela colocava rapidamente o capuz de volta na cabeça e saía silenciosa e ligeira do quarto, levando meu irmãozinho com ela.

Eu queria segui-la, mas era como se estivesse presa à cama. Meu corpo era como chumbo, e só com um esforço sobre-humano é que eu finalmente

conseguia erguer braços e pernas. Sentava-me e tentava gritar, acordar toda a casa, mas nada acontecia, salvo um gemido de pardal que morria tão logo tocava meus lábios. Eu colocava os pés no chão, firmava-me em pé e caminhava lentamente – os membros ainda não funcionavam como eu gostaria, apesar da urgência da situação –

até a porta. Ali eu olhava para ambas as direções do corredor, mas não sabia para que lado a mulher tinha ido. Não adiantava tentar avaliar as coisas, ela podia ter ido tanto para a direita quanto para a esquerda, e eu estava perdendo um tempo precioso especulando. Então eu escolhia a direita, era sempre a direita, e começava a andar, suplicando às minhas pernas pesadas que se mexessem. E então... e então... eu acordava, sentada no banco do piano da saleta, talvez, ou na cadeira de Meg na cozinha, às vezes sozinha, mas provavelmente cercada pelos criados, que estariam me observando, certificando-se de que eu não me machucaria ou sofreria algum acidente, ou sairia lá fora e me afogaria no lago. Quando eu acordava, minhas primeiras palavras eram sempre as mesmas:

– Giles, Giles, preciso salvar Giles.

E a sra. Grouse ou John ou Meg ou Mary, quem quer que fosse, dizia:

– Está tudo bem, srta. Florence, foi apenas um sonho. O sr. Giles está seguro e profundamente adormecido.

Como eu não me lembrava de absolutamente nada da parte da caminhada do sonho, o que eu sabia das minhas caminhadas noturnas vinha das observações das outras pessoas. Normalmente eu gostava de caminhar pela longa galeria, um corredor envidraçado no primeiro andar que se estendia pela parte central da frente da casa. John me contou que, quando veio trabalhar em Blithe, foi até a taberna da aldeia numa noite de sábado e estava chegando um tanto bêbado quando olhou para a casa e viu uma figura pálida, toda de branco, movimentando-se lentamente pelo longo corredor, visível através de uma janela, depois sumindo para reaparecer novamente através de outra janela. Na época, ele nada sabia a respeito dos meus hábitos noturnos.

– Eu não me importo de lhe dizer, senhorita – ele me disse muitas vezes –, eu não sou católico, mas me benzi ali mesmo. Conhecendo a reputação de Blithe por causa dos fantasmas, como sempre os atraiu e prendeu, me convenci de que o que eu estava vendo era algum espectro maligno. Tinha certeza de que entraria e encontraria todos na casa mortos em suas camas.

A sra. Grouse disse-me que eu sempre caminhava devagar, não como os sonâmbulos normalmente descritos nos livros, com os braços estendidos à frente como se fossem cegos e temessem uma colisão, mas com os braços caídos do lado. Minha postura sempre foi muito ereta e eu parecia deslizar, sem as sacudidelas da caminhada normal, mas suavemente, como se, ela dizia, “você estivesse sobre rodas”.

Era verdade o que John havia falado a respeito de Blithe e os fantasmas. A sra. Grouse considerava tudo aquilo um absurdo, mas Meg uma vez me disse que a população local achava que o lugar atraía os espíritos, que era um de seus locais favoritos, por assim dizer, para o qual se sentiam atraídos como pedaços de ferro em relação a um ímã. E agora, mesmo que fosse apenas eu, Florence, andando pela casa, as caminhadas pareciam ter contribuído para a superstição.

Meg disse-me que, quando acordava do meu sonambulismo, era inútil falar comigo, que parecia não ouvir durante vários minutos. Frequentemente, antes de ser eu mesma, no momento em que parecia ter emergido do sonho, mas ainda não tinha voltado para a vida real, começava a chorar e ficava bastante perturbada, e se alguém tentasse me confortar eu o afastava e dizia: “Não, não, não se preocupe comigo! É Giles quem precisa de ajuda. Precisamos encontrá-lo, devemos!”, ou algo assim.

Depois de três ou quatro noites de sonambulismo, quando começou a se tornar padrão, chamaram o dr. Bradley, o médico local, que veio e me deu uma boa examinada, colocou luzes brilhantes nos meus olhos, mexeu nos meus ouvidos e escutou meu coração, etc. Ele disse que eu estava bem e que provavelmente aquilo era uma manifestação de algum transtorno de ansiedade, o que era apenas natural, considerando-se minha condição de órfã e as reviravoltas da minha primeira infância. Isso era confirmado, ele disse, pelos meus medos concentrados em Giles, que era, afinal, a única presença consistente em minha vida. Li tudo isso em um relatório que encontrei na mesa da sra. Grouse um dia, quando ela tinha ido até a cidade. Fiquei curiosa com as palavras “reviravoltas da minha primeira infância” e “problemas com a mãe de Giles”. Eu não conseguia lembrar nada dos meus pais – minha mãe morreu no parto e meu pai cerca de quatro anos depois com minha madrastra, mãe de Giles, em um acidente de barco. Não lembrava nada deles, e como os criados foram todos contratados depois que meus pais estavam mortos, também não podiam me contar nada. No que

dizia respeito à minha primeira infância, era um vazio, um campo branco de neve, sem nem mesmo a marca de uma gralha.

Antes de ir visitar os Van Hoosiers na manhã seguinte, John chegou da cidade com uma carta, ocorrência rara em Blithe, onde a sra. Grouse recebia correspondência do meu tio talvez duas ou três vezes por ano e até menos. Era para mim, e refleti que, de totalmente desmissivada apenas algumas semanas antes, eu era agora a pessoa mais epistolada das redondezas. A carta era de Giles, é claro, e meu coração quase saiu pela boca quando a sra. Grouse começou a lê-la, depois de ter fungado e dito:

– Hum, parece que acham que não tenho mais que fazer além de passar o dia lendo cartas para você.

Querida Flo,

Obrigado por sua carta. Eu a li tantas vezes e ela está rasgando de tanto dobrar e desdobrar. Gosto do som dos seus patins e mal posso esperar pelas férias. Você acha que Theo Van Hoosier conseguirá encontrar patins que sirvam em mim? Será que o gelo irá aguentar o peso de nós três? Ou revezaremos? Sou muito lento nas aulas, mas não me importo quando os outros riem de mim. É melhor do que levar um soco ou beliscão. Mas você não precisa se preocupar com isso porque não acontece frequentemente. Não tão frequentemente, de qualquer maneira. Espero que esteja bem. Espero que a sra. Grouse e John estejam bem. Espero que Meg e Mary estejam bem.

Seu irmão que a ama,

Giles

A carta a que Giles se referia havia sido escrita, é claro, pela sra. Grouse e por isso não continha nada das coisas que eu gostaria de contar a ele, sobre o quarto da torre, por exemplo (apesar de ainda não ter decidido se contaria ou não sobre isso), e nenhuma das perguntas preocupadas a respeito dele mesmo que eu desejava fazer. Suas referências a socos e beliscões faziam-me tremer, apesar de não estar claro se ele realmente havia sofrido abuso

físico ou se “você não precisa se preocupar com isso porque não acontece frequentemente” referia-se apenas às provocações, mas eu não tinha tempo para refletir sobre isso agora. Estava toda pronta para fazer a visita, por isso peguei a carta da sra. Grouse e enfiei-a no bolso do meu casaco, onde pesou no meu espírito como se fosse a perna de ferro de um condenado ou um pedaço de pão roubado nas calças de um menino. Eu queria andar até a casa de Van Hoosier, mas a sra. Grouse não quis saber. Ficava a cerca de 1,5 km e, apesar de as estradas estarem sem neve, se voltasse a nevar eu ficaria presa na metade do caminho, para não falar que, mesmo se isso não acontecesse, eu morreria de frio. Ela não se preocupava com o fato de eu ter estado no frio todas as tardes. Por isso John me levou na charrete até lá, o que por mim estava bem, pois, quando nos afastamos de Blithe e dos olhares perscrutadores da sra. Grouse, ele me deu as rédeas e me deixou conduzir, como sempre fazia quando a governanta não estava por perto. O velho cavalo que levávamos preso, Bluebird, era tão dócil e conhecia todos os caminhos tão bem que na verdade não havia muito que fazer, e, mesmo que nevasse, era pequeno o perigo de o cavalo sair da estrada e cair em uma vala.

Eu nunca tinha visto a casa dos Van Hoosiers; chegava-se ali por uma longa entrada, e ela ficava no meio de um bosque tão longe da estrada principal que se tornava invisível, exceto pelas chaminés quando passamos. Por isso me surpreendi ao ver que era menor do que Blithe, embora muito maior em todos os aspectos. Podia-se dizer isso logo ao deixar a estrada e passar pelos portões de entrada, que haviam sido pintados recentemente, contrastando com nossos portais descascados e desbotados. As margens do caminho estavam cuidadosamente podadas e o gramado de ambos os lados, milimetricamente aparado. A casa em si brilhava e resplandecia ao sol do inverno; não absorvia a luz como a velha Blithe. John me deixou na porta da frente.

– Vou levar a charrete para trás e esperar na cozinha dos criados, srta. Florence – ele disse, ajudando-me a descer. – É só mandar me avisar quando estiver pronta para ir.

Aproximei-me ansiosamente para puxar o sino. Estava com minha melhor roupa e não me sentia em minha própria pele. A porta foi aberta (silenciosamente, não rangia como quase todas as portas de Blithe) por um homem uniformizado.

– Pois não, madame – ele disse, com um olhar inquisitivo.

– Eu... eu vim saber como está passando o sr. Van Hoosier – murmurei. – Isto é, quero dizer, o jovem sr. Van Hoosier.

– E a senhora é...?

– Florence, de Blithe House.

Ele manteve a porta aberta e inclinou-se dando-me passagem. Vi-me em um grande salão com uma grande escadaria, candelabros e cristais, espelhos por toda parte, de forma que fiquei cercada pelo que parecia ser uma dezena de garotas pálidas e desajeitadas, olhando para mim de todas as direções.

– Se esperar um instante, senhorita, vou dizer à sra. Van Hoosier que está aqui.

Ele saiu, com os calcanhares fazendo barulho no piso de ladrilhos. Olhei para mim mesma nos espelhos mais uma vez e decidi concentrar-me nas minhas botas, que eu achava muito mais confortáveis. Depois do que pareceu uma eternidade – imaginei que ele tivesse um longo trajeto a percorrer –, o homem voltou e convidou-me a segui-lo. Conduziu-me por um longo corredor, abriu uma porta e insinuou-me em uma pequena sala de estar onde a sra. Van Hoosier estava sentada a uma escrivaninha de noqueira, evidentemente no meio da escrita de uma carta. Ela ergueu os olhos e adoçou-me com um sorriso.

– Entre, querida, entre e fique à vontade. Você deve ter congelado enquanto vinha para cá.

Ela se levantou, deu a volta na escrivaninha e cumprimentou-me. Dei-lhe o saquinho com biscoitos que havia trazido.

– Para Theo – expliquei.

Ela abriu o saco e deu uma espiada no conteúdo e depois, sem comentário, colocou-o sobre a escrivaninha e apontou-me uma poltrona perto da lareira.

– Melville, traga-nos café e bolo, sim?

Ouvi a porta se fechar às minhas costas. Sentei-me. Eu havia encontrado a sra. Van Hoosier apenas uma vez, quando foram até Blithe nos apresentar a Theo. Prestei pouca atenção a ela nessa ocasião, muito mais tomada por

Theo e imaginando quanto tempo levaria até ele quebrar alguma coisa. Observando-a agora, o que mais me impressionou foi que grande navio de guerra era aquela mulher. Era alta, e dava para ver de onde Theo havia tirado sua altura, mas ela era também cheia, sólida, não flexível como seu menino. Era dotada de grandes seios que se projetavam à sua frente; podia-se colocar alguma coisa ali, um vaso de flores e um busto de Beethoven, e uma ou duas fotografias de família, talvez. O cabelo era amontoado acima da cabeça, o que provavelmente lhe acrescentava alguns centímetros. Quando me sentei ela se agigantou sobre mim, o que não ajudou a diminuir meu nervosismo.

Ela colocou uma das mãos sobre a cornija da lareira e inclinou-se.

– Eu... eu vim saber de Theo, quer dizer, do sr. Van Hoosier – murmurei.

– Esperava talvez visitá-lo e quem sabe animá-lo.

Ela exibiu um sorriso insincero. Parecia uma careta.

– Ah, sim, quanta gentileza sua, mas receio que isso não será possível. Ele está muito doente. O médico proibiu qualquer emoção.

Sorri com a ideia de que poderia constituir alguma emoção.

– Acha isso divertido?

– Ah, não, madame, absolutamente. Era só, bem... – minhas palavras sumiram.

A porta abriu-se e Melville reapareceu com uma bandeja. A sra. Van Hoosier sentou-se do outro lado da lareira. Melville aproximou uma mesinha e colocou a bandeja. Ele colocou outra mesa ao meu lado.

– Está ótimo, Melville. Pode ir...

Ela serviu o café, colocou leite e me deu uma xícara.

– Você tem gostado da companhia de Theo, parece.

Acenei com a cabeça.

– Ah, sim...

– Bem, é claro, ele é um garoto fascinante.

Não é a palavra que eu usaria para Theo.

– E pensei que seria bom para ele ter uma companhia aqui.

Tomei um gole nervoso do café. Ela levou a xícara até os lábios, mas parou, baixando-a ligeiramente.

– Mas agora penso, em vista do que aconteceu, se isso não foi um erro.

– Um erro?

Ela ofereceu um prato de biscoitinhos, mas declinei. Serviu-se de um e colocou-o inteiro na boca, mastigando-o lentamente por alguns instantes. O relógio em cima da cornija começou a bater mais alto. Ela engoliu.

– Sim, um erro. Toda essa patinação e atividade no frio. Acho que não foi bom para seu peito.

– Mas, sra. Van Hoosier, se me permite o atrevimento...

– Não permito.

Ela colocou outro biscoito na boca e mastigou com tanta raiva que senti pena dele. Quando ele finalmente morreu, ela se virou e me encarou, como se fosse uma cientista e eu uma espécie de inseto que ela examinava ao microscópio.

– O problema, Florence, é que a deixam andar solta. Acho que seu tio deveria ficar de olho em você. Ser guardião é mais do que prover de casa e comida.

Perguntei avidamente:

– Conhece meu tio?

– Não, receio não ter tido o prazer, nunca sequer ouvi falar do homem até comprarmos este lugar, apesar de ter encontrado sua madrastra uma vez.

– Como era ela?

A sra. Van Hoosier comprimiu os olhos, como se estivesse se fechando para o presente e olhando para um passado distante. Por fim, ela os abriu e pegou um sino na mesinha ao lado.

– Isso foi há muitos anos, quando ela não era muito mais que uma menina. Era bonita, embora não muito sofisticada, mas fora isso eu não me lembro de absolutamente nada. Depois soube que havia se casado com alguém destas paragens.

Ela tocou o sino.

– Acho que era meu pai – eu disse.

– Assim parece – ela disse.

– E eles morreram, em um acidente de barco, creio.

– Que trágico – disse a sra. Van Hoosier, como se não fosse.

Melville apareceu na porta.

– De qualquer forma – ela continuou –, acho que talvez fosse uma boa ideia se Theo a visitasse um pouco menos. Ele tem as aulas e, com sua doença, o tutor teme que ele fique para trás...

– A... a senhora vai impedir suas visitas?

Fiquei chocada com essa importância súbita. Não imaginava que fosse me importar.

– Não, minha cara, eu não gostaria de privar meu filho de toda a diversão. Só irei controlá-las um pouco, é tudo. Acho que emoção demais não é bom para ele. Melville, peça que tragam a carruagem da senhorita, sim?

A quela noite foi toda vira-e-mexe e esperando o amanhecer; estava com a cabeça cheia demais para dormir. De uma garota que tinha tempo demais à disposição, agora estava inteiramente ocupada com todas as coisas que estavam acontecendo em minha vida. Primeiro, havia o pobre Giles, e as entrelinhas de suas cartas. Além daquela frase ambígua sobre socos e beliscões, não havia nada em que eu pudesse realmente me apegar, nenhuma reclamação direta, embora eu tivesse certeza de que ele o faria se realmente estivesse com problemas ou contrariado. Então, em um dos meus muitos despertares, ocorreu-me por que não havia pensado nisso antes. É claro, suas cartas seriam censuradas; uma professora as leria antes de permitir que fossem enviadas para casa. Qualquer atrevimento certamente seria cortado; a escola não iria querer que más impressões fossem transmitidas para deixar os pais ansiosos; isso não. Como você pode imaginar, esse pensamento não me tranquilizou nem um pouco.

Depois eu estava pensando em Theo Van Hoosier. Não apenas em como sentia falta de suas visitas, por mais estranho que ele fosse, mas também em como a sra. Van Hoosier havia se intrometido com sua determinação de que poderia continuar a me visitar, mas com menos frequência. Teria sido melhor se ela o tivesse banido de uma vez. Do jeito que estavam as coisas, eu não poderia ir para a biblioteca às tardes, mas teria que continuar vigiando Theo da torre. Só que agora seria muito mais do que três páginas e meia, pois haveria muito mais tardes em que Theo não apareceria, e seria frustrante nunca saber quando ele estivesse vindo e quando não, por isso teria que ficar mais tempo, e na maioria das vezes sem motivo algum. Amaldiçoei Theo por ter entrado em minha vida e por todos os inconvenientes e, ao mesmo tempo, vi-me sentindo sua falta e desejando que estivesse ali. Era a gralha e a neve virgem de novo.

Mas a coisa mais despertante naquela noite não foi o que a sra. Van Hoosier disse a respeito do filho, e sim os comentários descuidados sobre

meu tio e minha madrastra. Mesmo quando estava pensando em Theo, ou me preocupando com Giles, quaisquer que fossem meus pensamentos, eles continuavam subjacentes.

É claro que eu não havia chegado até aqui sem jamais ter pensado em meus pais. Tinha tentado fazer perguntas à sra. Grouse sobre eles, mas ela sempre me obstruía. “Só sei o que me contaram. Sua mãe deixou o mundo quando você chegou e seu pai morreu em um acidente de barco, junto com a mãe do sr. Giles, quando ele era ainda bebê”, era tudo o que ela dizia.

Tentei seguir outra direção, perguntando-lhe sobre minha linhagem, dizendo-lhe que, desde que Giles e eu temos o mesmo sobrenome de nosso tio, então nosso pai devia ser seu irmão. “Encontrei seu tio uma vez apenas, srta. Florence”, ela disse, como que contornando a pergunta não para evadir-se, mas para eliminar qualquer possibilidade de cometer um erro, “e isso foi em Nova York, quando ele me contratou para vir para cá administrar a casa e olhar por você e o sr. Giles. Você estava com 4 anos e isso é tudo o que sei. Não falamos sobre sua árvore genealógica.”

Agora eu pensava em como poderia descobrir mais se escrevesse para meu tio e simplesmente lhe pedisse diretamente para me dizer quem eu era e tudo sobre meus pais, mas é claro que não era tão simples. Meu tio havia dado ordens estritas para me analfabetizarem; ele não ficaria satisfeito ao encontrar minha caligrafia entre sua correspondência da manhã.

Era óbvio que não adiantava voltar à sra. Grouse. Ela era uma alma simples e de sentimentos transparentes; era como George Washington, não conseguia mentir. Se estivesse escondendo alguma coisa, eu teria adivinhado imediatamente. Ela nada me disse, porque simplesmente nada sabia. Perguntar-lhe novamente a respeito de minha mãe e de meu pai não me traria mais informação, só a deixaria alerta em relação à minha curiosidade e a qualquer outra ação da minha parte.

Que ação poderia ser essa era um enigma. Passei uma tarde inteira na torre não lendo, mas pensando nisso, e cochilando, é claro, após a noite maldormida. Todas as vezes que sentia a cabeça cair e a erguia para acordar, tinha que descer correndo até a entrada para ver se havia perdido Theo, mesmo sabendo em meu coração que ele não viria naquele dia; não podia correr o risco. Queria que ele estivesse lá e, de volta à torre após a descida infrutífera, fingia que estava e nos imaginava frente a frente, eu na poltrona, ele na cadeira vitoriana, discutindo meu problema.

“Então é isso”, eu diria a ele, tendo resumido a coisa toda. “O que posso fazer?”

Ele coçava o queixo, levantava-se e caminhava da maneira mais sistemática, com longas passadas, mãos nas costas. Finalmente parava e olhava para mim, abrindo um sorriso. “Documentos”, ele dizia.

“O que você quer dizer?”, eu perguntava.

Ele se aproximava e flexionava um dos joelhos, segurando meus braços com as mãos grandes e ossudas. “Você não percebe? Deve haver algum documento seu. Todo mundo tem documentos. E eles devem estar em algum lugar em Blithe House.” Ele me soltava e ficava olhando para mim, esperando uma reação.

Levantava-me ansiosa da poltrona e depois caía de volta. “A menos que meu tio os tenha levado com ele para Nova York.”

Meu Theo imaginário dava de ombros, o que o deixava parecido com um louva-deus tentando trocar de pele. “Talvez. Mas pode ser que não. Vale a pena tentar.”

Eu poderia tê-lo abraçado, mas, é claro, ele não estava ali, e, mesmo que estivesse, isso poderia ensejar outro poema. Em vez disso, olhei pela janela para a entrada vazia de sua figura desengonçada, e assim agradei sentindo mais sua falta.

Theo estava certo. Embora minha criação tivesse me desmundanizado, eu sabia por minhas leituras que ninguém passa por esta vida ou mesmo por parte dela sem que algo esteja escrito em algum lugar. Eu devia estar documentada como qualquer outra pessoa; tudo o que precisava fazer era procurar o papel. Blithe era uma grande residência, mas não havia muitos lugares onde os papéis pudessem estar guardados.

Comecei na manhã seguinte na biblioteca, pois ali havia muito papel. Estava em busca de qualquer coisa que não fosse inequivocamente um livro, um registro talvez, ou algum tipo de arquivo. Você deve pensar que em quatro anos andando livremente pelo lugar eu teria visto algo assim se estivesse por ali, mas é preciso lembrar que o espaço não só era imenso, mas também que até então apenas os livros me interessavam.

Bem, foi toda uma semana infrutífera de manhãs na biblioteca. Desordenei o lugar, tirando das prateleiras todos os livros, abrindo e sacudindo-os para soltar qualquer documento escondido que pudessem

conter; não havia nenhum. Subi e desci as escadas até ficar tonta; meu nariz coçava e minha cabeça doía pela *overdose* de poeira, mas nada encontrei.

Às tardes eu me deprimia em minha torre, inquieta demais para ler, cegando-me a olhar para a neve lá fora, como se esperasse encontrar algum indício de onde os papéis que eu procurava poderiam estar. Finalmente começou a ficar óbvio para mim que, embora meu tio pudesse não ter visto nenhuma utilidade nos livros quando deixou Blithe, ele certamente levara todos os documentos com ele. Perdi as esperanças de encontrar alguma coisa ali.

Então, naquela tarde, quando já tinha desistido da minha busca e nem estava mais pensando nela, o acaso colocou uma possível resposta no meu caminho. Eu tinha rasgado a meia em um prego de uma das escadas da biblioteca e era meu último par, e pensei que talvez fosse uma boa desculpa para ir à cidade; nós, crianças, quase nunca íamos lá, talvez apenas três ou quatro vezes por ano, mas pensei que a sra. Grouse talvez desse permissão a John para me levar. Isso me desatentaria do desespero dos meus dias solitários.

Por isso bati à porta de sua saleta e, não obtendo resposta, diante da porta ligeiramente aberta, entrei. O lugar estava vazio. Ela deveria estar na cozinha ou em outro lugar da casa, ou talvez lá fora, no celeiro, dando a John alguma instrução ou qualquer outra coisa. Andei pelo aposento, observando os enfeites sobre a cornija e o bordado feito pela metade na poltrona. Acabei aproximando-me da escrivaninha e, por falta de coisa melhor para fazer, vi-me ajeitando o mata-borrão que estava de qualquer jeito em cima da escrivaninha, alinhando-o com o tinteiro e sua caneta. Então, sentindo-me travessa, aboletei-me em sua cadeira, pensando em experimentar como seria ser como ela. “Florence, onde é que você estava?”, repreendi com severidade o meu eu imaginário, compungido do outro lado da escrivaninha, as mãos atrás das costas, a cabeça baixa. “Já lhe disse uma centena de vezes”, então me interrompi, pois diante de mim vi o que deveria ter imaginado desde que começara minha busca.

A escrivaninha tinha duas gavetas, uma ao lado da outra. Olhei para a porta para me certificar de que a sra. Grouse não estava voltando e, sem perigo à vista, agarrei o puxador da gaveta da direita e abri. Ali estava o livro de contas da sra. Grouse, que eu tinha visto sobre a escrivaninha milhares de vezes. Depois de pousar os olhos nele, levantei-o para ver que

outros tesouros a escrivaninha poderia conter. Estava cheia de pedaços de papel, separados em pequenas pilhas, todas organizadas com presilhas. Peguei-as uma após outra, decepcionando-me imediatamente. Nada além de contas, esta pilha do armazém, aquela do estábulo, outra do vendedor de tecidos. Não havia nada além disso. Coloquei-as no lugar e o livro de contas e fechei a gaveta.

Nesse momento ouvi vozes no corredor. A sra. Grouse e Meg. Ela entraria na sala a qualquer momento. Não havia tempo para examinar a segunda gaveta sem ser pega, tinha que sair da cadeira rapidamente e afastar-me da escrivaninha ou enfrentar as consequências, mas... bem, não consegui evitar, tinha que ver o que havia na gaveta. Com o coração na boca alcancei o puxador, pois podia ouvir a aproximação de passos do lado de fora, a sra. Grouse prestes a entrar. No entanto, agarrei o puxador e... nada aconteceu. A gaveta estava presa, trancada.

Nesse momento a porta da sala começou a se abrir e eu quase gritei de susto, mas então ouvi a voz de Meg na outra ponta do corredor, e a sra. Grouse – pois era ela na porta – parou para responder. Saí da cadeira e corri para o outro lado da sala, e estava olhando inocentemente pela janela quando a governanta entrou atrás de mim.

– Ah, aí está você, Florence. Queria alguma coisa?

Contei a ela a respeito da meia, o que levou a uma conversa sobre o fato de eu estar crescendo rápido e precisar de roupas novas.

– Deixe-me dar uma olhada no livro de contas e ver o que podemos fazer – ela disse.

Fiquei com o coração na boca de novo quando ela abriu a gaveta, aterrorizada com a possibilidade de ela perceber algum desarranjo no conteúdo. Isso não ocorreu e, satisfeita que Blithe poderia bancar, autorizou uma viagem no dia seguinte, ela mesma e eu, até a cidade.

O passeio até nossa pequena cidade distraiu-me, embora não estivesse acolhendo alguém entediado, e sim me afastando da minha tarefa urgente. Nos dias seguintes, vaguei pela casa, desbibliotecando de manhã, destorrerizando à tarde, pois não conseguia pensar em mais nada além daquela gaveta trancada e em como poderia conseguir a chave.

Quase salivava cada vez que a sra. Grouse passava por mim com o tilintar das chaves da casa no grande aro de ferro que ela usava no cinto, soando como o sino do jantar para um homem faminto. Seria impossível roubá-las,

pois ela sentiria sua falta no instante em que desaparecessem, mesmo que eu conseguisse fazer uma mágica para tirar o aro do cinto, o que, apesar de todo o meu desejo, eu não conseguiria.

Minha oportunidade chegou um dia ao escurecer quando eu a vi através da janela da saleta, lá fora, conversando animadamente com John. A conversa parecia acalorada, da parte dela, pois John jamais perdia a calma. Era evidente que ela o estava repreendendo; sem dúvida ele havia perdido alguma coisa em algum lugar, pois ela havia sido encarregada por meu tio de manter todas as despesas de Blithe com rédea curta. Essa era minha chance. Saí da casa correndo e cheguei perto dela sem fôlego.

– Sra. Grouse, sra. Grouse! – gritei ao me aproximar.

Ela me lançou um olhar aborrecido com a interrupção.

– O que é agora, criança?

– Por favor, sra. Grouse, derrubei minha agulha no chão do meu quarto e não posso procurar porque não tenho uma vela. Poderia pegar uma nova para mim, por favor?

Ela suspirou exasperada. Estava no meio da reclamação e não queria ser interrompida. Em um instante ela tirou o chaveiro do cinto e o entregou a mim segurando uma determinada chave.

– Aqui, Florence, abra o armário grande da despensa e pegue uma, apenas uma, lembre, depois tranque o armário e traga as chaves de volta para mim.

Saí correndo. Normalmente essa seria a chance de furtar uma ou duas velas extras para a biblioteca, mas não prestei atenção a isso. Fui direto para a saleta da governanta e sua escrivanhinha. Aí começou uma ansiedade de tentativas com as chaves. Devia haver umas trinta chaves naquele anel e eu sabia que tinha apenas um ou dois minutos para encontrar a que eu queria. Muitas eram obviamente grandes demais, grandes chaves de portas, por isso me concentrei em cerca de uma dúzia de chaves pequenas que podiam ser de gavetas ou armários. Tive sorte na quarta tentativa. Ela entrou graciosamente na fechadura, como uma criança na cama quentinha em uma noite fria. Girou com um clique de satisfação.

Fiquei tentada a abrir a gaveta, e era só o que poderia fazer naquele momento, mas sabia que, se fizesse isso e encontrasse algo, não teria forças para deixar de olhar e acabaria sendo pega. Deixei a gaveta destrancada, o que era minha estratégia desde o começo, e corri de volta para fora. Não havia tempo para ir até a despensa à procura da vela, por isso torci para que

a sra. Grouse não pensasse nisso ou, se pensasse, deduzisse que estava em meu bolso e não pedisse para ver.

Felizmente ela ainda estava ocupada reclamando com John e simplesmente pegou as chaves sem me dirigir uma palavra ou mesmo um olhar, e afastei-me rapidamente, antes que ela voltasse sua atenção para mim. Subi até meu quarto e puxei a caixa com velhas bonecas e coisas infantis que estavam havia muito tempo sem brincar debaixo da cama. Era ali que eu guardava meus livros da hora de dormir, pois eu era a única a mexer na caixa. Também era meu esconderijo de velas furtadas, que eu precisava para a biblioteca e para ler na cama à noite; eu pegava uma sempre que podia. Por exemplo, quando ficava sozinha na saleta, eu tirava uma vela do candelabro, quebrava a metade de baixo, guardava-a no bolso e recolocava a parte de cima; ninguém jamais reparou que as velas estavam ficando menores. Nos candelabros duplos eu agia nas duas velas dessa maneira, para manter a aparência de que estavam queimando no mesmo ritmo.

Essa noite eu pretendia abrir a gaveta que tinha destrancado e examinar seu conteúdo, se tivesse algum, e para isso eu iria precisar da minha própria vela. Não podia me arriscar a acender as velas da saleta da sra. Grouse. Ela poderia notar no dia seguinte que haviam queimado misteriosamente durante a noite; e se por acaso alguém me ouvisse e entrasse na sala, mesmo que eu percebesse e conseguisse apagar as velas primeiro, poderiam notar a fumaça saindo ou que a vela estava quente e macia. A minha vela eu poderia apagar, colocar debaixo do tapete perto da escrivaninha da sra. Grouse e recuperá-la de manhã.

Minha intenção era fingir uma crise de sonambulismo, o que havia feito muitas vezes antes, quando perdia o sono e queria ir até a biblioteca durante a noite. Meu sonambulismo já me havia sido descrito tantas vezes que eu sabia exatamente como deveria caminhar, com que postura, ritmo, expressão facial, etc. Mas havia uma dificuldade extra dessa vez: como a minha camisola não tinha bolsos, não poderia levar vela e fósforos comigo, pois, se fosse pega, ficaria óbvio que o passeio tinha sido planejado e nada tinha de sonambulismo. Por isso, levei minha vela e fósforos para baixo e os escondi em um vaso de planta do salão. A planta era um arbusto com folhas grandes, sob as quais meu equipamento de iluminação não seria visto.

Nessa noite fiquei acordada na cama até tarde, ouvindo os sons da velha casa enquanto se acalmava para a noite, os chiados e gemidos, enquanto relaxava depois de um longo dia contendo todas as pessoas e nossos medos e esperanças e segredos. De vez em quando eu ouvia a pequena garota no sótão acima de mim fazendo piruetas nas barras. Finalmente, em algum relógio soou a meia-noite e, satisfeita porque todos os sons humanos haviam cessado, saí da cama.

Desci o mais rápido que pude no escuro, o que não era rápido, por precisar tomar cuidado para não bater nas coisas e acordar a casa. Finalmente cheguei ao salão e tateei até encontrar o vaso de planta e, encontrando-o, meti as mãos em suas folhas araneiformes. Senti a terra, mexi e mexi, e não toquei na vela ou nos fósforos. De algum lugar acima veio o gemido de alguém adormecido acordando e virando-se. Meu coração estava em pânico desatado agora. Fiquei alarmada ao pensar que alguém tivesse encontrado a vela e os fósforos, talvez Mary ao regar as plantas, o que significava que não só minha missão havia sido derrotada, mas que amanhã eu seria desmascarada.

A imagem de Mary regando as plantas inesperou-me uma inspiração. É claro, havia mais de uma planta! Eu estava no vaso errado. Coloquei as mãos cegamente à minha frente e senti outro vaso, o gêmeo do meu primeiro encontro e, de fato, lá estavam a minha vela e os fósforos. Parei e coloquei a mão na testa, que estava lisa com suor, embora a noite estivesse fria e meus pés, congelados no assoalho nu.

Risquei um fósforo e acendi a vela, encontrei a porta da saleta da sra. Grouse e entrei, fechando a porta silenciosamente atrás de mim. Ergui a vela, examinando a sala para verificar se estava vazia, pois minha mente meio que esperava encontrar a sra. Grouse ali sentada, esperando para me pegar, velha esperta que era. Não havia ninguém.

Olhei a escrivaninha, coloquei minha vela cuidadosamente e sentei-me na cadeira da dona. O puxador de metal da gaveta da esquerda era frio e proibitivo ao toque. Meu grande medo era que a sra. Grouse a tivesse descoberto destrancada e a tivesse trancado novamente. Pois eu não tinha ideia do que ela guardava ali ou com que frequência a abria. Em primeiro lugar, por que a mantinha trancada? Talvez porque o dinheiro da casa estivesse guardado ali. E se fosse assim, e se ela tivesse precisado pagar um comerciante ou os criados? Respirei profundamente e puxei. A gaveta

cedeu, apesar de dura e relutante. Puxei-a lentamente, sentindo meus dentes enquanto a madeira reclamava, com a certeza de que a casa inteira iria acordar. Mas eu não podia esperar para ouvir, pois lá dentro vi um único objeto, um livro grande, com capa de couro, a camada de pó testemunhando sua longa desperturbação.

Engoli e retirei-o cautelosamente, como se fosse uma relíquia sagrada, os ossos de algum santo que, mal manuseados, poderiam virar pó. Coloquei o livro na escrivaninha e abri e vi imediatamente o que era, um álbum de fotografias, como os que Mary havia me mostrado uma vez de toda a sua família, alguns anos antes.

A primeira página tinha apenas uma foto, um homem de terno em pé diante de Blithe House. Identifiquei-o imediatamente, pois era o mesmo rosto da pintura na curva da escada: meu tio. Tinha o mesmo olhar atrevido, o mesmo ar ligeiramente divertido nos lábios. Virei a página. Ali estava ele de novo, mas dessa vez retratado no estúdio de algum fotógrafo, perto de uma planta no vaso. Ao lado dele, estava uma mulher de vestido branco, uma mulher bonita, o braço enganchado no seu, também sorridente, mas com uma alegria leve e solta, não como o homem, que, olhando de novo, parecia satisfeito consigo mesmo, como um pescador orgulhoso de um grande peixe que pescou.

Virei a página e encontrei outra foto de meu tio, de novo com uma mulher, mas, fosse ou não a mesma mulher, eu não saberia dizer, porque a foto havia sido cortada, com um buraco no lugar em que a cabeça da mulher havia estado. Estremeci na noite silenciosa e olhei por cima do ombro, sentindo subitamente um homem parado ali com uma faca para fazer comigo o que havia sido feito com a mulher da fotografia. Não havia ninguém ali, mas eu já começava a ver formas nos cantos ensombreados da sala. Olhei de novo para a foto, para a mulher decapitada, e acalmei-me um pouco, dizendo a mim mesma que era bastante compreensível, que alguém havia removido sua cabeça para colocá-la em algum armário ou algo assim. Não era nada sinistro. Então voltei para a primeira fotografia e depois de novo para a segunda. As mulheres não eram a mesma, pois a primeira era mais alta, muito mais alta que esta, o que eu podia ver apesar da ausência da cabeça da segunda. Esta devia ser pelo menos um palmo mais baixa.

Virei a página de novo. Mais uma vez meu tio com a segunda mulher, e de novo sem cabeça. Então uma terceira foto. Dessa vez com a mulher

segurando um bebê, um bebê pequeno, parecia, embrulhado e engolido por um longo xale branco. De novo, o rosto da mulher havia sido cruelmente cortado. Fui para a página seguinte e havia outra foto, igual à última, só que agora uma criança pequena, uma menina, tinha se juntado aos outros. Ela estava em pé ao lado deles, os lábios apertados, olhando fixamente para o fotógrafo, como se estivesse pronta a pular em cima de quem se aproximasse, e seu olhar me fez estremecer e pensei em como não gostaria de encontrar essa criança, especialmente agora, na calada da noite. E então percebi algo familiar, aqueles olhos desafiadores, e me dei conta: a criança assustadora era eu.

Virei a página e não havia mais fotos. Voltei freneticamente. O grupo familiar. Se a menina era eu, então o bebê devia ser Giles, e a mulher sem rosto sua mãe, minha madrasta, a mulher que tinha se afogado. Mas, se fosse isso, por que estavam com meu tio? Não fazia sentido.

Encarei o homem durante algum tempo. Pela pose, pela postura solta, certamente era o marido da mulher e pai dessa família. Mas como podia ser isso? Como o meu tio poderia ser meu pai? Olhei-o mais atentamente. Talvez, afinal de contas, ele não fosse o homem da pintura a óleo na curva da escada. Era muito, muito parecido, mas talvez não fosse o mesmo. E então tudo fez sentido para mim. Não era meu tio, afinal, mas seu irmão, que tinha a semelhança familiar. Eram quase gêmeos, quase idênticos. Tendo digerido isso, outro pensamento ocorreu-me e voltei freneticamente para a primeira página. O homem era definitivamente o mesmo das outras fotos, indubitavelmente. Então, essa outra mulher, essa mulher tão feliz e orgulhosa devia ser minha mãe, que morreu antes mesmo de conhecer sua menininha.

Olhei e olhei e, quanto mais olhava, mais as feições da mulher ficaram turvas, pois meus olhos embaçaram e tive que fechar o livro com medo de molhá-lo. Fechei os olhos e inspirei profundamente. Abri a gaveta, coloquei o livro de volta e relutantemente a fechei. Peguei minha vela e fósforos e fui para a porta. Estava quase fora quando tomei uma decisão repentina. Virei-me e voltei correndo até a escrivaninha, abri a gaveta, tirei o livro, abri-o na primeira página e arranquei a foto de minha mãe. Recoloquei o álbum, fechei a gaveta, saí da sala e subi depressa com a vela iluminando o caminho. Tirar a fotografia foi uma atitude precipitada, pois, se tivesse sido pega, não poderia fingir sonambulismo. Por isso imaginei que podia

também correr o risco e iluminar meu caminho. Mas nada aconteceu na volta até meu quarto e, depois de não sei quanto tempo olhando para a foto de minha mãe, em algum momento peguei no sono.

No dia seguinte levei minha preciosa fotografia para minha torre, onde poderia olhá-la e conversar com ela sem medo de ser descoberta. E era o que estava fazendo alguns dias depois quando, por mero acaso, levantei o olhar e reconheci uma figura alta e magra lutando para cruzar a neve da entrada. Fiquei contente, pois fazia quinze dias desde que o vira pela última vez e ansiava por contar-lhe minhas novidades.

Mas, assim que o encontrei na porta da frente, minhas esperanças se desfizeram. Ele só podia ficar um pouco, não tinha tempo nem para patinar, na verdade tinha vindo pegar os patins, pois precisaria deles em Nova York.

– Estão me mandando de volta – ele anunciou. – O médico disse que estou melhor e vão me colocar na escola para a última semana antes das férias.

Peguei meu casaco e seus patins e descemos estranhamente pela entrada. Fiz uma bola de neve pesarosa e atirei nele, pegando-o no rosto, fazendo-o gritar, e felicitei-me por tê-lo machucado.

– Estou tão sozinha – eu disse. – Você não imagina como é. E aparece correndo todo jovial, não tem tempo sequer para ouvir minhas novidades e ver o que tenho para lhe mostrar.

– Voltarei no próximo ano quando a família vier para o verão novamente. O tempo passará rápido. E Giles chegará para as férias de Natal a qualquer momento.

Ele enfiou a mão no bolso, tirou um pedaço de papel e atirou-o na minha mão. Então, sem outra palavra, virou-se e foi caminhando pela neve. Fiquei olhando até o último momento, quando ele virou na estrada principal e desapareceu. Então desdobrei o papel que ele me dera e li:

Não posso falar, não posso conversar
Pois para Nova York vão me mandar
Mas não irei feliz inteiramente

Pois meu coração ficará aqui com Florence

Era um poema tão ruim que dobrei o papel de novo e não consegui evitar um soluço.

Theo estava certo, eu teria a volta de Giles para esperar, e segui solitária, mal conseguindo ler, todo o meu ser esperando com impaciência. E finalmente chegou o dia em que John colocou os arreios em Bluebird e fomos até a estação de trem, ele e a sra. Grouse e eu, para encontrar meu querido irmão. Ficamos ao lado do trilho enquanto o grande dragão de ferro se aproximava com seu rugido metálico, e então parou ao nosso lado soltando uma nuvem de fumaça que nos envelopou a todos. Quando a névoa começou a se dissipar, diante de nós, na plataforma, estava Giles, procurando em meio ao nevoeiro. Juntamo-nos atirando os braços e trocando muitos beijos. Meu irmão não conseguia ficar quieto: pulava para cima e para baixo, dançava com um pé e com o outro e balbuciava coisas sem sentido. Foi só quando estávamos na charrete, deixando a cidade, em silêncio, exceto pelo cavalgar de Bluebird, que entendi por que Giles estava tão excitado.

– Não vou voltar, Flo, não vou voltar!

A sra. Grouse olhou-me incrédula pelas costas dele.

– Bem, não, não por um tempo, sr. Giles. De qualquer maneira, não até depois do Natal.

Ele se virou para ela.

– Não, sra. Grouse, você não entende. Nunca mais!

Era verdade. Quando chegamos a Blithe, Giles abriu sua mala e apresentou uma carta. É claro, como eu não poderia ler, a sra. Grouse não a mostrou para mim, também não a leu em voz alta, exceto por uma ou duas frases, “uma disposição muito tímida e frágil para o tumulto de uma escola de meninos muito animados”, “não suficientemente maduro ou academicamente avançado”, “um ou dois incidentes que, apesar de triviais em si, causaram preocupação, dada a sua natureza algo vulnerável”, “sugerimos que um tutor em casa seria mais apropriado neste momento, possivelmente com a natureza mais suave de uma professora”. Eu não

precisava ver tudo, deduzi o resto. Obviamente a natureza simples de Giles tinha-o levado a ser abusado. Era mais fácil removê-lo do que lidar com os provocadores, e era isso o que a escola havia feito.

A sra. Grouse, toda preocupada, dobrou a carta e guardou-a no bolso. Peguei a mão de Giles e apertei-a. Quase comemorei em voz alta. Era uma notícia tão maravilhosa. Meu irmãozinho estava salvo e seguro, e eu não estaria mais sozinha. Tudo seria como sempre foi.

A sra. Grouse mordeu o lábio.

– Devo escrever para seu tio a respeito disto. Ele terá que contratar alguém, uma governanta, eu acho. – Ela ergueu os olhos e, ao nos ver sorrir, também ficou radiante. – Mas não agora. Não vou escrever ainda. Preciso pensar bastante, uma carta para seu tio, pois tenho ordens estritas para não o incomodar, e não tenho tempo nesta época do Natal. Vamos tirar o Natal do caminho e então escreverei.

Bem, como você pode imaginar, foi como nos velhos tempos. Eu tinha pedido à sra. Grouse que comprasse patins para Giles como presente, e na manhã de Natal fomos para o gelo e nos divertimos caindo e levantando e voltando a uma época em que éramos pequenos. Vendo Giles tão feliz e despreocupado no lago, tão doce que ria até quando se machucava, pensei que nunca mais o deixaria sair para o mundo, onde seria maltratado e torturado, e me esforçaria para mantê-lo sempre aqui ao meu lado em Blithe, onde eu poderia protegê-lo de todas as coisas ruins de fora.

Pensei em mostrar a ele a fotografia de minha mãe, mas então percebi que não poderia, mesmo estando tão ansiosa, porque então teria que explicar sobre sua própria mãe. O vandalismo chocante perpetrado contra sua imagem nunca deveria chegar ao seu conhecimento. De que adiantaria, de qualquer maneira, mostrar-lhe fotos de sua mãe sem o rosto? O que ele sentiria senão que a profanação da mãe era um ataque cruel a ele mesmo? Por isso, mordi a língua e me autoaconselhei. Não deixaria que nada estragasse a nossa felicidade.

Mas é claro que isso aconteceu. Ou melhor, alguém estragou. Um mês depois, a srta. Whitaker chegou.

Bem, quanto menos falarmos sobre Whitaker, melhor, pelo menos em sua primeira encarnação. Era uma jovem tola que parou feito boba diante do quadro de meu tio na escada, tagarelando sobre como era bonito e como parecia atraído por ela quando a entrevistou e deu-lhe o posto de preceptora de Giles antes que ela dissesse uma palavra. Enxerguei tudo imediatamente; estava claro que nosso tio, que não tinha tempo algum para nós, não podia se dar ao trabalho de questionar aquela mulher idiota e queria esquecer o assunto rapidamente. Até me perguntei se ela não teria sido a única pessoa que ele viu para o posto, pois qualquer outra teria sido preferida.

Basta dizer que não vi o coração gelado dessa criatura então, ou as coisas talvez tivessem sido diferentes. Tudo o que percebi foi que negligenciava Giles, por quem demonstrava menos interesse que em escovar os cabelos e olhar-se no espelho; inocente, não percebi sua verdadeira natureza, e quando ela se foi tragicamente no lago eu quase me afoguei no lago de minhas próprias lágrimas, tão chateada que fiquei. Achava apenas que ela era tola e culpei-me por desprezá-la quase tanto quanto me culpei por não a ter salvo, mesmo que isso fosse impossível, e ficava pensando “se ao menos eu tivesse isso” e “se ao menos eu tivesse aquilo”, mesmo que nada disso tivesse adiantado. Também me recriminei pelos maus pensamentos que estavam em minha cabeça quando ela foi para seu túmulo aquático, pois foi exatamente no dia em que ela me desbibliotecou que eu havia repetido aquelas palavras várias vezes em meu coração: “quero que ela morra, quero que ela morra”, mas não queria dizer aquilo, e quando meu desejo foi concedido quase morri de desgosto por não poder retirá-lo.

Segunda Parte

E stávamos repetindo a história nós três na frente da casa, a sra. Grouse, Giles e eu. Alinhamo-nos para receber a nova preceptora assim como tínhamos feito para a pobre srta. Whitaker há um tempo que parecia uma vida inteira (e na verdade foi, sua vida). Como nosso tio estava viajando pela Europa, o que dificultava o contato com ele, Giles e eu ficamos calmos e tranquilos durante quatro meses inteiros, desde a desgraça da srta. Whitaker até então, o dia da chegada da sua substituta. Tinha sido como os velhos dias pré-Whitaker, pré-escola, só que melhores, porque, tendo perdido duas vezes nossa vida antiga com apenas Giles e eu correndo desabridamente pela casa e pelo terreno, primeiro por uma razão, sua partida para a escola, e depois por outra, Whitaker, eu agora a valorizava ainda mais. Tinha esquecido como podia ser ocupada a vida com Giles, de como ele conseguia transformar em dezembro um dia de julho, fazendo-o voar de forma que o entardecer parecia sempre chegar cedo. E quando os Van Hoosiers chegaram para as férias de verão, Theo juntou-se a nós nas brincadeiras quase todos os dias e os três corríamos soltos como se não houvesse amanhã. Mas é claro que haveria, e houve. A escola recomeçaria e Theo voltaria para Nova York. E a substituta da srta. Whitaker chegaria a qualquer momento.

Tudo o que nos restava daquele verão dourado era o tempo que John levaria para trazer a nova mulher da estação de trem na cidade, e esse pouco tempo foi ocupado pela sra. Grouse, inspecionando nossa limpeza e asseio. Giles estava com a roupa da escola e eu, com meu melhor vestido, um brilhante avental branco por cima para garantir. Satisfeita por estarmos apresentáveis, ou pelo menos tão apresentáveis quanto poderíamos estar, a sra. Grouse passou os últimos minutos discursando sobre boas maneiras e tentando mais uma vez ensinar-me a fazer uma reverência. (Fiz uma desmotivada para a srta. Whitaker que ela passou despercebida.) Por alguma razão, apesar de estar mais que disposta a receber a preceptora com

uma reverência, meus membros relutaram até a sra. Grouse exasperar-se. Ela me olhou criticamente e abandonou-se em um suspiro.

– Bem, imagino que teremos que nos contentar com isso, eu acho. Pelo menos a srta. Taylor poderá ver que houve a intenção, mesmo que falhe a execução.

Então lá ficamos nós, diante da casa, onde o cavalo e a charrete iriam parar, uma pequena guarda de honra, os três em desfile. Finalmente ouvimos o som metalizado dos cascos de Bluebird na estrada principal e então vimos o cavalo e a rédeas subindo a estradinha até a entrada, tentando ver a pessoa sentada atrás de John.

Momentos depois, ela estava à nossa frente. Era muito mais velha que a pobre srta. Whitaker, sua aparência beirando a meia-idade. Sua figura esquelética estava vestida toda de preto, e pensei em quanto aquilo era estranho, pois a srta. Whitaker havia me dito que todas as preceptoras sempre vestiam cinza, mas percebi como combinava com as gralhas que agora estavam circulando acima de nós, como se elas também tivessem vindo especialmente para dar as boas-vindas a ela. Era uma mulher bonita, com traços fortes, olhos escuros e cabelos pretos. Quando John lhe deu a mão para descer da charrete, seus olhos cruzaram com os meus e havia algo em seu olhar, não familiaridade exatamente, mas um tipo de reconhecimento de quem eu era que despertou imediatamente minha ansiedade, como se ela pudesse ver através de mim o eu que eu fingia ser. Esse olhar desconcertou-me e evidentemente a ela também, pois tão logo nossos olhos se conectaram, ela desviou o olhar e presenteou a sra. Grouse com um sorriso.

– Você deve ser a srta. Taylor – disse a sra. Grouse, desnecessariamente, ante a improbabilidade de que a recém-chegada fosse outra pessoa.

– E você deve ser a sra. Grouse – devolveu a srta. Taylor, sem o tom de galhofa necessário para que a sra. Grouse notasse.

Ela se virou para Giles e para mim e, os olhos prontos agora, sem revelar nada, sorriu largamente.

– E vocês é claro que são Florence e o pequeno Giles.

Fiz a reverência quando ela pronunciou meu nome, embora não tenha sido um grande sucesso.

– Prazer em conhecê-la, madame – murmurei, procurando soar como se quisesse dizer isso, apesar de ter saído como a oração de domingo.

– Muito bem, Giles – disse a srta. Taylor –, você não tem nada para dizer? Meu irmão mordeu o lábio nervosamente.

– Vamos lá, Giles – insistiu a sra. Grouse –, não seja mal-educado, fale.

– Bom – Giles falou, contraindo o rosto com interesse genuíno –, a senhora preferiria ser fervida no óleo e comida por canibais ou ser atingida por uma baioneta de um soldado confederado e vê-lo arrancar suas entranhas diante de seus olhos?

A srta. Taylor encarou-o durante um instante, depois ergueu a sobrancelha para a sra. Grouse.

– Imagino que teremos um pouco de trabalho por aqui – ela observou, com uma leveza que conseguiu ser também algo crítica.

Lá dentro ela não olhou muito em volta e também não fez comentários sobre a casa; era como se não fosse diferente do que esperava. Não era exatamente algo que você pudesse jurar, mas parecia que ela não tinha curiosidade ou qualquer interesse, da maneira que a maioria das pessoas tem por um lugar novo. Ela se virou para a sra. Grouse e disse bruscamente:

– Bem, se puder mandar o criado levar as malas para meu quarto, eu gostaria de me refrescar e deitar após a viagem. A que horas é servido o jantar?

– Bem, geralmente comemos às seis.

– Muito bem, descerei nesse horário. – E, dizendo isso, seguiu John pelas escadas. Atrás de si deixou o aroma de alguma flor, mas, por mais que tentasse, minha mente não conseguiu apreendê-lo.

A sra. Grouse ficou olhando para ela até perdê-la de vista, depois sorriu fracamente para Giles e para mim. Ela não estava habituada a que falassem com ela daquele jeito. E ninguém jamais havia se referido a John como “criado”.

Foi no jantar, ou antes mesmo que ele começasse, que a primeira dificuldade se apresentou. A srta. Taylor apareceu pouco antes da hora combinada, e a sra. Grouse a levou para a pequena saleta do café, junto à cozinha, onde sempre comíamos. A srta. Taylor parou junto ao batente da porta e olhou para a mesa.

– Alguma coisa errada? – perguntou ansiosamente a sra. Grouse, forçada a se espremer entre a preceptora e a porta para entrar na saleta.

– Bem, sim. Estou vendo quatro lugares – disse a srta. Taylor, e virou-se para encarar a sra. Grouse, que corou, e ameaçou-a com um sorriso. – Por

acaso há outra criança na casa que eu desconheça? Vamos lá, Giles, como está sua matemática? Você, Florence e eu, quantas pessoas dá isso?

– O quarto lugar é para mim – disse a sra. Grouse. – Sempre comi com as crianças. Veja, sempre fomos apenas nós três durante muitos e muitos anos até o sr. Giles ir para a escola, e quando a srta. Whitaker chegou ela se juntou a nós.

– Pode ser, mas não é apropriado. Você é a governanta, eu sou a preceptora. Devemos agir de acordo com as conveniências. Pelo bem da educação das crianças, você entende.

A sra. Grouse conteve-se. Não era de deixar que passassem por cima dela.

– A srta. Whitaker adaptou-se muito bem a esse arranjo.

A srta. Taylor ergueu uma sobrancelha.

– Ah, sim. Mas eu não sou a srta. Whitaker.

A sra. Grouse deixou a sala. Nós três nos sentamos. Pouco depois, Mary entrou com o rosto vermelho e começou a retirar a louça e os talheres do quarto lugar. A srta. Taylor sorriu para ela.

– Pode servir a comida agora – ela disse.

Naquela noite não consegui dormir. Lá fora, o vento uivava como uma besta selvagem cercando a casa, procurando uma forma de entrar, e dentro de mim também havia um uivo que eu não conseguia bloquear nem colocando o travesseiro nos ouvidos. Fiquei com medo de dormir e sonhar de novo com a pobre srta. Whitaker e o dia em que ela morreu, mas minha ansiedade vigilante era uma coisa obscura que eu não conseguia ver ou nomear, e tanto pior por isso. No final, decidi fazer o que sempre fazia nessas horas, descer até a biblioteca e ler durante algumas horas até ficar cansada o bastante para dormir, apesar do grande risco de ser pega, agora que a srta. Taylor estava ali. Embora o vento soprasse e bufasse do lado de fora, dentro a casa estava quieta como um túmulo, exceto pelo tique-taque dos relógios e o ocasional ranger das vigas de Blithe acomodando-se para a noite. Mas então, se me pegassem, tudo o que eu precisava fazer era fingir uma crise de sonambulismo. Era muito mais difícil chegar à biblioteca dessa maneira do que até a saleta da sra. Grouse. A biblioteca ficava no outro extremo da casa, enquanto a sala da governanta ficava ao fundo da escada, quase abaixo do meu quarto. Meu principal problema, como sempre, era não ter uma vela para iluminar o caminho como acontecia quando caminhava sonâmbula. No escuro, eu tinha que tomar cuidado para

não bater em alguma peça do mobiliário, uma mesinha qualquer, por exemplo, e acordar toda a casa; também precisava mapear em minha cabeça onde é que eu estava. Seria muito fácil virar na direção errada e assim acabar vagando a noite inteira até o amanhecer mostrar-me o caminho.

Ainda assim, como esta não era uma crise de sonambulismo, eu podia pelo menos erguer os braços e sentir à minha frente qualquer obstrução. Dessa maneira, lentamente alcancei o corredor. Não havia luz vindo das janelas porque era noite sem lua, fato pouco facilitador, mas não impossibilitador para uma caminhada noturna, apesar de eu não estar preocupada com isso. Quando avancei um pouco mais e não estava longe da escada que me levaria para o andar térreo foi que ouvi algo. Fiquei parada e prestei atenção, todos os sentidos alertas. No início pensei que fosse o vento soprando o galho de uma árvore contra alguma parte da casa, pois era o mesmo som sibilante das folhas raspando em algo. Mas então percebi que o barulho não era fixo, e sim algo em movimento que, além disso, estava vindo na minha direção. Um minuto depois, reconheci o som do farfalhar de saias contra o assoalho. Quem quer que fosse, estava, como eu, sem velas, e mesmo assim era capaz de movimentar-se em um ritmo considerável, de forma que ela – só podia ser de mulher aquele barulho – logo estaria em cima de mim. Perguntei-me se uma mulher normal poderia se movimentar com tanta rapidez naquele breu total. Que tipo de criatura poderia ser, além de um gato? Ela não poderia estar a mais de três metros de distância, e vindo na minha direção, de forma que iríamos colidir a qualquer momento. Instintivamente encostei as costas na parede e, por sorte, encontrei um espaço atrás de mim, um recanto raso incrustado na parede. Pressionei-me ali e prendi a respiração. A mulher estava bem em cima de mim agora e, de repente, o farfalhar parou, e foi como se essa criatura tivesse sentido a minha presença, ou meu cheiro, como um gato sente do rato ou um cão de uma ratazana. Tudo ficou quieto, até o vento parecia ter parado de soprar como se fosse aliado dessa outra sonâmbula para permitir que ouvisse melhor. Ouvi um pequeno som, uma inspiração incisiva, seguida por uma longa pausa com a respiração sustentada enquanto ela ouvia, depois uma expiração longa, vagarosa. Senti que ela estava vindo na minha direção, sentindo o ar como um predador sente a presa. Meus pulmões estavam quase explodindo pela longa retenção do ar, mas não

ousava soltá-lo, não só por causa do barulho, mas porque minha colega de sonambulismo o sentiria no rosto como eu sentia o dela no meu.

Finalmente, bem quando eu pensava que o jogo tinha acabado e que deveria respirar ou nunca mais o faria, houve um farfalhar abrupto, como se a mulher tivesse virado repentinamente, e então este som tomou a mesma direção a que se dirigia no começo, mas agora, felizmente, ficando cada vez mais suave e mais suave até se transformar num sussurro e desaparecer. Respirei ofegante e engoli o ar como um nadador vindo à superfície depois de um longo mergulho. Tinha apenas um pensamento, o de colocar o máximo de distância possível entre mim e essa mulher, se mulher fosse e não um fantasma, e assim fui sentindo o caminho ao longo do corredor até o andar térreo e dali até a biblioteca. Aí acendi minha vela, fiz meu ninho e aninhei-me, apesar de estar perturbada demais para ter qualquer esperança de sono; lamuriei-me pelo resto da noite até a luz começar a abrir caminho pelas pontas das cortinas e consegui correr de volta para meu quarto.

Deitei-me exausta e preocupada. Quem era aquela mulher? A resposta mais óbvia era que se tratava da srta. Taylor, pois eu jamais havia encontrado algo como o que havia ocorrido na noite anterior, e era muita coincidência que ela tivesse acabado de chegar à casa. Ao recordar o incidente depois, parecia-me que havia algo do seu perfume no ar, aquele perfume que eu havia notado quando nos encontramos pela primeira vez, e logo descobri que era perfume de lírios, que eu lembrava tão bem do funeral da srta. Whitaker, sua beleza feia sobre o caixão. Mas talvez tudo isso fosse apenas a minha imaginação, esse amor pelo rebuscamento, a imaginação da minha mente. Mas, então, se o que passou por mim no corredor na noite anterior não era a nova preceptora, o que era? Poderia ser um fantasma ou outra coisa sobrenatural? Pois que mulher, especialmente uma estranha recém-chegada, poderia percorrer a casa com tanta rapidez no escuro? E se não fosse deste mundo, se fosse um dos fantasmas de Blithe, o que estava procurando ali? Os fantasmas que eu conhecia normalmente eram espíritos perturbados incapazes de encontrar seu caminho para o outro mundo por causa da maneira como haviam deixado este. Eu entendia perfeitamente como algo assim poderia acontecer. Pois não havia a pobre srta. Whitaker encontrado tragicamente uma morte precoce e repentina sem oportunidade para fazer as pazes com seu criador? Não poderia ela estar revirando-se embaixo da terra no cemitério local por causa da maneira

como havia morrido? De repente peguei-me pensando no que, de fato, acontecera com a mãe de Giles e por que as fotos não tinham rosto. E no cheiro de lírios da srta. Taylor. Havia algo em comum? Tais pensamentos assustaram-me tanto que fiquei preocupada com Giles e tive que levantar da cama, apesar de estar exausta, e atravessar o corredor até seu quarto, onde o encontrei num sono ignorante e contente. Estendi-me ao seu lado, passei um braço por cima dele e caí imediatamente num sono profundo e pesado.

*P*ela manhã, quando Giles e eu chegamos para o café, a mesa mais uma vez estava posta para três. Ao sentar-me, vi, através da porta aberta da cozinha, a sra. Grouse sentada à mesa, tomando café com Meg, Mary e John. Quando me ouviu, lançou-me um olhar tão melancólico que quase me senti culpada demais para comer. Apesar de todas as falhas, a sra. Grouse era no fundo uma boa alma e também fácil de controlar. Uma parte de mim já sabia que a srta. Taylor não seria assim.

Falando do diabo (pois tal era ela, como você verá), naquele momento ela chegou. Desejou bom-dia a Giles e a mim e foi até a porta da cozinha dar bom-dia para todos os criados e também para a sra. Grouse. Desconcertadas, Meg e Mary arrastaram as cadeiras e levantaram-se deixando a própria refeição, andando para cá e para lá para nos trazer cereal, ovos, *waffles* e calda. Isso me fez pensar, pois a srta. Whitaker havia sido tratada como uma espécie de criada, embora de outro nível, junto com a sra. Grouse. A srta. Taylor ocupava a mesma posição e mesmo assim, por alguma força de vontade, todos já estavam agindo em relação a ela como se fosse da realeza. Como havia acontecido isso?

Comemos nervosamente, em silêncio e tomando cuidado para não deixar o garfo bater no prato ou pousando os copos de leite na mesa sem fazer barulho, pois tanto Giles quanto eu tínhamos chamar atenção, como se, apenas pela nossa simples existência, pudéssemos de alguma forma ofender. Teria sido um bom momento para deixar cair uma gota caso houvesse dificuldade para controlá-la, porque certamente seria ouvida em alto e bom som. Foi a srta. Taylor quem quebrou o silêncio.

– Giles – ela disse, então tomou um gole do seu café e pousou a xícara. – Giles, não comemos desse jeito.

Giles engasgou.

– Que jeito seria, srta. Whi-, quer dizer, srta. Taylor?

– Bem, dando tantas mordidas sem recorrer à mastigação e deglutição.

Ela riu para mim e eu devolvi um sorriso fraco.

Giles agarrou seu *waffle* de novo, e a mão da srta. Taylor disparou como uma chicotada e derrubou-o de sua mão.

– Eu lhe disse – ela sibilou –, assim não.

Os olhos de Giles começaram a encher-se de lágrimas.

– Eu... eu sinto muito, senhorita, mas não entendo. Assim como?

– Bem, assim! – ela agarrou o *waffle* e começou a mordê-lo freneticamente, como um pássaro maluco bicando, uma mordida depois da outra, sem parar para mastigar ou engolir, até a coisa toda desaparecer. Houve um longo silêncio em que Giles e eu ficamos olhando para ela de boca aberta, pois suas bochechas estavam cheias como as de um *hamster*, e então ela finalmente engoliu tudo e disse: – É assim que não se come, meu garoto. Entende agora?

As bochechas de Giles iluminaram-se e ele limpou as lágrimas com as costas da mão. Poucas vezes vi Giles chorar e, no entanto, esse jeito de limpar as lágrimas foi um gesto tão inconsciente e por isso, deduzi, tão familiar, que me perguntei quanto havia chorado enquanto estava na escola. Ficamos em silêncio durante todo o resto do café.

Depois que terminamos, quando saímos da sala de jantar, Giles e eu fomos na direção da escada para ir até a sala de estudo, e senti o coração desolado com a ideia de passar o dia sobre alguma tapeçaria inútil quando desejava estar na biblioteca. Mas, antes mesmo de começarmos a subir, a srta. Taylor chamou-nos.

– Não por aí, crianças. Vejam, o sol está brilhando. Diante de um dia tão adorável, e também meu primeiro aqui, por que vocês não me mostram a propriedade?

Giles, subitamente liberado do latim e de história, tão odiosos para ele quanto o bordado para mim, abriu um sorriso concedendo-lhe instantaneamente seu perdão pelo tapa na mão que lhe arrancou o *waffle*. E eu também pensei que isso talvez não fosse tão ruim, que talvez essa fosse uma mulher de temperamento ríspido, mas no fundo de boa vontade. Mal sabia eu.

Na propriedade, Giles e eu saímos correndo à frente dela, escondendo-nos atrás de arbustos e pulando um sobre o outro. Começamos cautelosamente, pois não tínhamos ideia de quais seriam as restrições, porém, como não fizesse outra coisa além de sorrir ternamente diante de nossas ações e

acenar em sinal de aprovação, nós nos soltamos e agimos como se não tivéssemos uma nova preceptora.

A srta. Taylor examinou os arbustos em que nos escondíamos principalmente porque estavam tão altos que ofereciam um ótimo esconderijo, e balançou a cabeça.

– Tudo tão tristemente negligenciado e desleixado – ela murmurou. – Por que permitiram que ficasse desse jeito?

Parei de brincar, sem perceber que ela estava falando para si mesma, e respondi.

– Bem, senhorita, veja bem, só temos John para cuidar de tudo e ele tem tantas tarefas na casa. A alimentação, a limpeza e os exercícios dos cavalos, assim como os cuidados com a propriedade, é muita coisa para um homem, especialmente um que não está ficando mais jovem.

Ela disparou um olhar.

– Quer dizer, é o que ele diz, senhorita, que não está ficando mais jovem.

Ela se distanciou sorrindo e examinou os arbustos novamente, balançando a cabeça de maneira enfasiada. Continuou caminhando e nós a seguimos, perseguindo um ao outro em seu rastro. Finalmente chegamos ao lago.

– Ah, o lago – ela constatou.

– Sim, senhorita – respondi educadamente.

Ela começou a andar em volta dele e nós a seguimos, passando pelo velho embarcadouro de madeira e a casa de barcos, e estávamos na metade da volta quando ela parou e olhou para a água. Estremeci com o fato de ter escolhido exatamente aquele lugar. Nesse momento olhei para a beira da água e vi os lírios florescendo e lembrei imediatamente do seu perfume na mulher invisível que havia passado por mim à noite, sua brancura gelada no caixão da srta. Whitaker. E pensei, como havia pensado no dia do enterro, no verso de Shakespeare, “pior que erva daninha cheira o lírio que apodrece”, e senti um frio na espinha.

Antes de conseguir me recompor, percebi que alguém estava falando comigo e que era a srta. Taylor.

– Diga-me, onde foi que aconteceu?

Soube imediatamente o que ela queria dizer. Aquele, afinal de contas, era o lugar exato. Mas eu não podia dizer isso.

– O que quer dizer?

– O acidente, é claro. Você não estava no barco com ela? Pelo que sei, estava.

Ela olhou para Giles, que se contorceu como se o seu colarinho tivesse ficado muito apertado repentinamente.

– Eu... eu – ele balbuciou.

– Não Giles – eu disse. – Só eu. Ele estava na sala de estudos.

Giles confirmou com a cabeça.

– Sim, eu estava na sala de estudos.

– A srta. Whitaker havia lhe dado algumas frases em latim para escrever. Estávamos só ela e eu no barco.

– E o que aconteceu exatamente?

Eu lhe dei as costas.

– Prefiro não falar sobre isso, se não se importa. Não gosto de pensar naquele dia.

Ela não respondeu, e quando decidi que era seguro encará-la novamente, vi que não estava olhando para mim, apesar de estar certa de ter sentido o peso dos seus olhos em minhas costas; ela estava olhando para o lago, para o lugar em que estava o barco quando a pobre srta. Whitaker desapareceu tragicamente.

A srta. Taylor virou-se e dirigiu-me um sorriso malicioso, e então passou por mim, voltando para o caminho de onde tínhamos vindo. Nesse momento soprou uma brisa que mexeu o fino tecido de sua blusa, e lá estava ele novamente, o perfume mortiço dos lírios, mas eu não sabia se era dos lírios de verdade que cresciam junto ao lago ou se era o perfume da nova preceptora.

Depois caminhamos a esmo pela propriedade e perambulamos pelo bosque. Ela me fez perguntas a respeito do lugar, mas não estava realmente ouvindo o que eu dizia, como se já soubesse as respostas ou não tivesse interesse nelas. Foi só quando estávamos no bosque e expliquei que a trilha em que estávamos levava até a casa dos Van Hoosiers, e que era esse caminho que Theo, meu amigo especial, pegava exceto quando havia neve, que seu interesse despertou e ela me fez algumas perguntas a respeito dele. Expliquei que, com o verão quase acabando, ele logo estaria voltando para Nova York e para a escola, no que ela disse “Ah”, como se isso fosse o certo, embora eu tenha acrescentado “com um pouco de sorte ele logo ficará doente de novo”, o que deixou seu rosto com uma expressão desconcertada,

por isso ri e expliquei que Theo sempre vinha até aqui quando estava com asma e por isso esperava que ele tivesse outra crise em breve.

– Vai começar a esfriar e umedecer em poucas semanas – entusiasmei-me –, e isso é muito ruim para seu peito.

Passava do meio-dia quando voltamos para a casa, mas ela nos disse para esperar do lado de fora e entrou para pedir a Meg que nos preparasse um piquenique. Mary veio, colocou um grande tapete no gramado atrás da casa e junto com Meg trouxeram comida. Depois a srta. Taylor sentou-se com as costas apoiadas em uma árvore, e parecia estar adormecida enquanto Giles e eu brincávamos de pega-pega, mas sempre que eu olhava para ela sentia que estava nos observando, os olhos estranhamente entreabertos, como os de um réptil, por isso eu tinha essa sensação de que ela havia engolido uma cobra ou um lagarto, que estava preso dentro dela, que tinha tomado seu corpo e agora olhava cobiçosamente através de seus olhos.

Naquela noite pensei em fazer-me de sonâmbula novamente, mas então me lembrei da figura roçando em mim no escuro, do aroma de lírios mortiços em minhas narinas e, acima de tudo, da srta. Taylor sentada observando-nos perto do lago, com aqueles olhos de serpente entreabertos, e decidi que o risco de fazer aquilo numa segunda noite seguida era grande demais. Ficando na cama, porém, foi a mesma coisa: fiquei desassossegada e não consegui dormir. Em determinado momento, tenho certeza de que muito depois da meia-noite, devo ter adormecido, pois comecei a ter o sonho, meu sonho de sonâmbula, mas então foi interrompido e acordei na cama. Assustei-me com o sonho e fiquei ansiosa com Giles. Quem afinal era essa mulher? Como havia sido contratada? O que sabíamos a respeito dela? Ela não havia deixado escapar nada.

Pela maneira como haviam sido arranjados, realização da srta. Whitaker, Giles e eu tínhamos cada um nosso próprio quarto, intermediados pelo quarto de estudos, embora só pudéssemos alcançá-lo pelo corredor, não diretamente dos quartos. No outro lado do quarto de Giles era onde a srta. Whitaker, e agora, claro, a srta. Taylor, dormia, embora no caso dela não só com uma porta para o corredor, mas também com outra para o quarto de Giles.

Percebi que vinha um som pelo corredor daquela direção, um som estranho, quase um canto, mas não exatamente, como se a mulher – pois era uma voz feminina, quanto a isso não havia dúvida – não conseguisse se decidir se estava cantando ou não, lamentando talvez a morte de alguém. Agora, se você tivesse me perguntado antes que tipo de barulho um fantasma faria, eu não poderia responder porque jamais havia pensado se eles produziam algum som, além do tilintar de correntes ou do queixume constante ou algo desse tipo, mas reconhecia agora que, se os espíritos dos mortos realmente caminhassem e pudessem dar voz aos seus sentimentos inquietos, iriam soar daquela maneira.

Instintivamente cobri a cabeça com os cobertores para me esconder do que quer que fosse que andava à noite e para abafar o barulho que fazia. Mas, então, como poderia pensar em mim mesma quando Giles estava completamente sozinho – mesmo que isso não representasse nenhum perigo – e mortalmente aterrorizado com aquele som horrível? Saí da cama, tateei até encontrar meu robe e me cobrir, tanto para conforto quanto para qualquer outra coisa, pois a noite do final do verão estava quente e não havia ninguém, nem um ser vivo, pelo menos, para me ver de camisola. Fui descalça até a porta, espreeitei por algum tempo, mas ouvi apenas o vago sibilar do vento da noite e tranquilizei-me, convencendo-me que devia ter sido aquilo o que eu ouvira o tempo todo. Porém, mesmo que fosse, eu tinha que continuar, pois sabia que nunca conseguiria descansar até me convencer de que meu precioso irmãozinho estava a salvo. Abri a porta lentamente, parando por um instante quando ela rangeu, e então, não havendo mudança, saí para o corredor.

Mal tinha colocado um pé na frente do outro quando captei novamente aquele lamento baixo, soando como nada além do próprio vento, mas como se tivesse aprendido música de alguma maneira e estivesse uivando no tom. Percebi que estava quase encantada com aquilo, por isso levei alguns segundos até perceber de onde vinha o barulho. Era pior do que eu pensava, pois a coisa que estava fazendo barulho, o que quer que fosse, estava no quarto de Giles. Tropeei pelas tábuas nuas, desatenta ao barulho que fazia, na verdade pensando em alardear minha aproximação para talvez afugentar a coisa. Mas, quando cheguei à porta de Giles, soube que minha presença não fora notada, pois o canto persistia como antes, baixo e misterioso como um hino fúnebre. Coloquei cautelosamente a mão na maçaneta da porta e virei-a lentamente, temendo mais uma vez fazer qualquer barulho. Abri a porta e o que vi quase me tirou o fôlego. Balancei a cabeça incrédula, tentando limpar a visão à minha frente, então tive a presença de espírito de beliscar meu braço, pois tinha ouvido dizer que isso serve para verificar se o corpo está dormindo ou não. A cena diante de mim não desapareceu, nem eu acordei.

Era quase exatamente como no meu sonho de todos aqueles anos; a mesma mulher estava inclinada sobre a cama de Giles, cantando suavemente, só que agora, em vez do negro do meu sonho, ela estava vestida toda de branco, com camisola e robe de renda. Com um gesto

materno, ela estendeu a mão na direção do meu irmão, tirou o cabelo de seus olhos e então disse:

– Ah, meu querido, eu poderia comê-lo!

A mulher era a srta. Taylor. Atordoada, estendi a mão para segurar o batente da porta e salvar-me, mas era tarde demais. A última coisa que acho que ouvi, apesar de não sentir, foi o barulho do meu corpo caindo no chão.

Acordei na minha própria cama com a luz do sol brilhando através dos vãos da cortina. Então, afinal, tinha sido apenas meu sonho novamente. Mas eu simplesmente havia sonhado ou caminhado sonâmbula também? Havia algo estranho em tudo isso e por um minuto ou dois minha cabeça vacilante não conseguiu adivinhar. Sentia que havia algo diferente da maneira como as coisas sempre foram. Mas o quê? Então percebi. Sempre, era assim que começava o meu sonho: eu via a mulher inclinando-se sobre a cama de Giles, e então eu caminhava. Mas na noite anterior eu havia caminhado antes, e então a tinha visto. Eu tinha começado o sonho, é verdade, mas então acordei, saí da cama e caminhei perfeitamente consciente. Ou pelo menos me parecia agora que tinha sido assim. Normalmente, quando eu caminhava à noite, depois não me lembrava de ter caminhado. Aos poucos, comecei a lembrar mais e mais, o estranho canto fantasmagórico que havia me tirado da cama em primeiro lugar, que não era nada parecido com qualquer coisa do meu sonho.

Houve uma batida na minha porta, seguida por Mary entrando com uma bandeja.

– Bom dia, srta. Florence, está tudo bem agora? Fico feliz em vê-la acordada, deu-nos um grande susto ontem à noite, mas suas crises de sonambulismo sempre assustam. Agora, senhorita, sente-se, seja uma boa menina, e colocarei o café à sua frente.

Obedeci.

– En-então aconteceu, caminhei sonâmbula ontem à noite?

Ela colocou a bandeja no meu colo, abriu as cortinas para que a luz do sol inundasse o quarto e ocupou-se servindo-me chá e descobrindo um ovo cozido.

– Ah, sim, senhorita, apesar de não ter ido longe, só até o quarto do sr. Giles, onde desmaiou no chão. Acredita que o sr. Giles continuou dormindo o tempo todo? Sorte sua a srta. Taylor ter ouvido seu tombo, ou teria ficado ali a noite inteira e acordaria dura como uma tábua.

– Disse que a srta. Taylor ouviu? Mas ela já não estava lá?

Mary olhou para mim e riu.

– Meu Deus, não, senhorita. Era uma hora da manhã. O que ela estaria fazendo ali àquela hora? Não, ela a ouviu e ficou bastante aborrecida, pois não havia sido informada das suas buscas noturnas. Acordou toda a casa, e no final John pegou-a e colocou-a de volta em sua cama. Agora já chega de conversa, senhorita. – (Apesar de ter sido ela quem falou o tempo todo.) – Tome o seu café, depois continue deitada e volte a dormir. Sabe que sempre fica cansada depois das suas aventuras noturnas. A srta. Taylor disse que você não deve nem sequer pensar em descer antes do meio-dia.

Depois que Mary saiu, tomei meu café, pois estava faminta, mas quanto a continuar na cama e voltar a dormir, eu não podia, pois minha mente era uma colmeia de pensamentos. Por um lado, tudo parecia muito simples. Eu tivera o sonho e um dos meus sonambulismos. No passado acontecera muitas vezes de eu desmaiar em algum lugar e ser carregada de volta para a cama inconsciente. Mas o que me afligia era a ordem das coisas. Sempre o sonho começava comigo no mesmo quarto que Giles, como ficávamos quando éramos pequenos, não nos quartos separados que tínhamos agora. E eu sempre havia sentido que a caminhada começava depois do sonho, não antes.

E não parecia como no sonho. No mínimo porque havia a cantoria. Nunca tinha havido nenhum som como esse no meu sonho antes. Na verdade, normalmente não havia som algum até a mulher inclinar-se sobre a cama e dizer: “Ah, meu querido, eu poderia comê-lo!”. Também percebi depois que eu ainda estava usando meu robe; eles certamente haviam me encontrado com ele e me levado diretamente para a cama, provavelmente não querendo me acordar tentando tirá-lo. Mas na noite passada eu tinha ido para a cama apenas com a camisola. Certamente não tinha ido para a cama de robe e, quando saía caminhando, sempre o fazia com a roupa que estava usando na cama; assim como nunca parava por causa de uma vela, nunca vestia meu robe. A coisa toda não fazia sentido, a não ser que tivesse acontecido exatamente como eu lembrava. Eu tinha começado o sonho, mas então

havia acordado com o barulho que a mulher – a srta. Taylor – estava fazendo e, ansiosa com Giles, tinha levantado, colocado o robe, ido para o quarto de meu irmão e lá havia ficado tão chocada pela visão do meu sonho, agora tornado realidade diante dos meus próprios olhos, que desmaiara.

Se fosse verdade, e eu estava certa disso, a srta. Taylor havia mentido quando disse que me ouviu cair e saiu da cama para investigar. E é claro que ela mentiria, porque não iria querer que ninguém soubesse que estava no quarto de Giles no meio da noite. E, quando lhe contaram do meu sonambulismo, planejou enganar-me para aceitar sua versão da história.

Apesar de continuar sentada na cama, apavorada demais para mover um músculo, na verdade incapaz, como o homem de Edgar Allan Poe em “O enterro prematuro”, meu coração estava acelerado como se eu estivesse correndo. O que significava tudo isso? Apenas que a nova preceptora pretendia nos fazer mal. Ou, talvez, se não a nós, a Giles certamente.

No curso de uma manhã tumultuada, muitos outros pensamentos ocorreram-me. O principal entre eles era meu sonho. Meu sonho havia se tornado realidade! Exatamente como sempre acontecia, eu o tinha visto na vida real. Percebi finalmente porque desde o início tinha havido essa sensação de familiaridade com a srta. Taylor, pois desde a mais tenra infância eu a vira inúmeras vezes no sonho. Não que ela tivesse alguma semelhança com a srta. Whitaker, na verdade não se parecia nada com ela, apesar de que, estranhamente, ao pensar nisso, havia algo dela na primeira preceptora, um olhar, uma expressão, algo na falsidade do seu sorriso.

Mas como podia ser que eu tivesse sonhado com ela antes mesmo de a conhecer? Como podia acontecer isso? Cerquei e cerquei isso em minha mente e não consegui chegar a uma explicação racional. Minha frustração acabou vencendo meu medo e eu me levantei e comecei a vagar pelo quarto. E quanto mais andava e pensava, mais parecia haver apenas uma explicação, apesar de parecer impossível, exceto por mecanismos sobrenaturais, e era isto: eu tivera uma premonição. Tinha me avisado nesse sonho a respeito dessa mulher que um dia entraria em nossa vida, e meu sonho tinha um objetivo: salvar meu irmão de qualquer que fosse a maldade que ela havia planejado. Eu não tinha dúvida da maldade, pela maneira como ela entoava as palavras “Ah, meu querido, eu poderia comê-lo!”; e pela maneira como olhava para Giles eu não duvidava que ele fosse o objeto de suas atenções, a razão para estar ali. Ela queria lhe fazer mal.

Ao meio-dia desci para a sala do café, mas a srta. Taylor e Giles ainda não estavam lá, por isso arrisquei a saleta da sra. Grouse, onde a encontrei sozinha.

– Ah, aí está você, srta. Florence – ela disse alegre. – Sentindo-se melhor, espero.

– Sim, obrigada. Muito bem.

Pensei em falar do suposto sonambulismo e de como não havia acontecido e do que tinha visto, mas, vendo seu rosto agora, ignorei o pensamento; ela jamais acreditaria em mim. Ah, ela não pensaria que eu estava mentindo, mas apenas enganada. Pois qual pessoa que ao acordar subitamente após ter dormido em um lugar inadequado, talvez em uma carruagem ou no teatro, não insiste em que não havia dormido de forma alguma? Decidi adotar uma conduta diferente.

– Sra. Grouse – disse, mexendo à toa no mata-borrão que ficava em cima de sua mesa, como se o que eu estava falando não tivesse importância alguma. – Sra. Grouse, o que a senhora sabe a respeito da srta. Taylor?

– Bem, não mais que você, senhorita, apenas o que ela disse a todos nós. – Ela se empertigou e fungou. – Tenho certeza de que não receberei confidências especiais. Ela é a preceptora e eu sou a governanta, a pessoa que mantém tudo isto – ela estendeu os braços para mostrar tudo ao seu redor, referindo-se a Blithe e a todos que ali residiam – funcionando perfeitamente.

– Meu tio não lhe escreveu para falar dela e lhe contar sua história? Ele não teria referências, sabe, da família e de empregos anteriores?

– Seu tio não teve nada a ver com isso. – A sra. Grouse fungou de novo, sempre um sinal de desaprovação. Era o mais próximo que ela jamais chegara de alguma crítica ao meu tio, apesar de ter certeza de que ela o considerava negligente em relação a nós, crianças, ignorando-nos e desejando preocupar-se o mínimo possível conosco. – Ele disse que havia tido o inconveniente de entrevistar a srta. Whitaker e não poderia se incomodar com uma entrevista atrás da outra para encontrar uma nova preceptora. Além disso, estava no exterior, por isso contratou uma agência educacional para tomar conta do assunto. As pessoas de lá devem ter

verificado suas qualificações, pode ter certeza disso. Pode contar que ela veio totalmente recomendada.

Mexi com o mata-borrão mais um pouco, sem saber o que dizer. Parecia um beco sem saída. Não havia outra pergunta que eu pudesse imaginar. Ergui os olhos. A sra. Grouse estava me olhando pensativamente.

– Mas por que está perguntando, senhorita? Há alguma coisa na srta. Taylor que a incomoda?

Não respondi.

– É que, bem, talvez não goste dela?

Ela falou com um tom conspirativo e eu sabia que, contrariada como estava com a nova preceptora, a sra. Grouse queria tornar-me sua aliada. Acautelei-me, sabendo que esse era um caminho perigoso. Pois, se eu compartilhasse confidências com a sra. Grouse, ficaria vulnerável se as relações entre elas melhorassem. Eu não me esquecera de como ela havia se conciliado com a srta. Whitaker. Balancei a cabeça.

– Não, eu gosto dela. Só estava curiosa, só isso.

Houve um estranhamento e logo ouvi as vozes de Giles e da srta. Taylor; desculpei-me e saí.

A srta. Taylor foi toda sorrisos.

– Espero que tenha se recuperado da sua *aventura* de ontem à noite.

Paralisei diante daquela palavra e da maneira como ela a enfatizara. De certa forma, ela estava reconhecendo o que ambas sabíamos, que eu não estava sonâmbula, mas consciente, e tinha visto o que ela pretendia. Ainda assim, ao mesmo tempo, seus sorrisos, a desconsideração em tom jocoso com o que havia acontecido não como a manifestação de alguma perturbação mais profunda, mas algo leve, sem importância, sinalizavam que deveria haver uma espécie de trégua entre nós em que a verdade ficaria adormecida.

– Sim, senhorita. Obrigada, senhorita.

Eu me concentrei nas respostas breves.

– E eu dormi o tempo todo – Giles falou alegremente.

– Sim, meu querido, você dormiu o tempo todo.

A srta. Taylor estendeu a mão e mexeu em seus cachos loiros. Eu quis protestar, pois ninguém jamais havia demonstrado tal familiaridade com nenhum de nós, mas como podia fazer isso com Giles olhando para ela como um filhotinho agradecido? Parecia até que iria lambe-la a mão dela.

Teria ele esquecido o incidente no café da manhã do dia anterior? Mas assim era Giles. Eu podia imaginar como havia reagido aos provocadores da escola, não com ressentimento, mas com gratidão quando, durante os intervalos em que não o provocavam ou machucavam, mostravam qualquer gesto de bondade, por mais triviais ou mesmo inconscientes da sua parte.

A srta. Taylor virou-se para mim.

– Entendo alguma coisa de sonambulismo. Acredito que seja o resultado de um cérebro ocioso, uma imaginação que não tem o suficiente para ocupá-la e então procura coisas que não existem.

Isso me pareceu uma espécie de aviso. Ela parou e tomou um gole do seu café, girando-o por um momento na boca antes de engolir e prosseguir.

– Deixaram-na sempre solta, sem nada para mantê-la ocupada. Isso não lhe fez bem. Vou corrigir isso.

– A srta. Whitaker me fazia costurar, embora eu confesse que não o fazia muito bem.

– Ah, costura! – ela pareceu irritada, mas depois suavizou um pouco. – Bem, é claro que existem coisas que se esperam que uma jovem aprenda, mas estamos em 1891. Os dias em que as damas só tocavam piano e pintavam um pouco – e mal – e bordavam coisas inúteis estão chegando ao fim. Sou da opinião que todas as mulheres, e você não é diferente, precisam de um pouco mais de estímulo.

Ela limpou os lábios com o guardanapo e ficou em pé. Lançou-nos um olhar expectante, e Giles e eu entendemos que isso significava que o café havia acabado. Ficamos em pé num salto e ela saiu marchando conosco em seu rastro.

– Para onde estamos indo? – perguntei enquanto corríamos atrás dela.

Ela atirou sua resposta sobre o ombro, palavras que pensei que jamais ouviria.

– Ora, para onde mais? Para a biblioteca!

Naquela noite o vento não uivou; no entanto, fiquei me revirando na cama, não tanto por ansiedade, embora houvesse um pouco – como poderia não haver depois de ter visto a srta. Taylor cobiçando Giles em sua cama? –, mas porque não conseguia deixar de ver e rever os acontecimentos do dia. Havia acontecido tanta coisa; especialmente para uma garota que passara a maior parte da vida enterrada em Blithe. Havia uma coisa boa e uma má, e apesar de a coisa má ser uma gralha em um monte de neve, a coisa boa era muito boa – nossa visita à biblioteca. Giles e eu havíamos acompanhado a srta. Taylor enquanto ela seguia naquela direção, sem fôlego para falar por causa do passo acelerado, mas de olhos arregalados um para o outro, lutando para manter o ritmo. O que significava aquilo, que estava nos levando para a biblioteca? A sra. Grouse sabia? Meu tio? Eu certamente não acreditava que soubesse, ou não teria permitido depois de ter proibido durante tantos anos.

Nossa nova preceptora parou diante da biblioteca e esperou que a alcançássemos. Então abriu a porta e deu-nos passagem; com um toque delicado nas costas conduziu-nos para dentro da sala. Ficamos perto da entrada, de boca aberta diante do que vimos, sem conseguir acreditar em nossos próprios olhos. As cortinas haviam sido abertas e a luz do sol banhava todo o aposento, preenchendo o vácuo que lhe fora negado durante tanto tempo. O pó acumulado durante tantos anos havia sido varrido do chão, e Mary agora estava nas janelas, limpando os vidros com um pano. Algumas das janelas estavam abertas, embora eu lamentasse até certo ponto porque, apesar do frescor da brisa do final do verão, carecia do habitual cheiro de mofo reconfortante dos livros antigos.

– Muito bem, Mary, pode terminar de fazer isso depois, por favor – disse a srta. Taylor bruscamente, e Mary endireitou-se imediatamente, pegou seu balde de água, disse “Sim, senhora”, de maneira a parecer educada, apesar de não ter nem sequer dobrado um joelho, e saiu da sala.

Quando a porta se fechou atrás dela, a srta. Taylor virou-se para nós. Giles olhou ansiosamente para ela e para mim, e eu sabia que ele estava meramente evidenciando meus próprios pensamentos. O que fazer agora? Deveríamos agir como se nunca tivéssemos visto aquele lugar antes? Ou assumir que ela já devia ter imaginado o contrário e por isso abriu o jogo?

Giles, como sempre, ficou tão nervoso que se atrapalhou todo.

– Puxa – ele disse, olhando ao redor de modo bem teatral –, quantos livros. Quem teria imaginado?

A srta. Taylor observou-o com um leve sorriso, mas não sem ternura; parecia que não conseguia olhar para Giles sem morder os lábios, e ao ver aquele sorriso percebi que ela sabia das minhas visitas à biblioteca. Ainda assim, eu não iria admitir de imediato, por isso me virei e caminhei lentamente pela sala, passando o dedo por um livro aqui, tocando a lateral de uma prateleira ali. Dessa maneira errante, fui até o fundo da sala, na direção da *chaise longue* atrás da qual escondia meus cobertores e minha vela. Ao contornar a *chaise*, da maneira mais casual possível, ou pelo menos assim esperava eu, a voz da srta. Taylor atravessou a sala até mim, como os grãos de poeira, sem dúvida levantados por Mary, pairando nos raios de luz que entravam pelas longas janelas.

– Sua pequena cômoda de linho não está aí. Mandei que tirassem tudo.

Encarei-a despidoradamente.

– Estou certa de que não sei do que está falando.

Ela atravessou a sala como uma bala; a mão, mais rápida do que o ataque de uma cobra, agarrou-me pelo pulso. Aproximou o rosto do meu e eu senti o forte aroma de lírios mortiços.

– Não banque a espertinha comigo, minha jovem. Não ouse.

Ela me soltou e levou a mão que me agarrara à cabeça, para arrumar o cabelo, como se lamentasse o gesto. Engoli em seco.

– Eu... eu sinto muito – saiu sem que eu pudesse evitar e desejei poder retirar as palavras imediatamente. Eu não iria adúl-la. Mas naquelas circunstâncias era a coisa certa a dizer, pois ela pareceu ter suavizado, não por querer, mas porque eu tinha feito o que não queria, ou seja, reconhecido que era ela quem mandava.

Ela se virou e olhou para Giles enigmaticamente.

– E você, imagino que nunca esteve aqui também?

Giles se contorceu.

– Bem, eu... é, srta. Whi..., quer dizer, srta. Taylor, eu... – ele me olhou pedindo socorro.

Fui e fiquei ao lado dele, passando o braço em torno de sua cintura.

O rosto da srta. Taylor relaxou subitamente e ela sorriu, não indelicadamente.

– Dizem que você não sabe ler.

Eu a desafiei com o olhar.

– Bem, você e eu sabemos que isso é bobagem, não?

Vendo-me desconcertada para responder, ela prosseguiu.

– Sei que seu tio proibiu, mas isso mostra quão ridiculamente desatualizado está esse homem. Sempre foi. Você também pode ordenar que o sol não brilhe, ou que a maré não suba.

– Como o rei Canuto! – exclamou Giles, tentando agradá-la.

Ela o agradeceu com um sorriso.

– Sim, como o rei Canuto.

Ela se virou e caminhou pela sala, para cá e para lá. Giles e eu ficamos grudados no lugar. Por fim, voltou para onde havia começado, parando diante de nós. Ela se dirigiu a mim.

– Agora, escute atentamente. Eis o que proponho. Não posso ir abertamente contra as restrições de seu tio, por mais ridículas que possam ser. Mas não vejo sentido em que continue a vir às escondidas à procura de livros como vem fazendo há tantos anos, sem dúvida. Também não pretendo perder meu tempo tentando impedi-la. Sugiro que, quando trazer Giles comigo para estudar, você nos acompanhe com algum bordado que esteja fazendo. Sugiro algo bem grande, maior, digamos, do que um livro médio aberto.

Esforcei-me para compor o rosto. Eu não conseguia acreditar.

– Se formos interrompidos por um dos criados, você só precisará certificar-se de que o bordado esconda qualquer coisa, qualquer objeto, você entende, que esteja em seu colo. Você também pode – fez uma pausa – sugerir livros que Giles possa gostar de ler mais tarde na sala de estudos e eu os levarei até lá. Talvez deva salientar que nem a sra. Grouse nem os criados conseguem distinguir que livros são apropriados para um menino da idade de Giles e quais estão além dele. Por isso não questionarão a presença de nenhum livro. Bem, o que me diz?

– Sim, senhorita, muito obrigada, senhorita.

Ela se virou para a janela e observou os gramados iluminados pelo sol, como se estivesse perdida em pensamentos. Enquanto isso, olhei ao redor. Nunca tinha visto os livros todos de uma vez e em toda a sua glória. Quase desmaiei de tanta emoção.

A srta. Taylor virou-se abruptamente.

– Só há uma coisa – ela olhou para Giles. – Você, eu sei, guardou o segredo de sua meia-irmã durante muitos anos e guardou-o bem. Deve continuar a fazê-lo, pois teremos todos dificuldades se não o fizer. E você, mocinha, terá que aprender a não se interessar tanto pelos assuntos dos outros. Não fará perguntas a respeito deles nem espionará durante o dia *ou à noite*, caso contrário posso começar a procurar o que há embaixo do seu trabalho com as agulhas. Está claro?

– Sim, senhorita. Muito claro, senhorita.

Então lá ficamos naquela tarde, no quarto de estudos, eu numa ponta e a srta. Taylor na outra com Giles, ensinando verbos franceses a ele, todos os quais, é claro, eu já conhecia, embora silenciasse tanto naquela quanto na minha língua nativa, sem querer fazer nada que pudesse estragar uma coisa boa. Aberto no meu colo eu tinha o primeiro volume de *A mulher de branco*, de Wilkie Collins. Na mesinha junto ao meu cotovelo estava meu bordado, uma capa de almofada que seria como a de Penélope, isto é, nunca acabada, mas sempre lá para me ajudar em minha jornada para ler todos os livros da biblioteca. Com que facilidade a mente se torna egoísta! Com que facilidade deixamos de lado a perspectiva de um futuro desastre pelo prazer do presente! Fiz-me de avestruz por causa dos livros. Coloquei a vida do meu irmão em risco pelo meu próprio prazer culpado, admito isso agora.

Estava na metade do segundo capítulo do livro quando bateram à porta. Fechei o livro e o cobri com o bordado assim que a porta se abriu e a sra. Grouse entrou. Ela me viu primeiro e um sorriso iluminou seu rosto como um fósforo numa fogueira.

– Nossa, srta. Florence, que prazer vê-la tão entretida com as agulhas. Isso é exatamente o que seu tio gostaria.

Então ela evidentemente se lembrou do que tinha vindo fazer e o sorriso desapareceu quando voltou sua atenção para a srta. Taylor, como se

retirasse o elogio que me havia feito porque elogiava ainda mais a professora que havia conseguido a mudança.

– Peço a sua licença, srta. Taylor – disse a sra. Grouse com um tom de zombaria tão imperceptível e sutil que ela não poderia demonstrar-se ofendida abertamente sem causar embaraço a si mesma –, mas temos visitas.

A srta. Taylor ergueu os olhos, o rosto algo preocupado. Naquele momento, imaginei que tivesse ficado aborrecida por ter sido perturbada no meio do trabalho, mas depois percebi que essa talvez não fosse a razão.

– Realmente?

– Sim, a sra. Van Hoosier e o jovem sr. Theo. Vieram prestar seus respeitos antes de fecharem a casa para voltar a Nova York.

Nossa nova preceptora pareceu incomodada por um instante. Folheou o livro que estava segurando, que caiu no chão, e curvou-se bruscamente para pegá-lo. Nesse momento ela estava quase no seu eu sempre áspero.

– Bem, crianças, não devemos deixar nossas visitas esperando, devemos ir nos despedir, ou, no meu caso, dizer olá e adeus imediatamente.

Ela ficou em pé esperando e Giles fechou seu livro agradecidamente e ficou em pé também. Esperei um pouco até a sra. Grouse me dar as costas para poder tirar *A mulher de branco* do colo e deixá-lo na mesinha, e então me preparei para seguir a governanta. A srta. Taylor apressou-nos para a porta atrás da sra. Grouse, e tínhamos acabado de atravessá-la quando ouvimos um gemido atrás de nós. Nós três nos viramos e vimos a srta. Taylor apoiando-se no batente da porta, a mão na testa como se fosse desmaiar.

– Ai! – ela disse. – Oh, céus!

A sra. Grouse parou e apoiou-a. Virou-se para nós e sussurrou:

– Continuem, crianças. Vão até a saleta e recebam Theo e sua mãe, enquanto ajudo a srta. Taylor.

Fizemos como ela falou, olhando para trás para ver a sra. Grouse apoiando a srta. Taylor com um braço em torno da sua cintura e levando-a pelo corredor na direção do quarto da preceptora. Giles e eu nos olhamos e demos de ombros, mas então, empolgada com a perspectiva de ver Theo, mesmo que para o encargo piegas da despedida por quem sabe quantas semanas, pelo menos até seu próximo ataque de asma, descemos a escada.

No começo foi difícil ver Theo, pois a sra. Van Hoosier ocupava quase toda a saleta. Sentamo-nos e desejamos boa-tarde a ela. Giles, que não a conhecia ainda, não conseguia desviar os olhos dos seus peitos e ficava olhando para eles como se fossem um monumento famoso, como as pirâmides, talvez, ou, neste caso, uma dupla delas.

A sra. Van Hoosier colocou diante dos olhos os óculos, que usava pendurados em um cordão em torno do pescoço, e examinou meu irmão.

– Qual é seu problema, meu garoto? – Ela perguntou. – Nunca viu uma dama antes?

– Por favor, madame – irrompeu Giles, agora completamente dominado por uma combinação de busto e estilo bombástico –, por favor, madame, preferiria ser pregada no chão nua e coberta com mel à mercê de formigas assassinas que a matariam lentamente, é claro, ou ser colocada em um barril e enviada para as cataratas do Niágara e esmagada em pedaços rapidamente nas rochas? O que acha?

A sra. Van Hoosier virou a cabeça para trás indicando sua surpresa por ser cumprimentada dessa maneira e então sorriu. Virou-se para mim.

– Bem, não é realmente típico de menino preocupar-se com coisas assim? Eu me lembro de quando Theo tinha essa idade – nisso ela virou a cabeça para cá e para lá. – Theo, onde está você, garoto?

Theo surgiu atrás dela, sorrindo com os olhos.

– Olá, Florence – ele disse. – Olá, Giles.

A sra. Van Hoosier afundou em uma poltrona.

– Expliquei para aquela sua governanta que não podemos nos demorar. Temos que pegar o trem das seis e quinze para Nova York. Viemos apenas para nos despedir e dar uma olhada na nova preceptora.

– Eu... eu acho que isso não será possível, madame – eu disse. – Ela estava vindo conosco e sentiu-se mal. A sra. Grouse ficou cuidando dela.

– Que infelicidade que ela tenha escolhido justamente este momento para sentir-se mal. Nada contagioso, espero? – Ela acenou para nós. – De qualquer maneira, se vocês, crianças, quiserem ir lá fora, eu não me oponho, mas só por meia hora, Theo, não mais que isso, e nada de correr; não quero que você me venha com outro ataque de asma justamente quando estamos de partida. Ah, e Florence, por gentileza, peça que me tragam um chá. Tomarei sozinha se a infeliz não está bem.

Lá fora, Giles nos implorou para brincarmos de esconde-esconde e saiu correndo para se esconder, mas Theo e eu não gostávamos tanto da brincadeira. Fomos sentar na parede de pedra que ficava atrás da casa para podermos conversar, embora a cada cinco minutos Theo tivesse que se levantar para encontrar Giles apenas para mantê-lo interessado no jogo e longe de nós.

– Então, Theo – eu disse, assim que sentamos pela primeira vez –, você logo vai voltar para a escola.

Ele abaixou o olhar para as mãos, aqueles longos dedos ossudos que pareciam desprovidos de carne, e corou.

– Foi justamente isso que vim lhe dizer.

Ergueu a cabeça e lançou-me um olhar sofrido.

– Eu devia ter lhe contado antes. Vim adiando porque não suportava. Eu não vou voltar para a escola, pelo menos não por enquanto. Nós vamos embora.

Meu coração disparou uma vibração de pássaro preso na gaiola.

– Embora? O que você quer dizer com embora?

Ele ainda estava interessado em suas mãos, que se interligavam e soltavam como se ele não tivesse controle sobre elas, como dois animais estranhos lutando.

– Vamos todos para a Europa, fazer uma viagem a passeio, meu pai, minha mãe e eu. Saímos na sexta-feira.

– Europa – repeti hesitante. – Por quanto tempo?

Ele me olhou melancolicamente.

– Seis meses.

Não respondi. Nesse momento, Giles chamou e eu disse:

– É melhor ir procurá-lo. Ele está atrás do rododendro.

– Eu sei! – Theo falou e afastou-se.

Tentei absorver o que ele acabara de contar. A notícia não poderia ter vindo em pior momento. Que outro aliado além de Theo eu teria contra a srta. Taylor? Quem mais poderia me ajudar a proteger meu irmão quando ela tentasse levá-lo embora, ou pior, se fossem essas as suas intenções? Para quem mais além de Theo eu poderia me voltar em caso de necessidade?

Giles tendo sido encontrado e saído para se esconder novamente, Theo voltou e sentou-se tristemente ao meu lado. Ficou contemplando sorumbaticamente o encanto daquele dia. Por fim, ele disse:

– Florence, eu estava pensando...

– Sim?

– Bem, eu estava pensando, considerando que vou embora e tudo o mais e que não nos veremos durante meio ano, se poderia, bem, você sabe, beijá-la, talvez? Se concordar desta vez, é claro.

Ele me olhou com ansiedade. Olhei para ele. Tinha aqueles olhos grandes como bolas, e uma garota não poderia vê-lo romanticamente. Ele simplesmente tinha um rosto muito comprido e era muito ossudo. Devia ser uma pessoa muito desconfortável para abraçar. No entanto, não me sentia inclinada a mandá-lo embora com uma recusa.

– Isso envolve algum poema?

– Bem, receio que não. Você acredita que hoje não tenho um? Sinto muito por isso, sinto mesmo.

– Bem, nesse caso a resposta é sim.

E inclinei a cabeça, afastando-me um pouco para oferecer-lhe o rosto, mas ele abaixou a cabeça e contornou meu rosto beijando-me nos lábios.

– Caramba, Theo, isso foi uma coisa furtiva para fazer com uma garota.

– Eu sei – ele disse, parecendo ao mesmo tempo tímido e orgulhoso.

Ficamos sentados contemplando o dia mais um pouco. Não parecia certo sentir tanta tristeza em um dia tão bom. Uma lágrima marcou meu rosto. Theo estendeu um de seus dedos enormes e limpou-a delicadamente.

– Puxa, Florence, não será tão ruim. Apenas seis meses. Passa logo.

– Não, Theo, você não entende.

E então contei tudo a ele sobre a srta. Taylor e como a encontrei andando pela casa à noite sem luz, algo que nenhum ser humano, mas só um fantasma ou algo parecido, conseguiria fazer, e como ela ficou sobre o corpo adormecido do meu irmão e como eu temia que ela no mínimo pretendesse roubá-lo de mim.

– Prometa, Theo, prometa que, se você voltar da Europa e algo ruim tiver acontecido a Giles ou a mim, você não descansará enquanto essa mulher não pagar. Prometa.

– Puxa, Florence, não fale assim, não pode ser tão ruim assim. Quer dizer, fantasmas! Vamos lá, você não está imaginando coisas demais?

– Prometa, Theo.

Ele deu de ombros e então, vendo quanto era sério, tomou minhas mãos nas suas, fazendo um pequeno ninho para elas, olhou-me nos olhos e disse:

– Eu prometo, Florence, prometo mesmo.

A carruagem dos Van Hoosiers não chegara à metade da entrada quando a srta. Taylor surgiu atrás de nós na porta da frente, de onde Giles e eu estávamos vendo Theo e sua mãe desaparecerem das nossas vidas por seis meses pelo menos, e talvez, refleti amargamente, talvez para sempre.

– Ah! Não cheguei a tempo? – ela disse, de uma maneira que me fez pensar que ela devia estar na mesma companhia teatral de Giles quando ele fingiu que nunca tinha estado na biblioteca antes, de tão pouco convincente.
– Bem, talvez apareçam novamente em breve.

O aceno de Giles desfez-se no ar quando a carruagem finalmente virou na estrada principal e desapareceu de vista.

– Ah, não, senhorita, não por um bom tempo. Não por alguns meses.

– Como assim?

Ela falou casualmente, como se estivesse desinteressada, mas detectei um sinal de triunfo em seus lábios, a sombra de um sorriso?

Giles ergueu os olhos para a srta. Taylor enquanto ela fechava a porta, fechando-nos do lado de dentro.

– Theo vai para a Itália e a França e todos esses lugares. É no outro lado do Atlântico, sabe?

– É mesmo?

– Ah, sim, senhorita, esses lugares ficam na Europa, de um lado do oceano, e nós estamos aqui nas Américas, do outro lado, e são quase cinco mil quilômetros no meio.

Nossa nova preceptora ignorou os equívocos de Giles.

– Que pena – ela disse, dirigindo-me um olhar significativo. – Estaremos por nossa própria conta, então, certo?

Ela se virou e seguiu na direção da escada, e nós a seguimos.

– Está se sentindo melhor, senhorita? – Giles ronronou, alcançando-a.

– Ah, sim, obrigada, Giles, estou muito melhor agora.

E pela maneira como entoou a última palavra, atirando-a por cima do ombro, sabia que se dirigia apenas a mim.

Mais tarde, deitada na minha cama, pensei em Theo e em como sentiria sua falta, em como seu abandono forçado de mim deixava-me totalmente nas garras daquele demônio, pois tal acreditava que fosse, e isso me levou a pensar na visita da tarde e em como a srta. Taylor sentiu-se mal de repente. Sua rápida recuperação evidenciava que não estava absolutamente mal, mas que havia fingido tudo, e que só poderia haver uma razão para isso, e era a de ter desejado evitar encontrar Theo e sua mãe.

Isso me deixou intrigada. Por que teria desejado evitá-los? O que poderia significar isso? Eu me mexi e me virei, o que estava começando a se tornar minha rotina noturna naquelas noites, desde que ela chegara.

Aventei vários pensamentos. O que haveria com a sra. Van Hoosier que fez a srta. Taylor evitar sua presença? A resposta tinha que ser o fato de a sra. Van Hoosier não ser uma criada, mas pertencer à fidalguia e, portanto, não estar sujeita às mesmas restrições impostas à sra. Grouse e a Meg e Mary e outros. Ela teria liberdade para fazer perguntas à srta. Taylor, questioná-la a respeito do seu nascimento e de sua família e o que mais a preceptora tivesse feito antes. Uma mulher como a sra. Van Hoosier parecia-me alguém capaz de arrancar os segredos de uma pedra – embora a srta. Taylor, é claro, não pudesse saber disso. Mas independentemente das características da mãe de Theo, era evidente que nossa nova preceptora desejava evitar qualquer investigação sobre seu passado.

Outra coisa chamou minha atenção. A sra. Grouse, Meg, John e Mary eram pessoas simples que não enxergavam além do óbvio. Alguém de uma classe superior provavelmente seria muito mais observadora. E se no futuro a polícia – meu velho amigo, o capitão, talvez – se envolvesse? E se a srta. Taylor sequestrasse meu irmão e desaparecesse ou – eu odiava o simples fato de pensar na palavra – o matasse e desaparecesse? Uma mulher na situação da sra. Van Hoosier estaria em condições de fornecer uma descrição mais exata, conseguiria situar seu sotaque, identificar suas roupas e dar outras pistas que pudessem levar à sua eventual detenção e prisão. Tudo isso a srta. Taylor tinha procurado evitar.

Se eu estivesse certa (e que outros motivos poderia ter a srta. Taylor para evitar os Van Hoosiers?), então outra coisa também era verdadeira. O que a srta. Taylor estava planejando seria executado antes que os Van Hoosiers voltassem, ou ela não teria ficado tão encantada com a notícia de sua ausência temporária. O que quer que fosse, aconteceria em menos de seis meses, aconteceria logo.

Só uma coisa não fazia sentido para mim. Se o seu objetivo era fazer mal a Giles, então por que não o fazer logo? A menos, é claro, que quisesse inventar um acidente para que não fosse responsabilizada e estivesse apenas esperando o momento oportuno. Se fosse assim, poderia ser a qualquer hora. O acaso poderia precipitar as coisas e ela aproveitaria a oportunidade. Eu teria que vigiá-la como uma águia.

Mas se ela pretendia apenas pegar Giles, e sua aparente ternura por ele parecia sugerir isso, então por que não agir logo? Que diabos estava esperando? No começo isso me incomodava porque não fazia sentido, até que comecei a pensar a respeito do que poderia acontecer depois que ela o pegasse. Imagine que fosse por um resgate, ela teria que levá-lo e mantê-lo escondido e talvez por um tempo considerável antes de o resgate ser pago. Para levar Giles embora, ela precisaria de sua cooperação, e antes de poder garantir isso ela teria que conquistar sua confiança, algo que não se faz em um minuto. E se não fosse por um resgate, se pretendesse ficar com Giles para sempre, teria primeiro que conquistar um lugar seguro em seu afeto.

Era isso! Certamente era isso! Ela simplesmente estava esperando até que Giles ficasse suficientemente ligado a ela para engolir alguma história que lhe contaria sobre o porquê de ele ter que ir embora com ela, e depois continuar com ela, e então ela desapareceria. Era tão evidente que quase me chutei por não ter percebido isso antes. E ela havia liberado a biblioteca para mim para manter-me afastada enquanto se impunha sobre Giles, todos os dias afastando-o sempre um pouco mais de mim. Ora, ele já havia esquecido o incidente do café da manhã, sua súbita explosão de raiva, e a bajulava como se ela fosse a pessoa mais maravilhosa que já existira. Decidi falar com Giles a respeito disso, avisá-lo do perigo que estava correndo.

No dia seguinte, entretanto, foi difícil encontrar um tempo em que pudesse ficar a sós com ele. A srta. Taylor pegou-o no seu quarto logo cedo e o levou para tomar café com ela e a partir daí ficaram juntos quase

sempre. Só agora, quando estava tentando falar com ele, é que percebia quanto ela o havia sequestrado de mim, quanto raramente ficávamos a sós. Mesmo assim, a srta. Taylor acompanhou-nos até lá fora e sentou-se em uma cadeira reclinável no terraço, de onde observava-nos atentamente. Em determinado momento, quando me aproximei de Giles e comecei a sussurrar que precisava falar urgentemente com ele, olhei e vi que ela deixara a cadeira e aproximava-se de nós. Afastei-me instantaneamente dele e gritei:

– Você não me pega, você não me pega! – e sumi no meio dos arbustos, com Giles correndo atrás de mim.

Como você deve lembrar, os arbustos estavam malcuidados e haviam crescido muito. Corri, seguindo um caminho que Giles e eu conhecíamos bem, mas um recém-chegado teria dificuldade para discernir. Um lugar onde podia ouvir a srta. Taylor procurando no meio do mato, circulando pela trilha, tropeçando atrás de nós. Escondi-me em um arbusto de rododendro e ouvi os passos de Giles. Quando ele passou, alcancei um de seus braços, agarrei-o pelo ombro e puxei-o para o arbusto, com a outra mão cobrindo sua boca para que ele não gritasse. Fiz sinal com o dedo para que ficasse quieto e ficamos assim, quase sem respirar, até ouvirmos a srta. Taylor passar. Quando tive certeza de que ela tinha se afastado, sussurrei para ele:

– Giles, preciso falar com você.

Ele se contorceu sob o meu aperto.

– Eu não quero falar. Podemos falar a qualquer hora. Isto não é hora de falar, é hora de brincar.

– Você não entende – sibilei. – Não temos mais tempo para conversar como antes. Não ficamos mais sozinhos. Eu não posso falar com você sem que a srta. Taylor escute tudo o que tenho para dizer. Você não percebeu?

– Bem, sim, eu acho. Mas, então, qual o problema se ela ouvir? Por que nos preocupamos?

– Porque tenho certeza de que ela não é quem finge ser. Acho que veio para cá com algum objetivo maligno. Estou quase convencida de que ela não é humana, que é uma espécie de ser do mundo dos espíritos, uma espécie de fantasma.

Giles ficou empolgado com isso, embora eu pudesse ver que estava um pouco mais do que receoso, também.

– Um fantasma? Mas por que viria até aqui se não tem nenhuma ligação com Blithe? Fantasma de quem ela poderia ser?

Mordi o lábio.

– Eu não sei, ainda não consegui descobrir.

Ele também pensou, processo que nunca durava muito tempo com Giles, levantando a sobrancelha. Depois de meio minuto, talvez, seu rosto iluminou-se de repente.

– Eu sei! É óbvio Flo, é mesmo. Ela deve ser o fantasma da srta. Whitaker, voltou para o lugar onde teve sua morte prematura...

– Ah, Giles – eu me desesperei –, não seja bobo. Ela não parece nada com a srta. Whitaker. Elas não têm nem sequer o mesmo tipo de cabelo.

– Você não pode saber isso, Flo. Quem disse que os fantasmas conservam a mesma aparência que tinham quando estavam vivos? Talvez se disfarcem para enganar as pessoas que ainda estão vivas.

Giles estava transformando aquilo em um grande jogo, um grande faz de conta em que ele não acreditava mais que eu, o que não servia em nada aos meus propósitos.

– Giles, você precisa me ouvir. Precisa tomar cuidado. Você não pode permitir que ela abra caminho em seu coração. Ela quer conquistar sua confiança para poder convencer você a ir embora com ela.

Giles olhou para mim, espantado. Depois riu.

– Mas por que ela faria isso, Flo?

Ele olhou para mim como para uma estranha.

– Flo, você fala as coisas mais estranhas.

Levantou a sobrancelha de novo.

– De qualquer maneira, se ela for a srta. Whitaker, por que iria querer me fazer mal, ou a você? Talvez ela só queira assombrar o último lugar que conheceu quando estava viva. Talvez ela gostasse de ser nossa preceptora e quisesse voltar. Talvez...

Nesse momento houve um farfalhar perto de nós, e, antes que eu pudesse dizer outra palavra ao meu irmão, as folhas do rododendro se separaram, revelando o rosto da srta. Taylor.

– Ah, aí estão vocês – ela disse, falsificando um sorriso –, meus dois pintinhos perdidos. Vamos lá, crianças, vocês já brincaram bastante. Está na hora de voltar para nossos livros.

No dia seguinte fizemos um piquenique perto do lago. Mais uma vez, a srta. Taylor caminhou ao redor dele até chegar ao local na margem mais próximo de onde a srta. Whitaker desaparecera tragicamente. No caminho ela não havia falado, mas seguido à nossa frente; parecia que mal podia esperar para chegar lá, como se estivesse sendo arrastada por uma força invisível. Dispusemos a comida e Giles e eu comemos com vontade, nosso apetite estimulado pelo ar fresco, mas a srta. Taylor pegou a comida de um jeito que me fez observá-la como nunca tinha feito antes durante uma refeição, e então reparei que ela não fazia nenhuma tentativa para comer qualquer coisa. O dia estava quente e, depois que acabamos, Giles, que havia trazido sua vara, acomodou-se no banco para pescar. A srta. Taylor tirou um livro da bolsinha e começou a ler.

De repente me senti exausta. A intensidade do sol, o ar opressivo, sua proximidade pressagiando uma tempestade, dificultavam a respiração. Senti-me cansada e com dor de cabeça, os membros pesados, e deitei-me no tapete do piquenique, e, por mais que tentasse lutar, não consegui evitar que as pálpebras caíssem e se fechassem. Pensei que, se as fechasse por um minuto apenas, um único minuto, recuperaria meus sentidos.

Eu não sei por quanto tempo dormi. Em algum momento ouvi o zumbido de uma abelha, o zumbido de mosquitos, a perturbação suave da superfície do lago com a agitação de um peixe, e então um silêncio, tamanha quietude no ar que senti algo gelado na espinha e fazendo cócegas no pescoço. Percebi imediatamente que havia alguma coisa errada; levantei-me e abri os olhos em um único movimento.

Temí por Giles, naturalmente; ele foi meu primeiro pensamento, mas lá estava ele, perto da margem, sentado no mesmo lugar em que estava antes de eu pegar no sono, por isso não sabia se tinha ficado inconsciente por apenas um minuto ou por uma hora ou até mais, não havia como dizer. Olhei ao redor, à procura da srta. Taylor, mas não havia sinal dela. Seu livro

estava aberto e virado para baixo no tapete do piquenique, mas ela não estava onde pudesse ser vista. Então, alguma coisa naquela quietude, algo na sensação gelada que subia e descia minha espinha, disse-me para olhar para o lago, não para a margem onde Giles estava sentado, mas para o próprio lago, no meio dele, para o lugar que nunca quis olhar, o lugar em que a srta. Whitaker se desgraçara, e lá eu a vi, a srta. Taylor, no meio da água, a visão mais espantosa, de tal forma que pensei estar sonhando ou alucinando, só que era bem real. Ela estava na superfície da água, mas sem nenhum barco. Estava lá em pé, exatamente no centro do lago, com a água batendo nos sapatos, embora não houvesse nada em que pudesse se apoiar, nenhum pontão submerso, nenhuma ilhota ou banco de areia. Estava olhando para a água com uma expressão melancólica, ou algo assim na sua postura, pois eu não conseguia discernir suas feições daquela distância. E então, sentindo meus olhos sobre ela, encarou-me e olhou através de mim, eu senti, de forma que imaginei seus olhos vidrados como os de uma escultura, incapaz de dizer se ela tinha me visto ou não. De repente ela começou a andar pelo lago espirrando água cada vez que seus pés batiam na superfície, caminhando rápida e objetivamente na minha direção, de forma que só pensei em uma coisa: correr, correr para longe daquela visão terrível.

– Giles! – gritei, pois sempre tive mais medo por meu irmão. – Giles! Olhe!

Levantei-me do chão e comecei a correr em sua direção. Ele não deu sinais de ter me ouvido ou de ter visto... a coisa sobre a água.

– Giles – ensaiei novamente.

Estava quase perto dele e a figura sobre a água continuava a vir para cima de nós. Dessa vez ele me ouviu. Olhou para mim, divertido.

– O quê, Flo? Qual o problema? Você não devia ficar gritando desse jeito, vai assustar o peixe.

– Olhe para o lago – gritei, alcançando-o e colocando o braço em seus ombros, para dirigir seu olhar. – Olhe!

Em vez disso ele olhou para mim, os olhos alarmados, evidentemente assustado com minha agitação, mas depois de um momento fez o que ordenei e olhou para a água. Observei seu rosto, esperando por sua reação. Ele apertou os olhos, perplexo, então se virou para mim.

– O quê? Para o que eu devo olhar, Flo?

Eu o sacudi.

– Não está vendo? Você não a vê?

– Quem, Flo? Quem?

– Ora, a srta. Taylor, é claro, caminhando pelo lago!

Ele olhou bem para mim.

– Não seja boba, Flo, como ela poderia fazer isso?

Eu o sacudi forte.

– Você tem que ver! Tem que ver!

Virei-o para olhar para o lago novamente.

– Diga que não vê a bruxa, caminhando sobre a água!

Giles esfregou os olhos com a mão.

– Eu... eu acho que vejo. Eu... eu, sim, Flo, estou vendo! De verdade, sabe?

Segui seu olhar até a água. Não havia ninguém lá. Ela tinha ido embora.

Eu o soltei. Evidentemente estava mentindo para me agradar e não tinha visto absolutamente nada. Ele olhou para mim, num último recurso.

– Acho que a vi, Flo.

Olhei para ele por um instante, depois olhei para o lago novamente, sem nada. Olhei para o lago vazio, vendo a brisa enrugar sua superfície, imaginando se aquilo havia realmente acontecido. Senti um ruído atrás de mim, o som de folhas ao vento e, antes mesmo de ela falar, eu sabia que estava ali.

– Muito bem, crianças – ela disse. – Acho que é relaxamento suficiente por um dia, não acham? Devemos voltar ao trabalho.

Eu me virei e olhei-a nos olhos. Foi o olhar da serpente que me olhou de volta, segura de si, e tive certeza de que ela sabia que eu a tinha visto no lago, e o que era pior, muito pior, ela não estava nem um pouco preocupada com isso.

No jantar daquela noite resolvi observar a srta. Taylor. Tinha pensado em contar à sra. Grouse sobre o incidente no lago, mas no final decidi por não contar, pois sabia que não acreditaria em mim. “É apenas a sua imaginação, minha querida”, ela diria. Pois eu não era essa criança estranha que caminhava à noite e antes da época das preceptoras passava horas (era o que ela pensava, pois não sabia, é claro, da biblioteca e da torre) vagando pela casa e pela propriedade sozinha, sonhando acordada? Além disso, se eu lhe contasse e ela desacreditasse, sem dúvida mencionaria o assunto à srta. Taylor e tudo ficaria exposto; nossa nova preceptora saberia que havia pedido ajuda – e falhado – e que eu era sua inimiga, se é que ainda não suspeitava do fato. Em vez disso, eu faria meu próprio aconselhamento, falaria apenas quando falasse comigo durante a refeição, e lhe daria liberdade para falar e rir com Giles enquanto eu a vigiava sem ser óbvia demais.

A refeição confirmou o que eu havia percebido durante o piquenique. A srta. Taylor cortava a carne, abaixava a faca, segurava o garfo com a mão direita, separava um pedaço de carne, levava-o aos lábios, mas então pensava em algo novo para dizer ao meu irmão e baixava o garfo novamente. Isso aconteceu várias vezes. Em certo momento ela reclamou que Giles não havia comido o bastante de legumes. Não restava nada na travessa, por isso ela tirou o garfo dele, pegou vários pedaços de brócolis do seu próprio prato e transferiu-os para o dele. Tudo muito benfeito, como num passe de mágica, e, se não estivesse observando atentamente, eu jamais saberia. Mas vi como tinha sido esperta. A carne tendo sido cortada e espalhada pelo prato não parecia equivalente ao único pedaço com que havia começado; um pouco dos brócolis que estavam em seu prato havia sido transferido para o de Giles, não havia como dizer quanto ela realmente havia comido. Exceto que eu sabia. Eu, que a observara como uma águia o tempo todo, vi que nem um único pedaço de alimento havia passado por

seus lábios; em resumo, ela não tinha comido absolutamente nada. E ao pensar nisso tive certeza de que, além daquele momento de loucura em que ela agarrou o *waffle* de Giles e mordeu-o como um pássaro ensandecido, jamais a tinha visto consumir coisa alguma.

Quando terminou a refeição, fui até a cozinha, onde encontrei Meg limpando os pratos no latão que John mantinha para os porcos. Fiquei por ali até ela concordar em reparar em mim e interromper sua tarefa.

– Muito bem, senhorita, o que pode estar querendo aqui?

– Não quero nada.

Ela ergueu a sobrancelha.

– Ora, vamos lá, senhorita, conheço seu jeito, que é o jeito de todas as crianças, especialmente das que estão crescendo depressa. Veio até aqui para que eu lhe desse algo para beliscar, certo?

Deixei escapar um pedaço de sorriso para que ela pensasse que queria controlá-lo e acenei com a cabeça. Imaginei que, deixando-a pensar que esse fosse o motivo, ela desistiria de descobrir o verdadeiro.

Ela olhou para a porta e certificou-se de que nem a srta. Taylor nem a sra. Grouse estavam por perto, então abriu um dos armários, tirou uma lata, extraiu um biscoito e entregou-o a mim. Recolocou a lata no armário, mas, ao alcançar a prateleira, lembrou-se de algo, retirou a tampa, pegou outro biscoito, que colocou entre os dentes para deixar a mão livre para tampar novamente a lata e recolocá-la no armário, depois pegou o biscoito na mão e começou a mordiscar. Meg não é o que se pode chamar de figura esbelta.

– Puxa, quanto desperdício! – disse, quando ela retomou sua tarefa de limpeza dos pratos no latão e imediatamente me arrependi de também ter entrado para a escola de teatro de Giles, mas Meg estava atenta ao seu serviço e parecia não ter notado.

– Ah, sim – ela disse –, e fica cada vez pior.

Ela olhou para mim.

– Com sua idade, você realmente deveria comer sua comida, srta. Florence, aí não teria necessidade de vir até aqui pedir um biscoito.

– Mas eu comi tudo – disse. – E Giles come muito. Você não reparou que as sobras aumentaram muito desde que a srta. Taylor chegou?

Meg pensou a respeito.

– Bem, agora que diz isso, senhorita, talvez eu tenha.

Ela ponderou por alguns instantes, depois deu de ombros e raspou o último prato ruidosamente no latão, a faca raspando a porcelana, e eu comprimi os dentes, pois era tudo o que podia fazer para não cobrir os ouvidos com as mãos.

– Bem, a srta. Taylor deve estar comendo como um pássaro então, srta. Florence, pois, se é como diz, e esse prato é o dela, então ela deixou toda a costeleta, mesmo que toda cortada. Ela, evidentemente, se diverte mais cortando que comendo.

Estremeci diante disso. *Ah, meu querido, eu poderia comê-lo!*, ouvi em minha mente, a lembrança da sua avidez sobre Giles à noite, como se mal pudesse resistir à tentação de cravar os dentes em sua carne macia.

– Ainda assim – disse Meg –, algumas dessas senhoras pomposas, o tipo de gente que se dá ares e graças, são assim mesmo. Obcecadas com a silhueta. Tenho sorte por não ser uma delas. Tenho coisas melhores a fazer do que passar todo o dia preocupada com minha cintura.

Como que para confirmar isso, depois de terminar de limpar os pratos, ela voltou para o armário, pegou a lata de biscoitos novamente e nós duas nos servimos.

O que eu deveria fazer agora? Ali estava eu, uma garota de 12 anos, órfã, sozinha no mundo, exceto por alguns criados queridos mas estúpidos e, é claro, meu irmãozinho que, longe de poder me ajudar, precisava da minha proteção. Pensei em escrever ao meu tio, mas então pensei mais e percebi que não poderia esperar socorro de sua parte. No mínimo porque não deveria saber escrever e, pelo que sabia dele, uma carta minha provavelmente traria não ajuda, mas alguma forma de castigo por tê-lo desobedecido alfabetizando-me. Além disso, ele detestava qualquer interferência de Blithe em sua vida; tinha até mesmo causado alguma comoção em suas cartas na época do incidente com a srta. Whitaker, especialmente pela publicidade do inquérito, quando seus negócios apresentaram questões tão prementes que ele não pôde sequer encontrar tempo para participar do processo.

Não canso de me impressionar com a inteligência da mente humana, ou da minha própria mente, pelo menos. Pois, quando estava começando a desesperançar da minha situação e descartando qualquer ideia de ajuda de uma parte – meu tio –, minha mente, continuando a trabalhar por conta própria, sem nenhuma ajuda minha, saltou daquilo para o inquérito e então para outra coisa que possivelmente solucionava tudo. O capitão Hadleigh. Ali estava uma pessoa que era inteligente e bem-educada, mas sem aquele ar de superioridade que os adultos costumam ter em relação às crianças; um homem que estava preparado para ouvir o que você desejasse contar a ele.

Era verdade que o capitão Hadleigh não era de forma alguma meu amigo. Eu me lembrava muito bem da nossa primeira entrevista, quando ele se sentou atrás de sua escrivaninha com os dedos na frente do rosto, as pontas pressionando o nariz, ouvindo o que ele chamava de minha “versão dos fatos”.

Contei a ele o que já tinha contado ao policial que me havia interrogado imediatamente após o “evento”, parando frequentemente em meu relato

para limpar os olhos com um lenço, pois não conseguia conter as lágrimas, ou para inspirar profundamente antes de prosseguir. Ele ouviu a história toda sem comentários e então ficou sentado em silêncio, os olhos acima dos dedos, observando-me como se eu fosse um animal ou pássaro morto que ele fosse dissecar.

– A srta. Whitaker caiu direto na água? – ele perguntou finalmente.

– Bem, sim, pelo menos eu acho que sim – parei por um momento, tentando lembrar. – Sim, tenho certeza que sim. Como eu disse, ela se levantou para pegar os remos da minha mão e o barco meio que balançou e ela tropeçou e acho que enroscou na barra do vestido e lá foi pela borda.

Ele pensou mais um pouco.

– E isso foi tudo o que aconteceu?

– Sim, senhor. Até onde lembro. É claro, tudo aconteceu tão depressa.

– E você diz que ela caiu direto na água?

– Sim, senhor, direto.

– Ela não bateu a cabeça na beirada do barco ao cair?

Então foi minha vez de pensar. Apertei os olhos, tentando ver a cena, mas só vi um branco. Porém, apesar de não ver nada, parecia ter me lembrado de um som.

– Bem, senhor, agora que mencionou, houve uma espécie de estalido alto antes do barulho da água. O tipo de barulho que uma cabeça poderia fazer contra a madeira, se entende o que quero dizer.

– Não, minha jovem, não entendo o que quer dizer. Nunca ouvi o som da madeira no osso.

Ficamos ali sentados mais uma década ou duas. Virei o lenço encharcado nos dedos. Ele olhou mais um pouco para mim.

Sentia-me desconfortável, mas não iria me deixar abalar por um jovem rapazote como ele, por isso continuei a encará-lo de volta.

– Ela poderia ter batido a cabeça na lateral, isso poderia ter produzido o som. Eu não me lembro. Como eu disse, foi tudo tão rápido.

– Muito bem – ele disse.

Então me olhou por cima dos dedos de novo, como se eles fossem a mira da arma e eu a presa infeliz.

– E quando ela caiu na água você não tentou salvá-la?

– Ora, sim, senhor. Pelo menos eu queria, mas parecia que sua queda havia afastado o barco. Eu estava longe demais para alcançá-la.

– Vamos lá, leva algum tempo até a pessoa afundar. Você poderia ter remado até ela.

– Ah, não, senhor, eu não estava com os remos. Como eu lhe disse, a srta. Whitaker estava tirando-os de mim quando perdeu o equilíbrio e caiu na água. Os remos foram com ela, senhor, e estavam fora do meu alcance, assim como ela.

Ele permaneceu calado.

– Os remos foram encontrados flutuando no lago depois, se o senhor se lembra. Tentei levar o barco até ela com minhas mãos, mas eu estava a uns seis metros dela, o barco estava à deriva. O problema era que o barco era largo demais para que eu pudesse colocar ambas as mãos ao mesmo tempo na água, senhor, e empurrando com uma das mãos de cada vez eu só conseguia fazê-lo girar em círculos, senhor.

Ele concordou com a cabeça, reconhecendo-o como um detalhe que só alguém que tivesse tentado poderia descrever.

– Muito bem, isso é tudo por enquanto – ele disse finalmente. – Pode ir.

Estava quase saindo pela porta quando sua voz alcançou-me e deteve-me.

– Ah, só mais uma coisa.

Eu me virei.

– Sim...?

– Aquele barulho, da cabeça na madeira, ou deveríamos dizer madeira na cabeça? Não poderia ter sido um remo, por acaso?

Eu o encarei novamente, ciente de que o sangue fugia do meu rosto.

– Isso eu não saberia dizer, senhor, pois é um som que nunca ouvi.

Tivemos mais dois ou três encontros depois disso, e todas as vezes foi a mesma coisa, ele voltava à questão do som e questionava-me de novo e de novo sobre os remos, mas eu não tinha nada a acrescentar. Senti que ele estava insatisfeito com aquilo tudo, mas achei que isso se devia à natureza do homem e às exigências do seu trabalho. No tribunal eu o peguei olhando para mim como se eu fosse um enigma que ele não conseguia decifrar, um objeto de fascinação. Tive que responder a muitas perguntas iguais do médico-legista, que era um idoso gentil que me disse para sentar quando eu testemunhava e mandou um funcionário trazer-me um copo d'água. Ao

responder vendo Hadleigh com seus olhos sobre mim, não pude deixar de pensar se tudo aquilo havia sido desde o início o objetivo de seus interrogatórios, ensaiar-me para quando viessem as perguntas de verdade. Senti que, se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes, em um baile talvez – não que eu já tivesse ido a um – ou em um ringue de patinação, Hadleigh teria gostado de mim, mas, por causa do caso Whitaker, eu o confundira bastante.

Então por que acreditava que Hadleigh iria querer me ajudar? Por que acreditaria na minha história, caso eu chegasse a lhe contar? Era um pouco demais esperar que um adulto, um policial cético, engolisse a história – mais um conto de fadas propriamente do que mistério – de que meu irmão e eu tínhamos uma preceptora má que estava conspirando para roubá-lo. Além disso, que ela poderia não ser humana, mas uma manifestação de outro mundo, até mesmo nossa preceptora anterior e agora morta desdenhando o outro mundo por este.

Então, novamente, apesar de não ter sido amigável comigo, mas continuar a examinar-me com aqueles olhos azuis astutos, Hadleigh havia se mostrado meu salvador em todo o episódio do irmão da srta. Whitaker, especialmente naquela terrível cena no tribunal, quando o homem se levantou e gritou, coisas tão terríveis que precisei cobrir os ouvidos, que tudo aquilo era uma simulação, que a morte de sua irmã não tinha sido investigada adequadamente, que seu empregador deveria ser responsabilizado por tê-la deixado no lago sem outra pessoa além de uma criança para salvá-la, e que havia algo “podre em tudo aquilo”.

Senti que quase morri de vergonha de tudo aquilo, com todos os olhares em cima de mim, como abutres sobre um coelho morto, mas, tão logo começou o tumulto, Hadleigh e seus homens estavam em cima de Whitaker, pegaram-no pelos braços, levaram-no para fora da sala e não o deixaram voltar pelo resto da sessão. Aconteceu a mesma coisa quando saí do tribunal e de novo quando voltei no dia seguinte. Whitaker ficava esperando por mim, mas, assim que saltávamos da charrete, os homens de Hadleigh o pegavam e sumiam com ele, evitando qualquer dano. Suspeito que ele tenha dado um susto no homem, pois jamais voltei a pousar os olhos nele.

Assim, a situação com Hadleigh estava bem equilibrada. Por um lado, ele tinha sido meu cavaleiro, salvando-me da dor e da humilhação infligidas pelo irmão da srta. Whitaker. Por outro, olhava para mim como se eu fosse

seu caso de estudo especial, um enigma que só ele poderia resolver, e sua proteção não era mais amigável que isso. Ainda assim, eu não tinha mais nada, ninguém a quem recorrer. Era Hadleigh ou ninguém.

Decidir que não tinha nada a perder procurando sua ajuda não era a mesma coisa, porém, que a obter. A delegacia de polícia ficava em nossa pequenina cidade. A distância era de quase dezoito quilômetros e eu não tinha como chegar lá a não ser que fosse levada por John. Mas eu não podia dizer apenas “Quero ir até a cidade”, pois a srta. Taylor não permitiria, na verdade nunca tive permissão antes de sua chegada, nem mesmo da sra. Grouse. Giles e eu raramente nos aventurávamos até a cidade, pois todas as nossas necessidades eram atendidas em Blithe, onde éramos alimentados e lavados e medidos para ter roupas e atendidos quando ficávamos doentes.

Esta última lembrança me fez pensar. Éramos atendidos por um médico, mas não por um dentista. Uma vez, quando eu era menor e tive um dente de leite dolorido, fui levada até a cidade para ver o dr. Field, o dentista, um velho desagradável que evidentemente odiava seu trabalho e ainda mais quando envolvia crianças. Era evidente que um dentista não poderia vir até Blithe, pois precisaria de seu equipamento, a pesada cadeira de metal e couro, e a broca ameaçadora, que nunca vi em ação, mas só de ouvi-la da sala de espera foi o suficiente para me fazer estremecer.

Pensei em me queixar de dor de dente, assim teria que ser levada até o sr. Field, mas isso não seria suficiente, pois se a srta. Taylor também fosse, como bem poderia, não teria a oportunidade para visitar a delegacia de polícia e falar com o capitão. Só uma solução sugeriu-se a mim. Giles teria que visitar o dentista. Eu o acompanharia e, quando se apresentasse a oportunidade, escaparia até a delegacia.

Demorei alguns dias até conseguir ficar a sós com Giles, tempo suficiente para expor-lhe meu plano. Sua reação não foi diferente do que eu esperava.

– Dentista? Pedir para ver o dentista? Que medo! Não quero que me furem com a broca ou que me arranquem os dentes um por um. A Inquisição espanhola usava isso como forma de tortura, sabia?

– Mas, Giles, você não precisa que usem a broca ou que lhe arranquem os dentes. Não há nada de errado com eles.

Giles enfiou o dedo na boca e correu os dentes com ele, verificando.

– Como pode estar tão certa? E se eu chegar lá e o velho Field descobrir algo e usar aquela broca?

– Ele não vai fazer isso, Giles, porque não há nada de errado com seus dentes.

– Ah, sim, porque agora você também é dentista? E se ele disser que há alguma coisa errada com um deles mesmo que não haja, só para poder arrancá-lo e receber o pagamento?

– Ele não faria isso. Não é permitido. É... é... é contra o juramento de Hipócrates.

Eu não tinha certeza disso, mas quando expliquei o que era esse juramento para Giles ele não me questionou, o que mostrava que, se arrancar um dente bom não vai contra o juramento, deveria.

Giles me olhou desconfiado, avaliando suas alternativas.

– Tem certeza de que ele não vai fazer nada comigo?

– Juro pelo meu coração.

– Bem, está certo, então, eu faço. Quando você quer que eu desça com dor de dente?

– Amanhã de manhã será bom. Não queremos que fique muito tarde para pegar o dr. Field.

Nesse momento a srta. Taylor reapareceu e Giles voltou para seus livros.

– Ah, Giles – sussurrei para ele.

Ele se virou e murmurou:

– O quê?

– Não exagere.

Bem, eu poderia ter poupado minha respiração nesta última frase porque pareceu servir apenas como estímulo para Giles, que se atirou ao papel de menino com uma terrível dor de dente com tamanho entusiasmo que quase colocou em perigo todo o nosso esquema. Tínhamos passado cerca de três quartos do café da manhã e fiquei preocupada por achar que ele tivesse esquecido do plano ou mudado de ideia, por isso o chutei por baixo da mesa.

– Ai! – ele soltou.

A srta. Taylor olhou desconfiada para ele e depois para mim, mas nada disse e voltou a passar manteiga no pedaço de pão com a mesma concentração intensa com que, eu tinha percebido, estava passando desde que nos sentamos para tomar café.

– Dor de dente! – eu disse a Giles. – Agora.

– Não – ele sinalizou e apontou para a pilha de pão e geleia em seu prato.
– Não acabei ainda.

Suspirei exasperada, olhei-o fixamente e quando ele teimou decidi assumir o caso com minhas próprias mãos, ou melhor, pés, dando-lhe outro chute forte na canela.

– Ai! – foi muito mais alto desta vez e não podia ser ignorado.

– O que foi, Giles? – disse a srta. Taylor, dando um descanso para a faca e pousando-a junto com o pão no prato. – Acho que o ouvi gritar antes. O que está acontecendo?

Giles olhou para mim, mas olhei para ele sem expressão e felizmente ele percebeu que era o momento perfeito para encenar seu número.

– É o meu dente, srta. Taylor, um deles está doendo muito. Ai! Ai! Ai!

Ela se levantou da cadeira e foi direto até ele. Seu braço o envolveu como uma cobra e ela o abraçou.

– Calma, calma, não exagere, querido.

– Ah, mas está doendo muito, srta. Taylor – disse Giles, soltando-se dela com um empurrão. Ele saltou da cadeira. – Ai, meu Deus do céu, acho que vou morrer!

Com isso ele caiu no chão e começou a espernear, como um rato quando você o espeta com um pau, só que Giles mantinha a mão na testa, como fazem os atores nas fotografias em que aparecem exibindo seu ofício.

A srta. Taylor ajoelhou-se ao seu lado e tentou acalmá-lo.

– Quietos, Giles, quietos, você precisa mostrar-me qual dente está doendo.

Giles foi levado a sentar-se enquanto ela o embalava. Ele enfiou o dedo na lateral da boca.

– Exi aqui.

Nossa nova preceptora examinou sua boca.

– Não vejo nada errado com ele.

Giles mudou o dedo de lugar.

– Ou exi aqui, não xei. É dissítil dizê.

A srta. Taylor colocou-o em pé e levou-o até a saleta, onde o colocou no sofá, dando a entender a todos que a dor de dente o deixara incapaz de ficar em pé. O barulho havia atraído toda a casa. A sra. Grouse trouxe o vidro de láudano e eu fiquei olhando, com o coração acelerado, enquanto ela administrava algumas gotas ao meu irmão, temendo que, se ela o deixasse muito dopado, ele pudesse esquecer tudo e revelar nosso plano, que até

então estava funcionando perfeitamente, pois John já tinha ido preparar o cavalo e a charrete.

Foi nesse momento, porém, que meu esquema começou a desandar.

– Só um instante, Giles – disse a srta. Taylor. – Só preciso pegar meu casaco e chapéu, e o seu casaco, é claro.

– Mas eu... – comecei a falar. Esperava que a sra. Grouse e eu fôssemos levar Giles até a cidade, como sempre fizemos. Eu sabia que, se a srta. Taylor nos acompanhasse, seria muito mais difícil escapar. Agora ela parecia estar sugerindo uma situação ainda pior, ou seja, que ela fosse sozinha com Giles para a cidade e eu ficasse para trás. Entrei em pânico; e se eu tivesse acabado de lhe dar a oportunidade que ela queria, roubar Giles de Blithe e nunca mais voltar?

– Mas o quê? – a srta. Taylor perguntou, sondando-me com os olhos.

– Pensei que iria com Giles.

– Isso não será necessário – ela sibilou, antes de girar os calcanhares e sair da sala.

Murchei. O láudano não havia diminuído a dor de Giles; e por que diminuiria, se a sua agonia era inteiramente encenada? Ele escorregou do sofá e deitou-se no tapete da saleta, chutando com as pernas e esmurrando com os braços e gritando a plenos pulmões. A sra. Grouse olhou para mim sem saber o que fazer. Ajoelhei-me ao lado do meu irmão e comecei a secar sua testa.

– Shhh, Giles – eu disse, depois sussurrei: – Giles, você deve exigir que me levem.

– Ai, meu Deus, me deixe morrer! Por favor, me deixe morrer! – ele gritou, e depois, em voz baixa: – Por que, Flo, se a srta. Taylor está vindo, por que preciso de você?

Sub-repticiamente, puxei seu cabelo, fazendo-o gritar de verdade dessa vez.

– Seu garoto idiota – sussurrei. – É essa a questão, você não lembra? Preciso ir até a cidade.

– Ah, sim – ele sussurrou.

A srta. Taylor voltou para a sala, de casaco, com o chapéu na mão, Mary atrás dela segurando o casaco de Giles.

– FLO! – ele gritou. – EU QUERO A FLO!

A srta. Taylor empurrou-me para o lado e tomou meu lugar.

– Está tudo bem, Giles, eu ficarei com você. Não precisa incomodar Florence.

– Não é incômodo algum – eu disse, resoluta.

Giles voltou a chutar e esmurrar.

– EU QUERO A FLO! EU NÃO VOU SEM ELA! NÃO POSSO IR SEM ELA!

– Está bem – disse a srta. Taylor.

– Vou pegar meu casaco e chapéu – eu disse, e saí correndo da sala, ainda receosa de que fossem sem mim caso eu não me apressasse.

*F*ormávamos um grupo estranho, seguindo na direção da cidade. John, em geral imperturbável, dizendo ao cavalo para animar-se e dando-lhe algumas chicotadas, algo que normalmente não fazia; a srta. Taylor, mantendo um silêncio glacial, ainda aborrecida com a minha presença, ou, se não exatamente por isso, então porque Giles precisasse primeiro e sobretudo de mim, o que, é claro, não se encaixava nos seus planos; e Giles gemendo e choramingando como um porco preso. Na verdade, ele manifestava seu sofrimento tão incansavelmente que me peguei pensando se talvez, por uma estranha coincidência, ele estivesse com dor de dente de verdade e não fosse mais encenação. O menino tinha talento para o melodrama, isso eu não podia negar, resmungando solenemente que caso morresse não devíamos chorá-lo, mas lembrar de como ele era em um dia de verão no jardim alguns anos atrás, um dia que parecia tão especial, que o fato de não me lembrar dele como algo diferente de qualquer outro dia me fez lamentar bastante. Giles parecia tão trágico que eu tinha certeza de que havia esquecido de que tudo não passava de encenação, o que dificultava bastante meu esforço para não cair na gargalhada.

Tão perturbado ficou John com o barulho de Giles que fomos a galope até a cidade. Uma coisa chamou minha atenção quando entramos na Main Street, e foi que a srta. Taylor abaixou o véu. Por que faria isso, imaginei, por que não queria que seu rosto fosse visto? É claro, a srta. Whitaker vinha sempre à cidade, uma vez por semana, e fiquei imaginando, caso a srta. Taylor fosse realmente uma e a mesma primeira preceptora, se não havia aqui alguém que ela temesse poder reconhecê-la, como se talvez aquele ar de familiaridade que encontrei em sua expressão pudesse ser ainda mais aparente para os outros. Não tive tempo para aprofundar o pensamento porque paramos diante do consultório do dr. Field e, depois de amarrar o cavalo, John carregou Giles para dentro, parecendo assim que a inflamação

havia se espalhado pela boca e chegado até as pernas, impedindo-o de andar.

A pequena e tímida esposa do dr. Field, que fazia as vezes de atendente e enfermeira, mandou-nos sentar na sala de espera, um lúgubre ajuntamento de poltronas forradas de veludo vermelho (para disfarçar o sangue, Giles insistiu, quando estivemos ali antes) que recendiam a uma mistura forte de tabaco e elementos químicos cujo odor teve o efeito imediato de me provocar mal-estar.

– Ele não vai demorar – disse a sra. Field. – Está executando um trabalho complicado com a broca em outro paciente e está bem no meio.

Para confirmar, o barulho da broca recomeçou, e Giles silenciou imediatamente, depois começou a fazer barulho de novo, mas desta vez não pelo fingido sofrimento, mas por causa do medo.

– Sabe de uma coisa, srta. Taylor, meu dente parece bem melhor – ele disse, exibindo um sorriso fraco. – Sim, realmente está.

– Não, Giles – ela contemporizou. – É apenas o láudano começando a fazer efeito. Depois que passar, você sentirá muito mais dor que antes. Acredite, esse dente precisa de tratamento.

– Não, senhorita, eu juro, não estou com dor de dente. Não estou mesmo. Foi tudo uma brincadeira, sério que foi. Não foi, Flo? Diga a ela, Flo – suplicou com o olhar, mas naquele momento ouvimos um gemido repentino da cirurgia do dentista que me deu a oportunidade perfeita para executar a outra parte do meu plano. Coloquei uma mão na testa e comecei a cambalear. Suspirei e fingi que ia cair da cadeira.

– Ai, senhorita! – exclamou a sra. Field, pegando-me bem a tempo.

– O que é isso? – disse a srta. Taylor, que tinha toda a atenção voltada para Giles e não percebera.

– A jovem, senhorita – disse a sra. Field. – Acho que vai desmaiar.

– Está tão quente, tão quente aqui dentro – murmurei.

Era fácil exhibir um desempenho mais convincente que o de meu irmão, pois a verdade é que estava quente, e o cheiro muito forte estava realmente me causando grande mal-estar.

– Acho que ela ficou assustada com o barulho que fez o paciente do meu marido – disse a sra. Field. – Algumas pessoas ficam assim, especialmente as jovens.

– Preciso de ar – eu disse.

– Mas, Flo – Giles gritou. – Você não pode sair. Não agora.

O idiota tinha esquecido de que esse era exatamente o meu objetivo.

– Eu a levo lá fora se desejar, madame – disse a sra. Field, ao que a srta. Taylor, totalmente distraída com Giles, simplesmente acenou com a cabeça.

A mulher do dentista ajudou-me a ficar em pé e levou-me até a calçada. Fiquei aliviada por ver John sentado na charrete, fumando seu cachimbo e olhando para o outro lado. Depois de alguns instantes, garanti à sra. Field que estava bem o bastante para ficar em pé sem apoio e ficaria bem sozinha.

– Bem, se tiver certeza, senhorita... – ela disse. – Tenho coisas a fazer.

E voltou para o consultório do dentista.

No momento em que a porta se fechou atrás dela, levantei minhas saias e comecei a correr. Felizmente a delegacia de polícia ficava na direção oposta à que John estava olhando. Nossa cidade é pequena, com apenas uma avenida principal, onde estão situadas todas as lojas, casas, bares e hotéis. Corri pela calçada e parei sem respiração diante da delegacia de polícia para recompor-me. Bati e abri a porta. Um jovem policial, que estava sentado a uma escrivaninha, levantou-se quando entrei. Sem lhe dar tempo para falar, eu disse:

– Preciso ver o capitão Hadleigh imediatamente. Ele está?

– Sim, senhorita, mas preciso anunciá-la primeiro, pois ele está muito ocupado e pode não ter tempo para vê-la se não marcou uma entrevista.

Pude ver que, se discutisse, seria apenas um desperdício de tempo valioso, por isso dei-lhe meu nome. Ignorei sua oferta para sentar-me, pois estava muito agitada, e fiquei andando de um lado para outro enquanto ele estava dentro do escritório. Havia um grande relógio na parede e seus ponteiros pareciam estar correndo, o pêndulo tiquetaqueando como um pica-pau ensandecido, picando meu tempo precioso.

O rapaz da recepção reapareceu.

– O capitão irá vê-la agora, senhorita.

Ele me acompanhou até a sala de que me lembrava tão bem. Hadleigh levantou-se da cadeira atrás da mesa, deu a volta e cumprimentou-me.

– Isto é uma surpresa – ele disse, e indicou-me a poltrona ao lado da mesa, depois deu a volta de novo e voltou a sentar-se na sua.

Colocou as mãos diante do rosto, como antes.

– Bem, o que a traz aqui? Tem algo a me dizer? Algo talvez que tenha esquecido?

Houve um longo silêncio. Eu ainda podia ouvir o relógio da antessala. Seu tique-taque parecia ter desacelerado para uma batida melancólica.

Engoli em seco.

– É sobre a nossa preceptora.

– A srta. Whitaker, sim, é claro, o que mais?

– Não, não, senhor, não está entendendo. Não a srta. Whitaker. Nossa nova preceptora, a srta. Taylor.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Não aconteceu nada com ela, espero. Senão, imagino que jamais conseguirá ter uma educação.

Ignorei seu cinismo.

– Não, senhor. Não é nada disso. É que, bem... – minha voz sumiu como o triste canto de um bacurau desaparecendo com o vento do inverno.

– Sim?

Mas o que eu iria contar a ele? De repente, tudo me pareceu uma loucura. Tinha certeza de que ele iria me achar maluca. O que exatamente havia a dizer? Que ela tinha uma cobra dentro dela? Que podia caminhar pela água, que tinha a visão noturna de um cego? Na verdade não havia nada a dizer.

– Bem, senhor, é difícil explicar. É que ela tem alguma coisa que me assusta, e eu tenho certeza de que ela nos quer fazer mal, ou pelo menos fará mal ao meu irmão, ou, se não isso, irá raptá-lo e levá-lo embora.

Ele olhou para mim fixamente, como tantas vezes antes, como se tentasse me entender, descobrir o que realmente acontecia por dentro.

– Ela lhe fez algum mal? Machucou Giles?

– Bem, não, senhor, não que se possa dizer isso.

– Ela ameaçou fazer alguma coisa? Ela disse que irá levá-lo embora?

– Não, senhor, mas há alguma coisa tão... tão... bem, peculiar a respeito dela. Ela tem esse olhar estranho, senhor, como se tivesse engolido uma cobra que fica lá dentro olhando através de seus olhos. E, ao mesmo tempo, mesmo não parecendo nada com ela, às vezes capto em seu rosto um aspecto que me lembra, bem, a srta. Whitaker, senhor, e me faz pensar que seja ela.

– Mas a srta. Whitaker está morta, como bem sabe.

Aspirei pelo nariz. Podia sentir meus olhos enchendo-se de lágrimas.

– Eu... eu acho... – minha voz reduziu-se a um sussurro – acho que ela é um fantasma.

Decidi então não dizer nada a respeito do incidente no lago, sobre tê-la visto caminhar pela água, pois sabia que isso serviria apenas para desacreditar todo o resto. Ele ficou me olhando durante muito tempo. O relógio lá fora desacelerou ainda mais, como alguém fechando um caixão.

– Foi a algum médico recentemente?

Funguei e enxuguei uma lágrima.

– Não, senhor, eu... eu... – não consegui falar mais nada, pois minha garganta fechou.

Ele se levantou, deu a volta na mesa e sentou-se nela. Estendeu o braço e colocou a mão em meu ombro.

– Já leu *Macbeth*?

Olhei para ele confusa.

– Lembra-se da cena na festa, em que o fantasma de Banquo aparece para Macbeth?

– Sim – a voz saiu, mas como um guincho.

– Não há fantasma. É apenas a culpa de Macbeth.

Mordi o lábio e endireitei-me.

– Não tenho por que me sentir culpada, senhor. Exceto talvez por não ter conseguido salvar a srta. Whitaker, por não ter conseguido pensar com mais clareza ou agir com mais rapidez.

– Foi isso o que eu quis dizer, é claro.

O relógio lá fora começou a soar. Seria meio-dia. Voltei para o presente.

– Senhor, tenho que ir. Se sentir me falta, suspeitará.

– O quê?

Percebi que estava tão nervosa que havia esquecido e falado na linguagem que usava para conversar comigo mesma

– Quero dizer, se ela sentir minha falta, ficará desconfiada, senhor.

Levantei-me e fui na direção da porta. Ele deu a volta na mesa e estava com a mão na maçaneta antes de eu alcançá-la.

– Escute, posso ver que está inquieta – ele disse. Seu rosto estava próximo do meu. Seu hálito cheirava a leite e canela, o que de certa forma me reconfortou. – Irei visitá-la quando tiver um tempo livre para dar uma olhada nessa mulher. Se houver alguma coisa errada, pode contar comigo para descobrir.

Enxuguei uma lágrima errante e agradei com um sorriso.

– Obrigada, senhor, muitíssimo obrigada.

E então o relógio chegou a onze badaladas e eu já estava na porta – como se, acaso não saísse antes da décima segunda badalada, um terrível feitiço fosse cair sobre mim. Saí pela sala de fora, passei pelo funcionário surpreso e voei pela rua.

Cheguei ao dentista bem na hora. No momento em que subi ofegante, a porta abriu-se e Giles saiu apoiado de um lado pela sra. Field e do outro pela srta. Taylor. Estava soluçando, a cabeça inclinada e o rosto enfiado em um lenço coberto de sangue. Quando a srta. Taylor olhou para mim, não pude ver sua expressão por causa do véu, e não tinha ideia se ela tinha reparado ou não na minha ausência.

Ao me ver, a sra. Field, com aqueles seus modos deferentes, soltou Giles, passando-o para mim. Coloquei meu braço em torno dele.

– Puxa, Giles – sussurrei –, o que aconteceu?

Ele me lançou um olhar rancoroso.

– O dentista tirou todos os dentes de trás – ele balbuciou, com bolhas de cuspe vermelho nos lábios. – Ele não conseguiu encontrar o que estava estragado, por isso arrancou todos só para ter certeza.

*V*ocê já pensou como seria estar morto? Às vezes acho que sei tão bem que já devo ter morrido e estou caminhando no exterior, outro fantasma, para fazer companhia à srta. Taylor, nascida Whitaker. Muitas vezes, à noite, faço a cama apertada e depois entro debaixo das cobertas e deito com os braços rígidos dos lados, como se estivesse dentro do meu caixão. Seguro a respiração e imagino que a escuridão do quarto é o escuro dentro do meu túmulo. Imagino a tampa do caixão em cima de mim. Penso no meu funeral, em todos que conheço, a sra. Grouse, Giles, meu tio talvez, embora, é claro, não possa realmente dizer que o conheço, Meg, Mary e John, em pé ao lado dessa cova funda e escura no chão, vendo-me ser baixada, encolhendo-se ao ouvirem a primeira pá de terra batendo na tampa do caixão, e aquele som ficando surdo gradualmente, enquanto minha cova se enche, apenas terra por cima de terra. Penso nas pessoas voltando para casa no final de um dia de sol no inverno, aconchegando-se em torno do fogo, onde sua conversa gradualmente se volta para outros assuntos ao ter início o conforto do esquecimento. Imagino que de vez em quando uma delas irá lembrar-se de como me deixaram pouco antes sozinha na terra fria, e como a luz está se apagando e estou começando minha nova existência ali, em meu novo lar, em meu buraco no chão. E, com meus pensamentos voltando para meu corpo supostamente morto, lembro-me de “O enterro prematuro”, de Poe, e me imagino ainda viva, gritando que quero sair, arranhando com as unhas a tampa do caixão, mas, com dois metros de terra acima de mim, ninguém consegue me escutar gritando e gritando, até que primeiro minha voz diminui, vai se resumindo a um lamento e depois a nada; fico deitada e ouço minha própria respiração até acabar todo o ar, e então não há mais respiração ou escuta porque não há mais absolutamente nada.

Estou muito solitária agora, pois Giles ainda está bravo comigo por seus molares perdidos, embora fossem apenas dentes de leite que logo cairiam de qualquer forma. Ele protestou porque só podia comer sopa, o que, é

claro, passou subitamente a odiar, e quando terminou de me culpar, manteve-me afastada. Agradei-lhe pelo sacrifício de seus dentes, pois tinha me possibilitado ver Hadleigh, apesar de o encontro ter sido insatisfatório, e por não ter revelado meu plano, embora por uma ou duas palavras que ouvi a srta. Taylor deixar escapar para a sra. Grouse percebi que, enquanto estava na cadeira, ele tinha gritado “coisas sem sentido” sobre não ter nenhuma dor de dente e tudo ter sido fingimento.

– Se aquilo foi fingimento – disse a sra. Grouse –, então o garoto é realmente um ótimo ator.

O que me fez desconfiar que, como eu, a mulher nunca tinha estado em um teatro.

Assim, apesar de ter alertado Hadleigh, não foi a um custo pequeno, pois Giles agora me evitava tanto que se apegou a nossa nova preceptora, considerando-a sua protetora, embora, como tentei demonstrar, tinha sido ela quem aquiescera à decisão do dentista de arrancar os dentes. Eu encontrava sempre a srta. Taylor com Giles a seu lado, abraçando-o de uma maneira que eu garantiria que era pouco profissional. Certamente a srta. Whitaker nunca fez uma coisa dessas, e para mim não parecia direito. Tudo isso significava que, apesar de ter Hadleigh do meu lado, eu havia atirado Giles nos braços da srta. Taylor de tal maneira que poderia ter literalmente acelerado sem intenção o progresso do que eu acreditava ser o seu plano de fazê-lo cúmplice do próprio sequestro.

No dia seguinte à nossa ida ao dentista, ocorreu outro incidente que me deixou bastante temerosa. Foi depois do almoço, e eu tinha acabado de deixar a sala de jantar. Parei no salão diante de um grande espelho ali pendurado e fiquei olhando para mim mesma. Vi uma garota alta, desengonçada, membros longos e pescoço esticado, com uma tez tão pálida que não parecia bem. Meus olhos estavam abandonados em grandes discos pretos, meu vestido e avental branco pendiam dos meus ossos como se estivesse ficando menor em vez de crescer, e eu mal me reconhecia, parecia muito doente. Houve um movimento súbito atrás de mim e a srta. Taylor apareceu no espelho, olhando-me por cima do ombro.

– Você não é bonita, Florence – ela me informou, e dentro de mim uma pomba branca agitou-se e caiu morta no chão. – Mas você tem certo encanto que é muito mais importante que a mera beleza.

Ficamos paradas olhando para o meu reflexo.

Houve um farfalhar de seda e eu me virei e olhei quando, sem outra palavra, ela se afastou. Voltei-me para o espelho e o que vi ali gelou meu sangue. Pois de pé, atrás de mim, com um sorriso triunfante, zombeteiro, estava a srta. Taylor. Olhei imediatamente por cima do ombro, mas ela já tinha ido. Virei-me para o espelho e lá permanecia seu reflexo, rindo silenciosamente, ainda olhando por cima dos ombros da minha imagem. Senti-me tonta, pisquei, mas, quando abri os olhos, lá estava ela. Sacudi minha imagem para livrar-me do seu toque e saí correndo pelo corredor, atrás da srta. Taylor real, mas não consegui evitar parar e olhar para o espelho uma última vez. E lá estava, ainda, seu reflexo preso no espelho, com a cabeça para trás, rindo um sorriso terrível, silencioso.

Naquela tarde na biblioteca eu me desconcentrei em “O coração delator”, apesar de ser um conto maravilhoso. Não conseguia pensar em nada além da terrível cópia da minha inimiga, presa como uma cotovia na gelatina, dentro daquele espelho. Temia ver aquilo de novo, mas ao mesmo tempo mal podia esperar para voltar lá, para ver se ainda estava lá.

Aconteceu que, quando estávamos prestes a entrar na sala para jantar, a srta. Taylor lembrou-se de algo que havia deixado em seu quarto. Ela disse a Giles e a mim para nos sentarmos à mesa e não esperar por ela, pois a comida esfriaria. Isso era algo que havia acontecido uma ou duas vezes antes, e eu tinha decidido que era apenas uma desculpa para evitar comer, pois, na verdade, apesar de estar ali há não mais do que umas poucas semanas, nossa nova preceptora estava ficando cada vez mais magra. Agora me parecia que a pele de seu rosto estava esticada sobre os ossos de seu crânio, e abaixo do queixo seu pescoço, vazio de carne, pendia como o de uma galinha depenada.

Giles e eu fomos para a sala do café, mas no momento em que a srta. Taylor virou na escada e sumiu de vista, agarrei Giles pela mão e levei-o na direção oposta.

– Flo, o que está fazendo? Este não é o caminho para o jantar! Me solta, estou com fome.

– Shh, Giles, ela vai escutar. Venha, só vai levar um minuto. Há algo que quero que veja.

Quase desmaiei quando chegamos diante do espelho. Não consegui levantar os olhos para olhar, pelo tanto que temia o que veria, mas com Giles segurando minha mão, impaciente para ir embora, levantei os olhos

lentamente e vi meu outro eu, aquela desengonçada solitária, diante da qual estava meu irmão, intrigando seu gêmeo com um olhar desmotivado, e, o mais terrível, atrás de mim, como sempre soube que estaria, a cópia da minha algoz, olhando-me diretamente nos olhos, com um sorriso pretensioso.

Giles desviou o olhar e tentou me puxar de volta para a sala do café.

– Vamos lá, Flo, estou morrendo de fome!

– Giles, espere, só um segundo, por favor!

Arrastei-o de volta e, agarrando seus ombros por trás, dirigi seu olhar para o espelho.

– Olhe, diga-me o que vê.

Ele ficou olhando para o espelho, desta vez não para si mesmo, mas para cima, para mim, e certamente para a mulher atrás de mim. Segurei a respiração.

– O que você vê?

– Uma bruxa – ele disse. – Uma bruxa feia e assustadora.

Virei-o e abracei-o, incapaz de conter meu alívio.

– Então você também a vê! Realmente vê!

Ele me empurrou e me olhou de soslaio.

– Sabe, Flo, eu te vi. Mas você não é realmente feia ou uma bruxa, eu só estava provocando quando disse aquilo.

Sacudi seus ombros.

– Não, Giles, não retire o que disse agora. Não tenha medo nem finja que não viu. Você a viu, não viu? Não viu?

Giles me estranhou.

– Quem, Flo, de quem você está falando?

– Ora, Giles, você sabe de quem. Sabe muito bem. Da srta. Taylor, é claro.

Ele se virou de novo para o espelho, olhou para ele e depois para mim.

– Não seja boba, Flo, como eu poderia vê-la se ela está lá em cima? Você também viu que ela foi.

Virei-o de novo para o espelho e apontei com meu dedo para a maldita imagem, que mesmo agora ria para mim.

– Ela está lá em cima, sim, mas sua cópia está aqui, presa no espelho, você não vê? Você não vê?

Giles ficou olhando para o espelho, e a expressão de sua imagem era vazia. Soltei-o e ele sacudiu os ombros.

– Não quero brincar mais disso, Flo – ele disse. – Eu não gosto. De qualquer maneira, vamos nos atrasar para o jantar.

Ele se virou e foi para a sala do café, deixando-me a olhar para ele, imaginando se teria visto o que vi, e, se sim, por que iria fingir que não?

Passei o jantar preocupada. No início, não tive dúvidas de que Giles tinha visto o reflexo hediondo preso no espelho, pois era tão claro quanto seu próprio rosto. Perguntei-me por que ele insistiria em dizer que não, e a única resposta que me ocorreu foi que estava com medo. Ele não queria admitir a verdade. Era até possível que ele genuinamente acreditasse que não tinha visto nada, porque a alternativa era terrível demais para aceitar. Mas se esse fosse realmente o caso, então por que Giles estaria tão calmo agora, rindo e brincando com a srta. Taylor durante toda a refeição e só mostrasse alguma ansiedade quando olhava de relance para mim? A srta. Taylor ignorou, exceto por um olhar demorado quando entrou na sala e sentou-se. Mas naquele olhar eu soube que o nosso atraso para o jantar era do seu conhecimento, que ela tinha nos visto com os olhos da sua imagem no espelho, que ela havia deixado seu reflexo para nos espionar. Senti como se tivesse engolido um bando de estorninhos inquietos; mexi a comida no prato, incapaz de engolir mais que uma ou duas garfadas.

– Ora essa, Florence – agradeu-me a srta. Taylor como se nada tivesse acontecido, quando Mary entrou para recolher os pratos depois do prato principal –, você quase não comeu. Vamos lá, acho que consegue comer mais um pouco.

– Sinto muito, senhorita, acho que não consigo.

– Vamos lá, nem mesmo para me agradecer?

Diante disso eu ri, pois, depois do que havia acontecido pouco antes, era uma grande ironia. Mas, se ela podia manter o fingimento, eu também podia.

– Não, senhorita, nem mesmo por isso.

– Muito bem, então. Mary, pode retirar os pratos.

Depois que Mary saiu, criei coragem. Não sou de deixar as coisas paradas e havia decidido combater aquele demônio, não importando os poderes sobrenaturais que pudesse ter à sua disposição.

– Sabe, senhorita, reparei que a senhora mesma não come o suficiente para manter um pássaro vivo.

Seu rosto magro enrubesceu.

– Não sou uma menina em fase de crescimento que precisa de muito alimento.

– Sim, senhorita, mas certamente qualquer corpo, qualquer *corpo vivo*, precisa de algum sustento.

Ela pegou o guardanapo e limpou a boca, gesto que me agradou, pois vi que foi surpreendida pela minha franqueza e precisava de uma pausa para pensar.

– Existem muitas razões para uma pessoa ficar sem comer. Dor e perda, por exemplo, você sabe, podem diminuir o apetite.

Nesse momento Mary voltou com a sobremesa, um pudim de arroz, e começou a servi-lo. Quando chegou na srta. Taylor, nossa nova preceptora o dispensou, desafiando-me, como se dissesse que era o que era e faria o que quisesse e minhas perguntas jamais iriam alterar isso.

Naquela noite, inquietei-me novamente e por fim fiz-me de sonâmbula, e aconteceu o mesmo de antes. Abri a porta do quarto de Giles e encontrei meu irmão profundamente adormecido e a srta. Taylor sobre ele, quase o lambendo. Tão atenta estava à sua presa que nem sequer levantou os olhos ou deu qualquer sinal de sentir minha presença, de forma que acabei saindo e voltei para minha cama, onde fiquei tremendo até o amanhecer, quando finalmente caí em algo que lembrava sono.

Passei toda a manhã nervosa no quarto de estudos, o que, dado o que aconteceu depois, me fez pensar que eu havia tido uma premonição do choque que estava por vir. Incapaz de me acalmar, pedi permissão à srta. Taylor para descer até a biblioteca em busca de outro livro. Poe, que eu sempre amara talvez mais que qualquer outro autor, exceto Shakespeare, é claro, estava tendo um efeito depressivo sobre o meu espírito. Havia horror demais em minha própria vida para querer ler a respeito. Desci e estava no corredor principal da ala oeste quando subitamente temi pelo que poderia ver à frente. Ali, na penumbra, pois não há janelas nessa parte da passagem e só há luz nas duas extremidades, vi que estava me aproximando de um espelho, um em que nunca havia reparado antes, pois por que teria olhado para ele quando havia tão pouca luz para ver meu reflexo? Assim que notei o espelho, meu coração disparou, suas asas batendo freneticamente no meu peito, porque, mesmo antes de olhar para ele, sabia o que encontraria. Parei e pensei em voltar, mas então a curiosidade, como sempre acontece comigo, superou o medo, de forma que continuei na direção dele. Foi quase como um sonho. Pela primeira vez reparei nas fotos na parede, óleos pendurados de ancestrais do meu tio mortos há muito tempo, sem dúvida, matronas valentes e homens de negócios de aparência austera, com gravatas e colarinhos apertados. E então fiquei diante do espelho, que era pequeno, uma moldura pesada segurando um quadrado de vidro empoeirado. E é claro, quando levantei a cabeça e olhei diretamente para o espelho, lá estava

ela, o rosto ao lado do meu, não exatamente rindo, mas ainda triunfante. Seus olhos brilharam ao olhar para mim. Ela respirou profundamente como se inspirasse meu cheiro e então a língua saiu de sua boca e passou por seus lábios, rápida como a de um lagarto, tão rápida que não poderia se perceber.

Bem, eu me virei e corri. Corri e corri, e mesmo com os pés precipitando-se pelo assoalho de madeira encerada eu sabia que era tolice, pois ela não poderia me seguir, estava presa no espelho, em seu próprio mundinho. Esse conhecimento afinal me fez parar. Encostei-me no batente de uma porta, ofegante, e tive uma conversa séria comigo mesma. A mulher estava no espelho. Não podia escapar, nem podia me fazer algum mal diretamente. Por algum motivo eu sabia disso, de alguma maneira tinha certeza de que isso era verdade.

Cautelosamente, virei-me e voltei pela passagem. Ao me aproximar do espelho abaixei a cabeça para evitar qualquer conjunção dos olhos, mas ao passar não consegui resistir; meu olhar foi arrastado e encontrou o dela, e naqueles olhos o sorriso indiferente. Passei rapidamente e vi-me na biblioteca, onde corri para minha poltrona favorita, cansada de todo aquele terror. E então, ali atirada, mais deitada que sentada, meus olhos viram, sobre a parede acima da cornija. Ora, é claro, em minha meia vida nessa sala eu havia olhado para ele milhares de vezes, possivelmente o maior espelho da casa, que em determinado nível, eu percebia agora, sempre amara, porque continha outra sala idêntica a esta que eu tanto adorava e, com um único olhar, dobrava o número de livros da sala.

Desta vez foi tão previsível que não me encolhi de medo. Levantei-me da poltrona e, como uma sonâmbula, atravessei a sala e fiquei diante dela.

– Você, seu demônio idiota, sua bruxa – eu disse entredentes, embora por algum motivo não tivesse certeza de ter realmente dito as palavras em voz alta ou de tê-las mantido encarceradas dentro de mim, assim como ela estava no espelho.

Em voz alta ou não, ela as ouviu ou leu em meu pensamento, pois seus lábios se abriram no agora familiar sorriso cruel e pareceram dizer uma palavra: “Giles”, eles pantomimaram. “Giles”.

Virei-me de costas, pois não lhe daria a satisfação de ver meu desconforto, o terror absoluto que me percorreu a espinha e ameaçou explodir-me o coração no peito. Acalmei-me nas prateleiras de livros e comecei a pegá-los como se estivesse escolhendo um para ler, embora na

verdade as letras douradas desbotadas das lombadas dançassem diante dos meus olhos e fizessem pouco sentido, como se as palavras estivessem escritas em sânscrito. Peguei três ou quatro a esmo e deixei a sala, porque seria muito desconfortável sentar-me e lê-los ali.

Foi só ao fazer o caminho de volta para a escada, passando seu pequeno posto avançado na parede do corredor, que entendi o verdadeiro estado das coisas. Porque, agora que refletia, compreendia o fato terrível: havia muitos espelhos em Blithe. Praticamente todos os cômodos tinham pelo menos um, estavam em quase todas as passagens, e, sem precisar olhar, entendi que ela havia povoado todos eles, até o último, e que aonde quer que eu fosse na casa ela estaria me observando, pois havia sentinelas em todos os lugares, e a partir de agora não haveria lugar dentro da casa onde pudesse passar despercebida.

Ninguém que não saiba (e quem mais além de mim pode saber uma coisa dessas neste mundo?) pode imaginar o que é conduzir toda a sua vida sob os olhos de outrem. Enquanto andava pelos corredores, sentia que ela me observava; quando fazia minhas refeições, havia um espelho atrás de mim, por isso a srta. Taylor, sentada à minha frente, podia me ver de frente e de costas; ela realmente tinha olhos atrás da minha cabeça. Ela estava até no pequeno espelho da penteadeira no meu quarto, que em protesto eu virei para a parede, pois não daria a ela a satisfação de me ver despir-me ou de me fazer tirar a roupa no escuro.

Intrigava-me que Giles não pudesse ver as espiãs que ela havia deixado nos espelhos; a única resposta poderia ser porque ela não queria que visse. A última coisa que ela desejaria seria assustá-lo, pois precisava conquistar sua confiança para seduzi-lo e afastá-lo de Blithe. Além disso, minhas perguntas a esse respeito, que fiz uma ou duas vezes antes de desistir, só serviram para reforçar a ideia de que meu comportamento causava-lhe estranhamento, afastando-o ainda mais de mim e jogando-o em seus braços famintos. Ao mesmo tempo, ela tornara visíveis para mim essas réplicas, essas espiãs de espelho, porque queria não apenas me observar para detectar qualquer comportamento contra ela, mas também para que eu soubesse que era observada e com isso impedir qualquer rebelião.

Notei que eu estava andando toda rígida; os ombros não relaxavam mais, meus braços e pernas haviam automatizado, meu rosto se mascarara, meu corpo se ajustara à vida sob esse novo regime, pois não sabia trair meus pensamentos e sentimentos através de um movimento, uma expressão ousada ou um gesto descuidado. Eu estava agora ainda mais circunscrita em meu contato com Giles, porque, mesmo que a srta. Taylor não estivesse presente, era difícil evitar uma de suas espiãs nos espelhos – um de seus *espelhos espiões* – e não ser observada e ouvida.

Depois de alguns dias, no entanto, pareceu-me que havia um lugar livre do olhar da nossa nova preceptora. Se ao sair da biblioteca eu virasse à esquerda, voltaria para o corredor principal, com seu espelho no meio do caminho, para o centro da casa, o salão, a saleta, a cozinha. Se, ao contrário, eu virasse à direita, ficaria aos pés da torre oeste, da minha torre. Não havia nenhum espelho espião ao longo do corredor ali! Além disso, a escada que levava à minha torre não tinha quadros ou espelhos, todos provavelmente arrancados – pois havia quadros mais claros onde os quadros tinham estado pendurados – quando a torre foi abandonada. O quarto da minha torre também não tinha espelho algum, é claro, pois não havia espaço de parede, era envidraçado em todos os lados. Não só por isso, mas porque a srta. Taylor nunca estivera ali, como também nunca houvera um espelho, não seria povoado por ela. Simplesmente, tudo o que eu precisava fazer era caminhar para o lado oeste do corredor e esconder-me em minha torre e estaria fora do seu mapa.

No momento em que percebi isso, dei de novo a desculpa da necessidade de pegar um livro na biblioteca e fui para a torre, subindo pelo lado de fora do corrimão e pelos frágeis degraus. Sentei-me na cadeira de capitão e passei alguns minutos olhando a entrada, lembrando aqueles dias deliciosos e despreocupados, pré-Whitaker e entre preceptoras, quando eu sentava ali, lendo três ou quatro páginas e olhando a entrada por algum sinal de Theo. Parecia ter sido há um século!

Mas, depois de um pouco de nostalgia, percebi outra coisa. Apesar de ter sumido do mapa da srta. Taylor, não havia muitos lugares para onde poderia ter ido. Todos os poucos cômodos entre a biblioteca e a torre deviam conter algum espelho, e nesse caso meu rastro terminaria ao pé da torre. Agora, a escada parecia intransponível, e assim meu desaparecimento poderia intrigar a srta. Taylor durante algum tempo, mas ela não era idiota e

certamente não demoraria a descobrir que só havia um lugar onde eu poderia estar, de modo que meu último refúgio seria revelado.

Evidentemente, chegaria o momento em que eu iria precisar de um esconderijo assim. Em algum momento eu poderia ter que travar uma luta desesperada contra esse demônio que tinha vindo para assombrar Blithe e precisaria de um lugar para me esconder. Era importante não desperdiçar o tempo em minha torre agora bancando a princesa, mas poupá-la para quando surgisse a necessidade.

Com isso em mente, estava para sair quando captei um movimento na entrada e vi um homem em cima de um cavalo trotando na direção da casa. É claro, estava muito longe para ver o rosto do visitante, mas sua postura rígida me era familiar desde o início do verão. Hadleigh! Ele mantivera a promessa, e mais cedo do que eu esperava. Ele viera! E quão apropriado! Eu de princesa na torre, ele o cavaleiro de armadura brilhante subindo pela entrada.

Desci correndo as escadas e atravessei o corredor, tão atrevida com essa bênção repentina que no caminho mostrei a língua para o espelho espião ao passar, tentação que tivera o cuidado de reprimir até então. Cheguei ao salão justamente quando o capitão estava sendo recebido pela sra. Grouse.

– Ah, Florence – ele disse, tirando o chapéu e o casaco e entregando-os à sra. Grouse, que, é claro, já o conhecia do caso Whitaker. Maroto, ele ergueu a sobrelanceira na minha direção. – Estava passando por aqui e pensei em parar para ver como estão todos. – Suas habilidades teatrais eram muitíssimo melhores que as do meu irmão.

– Estamos muito bem, obrigada, senhor – eu disse. – Temos uma nova preceptora.

– Realmente? Então eu gostaria muito de lhe apresentar meus respeitos, se não for intromissão da minha parte.

A sra. Grouse despachou Mary para o quarto de estudos para chamar Giles e a srta. Taylor. Eles demorariam alguns minutos para descer, e desconfiei que ela não quisesse vê-lo, pois o teria visto pelo espelho no salão no momento em que ele entrou na casa.

– Está trabalhando em algum caso interessante, senhor? – perguntei a Hadleigh, para manter a conversa enquanto esperávamos.

– Ah, o de sempre. Assassinato, incêndio criminoso, assalto à mão armada e coisas desse tipo. Essas coisas estão sempre acontecendo em um

lugar movimentado como este.

A sra. Grouse, surda para a ironia, pobre alma simples, perguntou:

– É mesmo, senhor? Bem, quem pensaria numa coisa dessas? Sempre pensei nesta parte do país como um lugar calmo e sem agitação.

Hadleigh lançou-me um olhar significativo.

– Ah, bem, e é, na superfície, madame, mas raspando um pouco descobrimos que nada é o que parece.

A srta. Taylor e Giles chegaram. Meu irmão escondido atrás de suas saias, pois não havia gostado dos interrogatórios de Hadleigh no passado. Nossa nova preceptora apertou a mão do capitão e olhou-o diretamente nos olhos, o que me alegrou, pois ele certamente devia ter visto a cobra ou o quer que estivesse dentro dela.

Àquela hora do dia, ela sugeriu que tomasse chá conosco no gramado e saímos. Ali nos sentamos, enquanto Meg trazia pão, manteiga e geleia.

Hadleigh era, eu percebi o que nunca tinha percebido antes, um interrogador inteligente, pois conseguiu fazer-lhe perguntas investigativas na forma de conversa trivial.

– Está neste emprego há muito tempo? – ele começou, estudando o lago distante como se a pergunta fosse meramente uma questão de educação e ele não desse a mínima importância à resposta e, na verdade, nem sequer estivesse se importando se a ouvia.

– Apenas cinco semanas – ela respondeu.

Ele riu.

– A senhora não me entendeu, madame.

Ele pegou outro bolo, com toda a atenção aparentemente voltada para a escolha certa.

– Quero dizer, é preceptora há muito tempo?

– Há mais tempo do que gostaria de lembrar – ela disse, exibindo um sorriso educado.

Não seria fácil despistá-lo.

– Vamos lá, não pode ser tão ruim, não com encargos tão adoráveis quanto Florence e Giles. Onde esteve antes para ficar tão acerba em relação à sua profissão?

– Eu não quis dizer que não gosto do trabalho, capitão, apenas me referi ao fato de que não gosto de pensar na passagem dos anos desde que comecei. Nenhuma mulher gosta de ser lembrada de que está ficando velha.

– E conhece o tio das crianças, imagino.

Ela tomou um gole de chá.

– Não, receio ainda não ter tido esse prazer. Não fui contratada diretamente por ele.

– Uma agência, então?

Ela sorriu e inclinou a cabeça ligeiramente, como se reconhecesse algo vergonhoso, o que para pessoas de certa classe poderia ser, sendo caçada como um trabalhador em busca de emprego.

Hadleigh bateu com a mão no joelho.

– Então a senhora é exatamente a pessoa que pode me ajudar!

Ela o olhou com uma expressão duvidosa.

– Sabe, madame, tenho esses amigos mais ou menos na mesma situação do tio das crianças e eles precisam de uma preceptora, e seria útil ter o nome de uma boa agência.

– Bem, eu não sei se a que me contratou é boa – ela respondeu.

Era como observar dois esgrimistas se enfrentando, exceto que Hadleigh mostrava menos sutileza quando se tratava de matar. Parecia mais um cão sacudindo a ratazana até a morte.

– Ah, mas ela a encontrou, não é, madame?

Ela rebateu.

– É exatamente o que quero dizer.

– Madame, deixe de ser tão modesta.

Ele a olhou nos olhos.

– Apenas me diga o nome da agência. Meu amigo é um homem de negócios, ele saberá dizer se é boa ou não.

Ela o olhou longamente e depois lhe deu o nome e o endereço em Nova York. Hadleigh agradeceu com a mesma simpatia com que agradeceria por um pedaço de bolo, mas em seus lábios havia um ar de satisfação, como se, suspeitei, ele a tivesse vencido no embate.

Pouco depois, Hadleigh levantou-se e disse que precisava ir, e pediu-me para acompanhá-lo com seu cavalo até o começo da entrada. Assim que ficamos sozinhos, perguntei-lhe:

– Então?

– Se está querendo saber se acho que ela se parece com a falecida srta. Whitaker, eu não poderia dizer. Só a vi em fotografias e a maioria depois que a tiraram do lago.

Eu não consegui responder. Meus olhos se encheram de lágrimas com a ideia de uma visão dessas, embora não tivessem permitido que eu visse. Foi ele quem quebrou o silêncio.

– Quando falei que a dor faz coisas estranhas com as pessoas...

– É mais que isso, senhor.

Ele parou e olhamos um para o outro. Tentei pedir-lhe com o olhar, pois não tinha palavras para fazê-lo mudar de ideia se tivesse decidido que eu estava imaginando tudo. Ele colocou o pé no estribo, levantou a outra perna sobre o cavalo e subiu na sela.

– Escute, tenho o nome das pessoas que seu tio usou para contratá-la. Vou enviar para Nova York e pedir que investiguem e ver o que posso descobrir, está bem?

– Está bem – eu disse.

E com isso ele saiu galopando, deixando-me ali na entrada, pensando subitamente que ali pelo menos, ao ar livre, não havia espelhos e ninguém me veria chorar.

*E*mbora Hadleigh ainda não tivesse realmente feito alguma coisa por mim, isto é, nada concreto em termos de ajuda, o simples conhecimento de que pelo menos estava ao meu lado, e de que eu não estava sozinha na minha busca para salvar Giles, era suficiente para animar meu espírito. Antes da sua visita, minha ansiedade, a vigília constante e a solidão do meu compromisso juntaram-se para congelar-me, de forma que me sentia completamente impotente e não conseguia sequer pensar no que poderia fazer para impedir a bruxa. Agora, depois de ter chorado enquanto Hadleigh desaparecia na curva da estrada principal, estava decidida. Faria tudo o que pudesse para combater essa criatura morta – pois tinha certeza de que assim estava nossa nova preceptora, ou, do contrário, como poderia caminhar sobre a água ou habitar os espelhos? Também suspeitava de que fosse Whitaker reencarnada, pois por que outro motivo iria querer me assombrar? Quem mais eu conhecia que tivesse morrido, e na minha presença? Será que de alguma maneira me culpava por não tê-la salvado, como eu mesma me culpava? Seria isso suficiente para fazer com que quisesse me punir fazendo mal ou tirando de mim a única coisa que eu realmente amava, a melhor parte de mim mesma, meu irmãozinho indefeso? Tudo era possível, pelo menos.

Mas o que fazer? Ai, essa era a questão. Refleti hora após hora com pouco a mostrar pelo meu esforço. Como alguém combate um fantasma? Você não pode simplesmente afogá-lo, pois a srta. Whitaker já tinha mostrado que a água não consegue deter um espírito morto. E todos os dias, enquanto hamleteava a respeito, paralisada por meus medos, eu tinha que ver Giles insinuando-se cada vez mais para os braços dela. Desde a ida até o dentista e o incidente com o espelho, ele estava ressabiado comigo, e qualquer expressão de hostilidade da minha parte em direção à preceptora despertava nele igual hostilidade em relação a mim; era como se o garoto não quisesse ser salvo.

Mas alguma coisa eu precisava fazer. Pensei na investigação de Hadleigh em Nova York; ele não iria considerar o que eu disse por seu valor aparente, aquela não era a maneira de os policiais raciocinarem; eles veem apenas um caminho para a solução de qualquer caso: informação. Isso começou a fazer sentido para mim, pois, para derrotar seu inimigo, primeiro você precisa conhecê-lo. Se queria derrotar a srta. Taylor, então precisava descobrir exatamente o que ela pretendia.

Bem, depois de dar esse salto, havia apenas um lugar onde poderia encontrar tais evidências sobre a nossa preceptora, e era seu quarto. Mas como iria acessá-lo? Não podia simplesmente fingir que ia até a biblioteca quando ela e Giles estivessem no quarto de estudos, pois sabia muito bem da época da Whitaker, quando espiei ocasionalmente pela porta aberta do quarto de Giles, que havia um grande espelho na penteadeira da preceptora, por isso, no momento em que pusesse os pés lá dentro, seria descoberta. A revista do quarto era impossível enquanto o espelho estivesse lá.

Pensei nisso por alguns dias. Tentei imaginar planos para retirar o espelho. Pensei em pedir a Giles que fingisse algum acidente e o quebrasse, coisa que antes faria, sem questionar, apenas pelo prazer de o fazer, mas eu sabia que não era mais o caso. Além disso, com o espelho quebrado, a srta. Taylor não poderia concluir sua toailete e assim, logicamente, simplesmente o substituiria imediatamente. Não, quebrar não adiantava.

Por fim, pensei na possibilidade de cobri-lo com um pano. Eu poderia fazer o que quisesse sem que ela visse. Exceto que, mesmo que não fosse observada do espelho no ato de cobri-lo, algo impossível de realizar em si, ela saberia, pelo súbito obscurecimento da sua visão do quarto, que ele havia sido coberto e que só poderia haver um culpado, ou seja, eu.

A menos... a menos que fosse feito à noite. Se entrasse em seu quarto quando estivesse escuro e colocasse um pano preto sobre o espelho eu poderia então acender uma vela para ver seus pertences e, quando minha tarefa estivesse concluída, soprar a vela e retirar o pano. A imagem no espelho observaria apenas uma coisa, que o quarto parecia estar no escuro, e não saberia a diferença entre a noite e o meu pano.

Assim que essa ideia se apresentou a mim, também se evidenciou sua deficiência. Seria necessário que a srta. Taylor estivesse ausente do quarto em algum momento durante a noite e por tempo suficiente para que eu fizesse o que tinha que fazer. Com a maioria das pessoas isso seria

impossível, é claro, pois elas raramente deixam seus quartos depois de se recolher após o anoitecer! Mas a srta. Taylor saía de seu quarto! E, até onde eu sabia, todas as noites. Pois, sempre que eu estava inquieta ou acordada à noite e ia até o quarto de Giles, lá estava ela, observando-o, cantando para ele daquela forma monstruosa.

Ficava tão enojada com suas visitas ao quarto do meu irmão que em cada uma dessas ocasiões não tive desejo de ficar; o medo também de ser descoberta, daqueles cruéis olhos de cobra olhando-me, ou de que sentisse minha presença, afastavam-me imediatamente. O resultado dos meus melindres e covardia era que não tinha ideia de quanto tempo duravam essas suas visitas a Giles. Suspeitava que fossem longas. Seu comportamento em cada ocasião era o de alguém quase em transe; tão encantada parecia ficar com sua presa, tão distraída de tudo o mais que pouco provavelmente perceberia algum barulho no quarto adjacente. É claro, se essa minha hipótese estivesse errada e suas visitas fossem breves, então eu não teria tempo para uma revista adequada do quarto e poderia ser pega no ato.

A única coisa sensata a fazer, eu sabia, seria observá-la por uma noite ou duas para descobrir a duração de suas visitas ao meu irmão. Mas eu estava relutante; primeiro, porque todas as vezes que eu a observasse haveria a chance de ser pega, o que a deixaria de sobreaviso e ao mesmo tempo colocaria em perigo meu plano; em segundo lugar, eu não tinha como saber quantas noites eu tinha antes que ela colocasse seu plano em ação. E se esta noite eu a observasse e no dia seguinte ela levasse Giles embora?

Não havia alternativa. Tinha que ser esta noite. Cuidei de todos os preparativos. A parte do corredor contígua aos nossos quartos não tinha espelhos, por isso, depois que a srta. Taylor me mandasse para a cama, enquanto estava ocupada contando histórias de dormir para Giles, eu praticaria o caminho do meu quarto para o dela. Fiz isso primeiro com uma vela e de olhos abertos, pisando da maneira que conseguiria fazer no escuro. Em dado momento, quando pisei houve um rangido na tábua do assoalho e percebi sua posição para depois poder pulá-la. Guardei a posição de alguns quadros na parede para não esbarrar neles acidentalmente e produzir algum ruído. Por fim, quando tinha a rota gravada na minha mente, soprei a vela e fiz o caminho de novo com os olhos fechados e depois mais duas vezes, até ficar satisfeita para navegar o caminho do meu quarto para o

da preceptora tão silenciosamente quanto... bem, tão silenciosamente quanto um fantasma.

Então fui para meu quarto e tirei do guarda-roupa um velho manto preto. Meu plano era colocá-lo sobre minha camisola branca para me deixar invisível no corredor escuro, caso houvesse alguém ali, embora não imaginasse que outra pessoa poderia haver além da srta. Taylor. Uma vez em seu quarto, eu tiraria o manto, cobriria o espelho, acenderia minha vela e começaria minha procura. Quando terminasse, apagaria a vela, pegaria o manto, me cobriria com ele e deixaria o quarto, com o manto tendo servido a dois propósitos. Pensei que esse era um plano que daria muito certo e cumprimentei-me por ele para esconder de mim mesma todas as minhas dúvidas.

Coloquei o manto e entrei na cama, puxando as cobertas até em cima, de forma que, se a srta. Taylor decidisse abrir a porta para me dar boa-noite (na verdade para me espionar), ela não veria minha estranha vestimenta. Tinha tomado a precaução de apagar a vela para o caso de pegar no sono e remexer as cobertas revelando meu manto preto. Se a srta. Taylor olhasse, teria apenas a luz de sua própria vela, que, da entrada da porta, seria suficiente para mostrar-me aparentemente adormecida, mas sem revelar o manto.

Meia hora depois, ouvi o barulho da maçaneta da porta e senti que estava parada na entrada, observando-me. Respirei forte, soltando pelas narinas uma expiração que era quase um ronco, e um segundo ou dois depois ouvi a porta se fechar suavemente.

Eu não precisava ter medo de pegar no sono; nada mais improvável. Fiquei ali deitada, os olhos pouco acima das cobertas, com medo da tarefa à minha frente. Sabia que teria uma longa espera até minha inimiga fazer o caminho para o quarto do meu irmão. Em algum lugar da casa eu podia ouvir um relógio tiquetaqueando e batendo os quartos das horas. Lá fora, uma coruja piou e não pude deixar de pensar que esse som melancólico podia ser ouvido em todas as boas histórias de fantasmas e que eu mesma estava em uma agora.

Finalmente ouvi um ruído surdo do outro lado do quarto de estudos, que imaginei ser o da srta. Taylor entrando no quarto do meu irmão, e soube que estava na hora de me mexer. Levantei as cobertas e coloquei os pés no chão. Fiquei de pé e tateei até encontrar a vela e os fósforos, depois os enfiei nos

bolsos do meu manto. O quarto estava completamente escuro, mas eu conhecia meu caminho até a porta. Uma vez ali, aguicei os ouvidos e prendi a respiração, atenta a qualquer som de movimento; a coruja piou mais uma vez, mas tudo o mais estava em silêncio, exceto pelos gemidos e rangidos da velha casa acomodando-se ao descanso noturno. Virei a maçaneta, praguejando silenciosamente contra o barulho normalmente imperceptível, mas agora semelhante a um alarme. Abri a porta levemente e passei deslizando os pés descalços pelo chão, o que me fez lembrar de Theo, agora tão distante, com um oceano entre nós, e dos bons tempos que passamos no gelo. Deslizando assim pelas tábuas corria o risco de me espetar com uma farpa, mas julguei que era melhor que o som de passos, embora estivesse contando cuidadosamente cada passo. Meu coração parecia que ia saltar da boca. Percebi o suor na testa, o coração batia com tanta força que me perguntei se não acordaria a casa toda, e minha espinha gelou e estremeceu. Estava com tanto medo que me esqueci de contar, e a primeira lembrança que tive do piso barulhento foi quando coloquei o pé nele e ele soltou um gemido mais alto que o anterior, como se me reprovasse por ter esquecido. Parei e segurei a respiração, esperando, e, como esperava, ouvi um barulho. Só que não era a resposta à minha imperícia, mas parecia o sussurro surdo do vento distante transformando-se na cantoria suave que eu tinha ouvido na primeira vez que peguei a preceptora em suas atividades noturnas. Até ali, tudo bem; ela estava com Giles. Segui pelo corredor, passei pela porta do quarto do meu irmão e cheguei ao da srta. Taylor. É claro que eu não podia ter certeza absoluta do seu paradeiro. Não podia sequer ter certeza de que a porta de ligação entre seu quarto e o do meu irmão não estaria totalmente aberta, exceto que, pelo que eu lembrava, ela nunca estava nas outras vezes em que a observei.

Senti o frio do metal da maçaneta da porta em minha mão e rezei para que não protestasse com muito barulho quando eu a virasse. Girei-a lenta e cuidadosamente e não houve barulho algum. Respirei profundamente e abri a porta.

O quarto estava escuro como breu, exceto por um brilho débil debaixo da porta de ligação para o quarto do meu irmão. Entrei num piscar de olhos e fechei a porta atrás de mim suavemente; se ela, por qualquer motivo – não que eu pudesse pensar em um, mas não iria arriscar –, resolvesse aventurar-se pelo corredor, não queria que visse a porta de seu próprio quarto aberta.

Deparei imediatamente com um problema que não havia levado em consideração no meu planejamento: o quarto estava tão escuro que eu não conseguia ver absolutamente nada. É claro, isso era exatamente o que eu desejava, pois significava que o espelho também não podia me ver. Mas eu não estava especialmente familiarizada com o quarto. Não o via por dentro desde a época da Whitaker. Apesar de estar razoavelmente segura de que a srta. Taylor havia conservado a mobília – a cama, a penteadeira, um guarda-roupa, uma poltrona e algumas cadeiras menores, uma mesinha de cabeceira e uma outra mesinha – no lugar em que estava na época da sua predecessora, tinha apenas uma vaga lembrança da posição de tudo. Não tivera a oportunidade de calcular as distâncias e não tinha como saber se a srta. Taylor havia deixado alguma coisa no chão – suas valises, digamos – em que eu pudesse tropeçar.

Tinha que pensar em algo depressa. Eu sabia que a penteadeira ficava na parede oposta à da porta para o quarto do meu irmão, por isso continuei deslizando pelo chão naquela direção. Quase imediatamente meu pé prendeu em um tapete e por pouco não tropecei. Foi tão rápido que quase gritei, o que teria me complicado bastante, mas felizmente parei e consegui controlar-me antes de prosseguir. Meu coração batia como uma marcha militar, de forma que eu mal podia acreditar que fosse inaudível para a mulher no quarto ao lado. Soltei o pé do tapete e depois movimentei o outro pé. Assim continuei pelo quarto, limitando-me a passos pequenos para não me estender demais e perder o equilíbrio caso encontrasse outro obstáculo. Cada vez que levantava um pé, tateava cuidadosamente à frente, dava meio passo e colocava-o no chão de novo com muito cuidado. Com esse rastejar incômodo, atravessei o quarto. Parecia ter levado horas, embora a coruja tenha piado só mais uma vez, e ela piava, eu sabia, mais ou menos a cada minuto. Em dado momento bati com o joelho em alguma coisa dura e imaginei que fosse a ponta da cama, que eu sabia estar diante da penteadeira. Dei a volta, fui até a parede e, tateando, senti... a parede – e nada mais. A penteadeira não estava onde deveria estar.

De repente, a canção no quarto ao lado parou. Tive certeza de que a qualquer segundo a porta de conexão seria aberta e eu seria pega em flagrante, e o medo me paralisou, o sangue em minhas veias congelou. Então ouvi sua voz, baixa e suave: “Ah, meu querido, eu poderia comê-lo”, e pensei naquele demônio a alguns passos de distância, inclinado sobre meu

irmão, a saliva pingando dos lábios. Mas não havia tempo para tal repugnância. O que eu devia fazer? Se fosse para a porta do corredor talvez tivesse uma chance de alcançá-la antes que ela abrisse a porta de conexão, embora fosse uma chance mínima. Não, decidi, era inútil sequer pensar nisso. O que quer que aconteça agora, eu seria pega, então poderia muito bem levar adiante a minha missão. Nesse momento, como que para recompensar-me pela bravura, ou precipitação – chame como quiser –, a canção recomeçou e senti um mal-estar só de pensar naquela coisa acariciando a testa de meu irmãozinho indefeso.

Disse a mim mesma novamente que aquele não era o momento para tais pensamentos; tinha que voltar minha mente para o problema em questão. Ela tinha mudado a penteadeira. O que eu precisava avaliar agora era por que e para onde? Pensei em onde estava antes e no que poderia haver de errado com aquele lugar. Como a posição de uma penteadeira poderia ter alguma importância?, perguntei a mim mesma. E respondi imediatamente: a luz. Ela estava no canto, com a lateral contra a parede oposta ao quarto de Giles, e a parte de trás contra a parede de fora, onde estava a janela, para aproveitar a luz quando olhasse no espelho. Cautelosamente, atravessei o quarto até chegar à parede, fui tateando até alcançar a janela e lá estava! Elementar, meu caro Watson! Mas essa não era hora para vangloriar-me. Peguei a vela e os fósforos do bolso do meu manto e coloquei-os na mesinha, depois tirei o manto. Estava tão afoita que bati em algo na mesa, algum enfeite ou algo assim, mas minha mão foi mais rápida e peguei-o antes que pudesse cair, um vidro pequeno, seu perfume de lírios mortiços, sem dúvida.

Colocando-o no lugar, segurei a respiração, pensando que talvez a tivesse alertado, mas não, a canção prosseguia. Com todo o cuidado para não esbarrar em nenhum outro enfeite, estendi o manto e joguei-o sobre o espelho. Então peguei um dos fósforos e risquei, e a mim o barulho pareceu tão alto quanto o que John fazia quando tirava com a pá o gelo que se formava na entrada, por isso, depois de acender a vela, esperei alguns segundos até ter de novo certeza de que estava tudo bem. Não havendo interrupção da canção, comecei a revista. Na mesa não havia nada além dos apetrechos femininos habituais, escovas, vidros de loção e perfume, um sabonete perfumado. A penteadeira tinha duas gavetas, uma de cada lado do vão central onde se põem as pernas ao sentar. Abri primeiro a do lado

direito. Continha notas de dólares e, embora não tivesse tempo para contá-las, pareceu-me uma grande soma para uma simples preceptora. Ao lado delas encontrei um recorte de jornal que reconheci imediatamente, pois era uma reportagem que eu mesma tinha visto antes do inquérito da Whitaker.

Nesse momento ouvi uma tosse no quarto ao lado, que reconheci como sendo Giles, e ouvi a voz da srta. Taylor:

– Shh, shh, meu amor, não há nada a temer.

Fechei a gaveta e abri a que ficava do outro lado. Não tinha nada além de sais de cheiro e um vidro com um rótulo de uma farmácia de Nova York. Eu não tinha tempo para examiná-lo agora, ansiosa que estava por ter ficado tempo demais no quarto, por isso o recoloquei relutantemente de volta na gaveta e a fechei.

Fui até a cama e tateei embaixo dos travesseiros. Passei a mão embaixo de toda a volta do colchão, nada. Olhei embaixo da cama e vi as duas malas da srta. Taylor. Agachei-me e abri a fechadura, mas estavam completamente vazias.

Abri o guarda-roupa e revistei os bolsos do seu casaco e dos vestidos. Vazios! Fechei a porta do guarda-roupa delicadamente e parei em pé, olhando em volta e fiquei ainda mais intrigada. Não havia mais aonde olhar. O criado-mudo estava vazio e em cima da cômoda não havia nada além de uma vela e um copo vazio. Então meus olhos se voltaram para uma mesinha que eu lembrava da época da Whitaker, perto da porta que dava para o corredor por onde eu havia entrado. Peguei minha vela na penteadeira e fui na ponta dos pés até ela. Abri a gaveta da mesinha e fiquei decepcionada quando vi que não tinha nada além de uma Bíblia. Estava prestes a fechar a gaveta quando reparei em algo, o canto de um papel saindo do livro. Coloquei minha vela sobre a mesa e tirei-o da gaveta. Quando o abri, caíram dois cartões. Peguei-os e vi imediatamente do que se tratava. Passagens! Meu coração quase parou ao ler o que estava escrito em um deles. *SS Europa. Nova York – Le Havre. 14 de novembro. 1ª Classe. Cabine Porto D14. Partida à meia-noite.* O outro era exatamente igual.

Fiquei arrasada. Senti uma tontura e mal consegui me equilibrar; na verdade tive que estender o braço e apoiar-me na mesa. 14 de novembro. Isso seria dali a duas semanas. Duas semanas! Duas passagens! Era quando ela pretendia levar Giles embora. E não só para longe de Blithe, mas para

fora do país, para a Europa, nada menos do que a França, aonde eu não poderia segui-la ou mesmo trazê-lo de volta.

De repente senti uma diferença no quarto e levei meio segundo para perceber o que era. Silêncio! A canção no quarto ao lado havia parado. Não havia tempo a perder. Mantendo as passagens em uma mão, com a outra coloquei a Bíblia de volta na gaveta e a fechei. Ouvi passos no quarto de Giles aproximando-se da porta de comunicação. Felizmente eu estava perto da porta do corredor. Com um movimento, alcancei a maçaneta, soprei a vela, abri a porta, passei e fechei-a atrás de mim no mesmo momento em que a porta do quarto do meu irmão foi aberta, com o som de uma, eu esperava, encobrindo o som da outra. Fiquei no corredor, encostada na parede para ter apoio, quase desmaiando pelo que acabara de descobrir e por ter escapado por tão pouco. Fiquei como uma estátua por cerca de um minuto, até o pio da coruja me tirar do devaneio, e foi aí que percebi que havia deixado para trás meu manto.

Na manhã seguinte levantei tarde, tendo ficado acordada tanto tempo durante a noite, primeiro, na longa espera para começar minha aventura noturna, segundo, na coisa propriamente dita e, depois, virando-me e remexendo-me na cama, aflita com o que havia feito, com as passagens de navio e com o que havia deixado para trás, meu manto. Evidentemente, a srta. Taylor já havia encontrado o manto, pois não poderia nem sequer escovar o cabelo sem que isso acontecesse, mas acreditava que ainda não tivesse dado por falta das passagens, porque se tivesse já teria invadido meu quarto há muito tempo. Mesmo assim, eu sabia que, ao pensar que eu havia estado em seu quarto, não demoraria muito até resolver verificar as passagens. Por isso me vesti depressa, peguei as passagens embaixo do meu travesseiro, onde havia dormido sobre elas por questão de segurança, coloquei-as no bolso do meu avental e desci, não para a sala do café, mas para a ala oeste. No corredor, parei diante do espelho pouco antes da biblioteca e olhei para ele, ignorando quanto pude o rosto lívido da srta. Taylor olhando-me com raiva, e fingi que arrumava o cabelo, usando ambas as mãos para que visse que estavam vazias. Então passei pela biblioteca, saí do mapa da preceptora e subi até a minha torre. Tateei embaixo do assento da cadeira de capitão e, com meu canivete, que eu tinha trazido com esse propósito, cortei o couro. Coloquei as passagens nessa abertura, empurrando-as para dentro do forro e certificando-me de que não poderiam cair.

Então desci até a biblioteca, onde peguei o livro que estava lendo no dia anterior, *Histórias de mistério e imaginação*, pois eu havia voltado a Poe, apesar da tristeza e da melancolia, porque nesses dias adequava-se ao meu estado de espírito. Saindo da biblioteca, fiz questão de passar lentamente pelo espelho segurando o livro aberto à minha frente e fingindo que o lia. O livro, depois de eu ter passado sem nenhum, eu esperava, convenceria o

demônio de que eu tinha ido somente até a biblioteca e a nenhum outro lugar, e, assim, não seria levado a explorar a torre.

Logo que saí da frente do espelho, corri para a sala do café. Quando entrei, a srta. Taylor e Giles já estavam lá, embora não fosse possível perceber isso de fora, pois não havia o ti-ti-ti costumeiro de Giles e nada das respostas tolas da srta. Taylor. Ao abrir a porta, senti as pernas falharem, pois, diante da srta. Taylor, no encosto da cadeira que sempre foi minha, vi o meu manto, pendurado como um velho corvo preto, as asas pousando nas cadeiras vizinhas de ambos os lados. Quase parei de respirar, tão chocada fiquei.

Giles olhou para mim e abriu a boca, prestes a dizer alguma coisa, mas, antes que pudesse falar, a srta. Taylor o conteve, pousando a mão na sua e ele fechou os lábios e silenciou. Ela me olhou desafiadoramente, os olhos de cobra penetrando nos meus. Abaixei os olhos e fui humildemente para o meu lugar, o coração fazendo acrobacias em meu peito. Ao chegar à minha cadeira, segurei a ave ímpia de mau agouro, meu manto, e tirei-a do encosto das cadeiras, depois a dobrei e, sentando-me em meu lugar, coloquei-a em uma das cadeiras ao lado.

Ergui os olhos e encarei a srta. Taylor desafiadoramente, pegando-a desprevenida. Ela se recuperou rapidamente.

– Você esqueceu no meu quarto – ela disse, triunfante como alguém que pegou o outro em uma mentira ou ato desprezível.

Apenas acenei.

– Obrigada – eu disse, e peguei meu garfo e faca.

Ela continuou a me olhar pelo resto da refeição, a comida sendo nada para ela, que nem chegava a percebê-la. Eu não estava com fome, meu estômago revirando pela apreensão do que poderia vir, mas estava determinada a não lhe dar satisfação alguma, de forma que comi tudo o que estava à minha frente, embora a cada bocado só me sentisse pior.

Não demorou muito para Giles começar a impacientar-se, ele e a preceptora tendo, é claro, tomado café durante um tempo considerável antes da minha chegada, e ele acabou dizendo:

– Por favor, senhorita, podemos ir agora? Tenho certeza de que comi o suficiente para o dia todo e a senhora nunca come o suficiente para manter um pássaro vivo de qualquer maneira...

Ela afrouxou o olhar que tinha sobre mim e olhou para ele como se tivesse esquecido que estava ali.

– É claro, meu querido – ela murmurou e empurrou sua cadeira. Giles ficou em pé e correu para a porta; ela o seguiu com aquela maneira silenciosa e imponente de andar, deslizando pelo piso como se caminhasse no ar. Só quando estava atravessando a porta é que parou, virou-se e lançou um olhar ameaçador.

– Falarei com você mais tarde, garota – ela sibilou, e pela primeira vez não foi a maneira com que falou, mas a insolência daquela palavra, “garota”, para alguém que, afinal de contas, havia sido contratada para servir, o que me assustou, pois parecia sinalizar que tínhamos ultrapassado os limites das convenções sociais, que as luvas haviam sido tiradas e que ela estava pronta para uma luta feroz.

Assim que o som de seus passos desapareceu, corri para o banheiro e vomitei tudo o que havia consumido, e mesmo quando meu estômago já estava muito, muito vazio, de tal forma que só conseguia vomitar ar, eu não conseguia evitar as convulsões. Era como se o meu corpo quisesse se purgar de tudo o que o havia poluído por tanto tempo, toda a minha culpa, todo o meu medo de perder Giles, que era a única pessoa a quem podia me apegar neste mundo duro e frio, todo o veneno que a bruxa Whitaker tanto viva quanto morta havia colocado no meu coração. Sentia tanta fraqueza que mal conseguia andar e comecei a chorar, pois não conseguia ver como poderia continuar.

Depois de quase ter me acovardado e de ter resolvido ir para fora, onde deveria estar a salvo das dezenas de pares de olhos com os quais ela acompanhava todos os meus movimentos e monitorava cada expressão e gesto em cada parede da casa, de forma que parecia que ela podia estar sempre espionando minha própria alma, um pensamento me fez estremecer.

Porém, quando me aproximava da porta da frente, por onde pretendia sair, eu a vi no espelho, aquele em que a vira pela primeira vez, e o sorriso arrogante do seu simulacro, que parecia zombar da minha impotência, alterou meu curso. Eu não havia deixado que Whitaker me levasse ao desespero quando estava viva, quando fez aquela coisa terrível, aquilo que mais me magoaria depois da perda de Giles, isto é, privar-me dos livros, e eu não me dobraria e não cederia agora. Se ela quisesse uma luta teria uma, não importava que poderes sombrios tivesse à sua disposição. Eu seria a

abelha do seu piquenique. Estragaria seus planos. Não desistiria. Não fui feita para isso.

Virei e segui pelo salão e subi até o quarto de estudos, onde encontrei Giles sentado ao seu lado junto à escrivaninha.

– Sete vezes sete, vamos lá, Giles – ela disse, amavelmente. – Não é tão difícil.

– Trinta e nove – arriscou Giles. Matemática não era o seu forte; mas seria difícil dizer qual era.

Ela balançou a cabeça.

– Bem, trinta e sete? Ou trinta e cinco. É algum número por aí, eu sei.

Ela começou a rir, e então foi possível ver seu rosto mudar quando estava a meio caminho de um sorriso, e então ficar sério; e ela ergueu os olhos, olhou longamente para mim e, abruptamente, ficou em pé, tão depressa que a cadeira caiu para trás. Ela não fez nenhum gesto para pegá-la. Giles ergueu os olhos, surpreso.

– Qual o problema, senhorita? Eu não quero ser tão pouco inteligente. Estou tentando, é sério.

– Não é isso, Giles – ela murmurou, com um sorriso pouco convincente. Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, ela me encarou, depois se virou e saiu depressa do quarto.

Giles ficou confuso.

– O que está acontecendo, Flo? O que foi tudo aquilo com seu manto no café da manhã? O que você fez desta vez? Às vezes eu acho...

Ele não disse mais nada, pois nesse momento a porta se abriu com um estrondo e a preceptora entrou no quarto e veio direto para nós, os olhos selvagens, o cabelo despenteado e espetado como se ela tivesse tirado todos os grampos em um acesso de raiva; a boca contorcendo-se com um sorriso estranho. Ela me alcançou em um instante e agarrou meu braço. Pensei que fosse arrancar meus olhos com suas unhas, pois estava acenando com elas na frente do meu rosto.

– Onde estão elas? – ela gritou. – O que foi que você fez com elas, sua pequena vadia?

Eu não consegui evitar um grito, por sentir muita dor. Afastei a cabeça e senti um puxão no couro cabeludo e vi que estava livre, enquanto ela segurava uma mecha do meu cabelo. Nós nos encaramos, duas feras em combate mortal, ela de um lado da escrivaninha, eu do outro. Ela fez que ia

para um lado; eu recuei para o outro. Então tentei fugir por onde havia entrado; ela me impediu. Era como uma dança da morte, enquanto avançávamos e recuávamos, mas mesmo quando estávamos presas nesse duelo eu sabia que, se nada mudasse, era eu quem deveria ser a perdedora, pois, da maneira como estavam as coisas, eu estava presa atrás da escrivaninha e inevitavelmente seria pega.

Só havia uma coisa. A escrivaninha era leve, não mais que uma mesa, sem gavetas cheias de livros para fazer peso. Coloquei os dedos sob as beiradas do tampo e com um rugido poderoso empurrei e virei a escrivaninha ao mesmo tempo, derrubando-a. E antes que ela tivesse uma chance de se recuperar eu atravessei o quarto e saí pela porta aberta.

Disparei pelo corredor com o barulho de suas botas nas tábuas do assoalho atrás de mim. Desci pela escada de trás, pulando três ou quatro degraus de cada vez e depois pelo menos seis ou sete de uma vez, quase me arrependendo ao pular no fundo, mas conseguindo me recuperar no último. Durante todo o tempo, podia ouvir os gritos atrás de mim.

– Onde estão elas? Onde estão, sua petulante?

Cheguei a uma porta lateral, empurrei-a e finalmente saí para o jardim. Fechei a porta com um estrondo e olhei ao redor. Pensei no lago, mas então me lembrei de sua facilidade com a água e imaginei que seria capaz de cortar caminho por ele, deixando-me em desvantagem. Então pensei na outra direção e no bosque, que eu havia atravessado várias vezes para me encontrar com Theo quando ele cortava caminho por ali para me visitar, e tínhamos criado algumas rotas quando eu o acompanhava até a metade do caminho na volta para sua casa. Eu as conhecia bem e os esconderijos também, pois Giles e eu costumávamos brincar de esconde-esconde e, tirando os poderes especiais que ela poderia ter e que eu ainda ignorava, tinha certeza de minha superioridade entre as árvores. Pelo menos ela não teria espiãs observando-me, e eu tinha certeza de que poderia ocultar-me completamente. Levantei as saias e comecei a correr enquanto ouvia o barulho da porta se abrindo atrás de mim. É claro que meu pensamento não foi além da fuga. Não levei em consideração o que aconteceria depois de tudo isso, ou como a vida poderia voltar ao normal.

Eu tinha uma boa vantagem sobre ela, e no espaço aberto era mais rápida, pois minhas pernas eram mais jovens. Estava com o coração na boca, porém, ao ganhar distância sobre ela, pois nunca esqueci que era um

espírito, não deste mundo, o que me fez temer todo tipo de coisas, especialmente que uma de suas habilidades feiticeiras fosse a capacidade de voar. Ainda assim, quando olhei por cima dos ombros ela estava a uma boa centena de metros atrás e embrenhei-me na mata. A princípio, mantive-me na trilha, indo para o coração da floresta, mas quando o caminho bifurcou peguei o menor dos dois, e fiz o mesmo cerca de cem metros à frente quando bifurcou novamente. Agora estava em algo quase irreconhecível como caminho, mas que de fato era a rota que Theo e eu havíamos determinado como a mais curta entre seu lado da mata e o meu. Não era a mais rápida, entretanto, pois passava por um ajuntamento denso de arbustos e lugares em que as árvores haviam deitado mudas e era preciso desviar para passar nos espaços estreitos entre elas.

Enquanto a vegetação ficava cada vez mais espessa e a travessia cada vez mais difícil, comecei a me cansar e meu avanço diminuiu. Em determinado momento, perturbei algumas gralhas e elas voaram de sua árvore fazendo muito barulho ao grasnar e bater as asas, o que me levou a amaldiçoar-me, pois sabia que devia ter alertado minha perseguidora quanto à minha localização. Em pânico, tomei a má decisão de sair da rota que eu conhecia e ir na direção de alguns arbustos, e logo me vi entre espinheiros que se estendiam cruelmente, como se minha perseguidora tivesse talvez algum controle sobre eles, rasgando meu avental com seus tentáculos espinhosos. Logo eu estava completamente cercada e tive que parar, ter uma breve conversa comigo mesma para acalmar-me, pois a luta só estava piorando a situação; paciente e cuidadosamente comecei a arrancar os espinhos que me prendiam, como se fossem os pontos ruins que produzia quando a Whitaker obrigava-me a bordar.

Finalmente consegui me soltar e vacilei até uma pequena clareira, porém mal tive tempo de celebrar devido a outro súbito revoar de gralhas; a causa revelando-se quase imediatamente em uma grande comoção na direção de onde eu viera. Um barulho tão alto que me convenci de que devia ser um cervo atravessando a vegetação, pois podia ouvir galhos se quebrando como se alguma coisa estivesse forçando a passagem. Olhei para a trilha que estava criando, pois não podia ver a coisa em si, apenas o chacoalhar das mudas e arbustos que mexia, e a princípio não tive medo, pois sabia que não era época do ano para ataques de cervos. Mas então, enquanto esperava que o animal chegasse e passasse, vislumbrei algo preto entre as folhas e

soube que estava perdida, pois não existe cervo preto, e só poderia ser uma coisa: o vestido da preceptora. Transfigurei-me de medo, incapaz de pensar por um momento para onde me virar e fugir. Parecia não haver passagem para fora da clareira além da rota que me trouxera até ali, mas, enquanto eu especulava, os arbustos à minha frente se abriram e lá estava a srta. Taylor, o rosto lívido, praticamente bufando de raiva. Ela fez menção de correr para mim, mas foi contida, e percebi que estava presa pelos espinheiros, como eu ficara. Virei-me e, sem pensar, atirei-me nos arbustos à minha frente.

Abri caminho à força entre eles. Quando os espinhos enganchavam em meu vestido, eu os arrancava, indiferente aos rasgos e descosturas. Não importava qual fosse o obstáculo, eu forçava minha passagem. Podia ouvir minha perseguidora logo atrás e esperava a qualquer momento sentir seu hálito quente em minha nuca. Mas então, finalmente, saí do matagal e encontrei um caminho. Estava livre! Não só isso, mas havia encontrado o caminho em que estava antes, aquele que levava ao lado Van Hoosier do bosque, não que pudesse esperar qualquer ajuda ali, pois a casa ainda estava fechada, com a família distante. Sem pensar além da fuga imediata, corri quanto pude, com a certeza de que deixava minha perseguidora para trás.

Acreditando que havia colocado alguma distância entre nós, sem diminuir o passo olhei por cima do ombro para verificar. Ela não estava em nenhum lugar à vista e eu me felicitei, rindo descontroladamente enquanto corria, quando meu pé bateu em algo duro – a raiz de uma árvore – e tropecei, sem conseguir sufocar um grito de dor quando meu tornozelo virou e caí sobre ele com todo o meu peso. Fiquei ali deitada, o rosto na terra, sabendo muito bem que meu tornozelo era inútil. Podia ouvir sua respiração ofegante atrás de mim, aproximando-se cada vez mais. E então ouvi à minha frente um barulho que parecia uma tosse. Ergui os olhos e vi diante de mim, a não mais que alguns centímetros de distância, um par de mocassins pretos. Levantei a cabeça para ver mais além e dei com um par de pernas de garça que conhecia bem e pensava que nunca mais veria novamente.

— **T**heo – disse ofegante – o que, em nome do demo, você está fazendo aqui?

– Asma – Theo disse. Para confirmar, começou a tossir e tirou do bolso seu frasco com o bulbo de borracha que o dr. Bradley receitara, abriu a boca e apertou. Ouvi um barulho atrás de mim e virei de lado para ver a srta Taylor em pé, com uma aparência que eu imaginava devia ser parecida com a minha, o vestido sujo, rasgado e coberto de mato, o cabelo desgrenhado, o rosto suado e florescendo com pequenas pétalas vermelhas, cortesia dos espinhos.

Sentei-me e gesticulei na direção de Theo.

– Deixe-me apresentar-lhe o sr. Van Hoosier, madame. Sr. Van Hoosier, a srta. Taylor, nossa nova preceptora.

Ela não sabia como reagir. Afinal, Theo era não só meu amigo, mas também seu superior social. Ela ajeitou o vestido e concentrou-se em algo que parecia um sorriso.

– O que estão fazendo? – Theo perguntou. Sua expressão ainda mais confusa do que o normal.

– Brincando de esconde-esconde – respondi.

Ele olhou de uma para a outra.

– Bem, senhoras, acho que estão levando a sério demais. É apenas uma brincadeira.

Ele se abaixou para ajudar-me a levantar, indicando com o arquear da sobrancelha que a srta. Taylor deveria pegar-me pelo outro lado.

– Florence estava se escondendo e eu a estava procurando – ela disse, enfiando as garras no meu braço. – E acho que ganhei.

– Ai! – gritei, e então acrescentei: – Meu tornozelo! – pois não queria lhe dar a satisfação de me fazer chorar. – Acho que torci.

Com um braço debaixo do meu ombro para me dar apoio, Theo abaixou-se para examiná-lo.

– Bem, certamente parece estar bem inchado. Precisamos ajudá-la a voltar para casa.

Então eles me levaram, um de cada lado, enquanto eu me arrastava como podia no meio. Mal começamos a andar e Theo começou a tossir, então tivemos que parar para que ele tomasse outra dose do remédio.

– É por isso que estou aqui – ele disse, quando recomeçamos. – Tive um sério ataque de asma na véspera da nossa partida. Meus pais tiveram que ir sem mim. Fiquei no hospital e depois aos cuidados de uma tia. Agora me mandaram para cá para me recuperar com o ar melhor.

– Você não se importa? – perguntei.

– De forma alguma. Sou o senhor da casa. Tomo sorvete depois de todas as refeições.

– Eu não quis dizer isso, bobo. Estava falando da viagem para a Europa.

– Acho que não. Afinal, era só para ver algumas ruínas e pinturas e coisas assim, e sei que poderei ir outro dia e elas ainda estarão lá.

Quando nos aproximamos da casa, Meg e John vieram correndo ao nosso encontro, pois Giles havia alertado a sra. Grouse sobre a minha fuga da casa perseguida pela srta. Taylor e estavam todos procurando por nós. John assumiu e carregou-me nos braços como se eu não pesasse mais que uma pena, deixando Theo livre para tossir à vontade. A srta. Taylor correu para trocar o vestido enquanto me colocavam na *chaise longue* na saleta de estar.

A sra. Grouse parecia uma galinha-mãe, agitando as mãos:

– Oh, minha querida, o que aconteceu? Por que correu daquele jeito?

Eu não tinha resposta. Meu primeiro pensamento foi contar-lhe tudo o que havia acontecido e confiar que seu bom senso enxergaria a srta. Taylor como era e informaria meu tio. O problema era que eu queria ser acreditada. E se eu lhe contasse a respeito das passagens de navio, mas a nova preceptora viesse com alguma história para explicá-las? Eu teria que devolvê-las e assim daria a ela o poder de levar Giles embora. Mas se as conservasse e permanecesse em silêncio também poderiam não me valer de nada. Eu não sabia como as companhias de navegação se conduziam. Pelo que sabia, talvez bastasse a srta. Taylor dizer que havia perdido as passagens e teria outras. Ergui os olhos e a vi no espelho sobre a lareira, olhando-me atentamente, como se estivesse tentando adivinhar meu próximo passo.

Decidi não contar à sra. Grouse a respeito das passagens, pelo menos não ainda. O melhor plano em que conseguia pensar era mostrá-las a Hadleigh, pois representavam a evidência que ele iria querer antes de poder agir. A fraqueza desse plano estava na dificuldade de contatar o capitão. O tempo estava se esgotando. Eu já havia usado um dos meus catorze dias. Se não conseguisse chegar a Hadleigh não haveria outra coisa a fazer senão colocar-me à mercê da sra. Grouse. Mas o que quer que fizesse, precisava manter as passagens em minha posse. Mesmo que falasse com a sra. Grouse, não podia deixar que soubesse a respeito do quarto na torre porque não queria entregar um possível esconderijo, um lugar para guardar coisas secretas e uma base. Ainda assim, por causa do meu tornozelo, não havia como empreender a difícil subida.

– Explicarei depois – eu disse à perplexa governanta. – Se não se importa, eu gostaria de ficar a sós para conversar com o sr. Van Hoosier.

A sra. Grouse acenou com a cabeça duvidosamente e disse que nos traria um bule de chá.

Assim que ela saiu, acenei para que Theo se aproximasse. Ele inclinou a cabeça sobre a minha e emboscou-me um beijo nos lábios.

– Agora não, Theo, não é hora! – eu disse, o rosto aquecendo, pois me envergonhava ser beijada com a preceptora vendo do espelho. – Assim que Giles souber que você está aqui virá como uma bala. Agora coloque os ouvidos em meus lábios e escute, pois tenho uma ideia caso os espelhos possam ouvir.

Ele me olhou sem entender.

– Os espelhos... podem ouvir? – ergueu as sobrancelhas, mas, quando o agarrei pela lapela e o puxei para perto, ele não fez objeção alguma, imaginando sem dúvida que estava a caminho de outro beijo. Logo o desiludi, virando sua cabeça de forma que seu ouvido encostasse em minha boca, e não seus lábios. Sussurrei a ele sobre os espelhos e como a srta. Taylor tinha praticamente a casa toda sob vigilância. Ao ouvir isso, Theo soltou uma sonora gargalhada e afastou-se de mim. Ficou em pé, olhando-me.

– Florence, tem certeza de que só torceu o tornozelo? Por acaso não bateu a cabeça também?

– Theo, é verdade – sibilei. – Juro por qualquer coisa que você quiser.

Ele me lançou um olhar condescendente, colocou as mãos nos bolsos da calça e andou casualmente pela sala, parando diante do espelho e olhando, arrumando a gravata enquanto observava. Satisfeito por se achar muito bem, desviou o olhar do espelho e veio sentar-se na ponta da *chaise longue*.

– Florence – ele sussurrou, um sorriso brincando em seus lábios –, preciso lhe dizer, ela não está lá.

– Ela está lá, sim – retruquei, pondo um freio em sua zombaria –, mas sou a única que pode vê-la.

– Ah, estou vendo, ou melhor, não estou! – acenou a cabeça de modo tão condescendente que eu o teria acertado na cabeça se não estivesse tão desesperada por sua ajuda.

– De qualquer forma, não se preocupe com o espelho agora, pode fazer graça se quiser, mas escute.

Eu havia decidido confiar a ele um dos meus maiores segredos. Depois de ter-lhe exposto minha crença de que a srta. Taylor estava planejando levar Giles embora, sendo que tivera a confirmação dessa hipótese ao encontrar as passagens de navio, sussurrei-lhe como chegar ao quarto da torre e onde as encontrar.

– Mas ainda não. Você não terá tempo para isso antes que Giles chegue aqui e ela reapareça. Temos que esperar nossa hora. Eu lhe direi quando.

Como se isso fosse um sinal, a porta abriu e a srta. Taylor, agora com outro vestido, preto como o anterior, entrou. Ela havia penteado o cabelo para cima de novo e limpado os cortes do rosto e passado pó, de forma que mal se notava qualquer coisa diferente, se é que havia. Eu pensei que talvez não fosse o pó o que havia restaurado suas feições; talvez um fantasma pudesse se renovar sempre que quisesse.

– Ah, sr. Van Hoosier – ela sorriu galanteadora para Theo. – Ainda está aqui.

Theo endireitou-se desajeitadamente, como se tivesse sido pego fazendo algo que não deveria, como realmente estava, ao ouvir minha conversa sediciosa.

– Foi muita gentileza sua cuidar de Florence, mas agora penso que devo pedir-lhe para cessar seus préstimos, pois a pobre garota – ela me olhou sarcasticamente – precisa de descanso.

Theo ficou em pé.

– Mas, madame, o tornozelo...

– Eu já mandei que John trouxesse o médico. Logo estará aqui. Agora acho que, se saísse...

Theo não teve escolha. Apertou-me a mão.

– Cuide-se, Florence. Voltarei amanhã.

Ela o levou para fora como se fosse uma vaquinha dócil e eu fiquei sozinha, ouvindo o som de suas vozes no salão. A porta da saleta abriu e Giles apareceu, segurando a maçaneta sem entrar, mas olhando da entrada.

– Giles – eu disse –, qual é o problema?

– Puxa, Flo, o que foi tudo isso? Você deve ter feito algo muito ruim para deixá-la tão louca.

– Venha cá, Giles, e feche a porta – sussurrei para ele. – Venha cá, depressa!

Ele hesitou por um instante, mas depois fez o que lhe disse. Aproximou-se de mim, mas ficou a alguns centímetros de distância, fora do meu alcance.

– O que está acontecendo, Flo? Por que ela perseguiu você daquele jeito? Foi por que você entrou no quarto dela? Você deixou o manto lá, não foi? Por que você fez isso?

– Não se preocupe com isso agora, Giles, você precisa me ouvir – baixei a voz para um sussurro por causa do espelho. – Tenho provas de que ela pretende levar você embora. Encontrei passagens de navio.

Seu rosto iluminou-se.

– Passagens de navio? Eu vou viajar de navio?

– Sim, se ela não for impedida. Para a Europa.

– Europa? – ele pensou um pouco e depois disse: – Por que Theo voltou tão rápido da Europa? Ele não gostou de lá?

– Ele nunca foi. Teve uma crise de asma.

– Ah.

– Você não falou com ele?

– Só para dizer olá. A srta. Taylor me disse que ele estava de saída.

Nesse momento ouvi a porta da frente fechar e pela janela vi Theo caminhando de costas, olhando para a casa com uma expressão que misturava perplexidade e preocupação. Acenei debilmente, o que era difícil, deitada como estava, mas obviamente ele não pôde ver e afastou-se.

A porta se abriu novamente e a srta. Taylor entrou. Foi toda sorrisos com Giles, embora eu visse que ele estava ressabiado com ela como estivera

antes comigo. Afinal, ele havia visto a maneira como ela saía atrás de mim, o que devia ter abalado sua impressão de que ela era toda doçura e leveza. Refleti que isso era algo que eu poderia aproveitar, que poderia me dar a oportunidade de cavar um fosso entre eles.

– Giles – ela disse –, por favor, vá para o quarto de estudos, seja um bom menino e traga o livro de Florence para ela. E seu bordado, é claro – ela me olhou significativamente. – Afinal, não devemos revelar seu segredo, não é?

Assim que ele saiu, ela veio para cima de mim.

– Agora, ouça, mocinha, e ouça bem.

Ela praticamente cuspiu as palavras. Eu, é claro, não tinha alternativa senão ouvir, pois estava como uma prisioneira, presa ali com meu tornozelo inútil.

– Quero o que é meu. Você me entregará agora ou sofrerá as consequências.

– Não posso fazer isso.

Ela se sentou na beirada do sofá, esticou o braço e pegou meu tornozelo, apertando com força, e tudo o que consegui fazer foi não gritar.

– Devolva-as para mim.

– Eu não posso, pois não estão comigo.

Ela me soltou e olhou desconfiada, os olhos percorrendo meu corpo como se estivesse pensando em me revistar, ou estivesse avaliando em que lugar do corpo poderiam estar escondidas as passagens.

– Vá em frente, olhe – eu disse. – Não irá encontrá-las.

– Muito bem. Mas irá me dizer onde estão.

– Isso é o que você pensa, seu demônio.

Ela ficou em pé.

– Posso tornar sua vida muito difícil, garota, se insistir em me desafiar.

– Eu não vou ficar parada e deixar que leve meu irmão embora.

– Seu meio-irmão, você quer dizer. E está certa. Não vai ficar parada, pois não ficará em pé de forma alguma por alguns dias. Estará deitada, tão impotente quanto está agora.

– Se eu estiver morta. Só levará Giles sobre o meu cadáver.

– Vamos esperar que não chegue a isso.

Ela estava aborrecida, eu podia ver, frustrada com a minha intransigência.

– Vamos lá – ela disse, com um tom mais conciliador –, você deve me dar o que é meu, pois não lhe podem servir para nada, e sua perda será para

mim apenas um inconveniente. Terei apenas que escrever uma carta para que sejam substituídas. Por que não tornar as coisas mais fáceis para nós dizendo-me onde estão?

– Estão onde nunca as encontrará. E está errada, elas não são inúteis para mim. São a prova de seus planos diabólicos.

Ela ficou longamente em silêncio, depois se virou e deixou a sala, deixando atrás de si um rastro de raiva e frustração.

Naquela tarde o médico veio me ver e constatou que meu tornozelo estava torcido, prescrevendo descanso total, com a precaução de mantê-lo livre de todo o peso por uma semana. Assim, ficava deitada na saleta fingindo que estava bordando, mas na verdade lendo meu livro, que eu cobria sempre que a sra. Grouse ou qualquer um dos criados entrava. E essa foi minha rotina nos dias seguintes. Todas as manhãs, John vinha para carregar-me, levando-me do quarto para passar o dia no sofá da saleta. Na hora das refeições, traziam-me uma pequena mesa com a comida. À noite, John levava-me de volta para o quarto. Não tinha ideia do que a srta. Taylor havia dito à sra. Grouse em relação à perseguição pelo bosque, mas, fosse o que fosse, obviamente a convencera de que não havia passado de um jogo, pois ficou claro que a governanta de nada suspeitava. Às vezes, quando ficava sozinha com ela, ocorria-me contar-lhe tudo, mas continha-me, pois ainda duvidava de que seria acreditada. Não, o melhor plano seria fazer Theo pegar as passagens e então, de alguma maneira, fazê-las chegar a Hadleigh e assim provar as intenções da nova preceptora.

O problema imediato que eu tinha em relação a isso era como fazer para que Theo se apossasse das passagens, pois a srta. Taylor, acatando o médico, havia interpretado “descanso total” como nenhuma visita. Até mesmo as vindas de Giles para ver-me foram reduzidas ao mínimo. O próprio Giles havia superado seu medo momentâneo em relação a ela, o que eu imaginava ser apenas o esperado, agora que ficava sozinho com ela durante a maior parte do dia. Em suas visitas, esquivava-se de todas as minhas tentativas de voltar a falar de sua iminente viagem com a costureira tagarelice infantil.

– Giles – sussurrei quando ficamos sozinhos por um instante durante a manhã –, ela lhe disse alguma coisa sobre ir embora com ela?

– Flo – ele se retraiu –, agora que você ficou sem usar uma de suas pernas por algum tempo, o que preferiria ter, uma perna cortada ou um dos olhos

arrancados?

Como eu responderia a isso?

Dificultava enormemente o fato de não conseguir pensar em como poderia trazer Theo para casa para colocar meu plano em ação; a coisa toda parecia desesperançada, pois ela o havia banido. Por isso me surpreendi na terceira manhã da minha indisposição ao olhar pela janela da saleta para a entrada e dar com a figura familiar caminhando com seu andar de garça na direção da casa. Alguns instantes depois, a sra. Grouse o trouxe até mim.

– Theo – eu disse, arquejante, assim que ficamos sozinhos –, como conseguiu burlar a proibição?

– Apelando para uma autoridade maior – ele sussurrou, pois eu coloquei um dedo nos seus lábios para que falasse baixo e lembrei-o do espelho com um sinal de cabeça.

Ele encheu o peito como um pombo ao cortejar a pomba.

– Fingi um ataque de asma, assim meu pessoal trouxe o médico e, de passagem, mencionei que era uma pena que você não pudesse receber visitas. Naturalmente ele disse que isso era bobagem e que nada lhe faria melhor. Por isso estou aqui.

– Quanta inteligência da sua parte.

– Sim – sorriu envergonhado. – Ele também disse que não era uma boa ideia que eu saísse, dado o meu estado, pois estava falando da asma, mas esse é outro assunto.

Nesse momento a srta. Taylor entrou bruscamente na sala, evidentemente tendo visto Theo através de um dos seus espelhos, seguida por Giles, que se aproximou dele e o encheu de perguntas e súplicas para jogar isto e aquilo. A srta. Taylor esperou pacientemente até que a primeira onda de entusiasmo de Giles por nosso velho amigo diminuísse, e então disse:

– Acredito que lhe disse, sr. Van Hoosier, que o médico ordenou descanso total para Florence. Não queremos que ela seja muito estimulada, não é mesmo?

Theo sorriu.

– Preciso dizer, madame, que não consigo ver como qualquer estímulo pode ter algum efeito sobre o tornozelo de uma pessoa, mas, de qualquer forma, tenho o aval da autoridade médica, que garantiu-me que lhe fará bem ter companhia – e explicou o que havia dito o médico, omitindo o alerta em relação a si mesmo.

A srta. Taylor ficou mastigando o lábio e então disse:

– Muito bem, venha Giles, está na hora da lição. Poderá ver o sr. Van Hoosier mais tarde.

Quando Theo e eu ficamos sozinhos, conversamos mais um pouco, sussurrando enquanto eu lhe explicava o que devia fazer com as passagens se as conseguisse pegar, e o que deveria dizer a Hadleigh. Então ele ficou em pé e disse de maneira teatral:

– Diga, está precisando de algum livro da biblioteca?

Ele estava de costas para o espelho e fazia sinais com a sobrancelha para mostrar que não estava falando sério. Entendi imediatamente o que ele pretendia. Sob o pretexto de ir até a biblioteca para mim, ele poderia chegar à torre e pegar as passagens. Pedi-lhe que trouxesse *Macbeth*.

Então Theo saiu. Foi primeiro à biblioteca, encontrou *Macbeth* onde eu lhe disse que estaria e então foi para a torre. Se por acaso encontrasse a srta. Taylor no caminho diria que havia se enganado ao sair da biblioteca e se perdera. Com sorte, sendo Theo aparentemente tão vago e idiota, conseguiria se fazer acreditar. Felizmente não encontrou ninguém no breve desvio, embora a srta. Taylor tenha decidido dar uma olhada em mim enquanto ele estava fora.

– Onde está o sr. Van Hoosier? – ela perguntou.

Eu jurava que ela suspeitava de algo. Evidentemente o tinha visto sair através do seu espelho espião e o perdera de vista quando ele saiu do seu mapa ao deixar a biblioteca.

– Ele foi até a biblioteca para me trazer um livro.

Isso era verdade e estava de acordo com o que ela tinha visto.

Então Theo voltou. Entregou-me o livro e, ao fazer isso, com as costas voltadas para ela e o espelho, colocou a mão sobre o bolso do peito.

– Bem, Florence, sinto muito, mas preciso ir – ele disse, acrescentando com estudada significância: – Tenho coisas a fazer.

Isso era a pior parte do envolvimento de Theo e Giles em qualquer estratagem: eles não tinham meu dom. A srta. Taylor ficou imediatamente de orelha em pé.

– É mesmo, sr. Van Hoosier, e o que poderiam ser essas coisas?

Theo corou e começou a gaguejar, o que logo se transformou em uma tosse, o que por sua vez levou à necessidade de usar o *spray*. Quando se recuperou, ele disse:

– Ah, um pouco disso e daquilo, srta. Taylor. Matemática e grego. Meu tutor é rigoroso e devo manter o ritmo dos meus estudos para quando estiver bem o bastante para voltar à escola.

Essa recuperação foi boa para os padrões de Theo, mas por dentro praguejei por ele ter arruinado as coisas ao tentar bancar o esperto. Agora era óbvio que a preceptora sabia que ele tinha as passagens. Ela não sabia o que faria, mas teria sido melhor que permanecesse no escuro quanto ao seu paradeiro.

Os dias que se seguiram foram uma agonia para mim, deitada e impotente como estava, não só incapaz de fazer qualquer coisa para impedir o avanço dos planos da srta. Taylor, mas também na mais terrível ignorância quanto ao andamento dos meus. Eu não tinha como saber o que Theo estava fazendo. Ocorreu-me que a resposta podia ser simplesmente nada, absolutamente nada. Suponhamos que ele refletisse sobre o que tinha visto, uma garota meio maluca num estado de descompostura indecorosa perseguida pelo bosque por sua preceptora, junto com o que eu havia lhe contado, que essa mesma pre-ceptora era um fantasma, o espírito de uma preceptora anterior que havia voltado para nos assombrar e levar embora meu irmão, mas por algum motivo que ainda não estava muito claro; além disso, que esse mesmo espírito podia enxergar como uma coruja no escuro, sem recorrer a velas, caminhar sobre a água e observar as pessoas através dos espelhos da casa. E se ele refletisse sobre tudo isso e decidisse que eu não estava em meu juízo perfeito? Era muita coisa para esperar que mesmo alguém tão ingênuo como Theo acreditasse.

Mas então o garoto enganou-me...

Praticamente o único entretenimento que tinha durante a minha recuperação era dissimular meu livro da sra. Grouse e de Meg, que me paparicavam tanto que nunca ficava mais que uma hora sozinha. Tão logo me acomodava para ler, uma ou outra entrava para acender a lareira ou trazer-me algo para beber ou algum docinho, bolo ou um dos biscoitos que Meg havia preparado especialmente (e sem dúvida consumido meia dúzia), de forma que eu estava constantemente pegando meu bordado e colocando-o sobre o livro. Assim, ficava lendo e parando e era quase como nos velhos dias das três ou quatro páginas na torre, quando eu tinha que erguer os olhos para ver se Theo estava chegando. Ficava pensando em como a sra. Grouse não se perguntava por que meu bordado não avançava, ou se secretamente

me considerava uma Penélope, desfazendo à noite o que havia bordado durante o dia.

Outra coisa que me deixava ansiosa era o que aquela bruxa da nossa nova preceptora poderia fazer com Giles. Pois, além de alguns minutos aqui e ali, como depois de uma refeição, ela o mantinha longe de mim, no quarto de estudos, minha ausência dando-lhe a oportunidade perfeita para envenenar sua mente contra mim e seduzi-lo com seus planos. Embora tivesse poucas chances de ficar sozinha com Giles, quando conseguia sussurrar-lhe uma pergunta, ele era reticente, inclinando a cabeça e evitando meus olhos, e então mudava de assunto rapidamente. Giles não revelaria facilmente um segredo, mas não escondia muito bem o fato de que tinha um. Evidentemente, ele agora fazia parte de seu plano, os segredos eram divididos com ela, não comigo.

Não havia como eu mudar isso por enquanto; tudo o que podia fazer era passar os dias como a Dama de Shallott, esperando que Hadleigh surgisse em sua reluzente armadura. Mas então não foi Hadleigh quem apareceu, mas Theo.

Podia jurar que havia algo de errado no momento em que atravessou a porta. Estava tão aflito que quase entrou correndo na sala e despejou tudo, mas levantei um dedo e gesticulei na direção do espelho para alertá-lo. Ele se aproximou de mim no sofá.

– Você encontrou Hadleigh? – sussurrei. – O que disse ele?

Theo mexeu a cabeça miseravelmente.

– Só ontem consegui ir à cidade. Tive outro ataque de asma, dessa vez de verdade – ainda estou muito mal – e fiquei acamado, por isso meu tutor não permitiria que eu fosse. Não que pudesse ir de qualquer forma.

Impacientei-me diante de tudo isso, pois a asma de Theo não despertava em mim o mesmo interesse que despertava nele. Que doença de quem quer que fosse interessaria a outro alguém? Mas eu não disse nada, pois não queria dar-lhe a impressão de que não me importava. Theo era agora meu único aliado até que Hadleigh aparecesse.

– Então, o que aconteceu? – sibilei, mas, antes que pudesse responder, Theo teve uma crise de tosse, a pior que eu já testemunhara, de forma que entre os acessos sua respiração era um chiado, como alguém serrando madeira ou raspando as unhas na lousa. Senti um frio nos dentes.

Theo tirou seu *spray*, deu uma boa aspirada e acabou se acalmando.

– Bem, ontem eu estava muito melhor e pedi para sair com a carruagem para um passeio. Meu tutor não quis acompanhar-me – ele nunca quer, prefere passar a vida estudando seus livros – e assim, uma vez na carruagem, pedi ao condutor que me levasse até a cidade. Lá chegando, disse que queria ir até a papelaria para ver se haviam recebido algum livro novo, para depois poder escapar até a delegacia de polícia.

– Mas você não conseguiu ver Hadleigh? – Era difícil evitar um tom de exasperação. Desejei tanto que tivesse sido eu em vez de Theo a caminhar por aquelas calçadas; senti que eu não teria falhado, embora nisso logo visse que estava enganada.

– Não, é nisso que vou chegar.

– Mas por que não? – Eu sabia que parecia zangada, mas não conseguia me controlar. A existência de meu irmão poderia depender disso e tamanha decepção soterrava minhas esperanças.

– Porque ele não estava lá! – Theo me devolveu no mesmo tom, incomodado com minha exasperação. Amolecida, levantei o dedo, pois ele erguera a voz o suficiente para ser ouvido pelo espelho.

Theo abaixou a voz.

– O funcionário disse que estava trabalhando em um caso importante. Ele está em Nova York. Ficará fora por um mês.

Uma lágrima escorreu-me pelo rosto. Senti a frustração de empacar a cada volta.

– Então não há esperança. Nenhuma esperança.

– Espere, Florence, você ainda não ouviu tudo. O funcionário perguntou-se do que se tratava e eu mencionei que não era assunto meu, mas estava lá em seu nome, e ele disse que nesse caso tinha algo para você, uma carta.

– Mantenha a voz baixa! – sibilei novamente.

– Uma carta, onde está?

– Bem, dentro do meu casaco. Você acha que é seguro passá-la aqui?

– Espere um momento, deixe-me pensar.

Olhei para o espelho. Se Theo se aproximasse mais, ou minha virtude estaria comprometida ou seria óbvio que ele estava me entregando algo.

– Escute, em que lugar do seu casaco?

– No bolso de dentro, do lado direito. As passagens também.

– Está bem, vou falar normalmente com você. Faça o que eu disser e eu vou enfiar a mão dentro do bolso do seu casaco e pegar a carta, OK?

Theo arregalou os olhos diante da agradável impropriedade do gesto.

– OK!

– Theo – disse em voz alta –, escorreguei um pouco. Será que você poderia fazer a gentileza de me levantar?

– É claro, srta. Florence, adoraria poder ajudá-la.

Era realmente impossível qualquer tipo de subterfúgio com ele! No entanto, ele se levantou e, inclinando-se sobre mim, colocou as mãos debaixo dos meus ombros e me ergueu. Coloquei a mão direita dentro do seu casaco e senti instantaneamente a carta e as passagens e as tirei. Quando ele me soltou coloquei o meu butim debaixo do bordado, pois era a última coisa em que alguém da casa havia demonstrado qualquer interesse. Com Theo entre mim e o espelho, consegui transferir o contrabando para dentro do corpete do meu avental.

O estranho foi que, embora tudo isso devesse ter levantado as suspeitas da srta. Taylor no espelho, ela não apareceu pessoalmente. Fiquei pensando nisso, pois ela sabia que Theo estava com as passagens, e ali estava ele, agindo estranhamente diante de seus olhos. Fiquei bastante intrigada. Era como se ela não se importasse mais com as passagens e isso me fez pensar que, conforme havia ameaçado, simplesmente havia escrito e obtido as substitutas. Se fosse esse o caso, era-me conveniente, pois a posse das passagens nunca fora uma garantia para impedir seu plano, mas apenas a prova de sua existência. Isso também significava que a srta. Taylor não tinha medo de mim, o que só podia ser verdade porque ela não sabia da minha visita a Hadleigh ou que a visita que ele nos fizera significava algo além do que aparentemente tinha sido. Por outro lado, talvez agora não tivesse necessidade de temer qualquer ajuda que eu pudesse ter daquela parte, porque Hadleigh aparentemente estava longe e assim ficaria até muito depois que ela colocasse seu plano em prática e levasse meu pobre irmão.

Theo ficou comigo algumas horas, durante as quais, é claro, Meg apareceu e logo estávamos nos refestelando com pão, mel e bolo. Ninguém havia chamado a srta. Taylor, e ela preferiu não aparecer por vontade própria. Não fosse o perigo iminente e a carta – que, é claro, eu ainda não tinha podido ler – ardendo como se tivesse feito um buraco em meu corpo, talvez tivéssemos tido uma tarde agradável. Da maneira que foi, era fácil demais deixar escapar alguma observação superficial sobre isto ou aquilo, um livro ou algo assim, e voltar ao assunto que mais nos preocupava, e que

às vezes tínhamos que interromper o outro no meio da fala, pois em alguns momentos acabávamos esquecendo que estávamos diante do espelho. Até me ocorreu que isso talvez fosse uma armação da srta. Taylor, deixar-nos sozinhos e nos dar corda suficiente para nos enforcarmos esquecendo que estávamos sendo observados.

Apesar de tentarmos recuperar nossa antiga alegria, e acho que Theo quase conseguiu – porque para ele, talvez, todo o negócio com nossa preceptora era uma espécie de jogo, algo em que ele realmente não acreditava –, havia certa tensão em nossa relação. A falta era minha; eu o estava usando, pois o queria não tanto como amigo naquela tarde, mas como instrumento para fazer passar rapidamente as horas lentas.

Finalmente ele precisou ir embora e fiquei sozinha para jantar em uma pequena mesa, sem sequer conseguir ler enquanto comia, receando ser descoberta por um dos criados. Depois Giles apareceu e brincou comigo por algum tempo, mas a verdade era que eu não queria sua companhia e desejava que fosse logo chamado para a cama e que John viesse para me levar para a minha.

Por fim o tempo passou, como sempre passará, e John colocou-me na cama. Como sempre, Mary trouxe-me a camisola e iria me ajudar a vesti-la, como fazia todas as noites durante minha indisposição, mas eu lhe disse que não precisava dela e a dispensei. Temia que a carta de Hadleigh pudesse ser revelada quando tirasse meu vestido. Quando tive certeza de que ela havia ido embora, coloquei a carta e as passagens debaixo do colchão, vesti a camisola, soprei a vela e meti-me entre os lençóis. Teria uma longa espera até que a srta. Taylor viesse dar uma olhada e depois se retirasse para dormir – isto é, se é que ela dormia a noite inteira, com suas visitas noturnas a Giles e tudo o mais.

Após a breve inspeção, sem um relógio visível no escuro, contei os longos tempos da noite pelos pios da minha velha amiga coruja, certamente o relógio mais impreciso que alguém poderia imaginar, mas, quando tive certeza de que havia passado da meia-noite, a hora das bruxas, como dizem nos livros, decidi que era seguro acender minha vela e tirar a carta. Não tinha conseguido pensar em mais nada durante todas aquelas longas horas, como se pode imaginar, pois não tinha ideia do que poderia conter. Por que Hadleigh escreveria para mim? O que poderia ter a dizer? Eu não estava otimista, pois temia que fosse apenas um sermão sobre a dor e o remorso,

que eu deveria ler e viver menos na minha imaginação e sair mais para o mundo.

Cara Florence,

Estou lhe deixando esta carta porque uma missão especial me afastará do meu posto por algumas semanas. Quero lhe garantir que não esqueci o assunto que discutimos, embora tivesse sérias dúvidas para sua motivação na época em que falamos e, fosse eu da área médica, talvez tivesse diagnosticado um sério caso de histeria. Por isso, devo-lhe agora um pedido de desculpas porque, embora tenha que dizer que seus sentimentos em relação à sua preceptora são muito fantásticos para que um corpo sensível acredite nas suas suspeitas, talvez não sejam totalmente infundados. Após a minha visita, tratei de contatar imediatamente a agência que contratou os serviços da srta. Taylor como sua preceptora. A primeira coisa estranha foi que ela não respondeu a um anúncio para o cargo porque eles não costumam fazê-lo, preferindo contar com as professoras que já fazem parte de seus registros, embora a srta. Taylor não fosse uma delas. Não apenas isso, mas, ao entrar em contato com a agência, ela não estava à procura de qualquer emprego, mas falou especificamente do posto em Blithe. A senhora com quem falei tem a impressão de que a srta. Taylor também já havia contatado outras agências para ver se o posto era um dos que estivessem procurando preencher. Infelizmente, a agência não foi muito diligente para investigar a srta. Taylor. Ficaram tão encantados por encontrar alguém que se dispusesse a assumir o cargo sem discutir o salário (seu tio, ao que parece, não é muito generoso em relação a isso) ou que não tivesse outras condições como visitar as crianças primeiro e etc., e que além disso sabia das circunstâncias infelizes sob as quais o posto ficara vago e não se importava – parece que tais acidentes não raramente desencorajam muitas candidatas –, que simplesmente o ofereceram a ela.

Isso em si mesmo não teria importância, um pássaro na mão e tudo isso, exceto que, quando pressionados, admitiram que estavam com tanta pressa para indicá-la, sem ter outra candidata adequada, que aceitaram as duas cartas de referência que ela lhes entregou sem verificá-las. Estou agora em Nova York e ontem tentei visitar essas pessoas, mas descobri que os endereços das cartas de referência não existem. Bem, que isso aconteça com um endereço pode ser considerado um simples erro, mas com dois? Alguma coisa não está certa.

Sugiro que mostre esta carta à sra. Grouse, que eu espero confronte a srta. Taylor ou talvez queira escrever para seu tio a respeito. Ele sem dúvida irá querer investigar o assunto, e se ficar provado que a srta. Taylor realmente inventou sua história, então estou certo de que será demitida e qualquer incômodo para você e Giles será eliminado. Espero que isto esclareça o assunto para você.

Com meus melhores votos,

Seu amigo,

Frank Hadleigh

Fechei a carta triunfante. Eu sabia! Finalmente eu tinha a prova, a prova ocular de que não era uma garota maluca, mas que nossa nova preceptora não era quem fingia ser, mas uma fraude, falsa. Junto com as passagens, a carta certamente seria uma evidência convincente de que pretendia fazer algo ruim e suficiente para convencer a sra. Grouse a mandá-la embora da casa sem esperar por notícias do meu tio. Eu queria dançar. Queria tirar o pano que havia atirado sobre o espelho todas as noites e fazer piruetas diante dos olhos maus da bruxa. Eu já não me importava se ela soubesse o que eu estava pensando, pois havia vencido. Giles estava salvo!

*M*al podia esperar até que amanhecesse. À primeira intimação de luz escoando pelas pontas das cortinas, levantei-me e sentei na beirada da cama e, com alguma dificuldade por causa do tornozelo, que, apesar de muito mais forte agora, ainda não suportava todo o peso do corpo, consegui tirar a camisola e substituí-la pelo vestido. Quando terminei de fazer isso, a primeira cotovia havia cantado e agora a luz era suficiente para que eu soubesse quando a sra. Grouse estaria de pé, que era sempre antes de nós, crianças, e da srta. Taylor.

Escondi a carta de Hadleigh e as passagens de navio dentro do corpete do meu vestido, depois fui pulando pelo quarto até o guarda-roupa, peguei outra blusa e pulei até a porta. Como não podia andar normalmente, além de ficar deitada e arrastar-me pouco a pouco, pular era meu único meio de locomoção. Afligia-me pensar que o barulho pudesse chamar a atenção da srta. Taylor, mas felizmente isso não aconteceu. Não havia espelho no corredor superior entre o meu quarto e a escada, por isso não tive medo de ser observada. Quando cheguei à escada, sentei-me no primeiro degrau do alto e fui descendo um a um até chegar embaixo. Com a ajuda do pilar da escada fiquei em pé novamente e fui pulando até a cozinha, onde encontrei a governanta tomando café com os criados.

Quando entrei, estavam todos rindo de alguma piada ou história engraçada, mas o riso parou assim que me viram, pois ninguém esperava que eu conseguisse movimentar-me sozinha, e tampouco que eu irrompesse pulando enquanto comiam. Ao me ver, a sra. Grouse corou e rapidamente levou o guardanapo à boca, limpando o sorriso. Estava evidentemente constrangida; já era ruim ter que comer com os criados, pior ainda ser pega confraternizando com eles também.

– Ora, srta. Florence – ela disse –, que diabos está pensando? Sabe muito bem que não deve ficar em pé.

Então, vendo minha expressão, ela disse:

– Não há nada de errado, eu espero.

– Há algo muito errado, sra. Grouse – atrevi-me a dizer. – E preciso falar-lhe em particular imediatamente.

Extremamente agitada com meu tom, a boa mulher deixou seu café no mesmo instante e pediu a John que me levasse para a saleta. Ele estava prestes a colocar-me no sofá, mas protestei.

– Não, espere! – apontei para o espelho na parede e fiz sinal para que ele me levasse até lá.

Ele trocou um olhar surpreso com a governanta, mas obedeceu. Uma vez junto ao espelho, joguei a blusa sobre ele, pois eu a trouxera para isso, o que provocou outro olhar de surpresa de John para a sra. Grouse, que ela devolveu dando de ombros.

– Não quero que ela nos observe – eu disse para a sra. Grouse enquanto John me colocava no sofá, ao que a sobranceira do homem começou a mexer de maneira incontrolável.

A sra. Grouse fez sinal para que nos deixasse e, assim que ele saiu, perguntou:

– E quem poderia ser “ela”? Alguém que vive no espelho, talvez? – seu tom de voz era condescendente, fingindo que considerava meu gesto razoável, o que, é claro, para alguém que não soubesse o que estava acontecendo na casa, não era.

– A srta. Taylor – eu disse.

A sra. Grouse simplesmente ficou me olhando.

– Tenho algumas coisas para lhe mostrar – eu disse, e tirei do corpete a carta de Hadleigh e as passagens de navio. Ela se aproximou de mim e eu lhe entreguei os papéis.

– O que é isto? – ela perguntou, depois de examiná-las por alguns instantes.

– São passagens de navio para uma viagem de Nova York para a França – eu disse a ela.

– Bem, estou vendo. Mas qual o sentido disso?

– Eu as encontrei no quarto da srta. Taylor.

Ela ficou me olhando, surpresa e preocupada.

– Eu não acho que devesse fazer isso, minha querida. Isso não está certo. Você não deveria nem sequer ter estado no quarto, quanto mais ter tirado coisas dela.

– Mas não está vendo? São passagens dela.

A sra. Grouse franziu a sobancelha.

– Mas como sabe de quem são, senhorita, se não sabe ler?

– Isso não importa agora. A questão é que isso significa que ela está planejando uma viagem. Uma viagem para dois.

– Uma viagem...

Realmente, a sra. Grouse era muito lenta.

– Sim, para ela e mais alguém. E veja a data.

A sra. Grouse examinou as passagens de novo.

– Ora, são para o final da próxima semana. Mas eu não entendo. Ela não disse que estaria partindo. E não poderia sair na próxima semana, pois teria que cumprir seu aviso prévio, que é de três meses.

– Ah, mas a senhora vê que ela não se preocupa com essas coisas. Ela simplesmente quer levar Giles.

– Giles? – a sra. Grouse parecia totalmente assombrada, o pobre rosto chorando, pois aquilo era demais para ela. – Mas por que iria querer fazer uma coisa dessas? Não faz sentido.

Diante disso, vacilei. Pois eu não poderia lhe contar o verdadeiro motivo. Tomei o cuidado de não mencionar minha teoria de que a srta. Taylor e a Whitaker eram uma só. Meu gesto em relação ao espelho já havia abalado minha credibilidade, apesar de ter sido necessário para termos alguma privacidade em relação aos olhares indiscretos da preceptora.

– Eu... eu não sei, mas tenho certeza de que é o que pretende. De qualquer forma, isso não é tudo. Veja isto. – E entreguei a ela a carta de Hadleigh.

Ela levou um tempo considerável para ler. Quando chegou ao fim, ela disse:

– Frank Hadleigh. Ele não é o capitão de polícia?

– Sim. Eu... eu o encontrei quando fomos até a cidade para levar Giles ao dentista e confiei-lhe minhas suspeitas a respeito dessa mulher diabólica. Como pode ver, eram inteiramente justificadas, pois ela obviamente conseguiu o posto com artimanhas. E por que faria isso a menos que tivesse más intenções?

A sra. Grouse reexaminou a carta de Hadleigh e vi a compreensão espalhar-se por seu rosto, e então um sorriso.

– Eu sabia! Sabia desde o começo que alguma coisa não estava certa com essa mulher. Fazendo-me comer com os criados, realmente!

Ela se levantou, o rosto com uma expressão determinada.

– Vamos resolver isso agora. Ah, sim, nós vamos, vamos resolver tudo.

A sra. Grouse saiu bruscamente da sala, deixando-me estendida no sofá; ouvi-a marchar na direção da sala do café e abrir a porta. A srta. Taylor e Giles evidentemente ainda não estavam lá, pois ouvi seus passos marcharem de volta e depois escada acima. Fiquei desesperada para saber o que estava acontecendo e comecei a lutar para sentar-me. Felizmente a sra. Grouse havia deixado a porta aberta, pois eu finalmente consegui sentar e virar-me de forma a colocar o pé no chão. Ouvi vozes no andar de cima e deduzi que a sra. Grouse havia encontrado a srta. Taylor e Giles quando vinham para o café. Podia ouvir a voz zangada da sra. Grouse, mas para minha frustração não conseguia entender uma palavra do que estava dizendo. Pouco depois, Giles entrou correndo na sala.

– Flo! – ele disse, ofegante, tendo obviamente descido a escada correndo, os olhos brilhando de excitação. – Você tem que vir depressa. A srta. Taylor e a sra. Grouse estão tendo uma briga feia!

Então ele parou e lembrou-se do meu tornozelo.

– Ah – ele disse, e veio correndo pela sala e ofereceu-me seu ombro para me apoiar, o que me lembrou o velho Giles e de forma alguma o novo, o indiferente que se tornara sob a nossa nova preceptora que me deixava os olhos cheios de lágrimas. Mostrei-lhe que estava me oferecendo o ombro errado, pois estava no meu lado bom, e ele se apressou a dar a volta e eu me inclinei sobre o outro.

Podíamos ouvir as vozes das duas mulheres na parte de cima agora, as duas gritando, mas ao mesmo tempo o som não era distinto o bastante para que entendêssemos alguma coisa. Giles e eu tínhamos acabado de atravessar a porta para o salão quando ouvimos um estrondo enorme, seguido por um forte barulho de queda, e chegamos a tempo de ver a governanta rolando escada abaixo, quase todo o caminho até embaixo, onde seu corpo parou enquanto a cabeça pareceu continuar até bater no piso frio e duro do salão fazendo um barulho. Ela ficou ali completamente parada.

Giles ajudou-me a chegar perto dela. Chegamos quando a srta. Taylor vinha descendo as escadas correndo, a expressão assustada. Nesse momento, John e Meg, tendo ouvido o barulho da sra. Grouse rolando pela escada, chegaram ao salão.

A srta. Taylor olhou para nós.

– Ela estava nervosa com alguma coisa – ela disse, os olhos indo de um para outro como se procurasse aceitação para suas palavras. – Estava gesticulando e, bem, estava no alto da escada, de costas para os degraus e deve ter perdido o equilíbrio, pois caiu para trás. Eu... eu tentei segurá-la, mas tudo aconteceu tão depressa... e, bem, ela estava muito longe.

Percebi que ela tinha na mão a carta de Hadleigh e as passagens de navio.

Meg estava de joelhos junto à governanta. Deitou a cabeça no peito da outra. Endireitando-se, ela assumiu.

– Ela ainda está respirando e não vejo sangue, por isso ainda há esperança. John pegue a carruagem e vá chamar o dr. Bradley. Diga-lhe para vir com a máxima urgência. Srta. Taylor, isto não é visão para crianças. Leve-as daqui.

– Sim. Sim, é claro – a srta. Taylor murmurou. Eu a vi colocar os papéis no bolso. – Vamos, crianças!

Ela começou a dar a volta em torno da pobre governanta, evidentemente pretendendo que subíssemos para o quarto de estudos, mas então, ao perceber que não a seguíamos, ela se virou e, vendo a relutância de Giles, seu ombro sob o meu braço, lembrou-se do meu tornozelo. Ela caminhou de volta até nós. Com John tendo saído para buscar o médico, não havia quem pudesse me levar para cima. Ela fez sinal para que Giles se afastasse e colocou seu braço sob o meu.

– Venham, nós vamos para a biblioteca.

Ela me ajudou a atravessar o longo corredor. Nenhum de nós falou. Eu estava preocupada demais com a sra. Grouse para pensar em outra coisa. Tinha conhecido aquela mulher durante toda a minha vida ou pelo menos até onde lembrava. Era ser uma velha tola, mas tinha um coração gentil e sempre agia com boa vontade.

Na biblioteca, a sra. Taylor depositou-me na grande poltrona e começou a andar de um lado para outro, seu rosto, que só havia visto mascarado ou fingindo um sorriso ou irritado, agora se contorcia em uma agonia de ansiedade. Dava-me prazer virar a face.

– Acho que a matou! – ousei dizer.

Ela interrompeu sua deambulação e encarou-me.

– Não! Não diga uma coisa dessas. Foi um acidente. A pobre mulher ficou agitada por algum motivo, desequilibrou-se e caiu. Foi isso.

– Você a empurrou, seu demônio!

Giles exibiu um olhar assustado.

– Flo, não deve falar desse jeito. Por que a srta. Taylor iria querer fazer isso?

– Porque ela não é a srta. Taylor – eu disse, olhando para ela.

Ela deu um passo atrás, como se eu a tivesse empurrado, como um garoto preparando-se para lutar com outro.

– Não é a srta. Taylor? – Giles estranhou, depois começou a rir. – Ora, mana, é claro que ela é a srta. Taylor. Quem mais poderia ser?

– A srta. Whitaker – eu disse.

Nossa nova governanta ficou me olhando por alguns instantes, como imagino que um pugilista olhe para seu oponente, medindo-o de alto a baixo. Finalmente ela sorriu e balançou a cabeça.

– Não dê atenção a sua irmã, Giles. Ela tem essas fantasias estranhas.

Ela caminhou até a lareira, tirou algo do bolso, que eu sabia ser a carta de Hadleigh, e atirou-a nas chamas. Não havia nada que eu pudesse fazer além de vê-la desaparecer na fumaça, primeiro ardendo e depois as bordas se dobrando, de forma que se dobrou sobre si mesma e então se tornou preta e virou cinza, desaparecendo como se nunca tivesse existido. Eu estava totalmente sem provas agora.

Giles ficou olhando de uma para a outra e então balançou os ombros.

– Essa foi minha ideia, muito tempo atrás, senhorita – ele disse. – Não penso assim agora. A srta. Whitaker era realmente má. Ela não permitia que Flo viesse até aqui, ou que visse os livros. A senhora não é como ela.

A srta. Taylor sorriu docemente para ele.

– Obrigada, Giles.

– E, senhorita, quer saber de outra coisa?

– O que, meu querido?

– Nós ainda não tomamos café.

Caminhamos e pulamos de volta para a sala do café. A sra. Grouse ainda estava deitada ao pé da escada, os criados com medo de mexer nela. Meg a reconfortara colocando um travesseiro sob a sua cabeça e jogando um cobertor sobre ela. Para uma mulher que parecia estar quase sempre zangada ou ansiosa quando animada, a governanta parecia estranhamente

calma em repouso. Eu podia ver seu peito subindo e descendo ritmicamente, mas ela não dava outro sinal de vida e certamente não tinha nenhuma consciência do que acontecia ao seu redor.

Tínhamos acabado de tomar café, ou melhor, Giles tinha, pois comi quase tão pouco quanto a preceptora, o que quer dizer absolutamente nada, quando ouvimos o médico chegar. Pouco depois, a srta. Taylor foi chamada, e pela maneira como o dr. Bradley agiu em relação a ela (pois Giles e eu assistimos e ouvimos, abrindo a porta da sala de jantar), parecia que, pelo menos em sua cabeça, ele a indicara para chefiar a casa. Ele disse a ela que a sra. Grouse havia sofrido uma concussão e estava inconsciente. Quando a srta. Taylor perguntou o que significava isso exatamente, Bradley balançou a cabeça e murmurou:

– Receio não poder responder com absoluta certeza. Pode ser como um sono após o jantar, do qual ela acordará sem problemas e revigorada pela manhã, ou pode ser que fique em coma, e o resultado disso pode ser mais sério, muito mais sério. O que proponho é que John e eu a levemos para a cama para que fique confortável. Eu a visitarei novamente pela manhã e, em dois ou três dias, se não houver melhora, sugiro que seja removida para o hospital municipal, onde poderá ser mantida sob observação adequada, só para termos segurança.

Tudo isso foi feito, e, depois que as coisas se ajeitaram novamente, voltamos à biblioteca. O pular constante era cansativo, mas o raio de luz em meu universo despedaçado foi que, depois de ter colocado o tornozelo no chão algumas vezes, eu sentia que a dor havia diminuído e sabia que pela manhã estaria bem o bastante para caminhar novamente, embora tivesse decidido silenciar a respeito, e para isso tinha minhas razões.

Então ali estávamos nós, os três na biblioteca, eu taciturna com um livro, Giles em suas lições com a srta. Taylor e contando e arrulhando com ela como se nada de grande importância tivesse acontecido, como se a sua irmã nunca a tivesse chamado de assassina, como se nunca tivéssemos ouvido falar em passagens de navio. Mas havia uma grande diferença em relação à maneira como as coisas eram antes, e era o fato de estarmos sempre sendo interrompidos, pois agora, a exemplo do médico, todos os criados reportavam-se à srta. Taylor e vinham constantemente consultá-la sobre os assuntos ligados à administração da casa.

Na manhã seguinte, o dr. Bradley chegou em sua carruagem e trouxe alguém com ele.

– Passei por este jovem réprobo caminhando pela entrada – ele disse.

– Theo! – exclamei. Não consegui evitar, pois nunca me sentira tão feliz em ver minha garça desastrada. Com Hadleigh ausente, a sra. Grouse em corpo, mas definitivamente não em espírito, e Giles subornado do meu lado pelos feitiços malignos da bruxa, ele era toda a ajuda que eu podia procurar.

A srta. Taylor não podia recusar a visita de Theo, não com o doutor ali; embora o médico cacarejasse a respeito de o garoto ignorar seus conselhos, saindo quando deveria estar repousando em casa, falou de maneira tão gentil que se podia ver que não falava tão a sério. Theo acompanhou-me até a saleta, onde instantaneamente fui até o espelho e o cobri com seu lenço de bolso.

Descrevi para ele o que havia acontecido entre a srta. Taylor e a sra. Grouse, pois ele tinha apenas a versão oficial do médico.

– É algo muito sério acusar uma pessoa de ato de violência tão deliberada quanto empurrar alguém de uma escada – disse Theo, baixando o olhar para suas grandes mãos. Ele me roubou um olhar de soslaio sem erguer a cabeça, e eu podia jurar que estava me avaliando. Sabia que queria me ver como essa jovem bonita por quem podia se apaixonar, e, no entanto, em sua mente essa impressão lutava com outra mais sombria, a de uma garota estranha que inventava coisas ou tinha fantasias góticas induzidas pelo excesso de leitura. – Com o fim da carta de Hadleigh, você não tem nada em termos de motivo para sugerir.

– As passagens de navio, tenho isso.

– Na verdade, não tem. Ela as tem.

– Você as viu.

– Sim, mas...

– Mas o quê, Theo? Você não me apoiaria nisso?

– É claro, você sabe que faria qualquer coisa para ajudá-la, Florence. Mas seja realista. Duas crianças. Quem acreditaria na nossa palavra contra a dela? Além disso, para quem apelariamos? Hadleigh está longe, meus pais estão do outro lado do Atlântico, meu tutor é tão ausente que não sonharia em desafiar uma mulher como essa, e nem saberia onde buscar informações, e a sra. Grouse está completamente fora deste mundo.

– Esperemos que ela se recupere logo – murmurei. – Pois ela finalmente ficou do meu lado e é nossa melhor esperança.

– Sua única esperança – Theo murmurou, e considerei muito cruel que ele falasse daquele jeito.

*F*altava agora apenas uma semana para que o plano da srta. Taylor fosse colocado em execução e ela e Giles fossem embora. Queimei os miolos para elaborar um plano que se contrapusesse ao dela, mas o problema era que ignorava exatamente qual era o seu plano. Ah, eu conhecia sua intenção final, mas não conhecia os detalhes mecânicos de como esse objetivo seria alcançado.

Meu temor mais imediato era que se não fizesse algo rapidamente seria tarde demais, a qualquer hora ela poderia levar meu irmão embora. Mas então percebi que ela não poderia fazer isso por um simples motivo, ou seja, eu. Pois eu sabia a respeito das passagens de navio e a data e a hora da partida, que era a meia-noite da sexta-feira no final da semana. Suponhamos que ela roubasse Giles amanhã, e então? Os criados logo perceberiam. Eu contaria a John a respeito das passagens e ele iria até a cidade com essa informação e a entregaria à polícia. Eles telegrafariam para Nova York, onde seus colegas prenderiam a srta. Taylor quando ela tentasse embarcar.

Na verdade, essa situação se aplicaria não só ao dia seguinte, mas até o último dia, e, mesmo que ela deixasse para fugir de Blithe no último momento possível, quando ela e Giles saíssem do trem em Nova York a polícia já estaria no cais.

Eu realmente não conseguia imaginar qualquer plano dela que pudesse funcionar, mas pelo menos uma coisa tornava-se óbvia agora. Estava a salvo até esse último dia. A menos, é claro, que ela quisesse me tirar do caminho antes disso, como tinha feito com a sra. Grouse, e nesse caso ela poderia roubar Giles e ninguém saberia de nada a respeito do navio.

A sra. Grouse era minha única esperança; se ela recuperasse a consciência, então o jogo estaria acabado para a srta. Taylor. Tentei visitar o quarto da governanta, mas nossa preceptora havia indicado a si mesma como sua enfermeira. Todas as manhãs, ela dava a Giles algumas tarefas para fazer no quarto de estudos e então ia para o quarto da governanta.

Guardava-o dos criados, de forma que ninguém mais entrava, e ordenara a Mary que lhe levasse cobertores para que pudesse dormir à noite em uma poltrona ao lado da cama da outra mulher.

Depois de duas noites com a srta. Taylor dormindo no quarto da sra. Grouse, que ficava no andar acima de onde Giles e eu dormíamos, senti-me segura o bastante para entrar novamente no quarto da preceptora. Cobri seu espelho, como fizera na minha primeira visita, acendi a vela e pus-me a fazer uma revista mais detalhada do que havia feito antes. Peguei as duas malas que estavam embaixo da cama e encontrei uma vazia como antes, mas descobri que a outra estava mais pesada. Abri os fechos, examinei o que havia dentro e soltei um grito, um chiado que assustaria uma coruja. Ali dentro havia uma muda completa de roupas do meu irmão, uma calça e casaco, uma camisa limpa e roupa de baixo suficiente para vários dias. Isso confirmava suas intenções, era a primeira prova concreta de que ia sequestrar Giles. Minhas pernas transformaram-se em água e precisei me apoiar na cama para não cair.

Devo ter levado alguns minutos para recuperar os sentidos e me lembrar de onde estava. Também me lembrei do grito que havia escapado e imediatamente fiquei aflita ao pensar que o demônio pudesse ter escutado. Fechei rapidamente a mala e coloquei-a de volta embaixo da cama. Depois de esperar alguns minutos sem que houvesse algum som de descoberta, comecei a revistar o resto do quarto e encontrei... nada. Tinha esperado encontrar as passagens de navio na gaveta da escrivaninha para poder pegá-las e talvez, mesmo nesta hora tão tardia, evitar que as usasse, mas não estavam mais lá. Como gato escaldado tem medo de água fria, ela as tinha escondido em outro lugar.

Como não consegui encontrá-las no quarto, deduzi que havia sabiamente se precavido e as mantinha consigo. Olhei novamente na outra gaveta da escrivaninha e não encontrei nada além do que havia ali antes, ou seja, o vidro de remédio. Fechei a gaveta e estava prestes a retirar meu manto e deixar o quarto quando repensei subitamente e abri de novo a gaveta. Talvez o remédio tivesse algum significado em sua tramoia, afinal, embora eu não pudesse imaginar qual seria. Tirei-o e olhei mais atentamente para o rótulo, que tinha uma única palavra: CLOROFÓRMIO. Fiquei olhando para ele, sem saber o que significava aquilo, mas então a coruja piou, o que me fez

agir imediatamente. Sem pensar, coloquei o vidro no bolso, fechei a gaveta, soprei a vela e peguei meu manto.

Meu coração batia aceleradamente quando atravessei o corredor de volta para o meu quarto. Não sabia se o vidro de remédio tinha alguma importância, mas imaginei que, mesmo que tivesse, ela não pensaria em procurá-lo, pois não mexi nele na última vez que entrei no seu quarto e peguei as passagens. Estando elas a salvo, certamente a srta. Taylor pensaria que tudo o mais também estava. Na manhã seguinte, antes que aparecesse alguém, fui até a torre e ali deixei o vidro.

Três dias após a queda da sra. Grouse, Theo apareceu e expliquei que não havia nenhuma alteração nas condições da governanta. Sentamo-nos na saleta, depois de cobrir o espelho.

Primeiro contei a Theo sobre minha descoberta significativa, as roupas de Giles na mala da preceptora.

– Aí você tem a prova definitiva de que adivinhei seus planos corretamente – eu disse.

– Caramba, sim! – ele disse, pulando da cadeira com um grande sorriso de triunfo, mas então o sorriso desapareceu e ele sentou-se de novo. – Florence, você olhou bem as roupas?

– Ora, sim, bem o suficiente para saber que são do meu irmão. Por quê?

– Bem, estou apenas fazendo o papel do advogado do diabo, entende, tentando ver as coisas da maneira que um adulto cético veria se lhe contasse: as roupas podem ser velhas, coisas que Giles perdeu por ter crescido. Ela pode tê-las pegado para dar a um parente, talvez. Poderia haver uma explicação inocente.

– Ah, Theo – exasperei-me. – De que lado você está? E quanto a todas as outras evidências?

– OK, OK! Só estou dizendo o que vão dizer.

Mas seu rosto ainda estava em dúvida. Percebi que ele concordaria com qualquer coisa para agradar-me.

Depois de um ou dois instantes de silêncio desconfortável, eu disse a ele o que havia deduzido sobre os planos da srta. Taylor.

– Então você nada tem a temer – ele disse –, pois ela não pensou nas coisas adequadamente. Não importa como tenha organizado as coisas, você poderá soar o alarme a tempo de impedi-la. É simples assim.

– A menos que aconteça algo comigo antes disso – falei.

Voltamos a ficar em silêncio e ruminamos esse terrível pensamento por algum tempo.

– Theo – eu disse, lembrando-me do vidro de remédio –, o que é clorofórmio? – perguntei, pois eu não tinha conseguido encontrar nada a respeito na biblioteca.

– Ora, é um anestésico. É usado pelos dentistas e cirurgiões para deixar os pacientes inconscientes para que não sintam dor durante uma operação. Mas, Florence, que pergunta estranha é essa?

Eu disse a ele que havia encontrado no quarto da srta. Taylor.

– Isso é algo bastante peculiar para que uma preceptora o tenha.

– Mas, Theo, você não vê? Não é óbvio? Ela pretende usá-lo em mim! É assim que pretende colocar em ação seu plano. Irá me fazer dormir para poder levar Giles embora. Quando eu acordar e der o alarme, ela já estará em alto-mar.

– Meu Deus, acho que você descobriu!

Pulando da cadeira de novo, Theo começou a andar pela sala.

– É isso o que ela pretende fazer.

– Então é fácil – eu disse. – Tudo o que preciso fazer é tomar cuidado com o que como e bebo, e principalmente não aceitar nada que possa ter sido contaminado por ela.

Theo olhou para mim, os olhos arregalados.

– Ora, você não sabe, Florence? Não se dá clorofórmio para uma pessoa beber ou comer!

– Não? Então como...?

– Você embebe um pano com ele e coloca sobre a boca e o nariz da pessoa para que ela aspire. A pessoa desmaia. A beleza está em que, se a pessoa começar a acordar, você pode lhe dar outra dose da mesma maneira. É claro, não pode dar muito ou a pessoa pode morrer.

Estremeci diante disso.

– Theo, você acha que ela quer me matar?

Theo não respondeu, mas parou de andar. Seus olhos captaram o espelho, coberto com seu lenço, e ele olhou por alguns instantes para o espelho e depois para mim.

– Eu não sei.

– Você não sabe se ela pretende me matar?

– Não, quer dizer, não sei nada a respeito disso tudo. Quando você diz coisas como essa, sobre sua preceptora querendo matar você, tudo parece tão, bem, um pouco fantástico, se você pensar bem.

Ele riu e acenou na direção do relógio.

– Quer dizer, uma mulher que pode observar os outros através dos espelhos? Afinal, quando olho para os espelhos, só vejo a mim mesmo. Sabe, Florence, talvez... talvez...

– Theo, ela tem passagens de navio.

– Ela poderia estar planejando uma viagem com outra pessoa, não necessariamente com Giles. Ela pode ter um amigo.

– Então por que vir trabalhar aqui? E por que sair sem pagamento? Além disso, ela requisitou especialmente o posto aqui e suas referências não existem.

– Bem, talvez pensasse que o trabalho lhe seria conveniente e que o conseguiria antes de outra pessoa. E talvez tenha fabricado as referências porque estava sem sorte e desesperada por um emprego e não tivesse trabalhado como preceptora antes.

– Estava sem sorte e desesperada, mas pode viajar para a Europa?

– Talvez as passagens não sejam para ela. Talvez as tenha comprado em nome de outra pessoa. Talvez um velho amor as tenha enviado para ela. Poderia haver uma centena de explicações.

– Talvez, talvez, talvez! Como se uma dessas coisas fosse provável.

– Não são mais prováveis que uma governanta morta voltando em um corpo diferente e caminhando sobre a água e vivendo nos espelhos?

Ele agora estava praticamente gritando, o que o fez tossir durante vários minutos. Atrapalhou-se para tirar o *spray* do bolso do casaco, mas finalmente conseguiu e deu a si mesmo uma boa dose, ao que a tosse cedeu e ele afundou na poltrona, suado e cansado, a respiração saindo novamente com aqueles chiados.

Felizmente para nossas boas relações, naquele momento ouvimos uma carruagem subindo pela entrada e, olhando pela janela, avistamos o dr. Bradley vindo fazer sua visita diária à sra. Grouse. Fomos abrir a porta da frente para ele. O dr. Bradley olhou para Theo, que desbotou e estava com a pele tão descolorida quanto a de uma galinha antes de ser colocada no forno, e resmungou.

– Hummmmpf! Vim para ver uma paciente e descubro que terei de lidar com dois. Você não está bem, meu jovem amigo, e se continuar recusando meus conselhos acabará ficando pior. E suspeito que não está usando o *spray* tanto quanto deveria. Conto com você, sabe, para testar sua eficácia. Agora vá sentar-se até que eu veja a sra. Grouse, e depois eu o levarei para casa.

Ele subiu a escada enquanto Theo e eu voltamos para a saleta, onde ele ficou acabrunhado em uma poltrona. Tive dificuldade para não lhe dedicar uma parte da minha mente, tão consternada ficara com sua súbita falta de fé em mim, mas me contive, pois ele obviamente estava muito doente.

Finalmente ouvi um barulho na escada e saí para o salão para encontrar o doutor com a srta. Taylor ao seu lado como um anjo caído. Vendo minha expressão inquisitiva, o médico disse:

– Receio não ter havido melhora nas condições da sra. Grouse. O fato é que talvez esteja pior, o que me surpreende. Vou voltar à cidade e mandar uma ambulância para que a levem para o hospital. Lá ficará melhor.

A srta. Taylor fez uma medida com a cabeça.

– Sinto muito – ela mentiu –, fiz o melhor...

– Ah, não, não, madame – respondeu o doutor. – Não quis dizer que... – sua voz sumiu, como se indicasse que ele não estava inteiramente certo do que queria dizer, enquanto olhava para a preceptora como se algo o intrigasse. Lembrei-me de que havia tratado a srta. Whitaker algumas vezes devido a enxaquecas e ocorreu-me que talvez uma centelha de lembrança tivesse sido acesa pela srta. Taylor.

Theo saiu com o doutor e pelo resto da tarde fiquei sozinha na torre, avaliando que nossa nova governanta estava preocupada demais com sua paciente para se preocupar comigo. No que lhe dizia respeito, tinha-me como um pássaro no ninho, batendo as asas inutilmente. Tinha preferido a torre à biblioteca um pouco em nome dos velhos tempos, quando a descoberta da minha leitura era tudo com que precisava me preocupar, mas principalmente para poder observar a entrada. Assim que vi a ambulância, uma grande perua com uma equipe de quatro pessoas subindo pela entrada, desci o mais rápido que pude e esperei no salão. Queria dar uma olhada na sra. Grouse e ter uma ideia das condições em que estava. Temia que o demônio pudesse ter colocado um travesseiro sobre o rosto da pobre mulher para evitar que sáísse do seu controle e pudesse revelar seus segredos. Dois

homens da ambulância levaram a sra. Grouse em uma maca. Ela estava completamente inconsciente e parecia uma estátua de cera ou uma boneca muito grande, realista, mas sem vida. Pouco antes de colocarem a maca no veículo, corri até lá, sem dar tempo à srta. Taylor para me impedir, e beijei a sra. Grouse nos lábios. Para meu alívio eles estavam quentes, e, apesar de ela não ter tido nenhuma reação, confortei-me ao saber que ainda estava viva.

*E*mbora parecesse agora que a batida do meu coração estava acelerada e que havia bandos de pássaros em meu estômago, de forma que mal podia comer ou dormir, vi-me temendo e ao mesmo tempo desejando a sexta-feira, pois certamente seria quando a bruxa daria seus passos. Mas, acima de tudo, desejava que o dia chegasse, não importava quanto me apavorasse a ideia do que deveria enfrentar. Queria que tudo acabasse logo. Queria a oportunidade, finalmente, depois de tantos subterfúgios de ambas as partes, de lutar com ela e vencer.

E quando o medo aumentava tanto que, em vez disso, eu sentia vontade de correr para longe, sempre podia me confortar com o conhecimento de que nada poderia acontecer até o último dia, e que mesmo então, quando ela descobrisse o desaparecimento do clorofórmio, teria que pensar em um plano diferente.

Assim foi que quase desmaiei quando desci para o almoço na quinta-feira e dei com John, Meg e Mary no salão, os três com suas melhores roupas de domingo e cercados por cestos e bolsas de viagem. Meg estava abraçando Giles enquanto Mary estava fazendo o que podia para sufocá-lo com beijos.

– O que está acontecendo? Para onde estão indo? Vão nos deixar sozinhos? – gaguejei.

Ouvi um farfalhar de seda atrás de mim e nossa nova preceptora postou-se ao meu lado. Ela sorriu para mim.

– Pensei que seria agradável se a sra. Grouse recebesse visitas. O dr. Bradley disse que nesses casos o som de vozes familiares pode ajudar um paciente a recuperar os sentidos.

Meg pegou-me pela bochecha.

– E todos nós queremos ver a sra. Grouse também. Nós a conhecemos e trabalhamos e vivemos com ela todos estes anos, e não podemos nem sequer pensar nela sozinha. Tenho dois cestos de delícias que preparei para ela, assim terá um conforto de casa quando voltar a si.

– Mas Giles e eu...

– Ficarão perfeitamente bem – disse Meg, sorrindo para a srta. Taylor. – Deixei uma pilha de comida para vocês, e a srta. Taylor está a par de tudo. São apenas duas noites. Estaremos de volta no sábado ao meio-dia.

Senti o coração desfalecer. Então seria tarde demais. Então estaria tudo acabado. Eu não havia pensado nisso em meus devaneios sobre o esquema da bruxa. Ela tinha conseguido manobrar direitinho.

Segui o trio, que agradeceu à srta. Taylor com uma mistura de sorrisos e cortesias na porta da frente. John havia preparado uma velha carruagem que usava para buscar suprimentos na cidade e ajudou as duas mulheres a subir, o que provocou muitos risos, pois Meg era tão gorda que não conseguia subir, e ele teve que empurrá-la colocando o ombro debaixo do seu *derrière* para ajudá-la. Então ele se sentou na frente, deu-me uma piscadela e sacudiu as rédeas. Nós três ficamos vendo a velha carruagem desaparecer entrada afora.

A srta. Taylor virou-se para mim, triunfante.

– Bem! Aqui estamos nós.

Encarei-a com um olhar de desafio, enquadrando-a para a batalha que viria. Pois eu não deixaria que visse em meu rosto o grande pânico que sentia por dentro. Estava tudo perdido! O jogo estava encerrado! Eu não tinha mais ninguém para me ajudar agora. Até onde sabia, esse poderia ser o momento em que ela atacaria. Quem poderia adivinhar os poderes que possuía aquele demônio? Que truques malignos havia aprendido em sua breve estada no inferno?

Em vez disso, ela segurou a mão de Giles.

– Venha, Giles – ela disse, e os dois voltaram para dentro da casa.

Eu mal conseguia me mexer. Minhas pernas e todos os outros ossos do meu corpo estavam tremendo. Amaldiçoei-me por ter amansado enquanto os criados ainda estavam ali. Eu deveria ter me atirado sobre eles e gritado e contado tudo... mas sabia que não seria acreditada. Theo estava certo. Era fantástico demais para qualquer um que não tivesse imaginação.

Uma vez na casa, procurei ouvir, tentando descobrir onde os outros poderiam estar. Olhei aqui e ali e olhei várias vezes por cima do ombro, pois não queria ser pega desprevenida. Subi furtivamente e ouvi vozes vindo do quarto de estudos. A srta. Taylor contava histórias para Giles.

Voltei pelo corredor, passei pelo espelho e então parei. Voltei, tirei o espelho do gancho e, segurando-o contra o peito, desci o mais rápido que pude. Saí pela porta de trás e corri até o lago. Coloquei o espelho no chão e pulei em cima dele até o vidro ficar em pedaços, depois joguei a moldura na água.

Durante a tarde fiz o mesmo com o espelho no corredor de cima. O espelho do salão de entrada estava preso na parede com parafusos, e de qualquer forma teria sido muito pesado para que eu o levantasse. Por isso peguei um dos guarda-chuvas que ficavam na entrada e quebrei o vidro, e quando estava todo estilhaçado passei o cabo do guarda-chuva pela beirada da moldura para que não restasse um único pedaço por onde ela pudesse ver onde eu estava.

Depois peguei uma vassoura do armário de Mary e varri os pedaços de vidro, pois não queria que Giles se acidentasse com eles. Durante todo o tempo em que fiquei fazendo isso, removendo a vantagem dos espelhos espíões, ela não apareceu. A princípio fiquei bastante surpresa com isso, pois esperava que, ao ver pelos espelhos o que eu estava fazendo, ela desceria sobre mim enfurecida. Mas então entendi. Era pior se ela não o fizesse. Significava que me considerava impotente; simplesmente não importava onde eu estava ou o que fizesse.

Agora que ela não poderia ver-me andando pela casa, eu precisava sentar-me e pensar e fazer meus planos. Fui até a cozinha e peguei pão, bolos, biscoitos e um jarro de água, e amarrei tudo em uma toalha. Fui pelo corredor e subi até a minha torre. Era um lugar onde não me encontraria facilmente; nem mesmo Giles sabia a respeito dele, e eu me considerava segura ali, mas havia outro motivo para ficar na torre: eu precisava observar a entrada, pois, se Theo aparecesse, eu não poderia perdê-lo. Com todos os outros fora, ele era minha última esperança.

Foi uma longa tarde, e, apesar de ter ficado de olho na entrada, à espera de uma figura amigável, não houve sinal de Theo. Tive que enfrentar a possibilidade sombria de que, após o ataque do outro dia, sua asma havia ficado tão séria que ele não me faria outra visita senão depois do meu Armagedom com a preceptora. Após o pôr do sol, começou a esfriar, cães ao longe começaram a latir e a coruja piou. É claro que eu não podia acender minha vela por medo de que a srta. Taylor saísse da casa e visse a luz, mas felizmente não havia necessidade dela, pois a lua estava quase

cheia, banhando a torre com uma luz pálida, fria, e considereei isso um bom sinal de que alguma coisa, pelo menos, estava do meu lado.

Naquela noite dormi sobre a porta do alçapão. Imaginei que seria difícil, se não impossível, para um homem forte, quanto mais para uma mulher normal, abri-la por baixo com meu peso em cima. É claro que a srta. Taylor não era uma mulher normal e eu não tinha como saber que poderes um fantasma como ela poderia ter. Eu sabia que podia caminhar sobre a água. Mas não sabia se fantasmas realmente podiam atravessar paredes ou se essas histórias eram apenas bobagem. Eu teria que esperar para ver, e acima de tudo torcer, para que ela não pensasse que eu poderia estar na torre.

Passei uma noite febril. Em algum momento devo ter dormido, pois, quando abri os olhos, a luz clara da lua havia dado lugar a um amanhecer cinzento. Um vento forte uivava sobre a torre fazendo com que nuvens esfarrapadas corressem pelo céu como pássaros assustados fugindo do inverno que se aproximava. Quando me mexi, todos os membros e músculos doíam como se meu corpo não quisesse enfrentar o dia.

Sacudi essa bobagem de mim mesma e fiquei em pé. Encontrei meus suprimentos e, apesar de estar com o estômago virado, forcei-me a mastigar quatro ou cinco biscoitos de Meg. Tomei um bom gole d'água e usei o resto para molhar o rosto, com o gelado acordando-me completamente e preparando-me para a tarefa. Enquanto estava deitada durante a noite, havia me ocorrido uma maneira de fazer com que tudo desse certo, uma maneira de salvar Giles e talvez banir nossa nova preceptora, a nova e a velha, para sempre. Mas, para que o meu plano fosse bem-sucedido, eu precisava que Theo Van Hoosier aparecesse. Olhei para a entrada e vi que não havia sinal dele, mas isso não era de surpreender, pois ainda era muito cedo e demoraria uma hora ou mais até que ele aparecesse com seu jeito tímido. Fui até o outro canto da minha torre e olhei para os fundos da casa, para aquelas construções que eu sabia serem importantes vigiar, pois seria ali, se eu suspeitava corretamente, que a preceptora faria seu primeiro movimento.

Foi uma longa espera. O sol se levantou e continuou a subir pelo céu, embora eu só o vislumbrasse aqui e ali através dos buracos no dossel cinza daquele dia lúgubre. Enquanto isso, ia e vinha inquieta pela torre, verificando a entrada, depois verificando as construções do fundo. E finalmente fui recompensada! Houve um movimento e vi a preceptora, segurando seu manto, a cabeça dobrada contra a força do vento, saindo da

casa em direção ao estábulo. Não perdi um momento. Levantei a porta do alçapão, desci e pulei o corrimão num instante. Fui voando pelo corredor até a porta de trás e saí. O vento soprava com tanta força que quase me derrubou, mas dobrei a cabeça e continuei. A porta do estábulo estava aberta e olhei atentamente ao redor da viga e a vi como imaginava que estaria. Ela havia tirado um arreo da parede e estava caminhando em direção à baia de Bluebird. Eu não precisava ver mais nada, mas me virei e, desta vez com o vento às minhas costas, voltei correndo para a casa, subi dois degraus de cada vez, voei pelo corredor e abri a porta do quarto de estudos. Giles estava sentado olhando para um livro de figuras e, diante da minha entrada abrupta, levantou a cabeça assustado.

– Flo! Onde é que você tem andado? Você perdeu o café da manhã e o jantar, e a srta. Taylor me disse que você estava doente.

– Bem, não estou! Venha depressa, preciso lhe mostrar uma coisa!

Ele ficou em dúvida.

– Flo, não sei, não. A srta. Taylor me disse para esperar aqui. Ela... ela vai me levar para um passeio.

– Não vai demorar mais que um minuto, Giles. É uma coisa especial. Um lugar secreto! Um lugar realmente secreto. O melhor esconderijo de Blithe. Ninguém jamais o encontrará lá.

– Bem, OK, mas só por alguns minutos.

Ele se levantou. Percebi que estava usando seu melhor traje.

Eu o levei até o fim do corredor e desci com ele e depois até a escada da torre.

– OK, temos que subir!

Ele olhou para os destroços amontoados no fundo dos degraus e me perguntou:

– Como?

– Ah, por isso é tão bonito. Parece impossível, não é? Está bem, siga-me.

Quando comecei a subir por fora do corrimão, colocando os pés nos intervalos, olhei para trás e vi meu irmãozinho de olhos arregalados e maravilhados. Sem precisar que eu dissesse algo, ele veio atrás de mim, pois nenhum menino consegue resistir a uma escalada. Pulei o corrimão, depois virei e fui seguida por Giles. Sentamo-nos na escada rindo, como nos bons velhos tempos. Eu não tinha com que me preocupar, pois sabia que a srta. Taylor levaria um tempo considerável para colocar os arreios em

Bluebird. Ainda não havia perigo. Ficamos em pé e Giles me fez subir correndo, mas ao chegar ao alto não teve força para levantar a porta do alçapão do quarto da torre. Eu a empurrei e um minuto depois estávamos em meu reino secreto, senhores de tudo o que víamos.

– Olhe! – Giles gritou. – É o Theo! – e lá estava ele, subindo pela entrada, a garça tão familiar caminhando na direção da casa.

– Onde? – respondi, tirando o vidro do bolso do meu vestido.

– Ali! Ali! Na entrada, você não está vendo, Flo?

Abri a garrafa e coloquei um pouco do líquido no meu lenço.

– Ai, que cheiro é esse? – Giles perguntou, e começou a virar a cabeça, mas era tarde demais, pois coloquei o lenço em seu rosto e meu braço em torno da sua cabeça, agarrando-o junto a mim, cobrindo seus protestos com o lenço até ele parar de lutar. Deixei que caísse lentamente até o chão e curvei-me sobre ele para verificar se estava respirando.

Feito isso, arrumei-o numa posição confortável, colocando uma almofada debaixo de sua cabeça, pois eu não sabia como funcionava o clorofórmio e imaginei que, se estivesse confortável, seriam menores as chances de se levantar. Além disso, não queria que meu irmãozinho acordasse com dores – como eu havia acordado – por ter dormido de mau jeito.

Depois de ter deixado Giles confortável, saí pela porta do alçapão, fechei-a atrás de mim, desci, pulei o corrimão e atravessei o corredor correndo. Quando cheguei à porta da frente e olhei pela janela, Theo estava parado olhando para a casa, o olhar intrigado, coçando a cabeça. Evidentemente havia tocado várias vezes e, como ninguém atendera, estava confuso. Não importava que tivesse tocado o sino porque a srta. Taylor não poderia ter ouvido dos estábulos. Agradei por ter chegado ali antes que Theo fosse embora.

Abri a porta e sua expressão ficou aliviada ao me ver.

– Florence, onde está todo mundo? Pensei que estivessem todos mortos por causa da praga.

– Theo – eu disse, pegando-o pela mão –, não há tempo a perder. Preciso da sua ajuda, venha depressa!

Ele ficou parado, embasbacado. Eu o cutuquei.

– Vamos!

Corremos pela frente da casa e pela lateral, chegando até os fundos da casa, mas no lado oposto ao dos estábulos, onde a srta. Taylor ainda estaria entretida preparando o cavalo. Logo chegaríamos ao fim da tarde e o sol já estava pensando em se retirar para a noite, não que tivesse aparecido muito durante o dia. Levei Theo através de algumas velhas estufas que estavam deterioradas havia muito tempo por falta de quem cuidasse delas, e o conduzi para o que era o coração do meu plano.

– Preciso da sua ajuda para tirar tudo isso daqui – eu disse, apontando com a mão para o velho poço. Theo ficou olhando para a mureta, as placas de madeira sobre ele e para as lajes de pedra grandes e pesadas por cima delas.

– É um poço – Theo falou.

Impacientei-me. Não havia tempo a perder.

– Sim, sim, é claro que é um poço, o que mais podia ser?

Vendo seu rosto, abrandei.

– Theo, sinto muito, mas para evitar que essa bruxa leve Giles precisamos fazer isto agora.

– Mas por quê?

Exasperei-me, as mãos nos quadris. Fiquei pensando se poderia contar a ele, mas lá no fundo eu sabia que, se o fizesse, provocaria uma discussão que eu não tinha certeza de conseguir vencer. Theo sempre se mostrara tão escrupuloso em relação a coisas tão pequenas e também se acovardava diante de tudo que fosse contra as regras. E aquilo era totalmente contra as regras! Além disso, eu precisava me apressar. A bruxa podia terminar nos estábulos a qualquer momento.

– Não tenho tempo para explicar agora. Por favor, por favor, Theo, ajude-me!

Ele não respondeu, mas ficou ali parado, olhando primeiro para o poço e depois para mim.

– Muito bem! – eu disse. Fui até o poço, peguei a pedra de cima e comecei a tentar levantá-la. Soprando e ofegando, com grande esforço, consegui levantar um lado, mas minha força cedeu e tive que soltar. Sem olhar para Theo, peguei a pedra novamente e comecei de novo a gemer e grunhir enquanto lutava com ela. Isso era demais para qualquer cavalheiro. Theo correu para me ajudar, pegou o outro lado da pedra e começou a levantá-la também, e juntos conseguimos tirá-la e colocá-la no chão. Quando a soltamos, Theo começou a tossir e precisou usar o *spray*, mas, assim que o acesso passou, estava pronto para a batalha. Dessa maneira, soprando e ofegando, grunhindo e gemendo, tossindo e pulverizando com o *spray*, conseguimos tirar todas as cinco lajes e colocá-las em uma pilha no chão.

Depois retiramos as quatro placas grossas de madeira, uma por uma. Elas não eram tão pesadas, e quando Theo começou a tossir depois da terceira, tirei a quarta sozinha. Quando terminamos, Theo olhou para o poço e assobiou.

– Caramba! É um buraco e tanto. Isso tem um fundo?

Eu não respondi, pois quanto menos falasse sobre o poço melhor. Peguei sua mão e cuidadosamente contornei a casa e levei-o até a porta da frente.

– Ora, o que aconteceu com o espelho? – ele disse, ao ver a moldura vazia logo na entrada.

– Eu o quebrei – disse orgulhosa. – Precisava ter certeza de que ela não podia ver o que eu estava fazendo.

– E o que você anda fazendo? – Ele me olhou com curiosidade. – Para que tudo aquilo com o poço?

Coloquei um dedo em seus lábios para que se calasse.

– Não fale agora – sussurrei. – Não sei onde ela pode estar. Estava nos estábulos, mas pode ter terminado. Siga-me e não diga mais nada.

Verificando cuidadosamente o salão e o corredor, eu o levei até a outra ponta, onde saímos e chegamos ao pé da escada que levava para a torre. Comecei a subir pelo corrimão. Quando estava na metade do caminho parei e olhei para Theo, que estava parado olhando para mim, evidentemente exausto.

– Bem, não fique aí olhando, venha!

Pouco depois estávamos na torre. Giles ainda dormia tranquilamente no chão, a respiração subindo e descendo suavemente, o que me deixou bastante aliviada. Theo olhou do meu irmão para mim.

– Clorofórmio – eu disse. Mostrei a ele o vidro e o lenço. – Fique aqui e cuide dele. Se começar a acordar, dê-lhe outra dose.

Theo pegou o pano e cheirou, deixou-o cair e começou imediatamente a tossir. Caiu no chão mortalmente pálido e arfando. Sentando-se com as costas na parede, tirou o *spray* do bolso e aspirou, o que pareceu acalmá-lo. Ele colocou o *spray* no chão ao seu lado.

– Theo, descanse um pouco. Voltarei logo – eu disse.

Levantei a porta do alçapão e desci o mais rápido que pude. Corri pelo corredor e saí pela porta de trás. Cheguei aos estábulos quando a srta. Taylor estava saindo e imaginei que tivesse terminado de colocar os arreios.

– Srta. Taylor! Srta. Taylor! – gritei. – Venha depressa! É Giles! Ele sofreu um acidente!

Seu rosto ficou pálido como o do cadáver que eu sabia que era.

– Um acidente? O que quer dizer?

– Por favor! – Eu me virei e comecei a correr. – Venha!

Levantei a saia, corri e passei por trás da casa, sem lhe dar tempo para pensar. Juro que podia sentir sua respiração quente em meu pescoço, tão perto de mim estava ela, mas eu era veloz como o diabo e ela mal podia me acompanhar. Parei, tão ofegante que mal conseguia falar. Ergui a mão trêmula, apontando para o poço.

– Giles... o poço... eu disse a ele para não...

Ela entendeu imediatamente, correu para a mureta em torno do poço e debruçou-se.

– Giles! – ela gritou. – Giles! Você está bem?

Eu a empurrei para o lado e subi na mureta; apoiando-me nos joelhos, agarrei-me à estaca que um dia havia segurado a corda do balde para poder balançar a cabeça até o centro da abertura.

– Lá está ele! – gritei. – Posso vê-lo! Acho que está se mexendo.

– Cuidado, deixe-me ver! – ela disse, empurrando-me a perna. Desci da mureta e num instante ela ocupou meu lugar, apoiando-se sobre os joelhos e, segurando-se à estaca, esticou o pescoço e olhou para baixo.

– Onde está ele? Eu não vejo nada. Giles! Giles!

Dei a volta e vi um pedaço de pau perto do poço. Peguei-o e bati com força e acertei a mão que estava segurando a estaca. Juro que bati com tanta força que ouvi os metacarpos se quebrando, mas ela se agarrou à vida, os nós dos dedos brancos como ossos. Bati de novo e acertei com mais força. Ouvi de novo o barulho e os dedos largaram a estaca. Soltei a madeira, joguei todo o meu peso sobre ela e com ambas as mãos empurrei-a de tal forma que lá foi ela para o poço. Foi embora com um único grito. Como João e Maria, eu havia me livrado da bruxa com um golpe magnífico.

Olhei pela beirada do poço. Não havia nada além da escuridão, um grande buraco que podia ir até o centro da Terra, até onde eu sabia. Meu corpo todo, o tronco, até os dedos dos pés, estava tremendo com o triunfo e também de medo. Pois eu não conhecia os poderes do demônio. Sabia que ela não podia ser morta, pois já estava. Mas era possível que pudesse voar. Levantei a ponta de uma das placas de madeira e arrastei-a até a ponta da mureta. Deixando-a lá, fui até a outra ponta, levantei-a e deslizei-a sobre o abismo para que ficasse apoiada em cada lado da mureta, como estava antes. Fiz o mesmo com as outras placas até a abertura ficar inteiramente coberta. Dessa maneira, eu saberia se tinha escapado enquanto eu estivesse longe. Então voltei para a casa.

Fui direto até o quarto da preceptora. Suas duas malas estavam sobre a cama, ambas fechadas. Rezei para que não estivessem trancadas e felizmente não estavam. Abri a que continha as roupas de Giles, tirei-as e levei-as de volta para seu quarto. Abri a outra mala. Olhei para o quarto e vi seu chapéu, casaco e bolsa, mas todo o resto estava na mala. Abri a bolsa,

encontrei algum dinheiro e peguei tudo. Então coloquei a bolsa e o casaco na mala em que antes estavam as coisas de Giles. Depois de fechar bem as duas malas, levei-as para baixo e até o poço. Fiquei aliviada ao ver que nenhuma das placas havia sido removida. A menos que tivesse o poder de passar através de objetos sólidos, coisa de que não tinha visto sinal, ela ainda devia estar presa. Peguei a ponta de uma das placas e manobrei até chegar à mais próxima, o coração na boca, pois a qualquer momento esperava vê-la chegar gritando como o gênio libertado da garrafa, mas nada aconteceu. Peguei primeiro uma mala e depois a outra e joguei-as pelo buraco que havia feito. Depois recoloquei as placas no lugar e voltei para a torre.

Quando coloquei a cabeça através da porta do alçapão, Theo estava onde eu o havia deixado, o *spray* ao seu lado. Ele estava com aquela aparência de galinha pronta para ir ao forno de novo e sua respiração era um chiado. Mas havia algo estranho, algo na maneira como olhou para mim, que de certa forma misturava medo e desdém.

– Theo, eu sei que está mal, mas preciso da sua ajuda de novo e preciso agora.

– Muito bem – ele falou, como alguém que estivesse sonhando, como se não tivesse ouvido o que eu disse. Com grande esforço, conseguiu ficar em pé e seguiu-me até a porta do alçapão. Olhei rapidamente para Giles, vi que ainda dormia tranquilamente e então desci.

Theo tropeçou duas vezes na escada e teve dificuldade para saltar o corrimão, mas eu o empurrei, pois não podia permitir que me abandonasse agora. Pois a primeira pergunta que qualquer um que estivesse familiarizado com Blithe, tal como John, faria era: quem moveu as pedras?

Ajudei Theo a dar a volta na casa como se ele é quem estivesse com problemas no tornozelo agora. Finalmente chegamos ao poço. Fiquei aliviada ao ver as quatro placas de madeira no lugar, evidentemente imperturbadas.

– Ajude-me a levantar as pedras – eu disse a Theo.

Sem uma palavra, como um homem morto sem expressão ou um autômato sem vontade própria, ele se curvou e pegou um lado da pedra de cima da pilha que havíamos feito. Peguei o outro e começamos a levantar. Estava muito, muito mais pesada que antes, porque tínhamos apenas escorregado a pedra para baixá-la. Agora tínhamos que a levantar. Eu

parecia ter a força de cem homens, que creditei à excitação que corria em minhas veias. Theo, no entanto, tinha apenas a força de um menino pálido e trêmulo. Ele, porém, curvou-se bravamente para cumprir a tarefa, o rosto uma careta de agonia. Dessa maneira levantamos a primeira pedra sobre as placas de madeira. Assim que terminamos de colocá-la, Theo começou a tossir, como se estivesse segurando todo aquele tempo. Ele apalpou os bolsos, mas não tirou o *spray*. Deu de ombros, controlou o acesso e começamos com a segunda pedra. Quando terminamos de colocá-la no lugar, Theo estava tossindo sem parar, mas eu insisti com ele. Pareceu levar uma eternidade, mas finalmente colocamos três pedras no lugar e quase tínhamos acabado de colocar a quarta, apenas nivelando-a com a de baixo, quando Theo vacilou e soltou onde estava segurando, de forma que todo o peso veio para cima de mim. Quase deixei a pedra cair no meu pé, o que certamente teria quebrado todos os meus ossos, pois Theo a largou subitamente, mas consegui me controlar a tempo e, jogando meu corpo contra a beirada da pedra, com um grito alto por causa do esforço, coloquei-a no lugar.

Theo agora tossia incontrolavelmente.

– Theo, use o *spray*! – gritei.

– Não posso – ele engoliu o ar com um chiado terrível. – Eu o deixei... eu o deixei lá... na torre.

Coloquei meu ombro embaixo do seu e ajudei-o a dar a volta na casa. Entramos pela porta de trás e fomos até o pé da escada que dava na torre. Coloquei-o suavemente no chão, encostando-o na parede.

– Theo, espere aqui, vou pegar o *spray*.

Subi e pulei com o corpo cansado escada acima, parando para olhar para Theo, que empalideceu e escorregou na parede; ele não estava mais tossindo, mas arfando como um corredor depois de uma longa corrida, ou como quando você pesca um peixe e o coloca no chão junto ao lago e fica olhando e ele fica buscando ar até morrer. Eu me virei e subi. No quarto da torre fui direto até o *spray*, e no caminho notei que Giles ainda dormia tranquilo e respirava suavemente. Já ia descer pela porta do alçapão quando algo me afligiu subitamente, um pensamento que não consegui identificar imediatamente.

Então percebi, aquele olhar que Theo havia dirigido a mim quando voltei para o quarto da torre, aquele medo de mim em seus olhos, seguido pela

maneira resignada com que me seguiu e me ajudou com as placas e as pedras. O que poderia significar?

Instintivamente, atravessei o quarto e olhei pela janela de trás. Abaixo eu vi o poço, perfeitamente à vista. Soube então que Theo estivera ali. E soube que tinha visto. E eu conhecia Theo. Se houvesse qualquer dúvida em relação ao que pensava das minhas ações, ele teria protestado, teria se recusado a me ajudar. Era óbvio por que não o fizera. Era aquele medo que eu havia visto em seus olhos. Ele havia concordado com o que considerava loucura minha porque era o caminho mais fácil e seguro. Significava uma coisa. Assim que se afastasse de Blithe, ele contaria.

Atravessei a porta do alçapão e descii. Do degrau de cima do último lance da escada olhei para baixo e vi Theo, completamente branco, arquejando pela vida.

– Florence, corra! – ele arfou. – Por favor, corra!

Eu não me mexi.

Ele repetiu a súplica.

– Florence, por favor! Por que está parada aí? Por favor!

Eu não me mexi e assisti horrorizada. Vendo-me parada como uma estátua, ele começou a tentar se levantar. Caiu para a frente, com o rosto no chão, e eu corri para ajudá-lo, pois pensei que estava quase morto, mas então seu corpo se contorceu e ele se ergueu sobre as mãos e os joelhos, como um cão, a cabeça pendendo entre os braços.

– Florence... – sua voz arranhou o ar e era como se alguém estivesse arranhando minha alma. – Florence...

Ele se apoiou nas mãos e conseguiu se endireitar. Conseguiu colocar um dos pés no chão, e estava agora apoiado apenas em um joelho, como um pretendente fazendo a pergunta, mas o que ele disse foi:

– Florence, não faça isso! Eu não vi nada! Não vou dizer nada.

O esforço para falar foi demais e ele começou a tossir tão brutalmente que era doloroso assistir. De alguma maneira, com que reserva de força eu não sei, ele conseguiu ficar em pé.

Ele caminhou vacilante até a escada. Recuei e encostei-me na parede atrás de mim, observando horrorizada enquanto ele avançava. Ele alcançou a escada, mas caiu, escorregando; no último minuto agarrou o corrimão e então, depois de uma pausa terrível, conseguiu levantar-se de novo.

– Florence! – sua voz cortou meu coração.

Eu não respondi e ele levantou um pé e o colocou no corrimão. Fazendo força com as mãos, ele pulou e colocou o outro pé no corrimão; largando o peso do corpo, ele estendeu um braço para um lado e uma perna para o outro sobre o corrimão. Tentou dizer algo, mas a palavra, ou palavras, morreu na sua garganta. Sua respiração deu uma última raspada e então não houve nada além de silêncio. Pobre Theo, minha pobre garça, tão graciosa patinando no lago; o pobre, pobre Theo, não iria mais patinar.

*M*inha primeira dificuldade era descer sem perturbar Theo. Essa morte dele em cima de mim não estava nos meus planos, mas agora que havia acontecido eu reconhecia que seria necessária; dada a sua natureza simples, nunca fora compatível com a tarefa de manter meu segredo. Inclinei-me encostei o ouvido sobre ele. Não havia sinal daqueles pobres pulmões cansados. Depois de tanto sofrimento, era um ato de misericórdia dar-lhes finalmente um descanso. Levantei sua cabeça um pouco e pressionei os lábios contra os seus, dando-lhe o beijo que ele sempre desejara, mas jamais recebera apropriadamente. Levei apenas um instante; não tinha mais tempo a perder. Coloquei o *spray* no bolso do seu casaco e subi alguns degraus. Pulei o corrimão. Não poderia usá-lo para descer, pois Theo estava no caminho. Eu não queria tirar seu corpo do corrimão porque já estava formulando um plano em que ele precisava permanecer ali. Eu estava a três metros do chão e não havia outra coisa a fazer senão pular. Respirei profundamente, fechei os olhos e saltei. Caí no chão em cima do tornozelo direito, aquele que já havia machucado, e doeu tanto que imaginei que o tivesse quebrado, por isso fiquei aflita por sobrecarregá-lo, e sabia que teria problemas para me explicar. Levantei-me e soltei lentamente o peso do pé direito e fiquei aliviada ao ver que, apesar de doer um pouco, não me impedia de andar.

Já estava escuro, mas felizmente o céu estava claro, com algumas poucas nuvens, e a lua cheia me propiciava uma boa luz. Fui até o celeiro e encontrei o carrinho de mão de John. Levei-o até a porta dos fundos e pelo corredor até o pé da torre. Coloquei-o ao lado da escada, bem abaixo de Theo. Então me arrastei até ficar embaixo do corrimão e puxei-o. Ele caiu como um saco de batatas diretamente no carrinho. Desci e peguei os braços do carrinho, rezando em silêncio para conseguir levantá-los, pois eu não sabia se aguentaria o peso de Theo.

Respirei profundamente de novo, levantei-o e me surpreendi; ele não parecia pesar mais que um pardal, e eu o empurrei pelo corredor, atravessei a porta dos fundos e pensei em como a doença o deixara frágil e fraco. Era comprido, mas não era largo, e essa era minha sorte. Eu o levei até o celeiro e empurrei o carrinho pela rampa que John usa para a comida dos cavalos, das galinhas e de outros. Foi uma subida difícil, por mais leve que fosse Theo, mas abaixei a cabeça, corri e subi em não muito mais que alguns segundos. Deixei ali o carrinho e seu conteúdo, e fui até a porta ao lado, até os estábulos, onde Bluebird esperava pacientemente, todo arreado. Soltei o freio e, fazendo-lhe carinho e sussurrando coisas gentis, deixei que fosse até o celeiro, onde o coloquei de forma que a carruagem ficasse abaixo do nível da rampa de embarque. Ainda cantarolando suavemente, subi até o assento da carruagem e coloquei o freio. Depois saltei, subi a rampa de carga, peguei os braços do carrinho, virei-o de frente para a carruagem e com um poderoso empurrão virei-o de forma que Theo caiu na parte de trás.

Tive que descansar um pouco depois disso. Estava suada e ofegante. Fui até o barril de maçãs, peguei uma e a ofereci a Bluebird. Depois que ele comeu e tendo certeza de que estava contente, voltei para a rampa, peguei o carrinho e deixei-o onde o havia encontrado.

Depois voltei para a casa e fui até a torre. Giles ainda estava dormindo, apesar de agora estar mais inquieto, murmurando para si mesmo. Peguei o pano com o clorofórmio e lhe dei outra dose, mas só uma rápida desta vez, pois tinha medo de exagerar. Esperei alguns minutos para ter certeza de que estava respirando normalmente e com facilidade, e então deixei a torre e fui até o quarto da preceptora para pegar o dinheiro e o outro item que havia tirado da sua bolsa. Fui até meu quarto e coloquei meu manto preto.

Voltei para o celeiro, soltei o freio de Bluebird e levei-o para fora. Subi no lugar do condutor e segurei as rédeas para que começasse a trotar. O vento havia diminuído e a noite estava clara e límpida, e o luar indicou-me o caminho como se estivéssemos em plena luz do dia. Bluebird, é claro, conhecia o caminho para a cidade, era praticamente o único lugar para onde ia, por isso não tive muita necessidade de dirigi-lo até chegarmos à entrada para a casa dos Van Hoosiers. Virei e fui até a metade do caminho. Não me atrevi a ir mais longe, pois o tutor de Theo ou os criados poderiam ouvir o barulho das ferraduras de Bluebird.

Fiz Bluebird dar a volta de forma que a traseira da carruagem ficasse de frente para o bosque, coloquei o freio e subi na parte de trás. Parecia que Theo tinha ficado mais pesado na última hora desde que eu subira a rampa com ele, ou talvez eu estivesse mais fraca por toda aquela atividade, mas levei um tempo considerável para conseguir jogar o corpo por sobre a beira da carruagem. Todo o tempo com o coração na boca, temendo que aparecesse alguém. Agora era noite bem avançada e eu sabia que havia passado muito do horário em que Theo deveria estar em casa para o jantar. Os criados já deveriam estar procurando por ele, e se me encontrassem ali seria meu fim.

Mas finalmente consegui. Estava tão cansada que de bom grado teria me deitado ali e dormido, mas sabia que não podia. Voltei para a boleia, soltei o freio e sacudi as rédeas para acelerar Bluebird. Fiquei imensamente aliviada ao voltar para a estrada principal; quanto maior a distância entre mim e Theo, melhor.

Estava com frio agora, e mesmo debaixo do manto estremei. A geada começara a cair com força e a estrada estava escorregadia, de forma que às vezes as rodas da carruagem patinhavam de maneira alarmante. Eu tinha tão pouca experiência na condução da carruagem – só algumas vezes John havia me deixado experimentar por brincadeira – que fiquei nervosa e queria ir depressa, mesmo sabendo que outros cavalos, os cavalos da noite, passariam rapidamente. Encontrei apenas uma charrete de um fazendeiro na estrada e, assim que o vi, puxei o capuz do meu manto sobre o rosto para não ser reconhecida. O condutor da charrete não acenou para mim, apenas levantou o chicote como cumprimento, ao qual respondi com um aceno silencioso.

Depois disso fiquei só com a lua e o barulho dos morcegos que passavam aqui e ali; o medo apertava minha garganta, como comida pesada demais para digerir, porém não era medo da noite, que eu considerava minha amiga, mas do que tinha para fazer e de não ser capaz de fazê-lo.

Finalmente as luzes começaram a surgir à minha frente e a se multiplicar quanto mais eu avançava, e em poucos minutos cheguei à cidade, passando pelas primeiras casas esparsas. Virei-me e peguei o item que havia retirado do quarto da srta. Taylor, seu chapéu. Abaixei o capô e coloquei o chapéu firmemente sobre a cabeça e puxei o véu sobre o rosto, entrando na Main Street com minhas feições protegidas como as da srta. Taylor quando

visitáramos o dentista. Havia poucas pessoas por ali, pois era uma noite para estar dentro de casa e ficar ao redor do fogo, ideia que me atraía nesse momento. Na curva para a estação de trem atrapalhei-me com o controle das rédeas e não consegui fazer Bluebird virar, de forma que antes de eu perceber quase passamos o lugar.

– Óoa, garoto! – gritei, dando um bom puxão nas rédeas, pois se havia algo que eu sabia fazer era pará-lo. O velho cavalo estacou. Desci, virei-o segurando o freio e, quando estava voltado para a direção certa, balancei as rédeas para que começasse a andar. Em poucos minutos estávamos trotando rumo à estação.

Imediatamente o silêncio se foi. Havia grupos de pessoas indo e vindo da estação e muitos carros e charretes seguindo nas duas direções também. Percebi o barulho do metal e, ao me aproximar da estação de trem propriamente dita, o silvo do vapor, pois lá estava, como um dragão deitado à minha espera, a locomotiva, sua longa cauda de vagões de passageiros estendendo-se atrás dela. Havia homens gritando, portas batendo, cavalos relinchando. No início tive medo de toda essa comoção, mas, quando vi que ninguém prestava atenção a mim, pois era mais uma entre tantos, percebi que isso me era vantajoso. Parei a carruagem junto a um poste, desci e amarrei Bluebird. Eu sabia para onde deveria ir desde que havíamos trazido Giles para ir à escola. Sem olhar para a direita ou para a esquerda, marchei direto para a sala de reservas, passando por pessoas ali reunidas, muitas delas despedindo-se, e fui direto ao guichê. Não havia ninguém ali.

Olhei ao redor. Um homem e uma mulher ficaram atrás de mim. O homem levava um saco de viagem e era evidente que iriam pegar um trem. Ergui os olhos e vi o relógio da estação e quase caí morta de choque. Faltavam apenas dez minutos para as nove. Se não me apressasse estaria atrasada demais para o Circular, que saía de hora em hora.

O homem e a mulher continuavam esperando atrás de mim e senti que ficavam impacientes. A mulher inclinou a cabeça sobre o meu ombro.

– Você precisa bater no vidro – ela disse, e bateu forte com os nós dos dedos.

Como num passe de mágica, uma pequena cabeça careca surgiu à minha frente.

– Sim, madame?

– Quero comprar uma passagem do Circular para Nova York, por favor.

– Viagem de ida e volta, madame?

– Não – falei em voz alta. – Só de ida. Eu não pretendo voltar.

Ele me entregou a passagem e paguei com o dinheiro que havia tirado da bolsa da srta. Taylor. O homem que estava atrás logo começou a comprar as passagens para ele e sua companheira e não pareceu dar-me nenhuma atenção.

Saí da sala de reservas para a plataforma. Ao me aproximar do trem, uma nuvem de fumaça saiu da locomotiva e engolfou-me, pelo que agradei, pois me escondera, mas logo me lembrei de que precisava ser vista. Caminhei por toda a extensão do trem e voltei, nervosa por dentro, pois a locomotiva estava raspando o chão, ansiosa para partir, bufando cada vez mais alto. No vagão da frente encontrei um grupo de seis ou sete homens subindo as escadas e ousei aproximar-me. Ao me ver, um deles empurrou o outro de lado e, tirando o chapéu, indicou-me os degraus.

– Depois da senhora, madame.

Acenei em sinal de agradecimento e subi. O vagão estava quase cheio, pois o trem havia feito muitas paradas antes desta. Caminhei pelo corredor, olhando aqui e ali como se procurasse um lugar. Próximo ao fundo, um homem de terno xadrez e chapéu-coco ao me ver passar tirou a mala do lugar ao seu lado e disse:

– Aqui, madame, este assento está livre.

Eu não sabia o que fazer, pois não podia ocupar o lugar, mas sabia que não podia ser rude e ignorá-lo. O momento de hesitação quase me custou caro, posso garantir. Recuperando-me rapidamente, acenei com a cabeça e agradei com a mão; continuei em direção ao fundo do e saí pela porta, como se fosse para o outro vagão à procura de um lugar melhor. Meu plano era descer do trem e fugir, mas, ao sair do primeiro vagão para o segundo, um grupo de senhoras vinha na direção oposta e tive que dar passagem a elas.

Quando elas se foram, estava prestes a descer os degraus, mas ouvi uma voz atrás de mim.

– Vai encontrá-lo ocupado em toda a extensão do vagão, madame.

Virei-me e vi o terno xadrez. Ele tirou o chapéu e olhou-me cauteloso. Hesitei, sentindo-me encurralada. Houve um silvo súbito e uma grande nuvem de vapor da locomotiva. O trem deu um solavanco e precisei segurar-me na moldura da porta para não tropeçar.

– Eu... eu...

– Vamos lá, madame, eu não morde, sabia?

– Ora, é claro, obrigada – eu disse. – Mas, veja bem, eu não estava indo à procura de outro lugar. Estava atrás da minha mala, que deixei alguns vagões atrás.

– Ora, madame, ficaria feliz em ir pegá-la para a senhora. Se disser como é, é claro.

O trem deu outro solavanco.

– Não há como não vê-la, é... é vermelha. Veludo vermelho vivo. Eu a deixei no último assento do vagão antes deste. Eu... eu me despedia de minha irmã e estava tão chateada por deixá-la que acabei me esquecendo completamente dela. Que idiota eu sou! Faria a gentileza de ir pegá-la para mim?

Ele colocou o chapéu e passou a mão pela beirada.

– Será um prazer, madame. Agora volte para lá e sente-se onde eu estava sentado. E pode pegar o lugar junto à janela; eu já volto com sua mala.

Quando ele desapareceu no outro vagão, o trem deu outro solavanco e desta vez houve outro silvo, um barulho de metal contra metal, e pela abertura da porta vi a sala de reservas começar a passar. Olhei para a direita e para a esquerda; não havia ninguém à vista. Tirei o chapéu, enfiei-o debaixo do manto e descii os degraus, ficando no primeiro. O trem começou a se mexer em ritmo vigoroso, avançando e ganhando velocidade; se não pulasse agora seria tarde demais. Pulei e consegui não tropeçar, o que foi bom, pois já não queria chamar atenção para mim.

A plataforma ainda estava movimentada com pessoas acenando para os amigos e carregadores indo e vindo. Puxei o capuz sobre a cabeça e afastei-me rapidamente, sem passar pela sala de reservas desta vez, mas contornando-a, e não pude deixar de sorrir para mim mesma ao pensar no terno xadrez procurando por uma mala de veludo vermelha que nunca encontraria. É claro, a srta. Taylor teria tido uma mala se tivesse pegado o trem, mas, se eu tivesse levado uma, teria que deixá-la a bordo, e sendo encontrada abandonada depois poderia levantar mais suspeitas. Esperava que qualquer testemunha da mulher de véu na estação não se lembrasse se ela estava ou não carregando uma mala.

Na rua, olhei pela última vez para Bluebird e a charrete. O bom e velho cavalo esperava pacientemente e estava como eu o havia deixado. Ele teria

uma espera longa e fria, o que me trouxe uma lágrima aos olhos, pois sentia pelo que lhe havia causado. Pensei em Theo, deitado no chão frio com a geada endurecendo-lhe o cabelo e, confesso, derramei uma ou duas lágrimas por isso.

O que havia levado tão pouco tempo de charrete, mesmo me considerando lenta pela inexperiência em conduzi-la, agora parecia durar uma eternidade a pé. Devo ter levado uns bons vinte minutos para afastar-me dos arredores da cidade. Estava cansada não apenas porque normalmente já estaria na cama há muito tempo, mas por tudo o que havia passado, o trabalho pesado para tirar e recolocar as pedras e placas de madeira, para carregar Theo, a corrida para cá e para lá, e também só de pensar que teria dezesseis quilômetros para caminhar ou tudo o que fizera até agora seria para nada.

A estrada estava vazia e qualquer barulho me assustava. Cada pio de coruja me fazia pular, cada morcego que passava me fazia encolher. Algumas vezes ouvia carruagens se aproximando, e tinha que sair da estrada e esconder-me atrás de uma árvore. Mais de uma vez tropecei e caí, machucando os joelhos e arranhando as mãos. O vento aumentou e nos últimos quilômetros soprou diretamente contra o meu rosto como se tentasse me segurar.

O que tornou a jornada pior foi minha aflição. Pois subitamente me ocorreu que havia uma parte do meu plano sobre a qual eu não tinha nenhum controle. Quando Theo não voltasse para casa, seu tutor e os criados dos Van Hoosiers começariam a se preocupar e sairiam para procurá-lo. Se não o encontrassem na propriedade de sua própria casa, o lógico seria procurá-lo em Blithe, onde sabiam que era visita frequente.

Desesperei-me para pensar. Como exatamente havia deixado Theo? Era óbvio que seu pessoal não conseguiria pegar o atalho pelo bosque até Blithe porque seria impossível no escuro, mas o encontrariam na entrada saindo da estrada principal. Minha esperança era que tivessem encontrado Theo ao subir a entrada. Agora, eu havia largado o corpo ao lado da entrada, mas onde? Se estivesse muito longe, talvez passassem por ele no escuro e continuassem em direção a Blithe, onde, é claro, encontrariam a casa no escuro e nenhuma resposta ao bater na porta, com os criados fora e comigo ausente. Poderiam pensar que havia acontecido algo ruim em Blithe, algo que talvez envolvesse Theo – pois seria muita coincidência se sua ausência

e a ausência de todos em Blithe não tivessem nenhuma ligação. Se entrassem na casa e descobrissem que eu não estava, eu não conseguiria me explicar.

Em determinado momento estava tão cansada e a estrada à frente parecia tão sem fim que decidi que poderia desistir, deitar e dormir onde estava e deixar que me encontrassem e que fizessem comigo o que quisessem, pois eu já não me preocupava. Então ergui os olhos e vi à minha esquerda, alguns metros à frente, as chaminés de uma grande casa acima das árvores. Era a casa dos Van Hoosiers! Não estava a mais de meia hora de casa.

Pensei em Blithe e em Giles e em tudo sendo como era antes e senti-me entusiasmada. Acelerei o passo e com o coração na boca passei pela entrada dos Van Hoosiers e temi por um momento que os criados da família pudessem vir correndo, à procura de Theo. Mas ninguém apareceu. A essa altura eu tropeçava a cada passo, tão cansada estava, e pareceu outra eternidade até ver a entrada da casa. Finalmente, lá estava ela, e subi praticamente trotando, encontrando novas energias por estar tão perto. Dentro de casa, fui direto até a cozinha, servi-me de um grande copo de leite, cortei uma grande fatia de pão e um grande pedaço de queijo, sentei-me à mesa e os devorei como se não comesse há dias, o que, ao pensar a respeito, era a pura verdade.

Estava sentada havia meia hora quando meus olhos começaram a se fechar e eu sabia que estava na hora de me mexer de novo ou do contrário ficaria dormindo até os criados voltarem e me encontrarem. Abri o fogão, peguei o atizador e acendi o fogo. Atirei o chapéu da srta. Taylor nas chamas e observei até que se transformasse em cinzas e não pudesse nunca mais ser visto. Então atravessei o longo corredor até os pés da minha torre. Estremeci com o que havia acontecido ali e, ao abrir a porta que dava para a escada, quase esperei encontrar a sombra de Theo estendido no corrimão. Parecia estranhamente vazio sem ele. Pulei o corrimão e subi. Havia tirado Giles da minha mente ou não conseguiria fazer nada, pois no fundo temia ter dado a ele uma dose muito forte de clorofórmio e afligia-me pensar que pudesse ter feito exatamente o que mais temia.

Quase gritei quando levantei a porta do alçapão e o encontrei ali deitado; estava tão imóvel e pálido sob a luz do luar que parecia um cadáver, e por um momento ou dois não consegui me aproximar dele com medo de

confirmar meus piores pensamentos. Mas, quando o fiz, vi seu peito subir e descer suavemente e finalmente pude eu mesma respirar.

Meu problema agora era como fazer para levar Giles de volta para sua cama. Eu o sacudi e ele se mexeu, murmurando algo que não entendi. Fiquei atrás dele e coloquei os braços em torno de seus ombros e o levantei para colocá-lo sentado. Arrastei-o assim até a porta do alçapão e o deitei com os pés virados para o buraco. Deixando-o ali, desci os primeiros degraus e fiquei com a cabeça e os ombros na abertura. Então puxei Giles para mim. Felizmente ele era muito pequeno e leve. Puxei-o pelos pés e ele acabou deitado nos degraus, com os pés alguns degraus acima dos meus.

Nesse momento quase o larguei, pois me assustei subitamente ao ouvir o canto de um galo. E, sem dúvida, os primeiros raios vermelhos da alvorada dedilhavam o céu e eu sabia que devia me apressar, pois logo os criados estariam de volta. Descemos um degrau de cada vez, eu na frente e depois puxando Giles, até chegarmos ao primeiro lance de degraus. Agora era mais fácil. Deixei Giles deitado e voltei para fechar a porta do alçapão. De volta ao meu irmão, coloquei o ombro debaixo do dele e carreguei-o pelo resto da escada como ele me havia ajudado quando machuquei o tornozelo. O que eu temia agora era o corrimão, pois duvidava que tivesse força para o menor esforço. Quando chegamos ao ponto em que precisávamos pular o corrimão, encostei Giles de forma que sua cabeça caiu por cima. Segurando-o para que não caísse, dobrei e ergui uma de suas pernas e joguei-a por cima do corrimão, de forma que ele acabou deitado no corrimão, um braço e uma perna para cada lado, como o pobre Theo. Então eu mesma pulei e fiquei do outro lado, descansando por um momento, recuperando o fôlego. Era a última coisa que eu precisava fazer, disse a mim mesma, a última coisa. Dei um puxão em Giles, mas foi forte demais e perdi o equilíbrio, de forma que caímos os dois no chão, ele em cima de mim. Não importa, não foi um grande tombo e não quebramos nada. Empurrei Giles para tirá-lo de cima de mim, fiquei em pé, coloquei-o de pé e desta vez o carreguei nos braços, agradecendo por ser alta e forte e ele, pequeno e leve.

Subi com ele até seu quarto, onde o despi, vesti-o com a camisa de noite e coloquei-o na cama. Ao sair do quarto, parei à porta e olhei para ele por um minuto para observar a respiração em seu peito e ter certeza de que estava tudo bem. Já tinha começado a me virar quando reparei que havia algo

destoante no quadro do meu irmão dormindo tranquilamente, embora não conseguisse entender o que era. Quase rejeitei o pensamento como tola ilusão causada pelo cansaço extremo, pois ao olhar para a cena nada vi de anormal. E então lá estava. Um livro, na pequena cômoda ao lado da cama do meu irmão. É claro, como se Giles levasse algum livro para a cama!

Fui até lá, peguei-o e reconheci imediatamente a Bíblia da srta. Taylor, a mesma em que havia encontrado as passagens de navio. Pensei em deixá-la ali. Estava muito cansada e queria dormir e, afinal, não era algo impensável que a tivesse esquecido; suas malas estavam feitas e na verdade isso devia ter acontecido.

Mas podia levantar suspeitas o fato de não tê-la levado, e eu não queria que restasse uma sombra de dúvida de que ela havia ido embora. Coloquei-a debaixo do braço e descii, tropeçando como um bêbado no caminho, pois mal conseguia ficar acordada. Na cozinha, abri o fogão, peguei o atizador, mexi de novo o fogo e estava prestes a jogar o livro nas chamas quando alguma coisa voou como uma borboleta até o chão. Abaixei-me para pegar e vi que era uma fotografia. Um jovem casal e, no centro, um pequeno bebê. Meus olhos doíam tanto de sono que mal conseguia focar a visão, e fiquei olhando para a imagem sem conseguir entender o que via.

Havia algo familiar naquela jovem mãe, algo na sua postura ou no vestido, como se eu já tivesse visto aquela foto antes. Busquei na lembrança, mas não consegui lembrar e quase a rasguei, frustrada com essa sensação.

Balancei a cabeça, esfreguei os olhos e concentrei-me novamente no rosto da mulher e então eu vi. É claro! Era a srta. Taylor, só que mais jovem, sem as linhas que o tempo gravara em seu rosto desde então, mas com aquele mesmo olhar determinado, onisciente. Respirei aliviada. Então era isso, era isso o que eu havia reconhecido; estava tudo explicado. Pobre Giles.

Peguei a Bíblia e entreguei-a ao fogo, depois a fotografia, para que a bruxa ardesse como certamente arderia no inferno. Giles nunca saberia. Vi a língua das chamas lambe-lamber as beiradas. A parte de cima da foto queimou primeiro e o rosto da malvada escureceu e desapareceu. E então, lá estava novamente, quando olhei para o que restava, o corpo sem o rosto zombeteiro, a sensação de uma lembrança que eu não podia alcançar, só que agora mais forte, esmagadora, e minhas pernas enfraqueceram e tive medo

de desmaiar. Tentei tirar a foto do fogo, mas era tarde demais; ardeu nas chamas e tive que me afastar para não me queimar, e então acabou.

A lembrança perdida incomodou-me durante todo o caminho até o andar de cima, e eu quase desejei não ter queimado a fotografia, pois tinha certeza de que, se tivesse tido a chance de examiná-la adequadamente, descobriria muito mais. Mas agora era tarde demais e disse a mim mesma para esquecer, pois era apenas minha imaginação, cansada além do suportável e vendo coisas que não existiam.

Quando cheguei ao meu quarto havia plena luz do dia. Cansada demais para me despir ou mesmo para puxar as cobertas, caí na cama e peguei num sono profundo.

De repente senti uma mão em torno do meu pescoço agarrando-me por trás e outra cobrindo minha boca e meu nariz com um pano de forma que quase sufoquei. O pano tinha um cheiro forte e estranho, como o da cirurgia no dentista e...

Acordei e descobri que estava sozinha na cama. Tivera um pesadelo. Comecei a relaxar novamente, pensando em voltar a dormir, mas então um punhal atravessou meu coração. Levantei-me imediatamente. O clorofórmio! Que idiota eu tinha sido para cometer um erro tão simples! Saltei da cama e corri até o quarto de Giles. Ele ainda dormia tranquilamente. Inclinei-me sobre ele. Ele fedia ao líquido. Corri até o quarto da srta. Taylor e encontrei um tablete de sabonete junto à bacia. Senti o perfume. Cheirava a lírio, forte como se fosse a própria flor. Coloquei um pouco de água na bacia e levei-a até o quarto de Giles. Peguei um pano, cobri-o com o sabonete e passei no rosto dele. Ele se mexeu e sacudiu a cabeça, como se mesmo no sonho os meninos tivessem aversão natural pela água, mas não acordou. No fim ele cheirava a lírios, o que poderia parecer estranho para Giles, mas não tão estranho quanto clorofórmio.

Estava colocando a bacia e o sabonete no lugar quando outro pensamento me ocorreu e quase deixei cair o que tinha na mão. O que tinha feito com o vidro de clorofórmio? Apalpei os bolsos. Não estava ali. E se eu o tivesse deixado cair na charrete? Ou em outro lugar, os estábulos, talvez? Como imputaria isso à srta. Taylor? Ou todos iriam simplesmente supor que tivesse algo a ver com ela?

Ocorreu-me que, se não o tivesse deixado cair, então ainda estava onde eu o havia usado, no quarto da torre. Suspirei aliviada, pois ninguém o encontraria ali. Assim, parabenizando-me, estava a caminho do meu próprio quarto quando outro pensamento me ocorreu. E se eles saíssem à procura da srta. Taylor? Não era algo além do reino das possibilidades que alguém pudesse sugerir uma espiada na velha torre. Especialmente se a polícia

estivesse envolvida, pois um homem como Hadleigh não deixaria de revirar uma única pedra. Virei-me e fui até a torre.

Colocando a cabeça através do buraco do alçapão, a primeira coisa que vi foi o vidro, e depois o pano, onde eu os havia deixado. Subi para o quarto e peguei-os. Não consegui evitar um sorriso. Era isso! Havia cuidado de tudo. Não restava nada que pudesse me denunciar. Nessa hora, um movimento atraiu meu olhar, pois olhei para a entrada e lá vinha a carruagem. Os criados estavam de volta!

Fiquei indecisa. Podia deixar o vidro ali, mas podia acontecer uma busca antes que eu tivesse a chance de voltar. Era um risco que não ousava correr. Por outro lado, tinha que agir depressa, pois seria ainda pior se me pegassem com o vidro nas mãos. Desci pela porta do alçapão e corri escada abaixo. Saí pela porta de trás e fui até o lago. Arranquei o rótulo do vidro, rasguei-o em pedacinhos e atirei-os ao vento. Inclinei-me sobre a água, enchi o vidro, tampei e atirei o mais longe que pude no lago.

Voltei para a casa e no poço coloquei o pano no vão estreito entre duas placas de madeira, empurrando-o até que caísse no abismo. Não pude evitar pensar que isso ajudaria a srta. Taylor a dormir.

Entrei pela porta de trás quando os criados entravam pela frente. Pude ouvi-los tagarelando alegremente. Virei no corredor para a escada do fundo quando Meg e Mary surgiram no corredor abaixo. Quando viessem verificar por que não havíamos descido para tomar café, eu estaria dormindo tranquilamente em minha cama.

— *E*ntão, parece que ela se foi?
Tomei um gole do meu chá, pois precisava engolir para limpar qualquer dúvida da minha garganta.

— Sim, ela se foi.

Hadleigh olhou-me tão longamente que fiquei desconfortável a ponto de ter que falar novamente.

— Uma noite, ela simplesmente foi embora. Nem se despediu de Giles. Quando a viram pela última vez estava embarcando em um trem para Nova York. Deixou o cavalo e a charrete na estação de trem. Pobre Bluebird, ficou no frio durante toda a noite.

Ele me encarou de novo longamente, então balançou a cabeça e tomou um gole do seu próprio chá. Estávamos na saleta. Ele havia aparecido logo depois de ter voltado. Fazia quase um mês que a srta. Taylor... se fora.

— Estranho que tenha ido dessa maneira — ele disse. Olhou-me desconfiado. — Por que acha que ela faria uma coisa dessas?

— Bem, talvez tenha sido por sua causa. Mostrei a ela sua carta. Talvez imaginasse que seria demitida de qualquer maneira, depois de ter mentido a respeito de suas referências e tudo o mais. Ela se foi logo depois disso.

— Sem Giles.

Eu ri, como se fosse de mim mesma.

— Acho que estava errada em relação a isso.

Ele ficou em pé, levou sua xícara e pires até a janela e ficou olhando para fora. Lá tudo estava coberto de branco. Estávamos em dezembro agora e tínhamos tido muita neve. Ele tomou outro gole de chá.

— E esse acidente da sra. Grouse? Ela nada teve a ver com isso?

— Ah, não, senhor, eu estava com a srta. Taylor quando isso aconteceu. Não teve nada a ver com ela.

Senti-me estranha defendendo minha velha inimiga, especialmente de uma acusação que eu sabia ser verdadeira, mas a última coisa que desejava

era ver a srta. Taylor sendo responsabilizada por aquilo e Hadleigh saindo à procura dela; quem sabia que pedras ele poderia revolver?

– Tenho certeza de que a sra. Grouse lhe diria o mesmo.

– Se conseguisse lembrar-se de alguma coisa.

Inclinei a cabeça.

– Bem, sim, senhor, se conseguisse lembrar.

– Pelo que sei, ela está fazendo progressos.

– Sim, senhor. Exceto pelo fato de não conseguir se lembrar do dia do acidente, está praticamente igual ao que era antes. O dr. Bradley espera que ela possa retomar suas obrigações em algumas semanas.

Ele se virou e olhou para mim, o mesmo olhar penetrante. Então encolheu os ombros e colocou a xícara e o pires na bandeja do chá.

– Bem, é melhor eu ir. Estou feliz que tenha dado tudo certo.

Eu o acompanhei até a porta.

– Sim, senhor, graças ao senhor.

– E vocês terão uma nova preceptora, imagino.

– Ora, sim. Quando a sra. Grouse se recuperar e escrever ao meu tio sobre o que aconteceu.

De repente, Hadleigh olhou-me de alto a baixo.

– Agora é que reparei. Está toda de preto.

– O jovem sr. Van Hoosier, senhor.

Ele pareceu chocado.

– Meu Deus, ele era tão jovem.

– Asma, senhor. Um mal terrível. Estamos todos consternados por ele, especialmente o dr. Bradley.

– Bem, sim, um médico detesta perder um paciente.

– Não é só isso, senhor, é o fracasso do tratamento que faz com que tudo pareça pior para ele. O dr. Bradley acreditava ter resolvido o problema da asma com aquele *spray* que inventou. Agora diz que o experimento falhou, pois não salvou Theo, e a doença talvez tenha que esperar muitos anos por um tratamento como o que ele acreditava ter encontrado.

– Ah, então a morte do jovem é uma tragédia dupla?

– Pelo menos agora o pobre Theo está livre do seu sofrimento.

Ele passou o dedo pela beirada do chapéu.

– Sim, essa é uma maneira de ver as coisas, eu acho.

Ele se virou para a porta e saiu, e fui atrás dele pelo salão e segurei a porta da frente. Ele parou na entrada e colocou o chapéu e o casaco.

– O que aconteceu com o espelho?

Segui seu olhar até a moldura vazia.

– Ah, quebrou.

Ele encolheu os ombros e saiu. Eu o vi caminhar até o cavalo, mas no último momento ele se virou e saiu caminhando para a lateral da casa. Fechei a porta e saí pelo longo corredor e poucos minutos depois estava em minha torre. Ainda era meu esconderijo especial, pois quando Giles acordou de seu longo sono naquele dia não se lembrava de ter estado lá. Ele me contou do sonho que havia tido, com Theo e ele juntos em um castelo. Disse que parecia tão real que achava que devia ter sido verdade, mas eu disse que aquilo era impossível, pois Theo nem tinha vindo nos ver naquele dia, e depois Giles disse que desejava que tivesse sido verdade porque aquele foi o dia em que Theo morrera e ele gostaria muito de tê-lo visto em seu último dia de vida.

Olhei pela janela e vi Hadleigh andando pela lateral da casa. Contornou por trás e então começou a descer para o lago. É claro que agora estava congelado e sobre ele havia várias camadas de neve, tanto que quem não conhecesse o lugar nem sequer adivinharia que ali havia um lago.

Hadleigh sabia, é claro, e ficou lá durante um bom tempo, olhando para a água, para o lugar em que a srta. Whitaker tinha desaparecido. Fiquei imaginando como seria nossa nova preceptora. Imaginei se seria a Whitaker de novo e senti que não, porque de alguma maneira eu havia prendido sua alma para sempre; de qualquer forma, isso não me afligia mais, pois agora sabia seu peso. Além disso, tinha minha torre e, até que aparecesse, tinha Giles para mim. As coisas estavam como eram quando eram melhores. Com sorte, levaria algum tempo até encontrarem outra professora, e até lá seria como devia ser, Giles e eu juntos. Nada perturbaria isso agora. E prometi a mim mesma que ninguém tiraria Giles dali.

Abruptamente, Hadleigh virou-se e afastou-se do lago. Passou pelo velho poço sem sequer olhar e desapareceu em algum ponto abaixo de mim. Atravessei para o outro lado da torre e o vi surgir na frente da casa. Ele atravessou a neve até seu cavalo e montou. Lançou um último olhar na direção da casa, e então virou o cavalo. Sentei-me em minha torre e fiquei olhando para eles enquanto desciam pela entrada, cavalo e cavaleiro

fundindo-se em uma forma escura, uma gralha preta no meio da neve branca.